This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Southey.

CHRONICA DO EMPERADOR CLARIMUNDO,

DONDE OS REIS DE PORTUGAL descendem,

TIRADA DA LINGUAGEM UNGARA

EM A NOSSA PORTUGUEZA,

DIRIGIDA AO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. JOAÕ,

FILHO DO MUI PODEROSO REI

D. MANOEL,

PRIMEIRO DESTE NOME.

POR

JOAÕ DE BARROS

SEU CRIADO,

E agora novamente accrescentada com a vida deste Escritor,

Quinta Impressaõ, fielmente impressa sem mudança da sua antiga linguagem.

TOMO I.

LISBOA:
Na Officina de JOAÕ ANTONIO DA SILVA, Impressor de Sua Magestade. 1791.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

243. 4. 50. 175 . 179

BIBLIOTHECA · BODLEIANA ·

PROLOGO
FEITO DEPOIS DESTA OBRA Impressa.
AO MUI ALTO, E PODEROSO REI
D. JOAÕ III.
DESTE NOME
POR
JOAÕ DE BARROS
SEU CRIADO.

AMOR, Favor, e Temor, Rei mui poderoso, Principe de justiça, tem tanta força em todalas cousas, que nenhuma se póde fazer sem algum delles, e ás vezes huma com todos. E assim como o primeiro ha de permanecer com nossa alma, assi antecede aos dois nas obras que neste mundo faz; que logo leva huma ordem firme, hum concerto seguro, huma liberalidade franca, que os outros naõ tem. E elle me fez dispôr os dias passados pera servir V. Alteza na trasladaçaõ desta Chronica. E sabendo isto de mim, usastes taõ liberalmente commigo, dando-me a isso

favor, que em espaço d'oito mezes acabei de a trasladar. Da qual a V. Real Casa leva a maior gloria: porque ella foi o claro estudo em que toda minha vida empreguei. E por cima das arcas da vossa guardarropa, publicamente, como muitos sabem, sem outro repouso, sem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudesse escolher as cousas que a fantesia lhe representava; fiz o que meu amor, e vosso favor ordenaraõ. E como colhi este fruito, o mais temporaõ do que devera, mandei-o imprimir. No qual tempo por vontade da Summa Potencia, recebeste o Real Cetro digno de Vós, e Vós muito mais delle. E este cuidado de governar, reger, e provèr todalas particularidades de vossos Povos, e Reinos, me fizeraõ estimar em muito o que tinha começado. Porque quando lho dirigi no seguinte Prologo, as menos occupações que entaõ tinha, lhe faziaõ tomar alguma pera emendar meus erros. Mas agora na segunda maõ, que he a mais trabalhosa, conhecendo a fraqueza de meu estillo, e a grandeza de Vossa Real Estado, fizeraõ-me duvidar o que faria:

ria : Se perder o gaſto que tinha feito na impreſſaõ, entregando o meu trabalho ao fogo, ou ſahir á luz com elle. E neſtas duvidas, ſobreveio o temor de fazer tal deſacatamento ás couſas onde Voſſa Alteza puſera os olhos. E deſte temor, tomei ouſadia pera dar fim ao que me inda naõ ſatisfaz : Porque todalas obras tem arrependimento. As boas quando naõ trazem o effeito pera que ſe ordenaõ : As más por ſe fazerem, as duvidoſas por terem o fim incerto. Eſte he outro novo temor com que as primicias de minha pobreza ſe apreſentaõ ante Voſſa Real Mageſtaſte. A quem peço, naõ como ellas merecem, mas ſe de vós eſpera, ſejaõ inda favorecidas.

PROLOGO

SOBRE A TRASLADAÇAŐ DA Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reis de Portugal descendem. Diregido ao esclarecido Principe D. Joaő, filho do mui poderoso Rei D. Manoel, Primeiro deste nome. Por Joaő de Barros seu criado.

NAM tem a natureza, mui alto, e esclarecido Principe, taő desordenada ordem na repartiçaő de suas graças, e perfeiçoens, que a cada hum dos humanos, naő dê huma em especial: e quem se queixar della, naő será com razaő. Porque se o naő dotou de esforçada ousadia nas cousas do militar exercicio, deo-lhe divino conselho pera as saber governar. Se lhe tirou a perfeiçaő de perfeito Orador, naő lhe negou avondança do versificar. Se o desfalleceo no conhecimento das consonancias da Musica, supprio-lhe esta mingua com disposiçaő, graça, gentileza, e bom ár em vestir, e fazer cousas, que cõbrem o desfallecimento que tem as outras. E porque todalas estas, e as que daő pre-

preféiçaõ ſem tacha, mui poucas vezes, ou nunca ſe viraõ em huma ſó peſſoa; diſſe Homero: Naõ deo Deos a hum todalas couſas. Mas iſto ſe naõ entende em V. Alteza, pois álem das virtudes, que por maõ divina em V. Real Peſſoa foraõ influidas; de todalas graças que a natureza tinha, vos fez juſtamente verdadeiro poſſuidor. E bem o tendes moſtrado, Principe excellente, deſde o principio de voſſa infancia, té o preſente tempo da perfeita adoleſcencia: uſando de cada hua, nos caſos, e tempos opportunos pera que foraõ ordenadas, ſem entremeter as de prazer em tempo de peſar, mas por ordem diſtribuidas, que ſaõ em V. Real Senhoria exemplo pera quem perfeitamente quizer obrar. E como eu, Illuſtriſſimo Principe, foſſe criado ſobre a diſciplina deſtas magnificas obras, que no diſcurſo de ſua vida tem feito, notei quam grande inimigo era da ocioſidade dannoſa, e neſta parte (pois minha baixa qualidade a mais naõ podia ſupprir) quiz imitar ſeu virtuoſo exercicio, lendo as vidas, e obras dos paſſados, e excellentes Principes, que tanto exem-

plo

plo com ellas deraõ, até o tempo del-Rei Nosso Senhor, e progenitor vosso, que assi a todas escureceo, como o claro Sol ás Estrellas cega, alcançando victoria por mar, por terra, e Senhorio de povos, em menos tempo do que a vontade os póde desejar. E por tanto, com verdade se diz desfallecer-lhe mundo para o conquistar, e naõ victoria, saber, e industria, para outros alcançar (se os ahi houvesse neste;) que no outro, segundo suas pias, e virtuosas obras, assaz tem ganhado de gloria. E ainda que V. Alteza delle herdasse, naõ inclinardes os ouvidos a cousas de vosso louvor, naõ me parece justo chegar a huas, e a outras, sem pagar o debito, e tributo por Deos ordenado: Que he louvar a quem bem obra. Porque com o tal louvor damos graças a elle eterno Ministrador das virtuosas operações, e miraculosas façanhas. Pois quem será de tanta ingratidaõ, Principe mui esclarecido, que se naõ entremeta a quere-las louvar, principalmente aquelles com quem nesta parte de bem dizer, a natureza communicou sua graça? E porque quanto me ella aqui tem

negado, acrescentou em desejo de vos servir, beijarei vossas Reais mãos, porque perdoeis a meu fraco, e atrevido engenho, commetter estes commettimentos de louvor, pois a outras pessoas de mais saber, e authoridade he permittida licença de navegar pelo mar de suas grandes obras, dignas de tal memoria. Porque a pouca sufficiencia de meu engenho, ainda agora em pequenos rios póde ser perdida, naõ tendo idade, e estudo pera em taõ alto golfaõ me entremeter; ao qual Livio, Salustio, Virgilio, nem Lucano, creio que deraõ principio, pois taõ difficultoso lhes fora de achar meio, e fim. E como eu, Principe mui poderoso, nas obras que estes compuseraõ gastasse o que me restava de tempo, depois que em outras cousas vos servia, offereceo se caso, que todo em vosso serviço empregado fosse. Digo isto, preclaro Senhor, porque entre alguns Alemães, e Estrangeiros, que com a Rainha nossa Senhora a estes Reinos de Portugal vieraõ, foi Carlim Delamor (homem fidalgo, e bem docto em todalas cousas que a tal pessoa convinhaõ.) E como as suas me contentavaõ;

vaõ, trabalhei por alcançar delle sua conversaçaõ, e amizade. E conhecendo elle isto de mim, deome tanta parte della, que satisfez a meu desejo: E em quanto nestes Reinos esteve, entre muitas cousas de passatempo que neste tinha-mos, era contar elle as grandezas dos Emperadores de Alemanha, e Constantinopla, com tanta ordem, e concerto, que parecia ter o proprio original dellas na memoria. E as que alli lustravaõ em mais admiraçaõ, e grandeza, eraõ do Emperador Clarimundo, que, segundo saõ maravilhosas, fazem presumir, serem mais favor d'escriptores; que verdadeira relaçaõ da verdade. Porém, pois das antigas cousas naõ temos outra certeza, he necessario darmos-lhe tanta fé, quanta nos ella testificaõ. Quanto mais, que a experiencia das nossas presentes autorizaõ todalas suas passadas. E quem nesta verdade duvidar, ponha os olhos na grandeza das obras del-Rei vosso padre, e desfará a roda do pouco credito, que a todalas outras der. E já no tempo deste, naõ menos Christianissimo, que esforçado Principe, mostrava huma figura do que os de sua lingua-

guagem no seu fariaõ : porque a elle escolheo Deos pera origem dos Reis de Portugal , donde V. Alteza havia de descender (como adiante neste primeiro capitulo se dirá.) E porque sómente os Ungaros , e Gregos de suas memoraveis façanhas tinhaõ lembrança , (pelas em sua linguagem terem escriptas ,) quiz trespassar esta primeira parte de sua Chronica em a nossa Portugueza , porque a nós suas cousas tambem publicas fossem , pois nos tocaõ pela parte que delle recebemos : que foraõ taõ Christianissimos, e poderosos Reis, como os Portuguezes tem alcançado , (sendo primeiro dà Summa Potencia concedido.) E ainda , magnanimo Principe, que seja digno de muita reprehensaõ , pelo atrevimento que tomei , em trasladar cousa , que com divina eloquencia devera ser relatada. Naõ creio que o serei em tanto extremo , como o fora de meu desejo , em naõ obrar obra de que V. Alteza fosse servido : pois este he o fim pera que quero longa vida : e esta vontade me desculpa da culpa , que por isso me quizerem dar. E tambem , considerando eu ser feitura vossa , acudiome

me hum fervor de fé, que naõ podia alguem reprehender este atrevimento, crendo que ha de ser favorecido da vossa liberal vontade, como todalas cousas zelosas de bem obrar o saõ. E este favor dará tanto lustro ao tempo que d'aqui empreguei, que cegará a quem lhe quizer pôr nome de perdido. E posto que deste perigo seja salvo, naõ creio ser mui seguro do que acháraõ quantos escreveraõ. Porque difficil he escapar alguem da diversidade dos juizos ociosos; os quaes tem hum parecer pera julgar, e outro sentir pera fazer: e todos emendaõ o alheio, e poucos sentem o seu. Mas primeiro que minha fama seus combates sinta, beijarei vossas Reaes mãos, porque mandeis prover esta taõ grande, e excellente Chronica, com melhor invençaõ, e mais avondosa eloquencia, e inventiva elegancia, do que se nella por minha dureza achará. E com este seguro Real, de Real maõ recebido, serei salvo do impetuoso murmurar.

CON-

CONCORDANCIA,

Que o Trasladador faz entre dois Chroniſtas, ſobre a vinda de D. Henrique a eſtes Reinos de Eſpanha, e ſobre e ſua Genealogia.

AInda que iſto ſeja fóra da ordem, e principio deſta Chronica; por ſer mui neceſſario á trasladaçaõ della, me pareceo couſa juſta, e devida, tocar aquillo, de que tem neceſſidade: Porque aquelles, que as Chronicas dos Reis de Portugal, e Caſtella lerem, naõ tenhaõ algua duvida, em que poſſaõ embicar. Digo iſto, porque ſegundo Duarte Galvaõ no principio da Chronica que delRei D. Affonſo Henriques compôs (primeiro deſte nome em Portugal) contando da vinda de D. Henrique ſeu Pai no tempo delRei D. Affonſo de Caſtella, que Emperador de Eſpanha ſe chamava, diz ſer eſte D. Henrique ſegundogenito delRei de Ungria, e de huma irmãa do Conde D. Reimaõ de Toloſa, que com o Conde D. Reimaõ de Saõ Gil todos juntos a eſtes Reinos de Eſpanha vieraõ. E Moſſem Diogo de Valera na ſua Valereana tem o contrario,

rio, dizendo como D. Henrique era natural de Constantinopla, e que servindo na guerra a elRei D. Affonso de Castella fazendo obras dignas de tal galardaõ lhe dera sua filha Thareja por legitima mulher, e em dote as terras, que entaõ em Portugal aos Mouros eraõ tomadas; como se mais largamente na Chronica delRei D. Affonso mostra. Pois parece nesta contrariedade da patria, e natureza de D. Henrique, que estes dois Chronistas discordaõ, e quem naõ souber a razaõ que ambos tinhaõ pera fazer esta differença, naõ sei como isto julgaráõ. Porém, pois nos Deos trouxe em nossos tempos Historia por onde fosse-mos certos da Genealogia deste bemaventurado D. Henrique, primeiro fundamento da Casa de Portugal, poderemos dar razaõ a quem della tiver necessidade. E porque no terceiro livro desta parte, se manifesta mui claro, e por extenso as cousas do pai de D. Henrique, e as suas, e a razaõ, porque veio a estes Reinos de Espanha; se deixa aqui de tocar. Sómente digo, segundo o que nestas partes vi, que D. Henrique era neto de Clarimundo (as grandezas, e obras do

qual,

qual, neſte volume, com tanto louvor, e gloria ſua ſe manifeſtaõ,) que foi Rei de Ungria por fallecimento de Adriano ſeu Pai : e por parte de Clarinda, ſua mulher, herdou o Imperio de Conſtantinopla, ao qual ſuccedeo neſtes dois Senhorios D. Sancho ſeu filho, pai de D. Henrique. Aſſi, que naõ ſem cauſa diz hum Chroniſta, que veio de Conſtantinopla; e outro, que era natural de Ungria, pois ſeu pai neſte tempo eſtes dois taõ grandes Senhorios governava, e poſſuhia.

VI-

VIDA
DE
JOAÕ DE BARROS.

NA Republica de Athenas (que entre os antigos foi a primeira que ensinou a honrar com premios públicos as virtudes excellentes dos Cidadaens) naõ se via levantado maior numero de estatuas aos Capitaens, que aos Escritores; antes eraõ estes tanto mais galardoados, que só a Demetrio Phalereu, discipulo de Teofrasto, dedicaraõ mais de 300. em seu louvor: e muito mór cuidado puzeraõ em escrever as vidas dos seus Filosofos, e Oradores, queas dos Principes, e Capitaens da mesma Republica. Moviaõ-se, parece, os Athenienses, a premiar taõ largamente o trabalho da escritura, naõ só por elle ser espiritual, e da milicia corporal pela maior parte, mas por ainda nesta parte lhe levarem os escritores muita vantagem; porque na milicia naõ

póde hum Capitaõ alcançar victoria sem o valor dos soldados, a quem deve grande parte de sua gloria: mas os Escritores acabaõ naõ menores emprezas na composiçaõ de suas obras, sem se valerem nellas mais que de seu trabalho, e valor proprio. E do mesmo modo, na milicia trabalhaõ muitos pela conservaçaõ de hum só Principe, ou Governador, que muitas vezes he hum tiranno da Republica; e na escritura hum só trabalha pela conservaçaõ de todos, e faz com ella viver na lembrança dos homens, aquelles, que pela patria entregaraõ liberalmente as vidas, e conservando a memoria das cousas passadas, dá regras para acertar nas futuras. Porém como este bom costume de Athenas tem cessado ha muitos annos, vemos agora isto pelo contrario, sendo muitos os que escrevem historias de Capitaens, e raros os que se occupaõ em nos dar noticia dos que as escreveraõ, particularmente neste Reino, onde, ainda que naõ he pequena a falta que temos do conhecimento dos Escritores antigos, he mais pera sentir o pouco, que comummente se alcança do nosso grande Joaõ

Barros, trabalhando elle toda a vida por illustrar a patria, e deixar de seus naturaes gloriosa memoria. Pelo que, por naõ perecer de todo com o tempo, a que delle ainda se conserva, e por satisfazer em parte á obrigaçaõ em que todos os Portuguezes lhe estamos, direi o que delle pude alcançar, assim por informaçoens de pessoas graves, que delle tinhaõ noticia, como do que elle mesmo de si refere em seus livros, e de outras escrituras, que pertencem a suas cousas.

Nasceo Joaõ de Barros pelos annos de mil e quatrocentos, e noventa e seis. (1) Sobre o lugar da patria ha varias opinioens; porque como o nascimento dos bons, segundo Santo Ambrosio, seja bem commum, pertendem muitos ser delle participantes. Huns affirmaõ que he de Braga, confundindo (pode ser) seu nome com o do Doutor Joaõ be Barros, Autor da Descripçaõ d'entre Douro, e Minho, que della foi natural: outros o fazem de Vizeu, onde seu pai foi morador, e ainda tem parentes; e alguns

(1) Patria de Joaõ de Barros.

guns de Villa Real, e finalmente muitos o tem por natural do Pombal, porque alli teve sua fazenda, e alli se retirou muitas vezes a huma quinta sua, e esta escolheo por vivenda na ultima velhice, que he o tempo, em que os homens tornaõ com natural desejo a buscar a patria, para acabar, parece, o circulo da vida no ponto donde a começaraõ. Seu pai se chamou Lopo de Barros, pessoa nobre, e dos principaes desta familia; porque era filho de Lopo de Barros, e neto de Alvaro de Barros senhor do morgado de Moreira, junto á Braga, que dizem ser fundador do Mosteiro de Ráquiam, da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, cujo Avô foi Martim Martins de Barros, hum dos mais antigos fidalgos, que se achaõ desta linhagem; os quaes tomaraõ o appellido do lugar de Barros entre Douro, e Minho, e naquella Comarca possuem ainda alguns morgados, e antigamente tiveraõ Lugares com jurisdicçaõ. Destes foi hum Nuno Fernandes de Barros, a quem ElRei D. Pedro deo a terra de Perozello, e Gonçalo Nunes de Barros, que por mercè delRei D. Joaõ Primeiro foi senhor

de

de Castro d'Airo, de juro, e herdade. E ainda que esta linhagem tenha estas, e outras semelhantes memorias, de que se póde gloriar, naõ a honráraõ menos os Varoens que nella se dedicáraõ ás letras, entre os quaes (além do nosso Joaõ de Barros, bastante por seu engenho pera illustrar muitas familias) se deve perpetuo louvor a D. Fr. Brás de Barros (primeiro irmaõ do mesmo Joaõ de Barros) Religioso que foi de S. Jeronymo, (1) e depois primeiro Bispo de Leiria, o qual sendo por sua virtude, e doutrina, eleito Reformador dos Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, além de reduzir aquella Casa, e Religiaõ á sua antiga observancia, persuadio a ElRei D. Joaõ Terceiro, que impetrasse a desmembraçaõ das rendas de Santa Cruz para fundaçaõ da insigne Universidade de Coimbra, com que deo occasiaõ, e principio, a florecerem os naturaes deste Reino naõ menos nas letras, que nas armas, como o testificaõ tantos, e taõ grandes sujeitos, que destas escólas tem sahido, com cujos

(1) Chr. de S. Hier. de Ciguença p. 3. lib. 2. c. 42.

jos escritos naõ sómente se tem illustrado este Reino, mas ainda toda Hespanha.

Entrou Joaõ de Barros no serviço d'elRei D. Manoel, de taõ poucos annos, que elle mesmo confessa, que da idade do jogo de peaõ começára a servir no Paço. (1) Costumavaõ naquelle tempo os Reis de Portugal mandar doutrinar os moços fidalgos, (2) e os da Camara, de que se serviaõ, em toda a boa disciplina, e tinhaõ para isso mestres no Paço, que lhes ensinavaõ as linguas, sciencias Mathematicas, letras humanas, dançar, jugar ás armas, e outros virtuosos exercicios; e os mestres tinhaõ certo dia no mez, em que ElRei sabia delles, quem bem exercitava estas Artes, ou quem se havia remisso, e negligente nellas. E era taõ grande a benignidade daquelles Principes, que se lembravaõ de louvar a huns, e reprehender aos outros, com o que muitos se accendiaõ nos desejos de aprender. (3) Estes foraõ os claros estudos, em

(1) Exclamaçaõ contra os abusos do tempo.
(2) Estudos de Joaõ de Barros.
(3) Prolog. de Clarimundo.

em que Joaõ de Bartos cultivou ſeu engenho, como ėlle refere a ElRei D. Joaõ III. E quanto elles ſe pódem menos comparar na antiguidade, e fama das letras, com as celebres Univerſidades de Europa, tanto ſaõ de maior honra pra Joaõ de Barros; pois elle ſómente foi baſtante para honrar aquellas eſcólas, que o houveraõ de honrar a elle. Aqui aprendeo a lingua Latina, e Grega, e as ſciencias Mathematicas, e letras humanas com grande perfeiçaõ. Entre os Poetas, ſe deo mais á liçaõ de Virgilio, e Lucano, e nos Hiſtoriadores, á de Saluſtio, e Livio, dos quaes imitou bem o juizo, e eſtilo levantado, que vemos em ſuas obras, como elle o dá a entender no Prologo do ſeu Clarimundo. (1) Com eſtas, e outras boas partes, ſe aventajou tanto a ſeus condiſcipulos, que por ellas o deo ElRei D. Manoel ao Principe D. Joaõ por ſeu moço da Guardaropa, quando lhe aſſentou caſa: e indo cada vez creſcendo mais em Joaõ de Barros a noticia das letras, levado do amor da patria, determinou de

(1) Ub. ſup.

de occupar todo ſeu engenho em ſerviço della, eſcrevendo huma univerſal hiſtoria de Portugal. Porém como a grandeza deſta obra era tamanha, que parecia temeridade cometella, ſem primeiro experimentar ſuas forças, compós hum livro de hiſtoria fabuloſa, (1) a que deo titulo do Emperador Clarimundo, pera provar o eſtilo; como fazem os bons ſoldados, que antes da batalha ſe exercitaõ em pelejas, e eſcaramuças fingidas, para depois ſe acharem adeſtrados nas verdadeiras.

Era entaõ Joaõ de Barros de pouco mais de vinte annos de idade, (2) e como andava em ſerviço do Principe, que lhe occupava a mór parte do tempo, ſó nos eſpaços, que lhe reſtavaõ, publicamente, e como elle diz, na meſma Guardaroupa do Paço, ſem outro repouſo, nem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudeſſe eſcolher as couſas que a fanteſia lhe repreſentava, em oito mezes compós eſta hiſtoria, que pera tal idade, e occupaçaõ ſe póde ter por grande couſa. Ainda que o Principe D.

(1) Compoſiçaõ de Clarimundo.
(2) Ub. ſup.

D. Joaõ (a quem elle comunicou ſeu intento) o favoreceo tanto, que elle meſmo lhe hia revendo, e emendando os quadernos que compunha: (1) eſte favor lhe fez publicar logo o livro: e eſtando ElRei D. Manoel na Cidade de Evora, no anno de mil e quinhentos e vinte, lho apreſentou, dizendo-lhe, que a intençaõ com que o fizera fora pera ſe empregar na hiſtoria de Portugal, e principalmente na Conquiſta do Oriente, por ſer couſa mais ſua: ElRei lhe mandou ler alguns Capitulos, e ſatisfazendo-ſe do eſtilo lhe diſſe, que havia dias deſejava mandar pôr em memoria as couſas da India, mas que nunca achara peſſoa de quem as fiaſſe, que ſe ſe elle atreveſſe a ſahir com eſta empreſa; naõ ſeria ſeu trabalho ante elle perdido. Com eſta confiança, que ElRei delle moſtrou, começou logo Joaõ de Barros a aperceber-ſe pera eſta abra; e eſtando, como elle diz, pera abrir os alicerces de taõ grandioſo edificio, ſuccedeo a morte delRei D. Manoel d'ahi a pouco mais de hum anno, que foi no de

(1) Dedac. 1. de Aſia no principio.

de mil e quinhentos e vinte e hum, em treze de Dezembro, com que ficou sufpenfa a emprefa; porque entrando o Principe nas occupaçoens da adminiftraçaõ do Reino fobrefteve por alguns annos, com que ceffou de todo a pratica da hiftoria Oriental.

Defpachou ElRei D. Joaõ III. nefte principio de feu governo alguns criados, que o tinhaõ fervido fendo Principe, entre elles foi dos primeiros Joaõ de Barros, que havia pouco que cazara em Leiria, deo-lhe a Capitanía da Mina, (1) a qual naquelle tempo ainda que rendia mais aos Reis, naõ era de tanto proveito aos Capitaens, como depois foi.

Partio Joaõ de Barros pera a Mina no anno de mil e quinhentos e vinte e dous, e defta fua viagem faz elle mençaõ na Decad. 3. lib. 3. capit. 1. quando conta como indo hum dia navegando com profpero tempo, começou a eftremecer fubitamente o navio, e acodindo todos a faber a caufa, viraõ fóra da agoa hum grande bico de peixe, o qual prezo

(1) Viagem da Mina.

prezo em hum anzol que o Piloto levava por popa pera as Albecoras, barafustando pera se soltar; fazia aquelle tremor na embarcaçaõ; o que vendo os marinheiros, com fisgas, e harpoens trabalharaõ tanto até que o mataraõ, e alaraõ acima. Duvidaõ alguns se este peixe he o Remora, de que Plinio faz mençaõ no lib. 32. cap. 1. e no lib. 9. cap. 25. e parece que naõ póde ser, porque o Remora celebrado de Plinio he muito pequeno, e por tanto admira mais poder deter huma embarcaçaõ á véla, mas estoutro he taõ grande, que diz Joaõ de Barros, que vinte homens o naõ podiaõ arribar ao convés, e outro semelhante que encontrou a Náo de D. Joaõ de Barros Lima de que o mesmo Joaõ de Barros neste lugar faz mençaõ, e era ainda maior: pelo que claramente se vê ser outra especie de peixe muito differente, á qual os nossos mareantes do Oceano chamaõ: Agulha.

Vindo da Mina lhe deo ElRei em Maio de 1525. o Officio de Thesoureiro da Casa da India, Mina, e Ceita, o qual servio até Dezembro de 1528. e depois de dar conta, continuou em Lisboa, até que os rebates do mal da peste

(que

(que no anno de 1530. começaraõ naquella Cidade) obrigaraõ a cada hum buſcar os ares puros dos campos, e povoar as quintas. Com eſta occaſiaõ ſe foi Joaõ de Barros pera huma, que tinha junto a Pombal, chamada a da Ribeira de Alitem. (1) Alli lhe mandou pedir Duarte de Reſende, parente ſeu, alguma obra ſua, pelo bem que lhe parecera o ſeu Clarimundo quando o vira em Ternate, donde havia pouco que tinha vindo de Feitor: Joaõ de Barros por o comprazer acabou de compor hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual deſtes dous nomes gregos, *Ropica*, e *Pneſmaticos*, faz per appoſiçaõ hum compoſto, de *Ropica neuma*, (2) a que em noſſa lingua podemos chamar *Mercadoria eſpiritual.* Neſte colloquio, que quaſi todo he metaforico, introduz por peſſoas o Entendimento, e a Vontade, que ſaõ as principaes partes da alma, as quaes deixando a Razaõ ſua ſuperior ſe ajuntaraõ com o Tempo, e ſe fizeraõ mercadoras de eſpirituaes mercadorias que ſaõ os vicios, que eſtas duas

(1) Prolog. e Dedicatoria da Ropica neuma.
(2) Ropica neuma.

duas potencias aceitaõ, e compraõ; quando desobedecem á razaõ; e por este modo mostra as vias por onde muitos officios, e cargos da Republica saõ administrados viciosamente, e as cautélas, e meios, que para isto tem achado o Tempo, na figura do qual representa o appetite desenfreado, e solto de toda a lei, pondo os argumentos que o incitaõ a buscar os bens deleitaveis, e nos outros interlocutores lhe dá as devidas respostas, e mostra os erros do Tempo. Esta Obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532. (1) dedicada ao mesmo Duarte de Resende, o qual por pagar a seu perante Joaõ de Barros este obsequio lhe dirigio tambem depois hum tratado, que compôs da navegaçaõ, que Fernaõ de Magalhães, e seus companheiros fizeraõ ás Ilhas de Maluco, (2) como quem tivera na maõ todos os papeis, e roteiros daquella jornada, por entaõ estar servindo de Feitor da nossa fortaleza de Ternate. Mas tornando á *Ropica neuma*, ella foi naquelle tempo tida em tanta estima, que

o

(1) Decad. 3. lib. 5. cap. ultim.
(2) Decad. 3. lib. 5. cap. 10.

o eruditissimo Ludovico Vives se moveo por este respeito a dedicar a Joaõ de Barros outro tratado que fez da Oraçaõ mental no anno de 1535. intitulado: *Exercitationum animi Deum*, como se vê destas palavras da Dedicatoria, que anda com esta obra no segundo Tomo daquelle Autor. *Christophorus Mirandius meus declaravit nobilitatem tui generis, tum ingenium, eruditionem, & probitatem, quæ ego ex opusculo quodam tuo, vestrati lingua conscripto facile perspexi: non potui non complecti, & suspicere dotes animi, exercitas inter nagotia tam varia, & magna &c.* Este Dialogo da Ropica neuma correo até o anno de 1581. no qual sahio o Cathalogo dos livros prohibidos neste Reino, de D. Jorge d'Almeida Arcebispo de Lisboa, e Inquisidor Mór, em que se vedou: naõ por conter condenada doutrina, mas porque naõ tomassem delle alguns occasiaõ para usarem em seus officios das invençoens viciosas, que tinha achado o tempo; porque está taõ enferma nos costumes a natureza humana, que as mais das vezes convertem os homens em peçonha, os mes-

mesmos meios, que lhes daõ pera seu remedio.

Passada aquella contagiaõ, e outros trabalhos, que naquelle tempo succederaõ a este Reino, de grandes inundaçoens de agoa, e tremores de terra, veio-se Joaõ de Barros a Lisboa, onde ElRei o provêo do cargo de Feitor da Casa da India, e Mina, (1) de propiedade; e segundo parece, foi este provimento no anno de 1532. porque no de 1534. diz elle, que por razaõ do Officio mandára certas embaixadas a alguns Principes de Guiné, como se vê na primeira Decada lib. 3. cap. 12. Estes cargos (que agora estaõ repartidos per o Provedor da Casa da India, e outros Officiaes) eraõ naquelle tempo de grande cuidado, e importancia, assi pelo muito que entaõ rendia o comercio de Asia, e Africa, como por tudo pender da industria do mesmo Feitor que o administrava. E sendo estes Officios occasiaõ de grande accrescentamento de fazenda aos que os trataraõ, para Joaõ de Barros foraõ de muito pouco, porque ainda que lhe naõ faltava industria

(co-

(1) Feitor da Casa da India.

(como quem sabia tanto dos costumes do tempo) sempre a limitou dentro das balizas da consciencia.

Mas posto que esta grande occupaçaõ lhe fazia, como elle diz, acurvar a vida com seu pezo, (1) levando-lhe todos os dias com o despacho das armadas, e comercios, e outros negocios bastantes pera affogar, e cativar todo liberal engenho; todavia naõ deixou nunca a liçaõ dos livros: porque como este exercicio era nelle natural, foi sempre mais prompto em dar este fructo como proprio, que naõ o dos negocios como encomendado. E nem por isso se ha de entender, que faltou no cuidado que devia a seus cargos, antes foi nelles taõ pontual, que todas as mercês que dos Reis deste Reino recebeo (depois de os aceitar) lhe foraõ feitas por respeito da satisfaçaõ com que os servio: por onde parece que naõ estudava menos em huma occupaçaõ que na outra, tendo tambem esta administraçaõ publica por parte da boa Philosophia, como o entenderaõ grandes Varoens, e de si o dizia Plinio II. quando se queixava a seu ami-

(1) Prolog. da 1. Decad.

amigo Clemente, de outra occupaçaõ semelhante: (1) *Distringor officio, ut maximo* (diz elle) *sic molestissimo, sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas, sed illiteratissimas literas; soleo non numquam* (*nam id ipsum quando contingit*) *de his occupationibus apud Euphratrem queri: ille me consolatur: affirmat etiam esse hanc Philosophiæ, & quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum &c.* Pera acudir a ambas estas obrigaçoens partio o tempo, dando os dias aos negocios públicos, e às noites aos seus proprios, que eraõ os livros, como elle o diz em muitas partes de suas obras.

Neste tempo quiz ElRey D. Joaõ III. mandar povoar a Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, que Pedralvres Cabral levado da força dos ventos descobrio nas primeiras prayas do Mundo novo, indo pera à India no anno de 1500. E pera se apovoaçaõ fazer com mayor facilidade, e menos despeza da fazenda Real, re-

(1) Plin. Epist. lib. 1.

partio ElRey aquella Provincia em varias Capitanías, na forma que os Reys primeiros fizeraõ povoar as Ilhas achadas no mar Oceano; mas naõ foi igual o succeſſo, porque ſendo cada Ilha huma pequena porçaõ de terra, onde naõ havia habitadores que defendeſſem a entrada aos eſtrangeiros, foi facil couſa povoar cada Capitaõ a ſua; ajudando-ſe principalmente da viſinhança do Reino, e da preſtança, que humas ás outras ſe faziaõ, por eſtarem perto, e quaſi á viſta. Porem no Braſil como cada Capitanía era de cincoenta legoas de coſta, e habitada de gentes guerreiras, tendo o ſoccorro de Portugal duas mil legoas diſtante, e cada Capitanía taõ fraca, que naõ podia ſocorrer a viſinha, vieraõ as mais deſtas povoaçoens, que intentáraõ os donatarios, a perecer de todo, e ſó quaſi tiveraõ bom ſucceſſo as que os Reis tomaraõ pera ſi; porque como as fazendas neſte Reino, pela eſtreiteza delle, ſejaõ muito limitadas; naõ tiveraõ aquelles povoadores cabedal para ſe valerem do novo ſocorro, ſe padeceraõ qualquer infortunio, principalmente nos principios. Joaõ de Barros

ros com tudo como era de nobre espirito, e desejoso de se empregar em cousas grandes, pedio a ElRey huma destas Capitanías, e elle lha concedeo de juro, e herdade, com os privilegios, e doaçoens das outras; mas alcançando bem as difficuldades da empresa, determinou dar parte della a Aires da Cunha, e a Fernaõ d'Alvrez d'Andrada Thesoureiro mór do Reyno (pai de Francisco d' Andrada Chronista mòr) pera, com este cabedal mayor, poder reduzir a empreza a prospero fim. Fez-se por parte desta companhia a maior armada, que para aquellas partes até entaõ tinha ido, porque se aprestaraõ dez Navios, com nove centos homens, dos quaes eraõ mais de cento de cavallo; e com todo o necessario pera a jornada, de mantimentos, muniçoens, e artilheria, se fizeraõ á véla no anno de 1539. indo por Capitaõ o mesmo Aires da Cunha, que levava comsigo dous filhos de Joaõ de Barros.

Era a Capitanía que lhe coube em sorte a do Maranhaõ parte septentrional do Brasil, e a mais ennobrecida delle, em grandeza de rios, fertilidade de

plantas, abundancia de animaes, e fama de riquissimas minas. Foi este Rio descuberto por Vicente Annes Pinçon, no anno de 1499. pela Coroa de Castella, mas por estar na demarcaçaõ da conquista deste Reino, deixaraõ depois os Castelhanos de o povoar. Chegado Aires da Cunha á barra do Maranhaõ, com a pouca pratica que inda os Pilotos tinhaõ delle, deo em huns baixos que tem á entrada, por espraiar alli o mar muito, em que se perdeo com toda a armada, sahindo só alguma gente em terra em huma Ilha, que está na boca do rio, onde se conservaraõ algum tempo, fazendo pazes com os Gentios Tapuias, que por aquellas praias habitavaõ: até que vendo que naõ podiaõ levar avante a povoaçaõ por falta de gente, e mais cousas necessarias, se tornáraõ pera o Reyno. Deste modo ficou desamparado aquelle porto, e conquista até o anno de 1614. em que ElRei Dom Filippe II. de Portugal enviou Jeronimo de Albuquerque Coelho de Pernambuco, com huma armada pera fundar huma nova Colonia, o que elle fez com muito cuidado, e com igual esforço desba-

baratou hum bom numero de Francezes, que o aſſaltaraõ pera o fazer deixar o ſitio, querendo-ſe conſervar ſómente nelle, por huma fortaleza, que ja tinhaõ na Ilha, a qual pouco tempo depois lhe tomou tambem Alexandre de Moura, com que os noſſos ficaraõ de todo ſenhores daquelle porto, e a nova Colonia vai cada dia em maior creſcimento por os ſocorros com que ſua Mageſtade lhe tem mandado acudir. Donde ſe vê claramente, que ſemelhantes emprezas de conquiſtar, e povoar novas terras, naõ ſe podem reduzir a perfeito fim por homens particulares, eſpecialmente neſte Reino, ſenaõ por Principes, e Republicas.

Eſte taõ deſgraçado ſucceſſo deixou a Joaõ de Barros mui gaſtado de fazenda, perdendo taõ grande cabedal, como naquelle negocio tinha metido, ſem nenhum fructo: mas foi tal ſeu animo, que compadecendo-ſe do infortunio de Aires da Cunha, e de outros, pagou ainda por elles o em que ficaraõ empenhados pera eſta preſa, como o teſtifica Antonio Galvaõ, (1) dizendo: *Foy*

(1) Galvaõ nos deſcobrimentos do mundo, an. 1531.

Foy tambem a este rio Maranhaŏ hum Fidalgo Portuguez, que se chamava Aires da Cunha, levou dez Navios, nove centos Portuguezes, cento e trinta cavallos, fez grandes gastos, em que se perderaŏ os que armaraŏ, e o que mais perdeo nisto foi Joaŏ de Barros Feitor da Casa da India, que por ser nobre, e de condiçaŏ larga, pagou por Aires da Cunha, e outros que lá falleceraŏ, com piedade de mulheres, e filhos, que lhes ficaraŏ &c. Porém era tal seu animo, que parece que nenhum successo prospero, ou adverso, o tirava da applicaçaŏ de seus estudos; porque pouco depois deste naufragio se offereceo de novo a ElRey D. Joaŏ pera escrever as cousas da India; aceitou-lhe ElRey o offerecimento, porque tendo encõmendado este cuidado a Lourenço de Caceres mestre do Infante Dom Luiz, no anno de 1531. era já fallecido sem ter dado principio a taŏ grande obra. Começou Joaŏ de Barros logo esta Historia, (1) e com tudo, antes de imprimir a primeira Decada a interrompeo antepondo a seu gosto a piedade christaã,

(1) Prologo da Decada 1.

raã, e proveito publico, em cujo beneficio sahio com alguns opusculos á luz, (1) e tambem para em idade mais madura tornar a provar o estilo. Dos tratados que entaõ publicou entre outros, foi huma Grammatica Portugueza, á qual lhe deo occasiaõ a conversaõ dos Malavares, ou Paravás da costa da Pescaria, que succedeo pelos annos de 1538. donde vieraõ a este Reino quatro dos principaes aprender a lingua Portugueza, para assi poderem ser melhor ensinados na Fé, e preceitos da Igreja; os quaes Malavares mandou El-Rey recolher na Casa de S. Eloy de Lisboa com os Ethiopes nobres de Congo, que ahi estudavaõ, pera assi todos serem melhor doutrinados. Esta obra imprimio no anno de 1539. dividida em dous tratados, no primeiro ensina a ler, e pera com maior facilidade aprenderem os principiantes as letras, em cima de cada huma dellas poz huma figura, cujo nome se começa pela tal letra a modo de Arte memorativa, ficando o A. debaixo de huma Arvore, e o B, de huma Bésta, e assi as mais;

o

(1) Dialogo da viciosa vergonha.

o que foi tambem achado, e proveitoso, que ainda hoje se conserva; e porque a dedicou ao Principe Dom Filippe, filho d'ElRey D. Joaõ III. que entaõ começava a ler, e elle aprendeo por ella, sendo seu mestre Frey Joaõ Soares, Bispo que depois foi de Coimbra, anda esta Cartilha erradamente com titulo do Bispo, sendo verdadeiramente de Joaõ de Barros, o qual ajuntou tambem nella em certos circulos toda a diversidade de syllabas, que a natureza de nossa linguagem padece, e depois accrescentou os preceitos da lei de Deos, os Mandamentos da Igreja, e hum tratado da Missa com algumas oraçoens, pera que por ella se ensinassem os meninos a ler. No outro tratado escreveo os preceitos da Grammatica Portugueza, e Ortografia, e foi o primeiro Autor, que reduzio nossa lingua a Arte, e com muita brevidade. A' Grammatica ajuntou hum Dialogo em louvor da lingua Portugueza, em que mostra a grande affinidade, que tem com a Latina, e pera prova disto traz hüns versos Portuguezes, e Latinos; que foraõ os primeiros deste genero.

Ou-

Outro Dialogo imprimio, a que intitulou da Viciosa vergonha, naõ sómente pera evitar que naõ lessem os meninos por feitos de Tabellioens, que ordinariamente saõ de ruim letra, e sem nenhuma Ortografia, com que ficaõ escrevendo depois barbaramente; mas por lhes tirar a occasiaõ de aprenderem por autos publicos de causas criminaes, e trapaças civís, de que ficaõ ensinados em vicios, em lugar de boa doutrina: e assi pera estes tenros sugeitos compôz este Dialogo da Viciosa vergonha, em que lhes dá os avisos necessarios pera aquella idade. E era tanta a diligencia que fazia pera estar bem inteirado das cousas, que havia de tratar, que pedio ao Doutor Antonio Luiz, grande Medico, e Filosofo daquelle tempo, que lhe desse o que nesta materia da vergonha tocava á Filosofia natural; pera com toda a perfeiçaõ, e certeza poder tratar de seus naturaes principios, ainda que o Tratado era moral. Porque os doutos quanto mais o saõ, tanto menos se satisfazem de si, entendendo o muito que ainda ha pera saber; que he o que disse o outro Filosofo: que só huma cou-

sa

ſa ſabia, que era naõ ſaber nada a reſpeito do muito que via lhe faltava. Por onde ſó os ſabios duvidaõ, e tem por honra perguntar, e conſultar ſuas cauſas com quem lhes póde dar acertado parecer: o que naõ alcançando os ignorantes, o julgaõ por couſa affrontoſa, e aſſi ficaõ ſempre no meſmo eſtado, ſem procurarem de ſe melhorar. Fez o Doutor Antonio Luiz o que Joaõ de Barros lhe pedio, compondo hum tratado, que intitulou *De Pudore*, que lhe dedicou, e anda entre outras obras deſte Autor, que ſe imprimiraõ em Lisboa no anno de mil e quinhentos e trinta e nove. Porêm Joaõ de Barros naõ ſe aproveitou deſte tratado, porque he muito differente do da Vicioſa vergonha, e Antonio Luiz pertendeo ſó nelle trazer todos os lugares que achou nos Authores, que tocaſſem á vergonha, como ſe vê deſtas palavras de ſua dedicatoria: *Prius itaque aliqua, quæ Philoſophi de pudore cenſerunt, apponemus, deinde vero ejus parentes, ſi quos invenire poterimus, reddemus, ultimo exempla &c.* Tambem nas obras de Plutarco anda hum diſcurſo, que elle intitulou:

tulou: *De immodica verecundia*, no qual, ainda que em parte leva o intento de Joaõ de Barros, segue outro caminho, como póde ver quem ler ambas as Obras.

Esta occupaçaõ (que em tal idade teraõ muitos por desigual á reputaçaõ de Joaõ de Barros) lhe fez tomar o zelo da honra de Deos, e o desejo de aproveitar a todos, sentindo-se por devedor naõ sómente aos doutos, mas aos barbaros, e assi aos grandes como aos pequenos: e esta julgou elle pela maior honra, que lhe podia vir, como o confessa nestas palavras, no Dialogo da lingua Portugueza: *Certo he, que naõ ha gloria, que se possa comparar a quando os meninos Ethiopes, Persianos, e Indios daquem, e dalêm do Ganges em suas proprias terras na força de seus templos, e pagodes, onde nunca se ouvio o nome Romano, por esta nossa Arte aprenderem a nossa linguagem, com que possaõ ser ensinados em os preceitos da nossa fé, que nella vaõ escritos. &c.*

Outro semelhante zelo o fez intentar outra obra de naõ menor engenho; (1) e

(1) Decada 2. lib. 4. cap. 4.

e foi, que vendo como os homens occupavaõ o mais do tempo jugando, inventou hum jogo de tabolas, a que reduzio as Eticas de Aristoteles, introduzindo nelle as virtudes, e vicios, por excesso, e por defeito; o qual jogo imprimio no anno de 1540. e o dedicou á Infanta Dona Maria, Princeza que depois foi de Castella, a qual o jugava com ElRey Dom Joaõ seu pai destramente, segundo elle affirma em varias partes; e teve intençaõ de pôr a Economica tambem em jogo de Cartas, e a Politica no Enxadres, por estes tres jogos serem os mais communs, e pera nelles, ao menos, aprenderem os homens o nome das virtudes, e como se devem de haver no uso dellas, já que naõ ha modo pera deixar de jugar; mas vendo os poucos que se affeiçoaraõ ao primeiro, deixou de sahir á luz com os outros.

Estas, e outras obras compôs Joaõ de Barros, pela maior parte em Dialogo, seguindo o estilo de Plataõ, que neste genero de escritura nos deixou toda sua doutrina: e na verdade os Dialogos tem pera isto muita conveniencia; por-

porque como nestas materias se tocaõ opinioens diversas, he necessario haver perguntas, e repostas, pera melhor se satisfazer ás duvidas; donde louva muito Guarino Veronense a Plataõ, por illustrar este estilo, dizendo: *Omnia vero quæ gravius, accuratiusque disputanda fuerunt, in Dialogorum forma conscripta fuisse, & recte sane; ea enim, quæ hujusmodi colloquendi ratione tractantur, introductis pro dignitate personis, apertius disputantur, & vehementius imprimuntur &c.* Pela mesma razaõ usou tambem Tulio delles, como o diz no primeiro das suas Tusculanas: *Quo commodius disputationes nostræ explicentur, quasi agatur res, non quasi narretur.* Nestes Dialogos se introduz ordinariamente fallando com seu filho Antonio de Barros, ainda que tinha outro filho mais velho, o que parece fez, ou por o bom sujeito que neste achava, ou por aquella sua idade ser entaõ mais propria de aprender, e por isso lhe dedicou alguns tratados moraes, como tambem fizeraõ outros grandes Filosofos a seus filhos, particularmente Aristoteles, de quem lemos as

Eti-

Eticas que compôs ao ſeu Nicomato, e Tulio o livro dos Officios a ſeu filho Marco, com que os deixaraõ mais lembrados nas memorias dos homens, do que o puderaõ fazer com rendozas, e magnificas heranças.

Deo o Papa Paulo III. o Capello de Cardeal ao Infante D. Henrique Arcebiſpo de Evora, (1) na undecima creaçaõ que fez de Cardeaes em 16. de Dezembro de 1545. Mandou logo o Infante no anno ſeguinte de 1546. dar as graças deſta dignidade ao Summo Pontifice por Gaſpar Barreiros Conego de Evora, diſcipulo, e ſobrinho de Joaõ de Barros, filho de Maria de Barros ſua irmaã, e de Ruy Barreiros. Concorriaõ em Gaſpar Barreiros muitas letras, ſe engenho, e porque naõ fizeſſe o caminho infructuoſamente, lhe encommendou (ſegundo o meſmo Gaſpar Barreiros refere ao Cardeal na Dedicatoria da ſua Corographia) que eſcreveſſe particularmente todos os lugares por onde paſſaſſe, com tudo o que acerca de ſuas fundaçoens, nomes antigos, e mudança delles pudeſſe ſaber, por quanto eſpera-

va

(1) Corografia de Gaſpar Barreiros.

va de se aproveitar desta informaçaõ na sua Geographia; que havia annos tinha começada. Fez Gaspar Barreiros esta diligéncia com tanta perfeiçaõ, que se póde dizer por elle o que outros affirmáraõ de Cesar: que querendo dar materia aos Escriptores nos seus Comentarios, lha tirara, porque da Corographia destes lugares, desde Badajóz até Milaõ compôs hum volume taõ erudito, que he tido de todos universalmente em grande estima, e assi podemos agradecer a Joaõ de Barros, o possuirmos hoje esta excellente obra, com a qual tomou occasiaõ Lopo de Barros, Conego tambem de Evora, para imprimir outros opusculos de seu irmaõ Gaspar Barreiros, que todos andaõ no mesmo volume da Corographia impressos em Coimbra no anno de 1561. como foraõ os Cõmentarios de *Ophira regione*, e as censuras sobre os fragmentos suppositicios, que hoje correm com nome de Beroso Caldeo, Maneton Egyptio, e Marco Portio Cataõ de Originibus, as quaes censuras por sua muita erudiçaõ andaõ traduzidas em Latim na Biblioteca Hispana, por André Scotto. Nestas, e outras obras me-

receo

receceo bem Gaſpar Barreiros o nome de ſobrinho, e diſcipulo de Joaõ de Barros, ainda que na ultima recebeo o maior louvor de todos, que foy deixar tudo por amor de Deos, e entrar na Religiaõ de S. Franciſco, onde morreo com grande opiniaõ de Virtude.

O deſejo, que Joaõ de Barros tinha de aproveitar a todos, fez que pedindolhe no anno de 1549. Joaõ Ricio de Monte Policiano Arcebiſpo de Syponto (que naquelle tempo eſtava em Lisboa por Nuncio do Papa Paulo III.) algumas informaçoens das partes da India, lhas deſſe liberalmente, pera mandar ao Cardeal Farnes, que lhas pedia á inſtancia de Paulo Jovio celebre Eſcritor daquelle tempo, e com ellas lhe deo mais dous livros, hum de eſcritura dos Chinas, e outro dos Perſas: naõ ſe havendo neſta materia com a eſcaceſa que alguns coſtumaõ, procurando eſconder o theſouro de ſemelhantes obras, pera elles ſós com avarento animo as lograrem. Porém pagou-lhe mal eſte beneficio Paulo Jovio, porque eſcrevendo larguiſſimamente as couſas da Perſia, e do Oriente, e allegando pera iſſo as informa-

çoens

çoens Portuguezas, nunca, noméa a Joaõ de Barros, no que se houve assaz differente de Plinio, que no principio de sua natural historia, foi o primeiro que pôs o Cathalogo dos Autores donde a colligira, accrescentando aquella taõ louvavel sentença, que o fazia porque era de animo nobre publicar os nomes daquelles, por quem nós melhoramos: *Ingenui est enim animi fateri per quos profeceris.* Porém com isto ser assi, ainda hoje tem mais imitadores o silencio de Jovio, que o agradecimento de Plinio.

No anno de 1552. imprimio Joaõ de Barros a sua primeira Decada da Asia, e foi tambem recebida de todos geralmente; que ainda que havia Chronista no Reyno, ElRey Dom Joaõ lhe encommendou logo a Chronica de ElRey D. Manoel seu pay (1) entendendo da perfeiçaõ, e gravidade de estilo com que escrevera esta Decada, que ninguem poderia compôr aquella Chronica com a devida eloquencia aos feitos que se nella tratavaõ, como Joaõ de Barros, o

c qual

(1) Chronica delRey D. Manoel p. 4. c. 37. e no Prolog.

qual aceitou a empresa, parecendo-lhe que pera tal occupaçaõ lhe dessem o repouso: necessario mas como estes serviços muitas vezes pezem pouco diante dosReis, naõ alcançou Joaõ de Barros a cōmodidade que esperava; e assi naõ se poude empregar de novo na composiçaõ desta Chronica, alèm da Historia da Asia, que já tinha entre mãos, cuja segunda Decada imprimio no anno seguinte de 1553. Por onde vindo a fallecer ElRey Dom Joaõ no de 1557. foi entregue Damiaõ de Goes do cuidado da Chronica delRey Dom Manoel, por ordem do Cardeal Infante Dom Henrique; que entaõ governava, e ainda que o mesmo Damiaõ de Goes affirme no cap. 37. da 4. parte da mesma Chronica, que nella naõ trabalhou Joaõ de Barros cousa alguma; com tudo, naõ poderá negar, que nas Decadas da sua Asia, que já naquelle tempo tinha impressas, achou larga, e ordenadamente escrita toda a historia da India, que a ElRey Dom Manoel pertencia. De maneira, que aos escritos do mesmo Joaõ de Barros podemos atribuir grande parte da sua Chronica. No mesmo anno de 1553. em que im-

imprimio a segunda Decada tornou a imprimir segunda vez o seu Clarimundo, o qual depois no de 1601. se tornou a estampar terceira vez: e sendo este livro fabuloso, e o primeiro parto de sua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impressoens, que as outras obras, e Decadas do mesmo Autor: donde se vê como o gosto do vulgo naõ se governa pela razaõ, senaõ por appetite, e que o bom de ordinario contenta aos menos.

A terceira Decada imprimio no anno de 1563. e com esta tirou á luz tres Decadas da Asia, obra taõ perfeita, e louvada de todos; que se tem por huma das melhores, que naquelle genero de escritura se compuseraõ. He a historia (segundo de Tullio em outra parte temos mostrado) o sugeito mais capaz da Oratoria que nenhum outro, porque nella se usa do genero Demonstrativo, contando varios feitos, condenando os vicios, e louvando as virtudes; e do Deliberativo, introduzindo oraçoens, conselhos, e discursos, e muitas vezes do Judicial, o qual raramente se aparta do Deliberativo. Em todos estes generos he esta historia de Joaõ de Barros

 admi-

admiravel, porque além do sujeito que trata ser nobilissimo, pela variedade, grandeza, e novidade dos casos admiraveis, guardou com summa inteireza todas as leys da historia, assi as essenciaes que se nella requerem; que saõ verdade, clareza, e juizo, como as outras partes, a que chamaõ integrantes.

Consta a verdade da Historia assi da certa noticia, que o historiador tem do que ha de dizer, como do verdadeiro animo do mesmo historiador em naõ callar o bem, ou mal, que fizeraõ aquelles, de quem trata. Pera escrever com noticia verdadeira teve Joaõ de Barros as mais certas Relaçoens, que pera tal materia se podiaõ alcançar; porque havendo de tratar de tres cousas que eraõ, os Feitos dos Portuguezes, a Noticia dos Reis, e Naçoens do Oriente, e a verdadeira situaçaõ Geografica daquellas Provincias: Pera o que tocava á historia Portugueza lhe foraõ entregues todos os papeis, assi dos Regimentos Reaes, como das Relaçoens, e cartas dos Vice-Reys, devassas, e diligencias, mais cousas, que áquella materia pertenciaõ, como se vê na Decada

I.

1. lib. 3. cap. 13. quando trata das couſas de Guiné, e na Decada 2. lib. 8. c. 1. e na Decada 4. lib. 10. cap. 21. onde diz, que ſó de papeis do Governador Nuno da Cunha lhe foraõ entregues duas arcas: Pera a noticia dos Reis do Oriente, e ſeus póvos, naõ ſe contentou com menor diligencia, que mandar buſcar as Chronicas daquelles meſmos Reynos, eſcritas em ſuas proprias linguas, como conſta da 1. Decada lib. 8. cap. 6. (1) em que refere a Genealogia dos Reys de Quilóa tirada da ſua meſma Chronica, e no lib. 9. cap. 3. diz, que conta as couſas dos Malavares tiradas de hum livro da ſua Religiaõ, e hiſtoria: houve outra Chronica dos Reys de Ormuz, e outras dos Reys de Guſarate, Biſnagá, e Decaõ; e pera dar noticia dos Arabes, e Perſas, (2) mandou vir o ſeu Tarigh, que he hum ſummario de todos os Reys, que foraõ da Perſia, (3) até que os Arabios com ſua ſeita a ſubjugaraõ, e dos feitos que os ſeus Califaz fizeraõ na conquiſta das partes do Oriente,

(1) Decada 2. lib. 2. cap 1. (2) E lib. 2. c. 9.
(3) Decada 1. lib. 1. c. 1. Decada 2. lib. 4. c. 4. E lib. 10. c. 5.

te, os quaes livros lhe foraõ interpretados, como elle refere allegando-os em muitas partes, cousa que naquelle tempo era facil, por terem os Reys deste Reyno muitos homens assallariados praticos nas principaes linguas do Oriente pera lhe servirem deste mister. Pelo que com pouca razaõ affirma Pero Teixeira (1) nas suas Relaçoens da Persia (tiradas da Historia do Tarigh) que o nosso Joaõ de Barros por falta de interprete nos naõ deo mais noticia delle, que do nome, sendo assi que das cousas da Persia trata larguissimamente, allegando este livro de que as tirou: e de sua interpretaçaõ faz particular mençaõ na 2. Decada lib. 2. cap. 2. e no lib. 4. cap. 4. onde accrescenta, que até da vida do Gran Tamorlaõ, que tambem alcançou escrita naquella lingua; tinha feito traduzir a maior parte. Pelo que parece que naõ faltaria na traduçaõ do Tarigh, que tanto lhe importava, quem fazia occupar o interprete em outra obra, que quasi lhe era desnecessaria.

Pera a graduaçaõ das Provincias se valeo dos nossos mesmos pilotos Portu-

gue-

(1) Teixeira no Prologo das Relaçoens.

guezes, (1) que navegando todos aquelles mares com o Astrolabio, e sonda na maõ, fizeraõ reprovar as mais das opinioens dos Gregos, e Romanos, que fallaraõ das cousas do Oriente com muito pouca noticia; cheas estaõ as Decadas (2) destas emendas, e correcçoens feitas a Ptolomeu, Arriano, e aos mais Geographos antigos, que da India trataraõ. (3) E pera poder descrever as Provincias mediterranias, mandou vir os livros, que de sua Geografia se podéraõ haver, como foi hum da Geografia da China, com todas suas Regioens em taboas, e pera o Interpretar comprou hum Chim douto em suas letras, que lhe servio deste officio. E na Decad. 2. lib. 5. cap. 1. allega outro livro da Geografia da Persia. Pelo que com razaõ lhe deraõ muitos Autores taõ grande lugar entre os famosos Cosinografos do mundo.

Pois o animo verdadeiro, com que tratou dos homens, vemos bem claro nestas Decadas, onde com summa liberdade reprova os vicios, e louva as virtudes;

(1) Noticia da Geografia. (2) Dec. 3. lib. 5. c. 1.
(3) Decad. 3. lib. 2 cap. 1.

tudes, que alguns Capitaens tiveraõ; dando a cada hum o ſeu; e aſſi o proteſta elle na 1. Decad. lib. 3. cap. 12. dizendo: *Pois a Deos aprouve, que naõ por officio, mas por inclinaçaõ, naõ por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, tomaſſe o cuidado de eſcrever as couſas, que paſſaraõ neſte deſcobrimento, e conquiſta do Oriente, naõ permitirá, que eu perca algum premio, ſe o deſte trabalho poſſo ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum &c.* E ſe alguem lhe notar, que deixou de eſcrever algumas particularidades, que houve por vezes entre os noſſos meſmos Capitaens, a iſſo reſponde elle, que neſtas ſuas Decadas mais trabalhou por referir o eſſencial da hiſtoria, que naõ em ampliar miudeſas, deſcobrindo vicios alheios, de que muitos naõ ſabiaõ parte, com que ſem beneficio publico ſe infamaõ as almas dos defuntos, naõ ſervindo tais exemplos ſenaõ de accreſcentar odios entre ſeus deſcendentes, e de ſer mais licença de vicios, que abſtinencia delles, o que em toda a boa hiſtoria ſe deve com muito cuidado evitar.

A

A clareza da narrativa he assás evidente, por fallar com palavras muito proprias, e naturaes; e com tudo se vê nelle tanta magestade, que causa admiraçaõ poder ajuntar com tanta gravidade, tanta clareza; porque nas disposiçoens he taõ facil, que muitas vezes parece mais poeta, que historico, posto que nesta parte a historia, e poesia sejaõ muito conformes. Vejaõ-se nesta materia as descripçoens das tormentas, das batalhas, das baterias, as vistas, e embaixadas, onde além de escrever tudo como se o visse diante dos olhos, move notavelmente os affectos de admiraçaõ, e alegria: e as descripçoens das Provincias, Ilhas, Cidades, e portos, declara com taes palavras, que escusou pór taboas Geograficas: porque comparando cada cousa destas a algum final conhecido (segundo as regras da Arte Memorativa) faz comprehender dos leitores a figura, ou cousa, de que trata, com summa distinçaõ.

O Juizo consta naõ só em observar as leys integrantes da Historia, mas na boa ordem, e disposiçaõ della, e no julgar o que se errou, ou acertou nas acçoens

çoens

çoens publicas, e particulares de que trata. As leys da Hiſtoria integrantes ſeguio propondo no principio a materia que tratava, introduzindo hum excellente exordio da origem das guerras entre os Mouros, e Portuguezes: no que tem faltado muitos modernos, que começaõ ſuas hiſtorias como ſe eſcreveraõ huma carta; naõ ſe pejando de profeſſarem compor em huma Arte, ſem aprenderem primeiro os preceitos, e regras della.

A ordem da Hiſtoria foi conveniențiſſima, ſeguindo os annos; e os governos, e dividindo-a por Decadas; diviſaõ tambem achada, que a ella ſe tinhaõ já reduzido os livros de Tito Livio, e depois ſeguiraõ nella a Joaõ de Barros os que eſcreveraõ as Hiſtorias das Indias Orientaes, e Occidentaes, como o vemos em Diogo do Couto, e Antonio de Herrera. As digreſſoens ſaõ poucas, e eſſas neceſſarias, e taõ cheas de exemplos, e caſos raros, que de muitos delles ſe aproveitou Joaõ Botero nos ſeus Apothemas. As mais perfeiçoens deſta Hiſtoria pode julgar quem a ler, e verá nella muitos diſcurſos, conſelhos, e caſos diverſos, que ſempre reſol-

resolve, e refere o Autor com acertado parecer, e assi aqui se achaõ as sentenças, os prognosticos, e excellentes elogios: onde, como diz Tullio, se vê: *hominum ipsorum tum gesta, tum mores, e. ingenium.* E desta parte judicial tirou Dom Fernando Alvia de Castro huns Aphorismos politicos com tanta erudiçaõ, e exemplos, que se podem comparar aos melhores de Tacito, e fazem muita ventagem a outros que neste genero de escritura se compuseraõ. Finalmente pelas excellencias desta obra he tido Joaõ de Barros universalmente por hum dos mais insignes Historiadores do mundo, e celebrado de muitos e graves Autores com titulos honorificos, dos quaes Frei Vicente Justiniano, (1) e o Padre Mapheu lhe chamaõ *Grave Escritor.* (2) Joaõ de Pineda, *Preclaro*, o Autor das Viagens do Mundo, (3) *Diligentissimo*, Fr. Simaõ Coelho, *Muito douto, e elegente.* Pero de Magalhaens, Pero de Mariz, Diogo do Couto, e o Cro-

(1) Fr. Vicente na vida de S. Luiz Beltraõ.
(2) Maph. lib. 1. (3) Pineda de Reb. Salom. lib. 4. cap. 11. Viagens do Mundo p. 1. in fine. Chronic. do Carmo lib. 2. cap. 6. Possiv. sect. 6. fol. 199.

Cronista mór Joaō Bautista Lavanha, *Escriptor famoso.* Porém outros naō contentes só com estes illustres epitetos se alargaraō a maiores encomios, como se vê nestas palavras do Padre Antonio Possivino, que na sua Bibliotheca Selecta tratando dos Historiadores diz delle: *Joannes de Barros Lusitanus in Asia ab se descripta, qui egregium se scriptorem hac nostra ætate præstitit &c.* O Padre Fr. Antonio de S. Romaō (1) lhe chama Livio Portuguez dizendo: *Juan de Barros unico Tito Livio de aquellos Reynos, cuyas Decadas, aunque se traduxeron en Italiano, se han consumido de manera, que no se allan, aun entre sus mismos naturales, deviendo perpetuar-se cosa tan memorable en tablas de bronze &c.* E Dom Fernando Alvia de Castro (2) o compara a Homero, a quem os antigos tiveraō por pay da historia, dizendo: *Juan de Barros excellente historiador Portuguez lo escrive con tanta perfeccion, que si el mismo Alexandro le alcançara, no embidia-*

(1) Fr. Antonio de S. Romaō prologo da Historia geral da India. (2) D. Fernando Alvia na dedicatoria dos Aphorismos.

bidiara a Achiles por Homero &c. E Affonso de Ulhoa na Dedicatoria da traduçaõ Italiana ao Duque de Mantua affirma ser esta historia huma das melhores, que se compuseraõ no mundo: *E una delle rare, e pretiose cose che in questo suggetto fin hoggidi sieno state vedute &c.*

Esta estimaçaõ dos doutos approvaraõ tambem os Principes do mundo, porque em Veneza se mandou pôr sua imagem entre os Varoens famosos: (1) e o Papa Pio IV. a fez collocar nos Paços do Vaticano junto com a de Ptolomeu: e ElRei D. Filippe II. de Portugal só por conservar a memória de tal historiador, e por participar o mundo de suas obras, mandou imprimir á custa de sua Real Fazenda a quarta Decada da Asia, que Joaõ de Barros tinha leixado ainda imperfeita, sem embargo de estarem já aquellas mesmas historias escritas neste Reino, e impressas por Fernaõ de Castanheda, Diogo do Couto, e Francisco d'Andrada. A estes dous testimunhos dos Principes, e doutos, po-

(1) Magalhaens no Dialogo da lingua Portugueza de Petronio Cronica do Carmo ubi supr.

podemos accrescentar a commũa opiniaõ de toda Europa, onde foraõ taõ buscadas estas Decadas, que chega a affirmar Diogo do Couto, (1) que na India naõ ha mais de humas, e em Portugal pouco mais de dez, tanto se levaraõ pelos estrangeiros, e com taõ excessivos preços, que quasi naõ he crivel o que nisto passa: e fazendo-se huma traduçaõ dellas em lingua Italiana por Affonso de Ulhoa, se gastaraõ de maneira, que nem em Italiano, nem em Portuguez se achaõ de venda em parte alguma, como já o vimos na autoridade referida do Padre Fr. Antonio de S. Romaõ, e o affirma D. Fernando Alvia de Castro (2) elegantemente nestas palavras: *Viendo que cara a cara no podia calumniar sus Decadas, por haver guardado com igualdad, y primor, las tres partes necessarias a una buena historia, verdad, claridad, y discurso, como rabiosa, traidora, y de mala casta, parece dispuso para dissimulacion de su gloria, se ayan acabado tantas, que ay* *mui*

(1) Couto no Prologo da Decada 4.

(2) D. Fernando Alvia no prologo dos Aphorismos.

mui pocas, y quasi ninguna de venta, aun a mucho precio, que qualquiera mereciera, mejor que el grande, que se dio por el pinzel de Apelles, cujas figuras, aun que de suma perfeccion, eran al fin muertas, y Barros con su pluma dexa vivos en la fama, y celebrados perpetuamente los gallardos Portuguezes, que murieron vitoriosos de varios, admirables, y felices successos &c. De maneira que quem alcança hoje hum livro destes, o tem em preço de huma joia de gran valor.

Porém quanto mais saõ estimadas as obras com que sahio á luz, tanto maior pena nos podem causar as que deixou começadas; e intentadas, que sem duvida seriaõ de grande ornamento pera este Reino; mas pois naõ pudémos lograr a excellencia destes volumes, apontarei aqui, ao menos, a traça, e desposiçaõ delles, pera ainda assi serem de proveito (como já foraõ) aos curiosos. Que se saõ tidos dos Architectos em muito preço os livros de pinturas, e dessenhos de edificios imaginados, com quanta mais razaõ se devem estimar os pensamentos de Joaõ de Barros,

que

que trataõ de outras fabricas, tanto mais nobres quanto as obras manuaes cedem as do entendimento?

Da hiſtoria deſte Reino alèm da ſua Aſia, prometeo compor Joaõ de Barros tres partes intituladas, *Europa*, *Africa*, *e Santa Cruz*: na Europa determinava tratar da Milicia dos Portuguezes, começando do tempo que os Romanos conquiſtaraõ Heſpanha, na qual guerra os Luſitanos alcançaraõ ácerca delles grande nome por feitos illuſtres, (1) e dahi diſcorrendo por os tempos té o Conde Dom Henrique, e ſeu filho Dom Affonſo, e ſeus ſucceſſores. Deſta promeſſa ſe deſobrigou no Prologo da quarta Decada, pela contradiçaõ que achou em alguns emulos, dizendo, que o meſmo direito o favorecia pera naõ cumprir o prometido, pois lhe naõ fora aceitado. Ao que tambem ſe ajuntou o pouco deſcanço, e tempo que teve pera ſe occupar em taõ grande eſcritura: porém com eſte ſeu intento deu motivo a que eſta hiſtoria ſe compuzeſſe depois pelo Padre Fr. Bernardo de Brito nas duas partes da Monarquia Luſitana, que prin-

(1) Decad. 1, lib. 1. cap. 1,

principalmente contêm as guerras dos Romanos em Lusitania com o mais que nella sucedeo até a ultima doaçaõ que se fez de Portugal ao Conde D. Henrique, como elle o dá a entender na dedicatoria da sua primeira parte: e assi mesmo foi tambem occasiaõ pera o Licenciado Duarte Nunez de Leaõ por mandado delRey D. Filippe I. reformar algumas cousas que andavaõ escritas nas Chronicas de Portugal, como o mesmo Autor (1) confessa na censura da Chronica d'elRey D. Affonso Henriques, seguindo a opiniaõ, que Joaõ de Barros teve em favor da fama deste valerosissimo Principe, e da Rainha Dona Tareja sua mãy, onde diz, que se Joaõ de Barros escrevera os livros de sua Europa; fora escusada nesta materia toda a outra diligencia, e trabalho. A mesma occasiaõ deu Joaõ de Barros a Damiaõ de Goes pera escrever na Chronica do Principe D. Joaõ hum largo discurso em favor da honestidade da Rainha Dona Joanna de Castella mulher d'elRey D. Henrique IV. como se vê do Prologo da terceira Decada contra Antonio de Nebrixa, cuja

d mal

(1) Decad. 3. lib. 1. c. 4.

mal fundada opiniaõ condenou depois Damiaõ de Goes com taes palavras, que o Condeſtable de Caſtella Joaõ de Valaſco exclama invocando a elle contra Joaõ de Mariana, por fallar com a inurbanidade de Grammatico nas peſſoas dos Principes indecentemente, e contra o decóro da perfeita Hiſtoria.

A outra parte da milicia de Portugal, que Joaõ de Barros juntamente prometeo chamava, Africa, cujo principio começava na tomada de Ceuta. Eſte livro, ainda que o allega muitas vezes nas ſuas Decadas, naõ o compôs, e deixou de o fazer pelas meſmas razoens que diſſemos da Europa: porém, ſe bem conſiderarmos, naõ he pouco benemerito aos trabalhos, que os Portuguezes paſſaraõ no deſcobrimento deſta parte do mundo, pois os primeiros tres livros da ſua primeira Decada naõ trataõ de outra couſa; além do que depois eſcreve no proceſſo da meſma hiſtoria tocante a Africa, como ſaõ os ſucceſſos de Quilóa, Mombaça, Sofalla, e Ethiopia ſobre o Egypto, a que vulgarmente chamamos Reino do Preſte Joaõ.

A ultima parte da milicia Portugue-

gueza intitulou *Santa Cruz* (que he a Provincia que agora dizemos Brasil) e lhe dava principio no descobrimento de Pedralvres Cabral, desta se naõ acha nada escrito; que naõ he pequena falta para este Reino, porque tendo hoje esta Provincia crescido notavelmente em riqueza, e policia, com muitas povoaçoens populosas, e nobres, está quasi totalmente falta de Historia, defendendo nella os Portuguezes aquelles pórtos, e costas maritimas contra poderosos Piratas, que juntos com os barbaros Gentios, obrigaraõ os nossos a militar mais, que a cultivar a terra por muitos annos: estando naquelle tempo os pórtos abertos, sem Fortalezas, ou Castellos, que prohibissem estas entradas, em que houve casos mui dignos de memoria, e sendo as cousas naturaes da terra mui notaveis, e estranhas a nós, por quam maravilhosa se mostrou nellas a natureza, he mais para sentir a falta que nesta parte nos faz a Historia de Joaõ de Barros.

Em materias moraes, além das obras que imprimio, e de que já fallamos, faz elle mençaõ do Tratado de

Causas, ou Problemas moraes, e o allega no Dialogo da Viciosa vergonha fallando com seu filho Antonio de Barros, pera que o compunha, pelo discurso dos tempos, onde lhe diz estas palavras: *As causas do teu tratado naõ saõ naturaes, mas moraes, ou por fallar verdade, saõ de homens temporaes, que em humas mesmas obras deraõ diversos frutos por differentes causas, donde nasceo o titulo ao teu tratado.* Esta obra me affirmaraõ algumas pessoas graves, que viraõ de todo acabada, e que o original estava em Viseu em poder de hum sobrinho do mesmo Autor.

No prologo da quarta Decada allega tambem outro tratado, que intitula das Abusoens do tempo, e diz que lhe dá este titulo, por ser em defensaõ de suas occupaçoens, a que os amigos, e parentes davaõ nome de Abusoens, e diz que nelle particularmente escreve das abusoens, de que o tachavaõ, e das que vio usar ao mesmo tempo, e que nelle se verá a razaõ porque imitou antes a doutrina de Tales, que a mercancia do seu azeite. Este tratado compós em trovas pequenas de oito syllabas, a que cha-

chamaõ, *Redondilhas*, e o dedicou a Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, com quem tinha particular amizáde: o titulo delle he *Exclamaçaõ contra os vicios*: saõ mais de 460. coplas, e a primeira começa:

Em aquella eternamente
Alta luz inaccessivel, &c.

Repartio-o em tres partes, a que reduzio todos os actos da Filosofia, e parece o escreveo no anno de 1561. segundo de tudo me advertio o Licenciado Francisco Galvaõ de Mendanha, que o leo, e me communicou esta; e outras muitas particularidades de suas obras.

Das obras Mathematicas deixou imperfeita a sua Geografia Universal, (1) a qual hia compondo em lingua Latina de todo o descuberto, assi em graduaçaõ de taboas, como em commentarios sobre ellas, applicando o moderno ao antigo, como o declara no primeiro capitulo de sua primeira Decada, e no lib. 4. da mesma cap. 2. diz, que nos primeiros livros da sua Geografia escreve do Astrolabio, e adiante no capitulo sexto allega o capitulo dos instrumentos da navega-

(1) Decada 1. lib. 1. cap. 1.

vegaçaõ, por onde parece que primeiro dava os preceitos da Arte, e depois descrevia as Provincias: os commentarios tambem deviaõ ser muito eruditos, pois trataváõ das fundaçoens das Cidades, da Religiaõ, e costumes das gentes, e outras cousas raras, como se vê de muitos lugares das suas Decadas, em que deixa semelhantes noticias para a sua Geografia. Esta obra parece dividia em quatro partes, segundo se collige da segunda Decada lib. 8. cap. 2. em que diz, que faz huma quarta parte da sua Geografia, em que trata particularmente de todas as Ilhas do mundo: o qual conceito seguio depois Joaõ Botero, como se vê nas suas Relaçoens Universaes. Naõ ficou esta Geografia de todo acabada, ainda que fez grande parte della, e quando ultimamente deixou o intento de compôr a Europa, e Africa, foi para se dedicar todo a esta empresa, segundo parece do Prologo da quarta Decada. Porém como depois de seu fallecimento correraõ seus papeis por tantas maõs, he pouco o que chegou a poder de Joaõ Bautista Lavanha Chronista mór deste Reino, a quem ElRei D. Filippe II. de

de Portugal os mandou entregar. Mas ainda que naõ compôs a Geografia inteiramente, assaz deixou escrito nas suas Decadas das Religioens de Africa, e Asia, de maneira que he hoje a melhor cousa que ha nesta materia: e assi as descripçoens Geograficas da sua primeira Decada, como cousa rara, andaõ traduzidas em Italiano no fim do primeiro volume das Viagens do Mundo. Tambem na sua quarta Decada sairaõ algumas taboas daquellas Provincias da Asia com largas relaçoens della, no que puseraõ os nossos maior cuidado, por ser materia de intelligencia, que em pintar figuras de homens, e mulheres, como fizeraõ os Olandezes enchendo grandes volumes destas impertinentes pinturas, e na materia da Geografia, que era o essencial, naõ deraõ noticia alguma de novo, que fosse de consideraçaõ; como que importava mais para o bem do mundo ver pintados os furtos que se fizeraõ em Goa, que a Geografia da mesma Provincia. Mas como naõ haja conselheiro mais cego que o odio, este fez escurecer huma obra taõ insigne, como saõ os livros das suas navegaçoens Orientaes,

taes, com estas, e outras semelhantes relaçoens, e pinturas: pois sendo taõ geral em todas as Republicas succederem casos facinorosos, e algumas empresas menos prosperas, a paixaõ, e inimisade que contra nós tem, lhes cegou o entendimento de maneira, que estes acontecimentos particulares nos imputaõ por crimes de toda a naçaõ, mal lembrados daquelle excellente dito de Menon Capitaõ de Dario, o qual ouvindo a hum seu soldado praguejar de Alexandre, lhe respondeo: *Cala-te que te naõ dou soldo para dizeres mal de Alexandre, senaõ pera pelejares contra elle.*

Outra obra tinha tambem intentado Joaõ de Barros, que intitulava, *Sphera da instructura das cousas*, o qual livro allega na parte da Mecanica, que diz ser toda de Architectura, como se vê na segunda Decada lib. 1. cap. 3. que tambem naõ sahio á luz.

Além da historia militar da Asia prometeo Joaõ de Barros, pelo que tocava ao commercio, escrever hum livro de todas as cousas naturaes, e artificiaes, que da India (1) se traziaõ a estas partes,

(1) Dec. 1. c. 1. l. 6. c. 4. l. 8. c. 6. Dec. 2. l. 2. c. 3.

tes, declarando a qualidade, e natureza de cada huma dellas, com os pesos, medidas, e preços communs das cousas; pera que o commercio que, como elle diz, andava por todas as gentes sem lei, nem regras de prudencia, e sómente se governava pelo impeto da cobiça que cada hum tinha, o reduzisse a Arte, com regras universaes; e particulares; como as tem todas as sciencias, e Artes activas pera se exercitarem bem, e politicamente. Segundo isto continha esta obra dous argumentos, hum era a historia natural do Oriente das plantas, e animaes daquellas Provincias, e outro das obras artificiaes, e cousas pertencentes á commutaçaõ, e commercio: de ambas estas materias deviaõ de ficar fragmentos que naõ sairaõ á luz. Mas em lugar de Joaõ de Barros escreveo das drogas do Oriente em vulgar o nosso Doutor Garcia d'Orta com grande louvor, cujos livros saõ mui estimados, e andaõ traduzidos em lingua Latina por Carolo Clusio, impresso em Anvers no anno de mil e quinhentos setenta e tres, e despois outro discipulo do mesmo Garcia d'Orta chamado Christovaõ da Costa,

ta, natural de huma das noſſas Colonias de Africa, ſeguio eſta empreſa mais largamente, no tratado que compôs em lingua Caſtelhana, das drogas, e medicinas do Oriente, com os retratos das meſmas plantas, o qual no ſeu Tratado do Elefante diz, que tambem tinha eſcrito outro livro de todas as Aves, e outros animaes da Aſia: (1) pelo que com pouca razaõ dizem de nós alguns eſtrangeiros que paſſamos á India ſó com cobiça de ſuas riquezas, e naõ com curioſidade de manifeſtar ao mundo as maravilhas que nella tem obrado a natureza. O outro Tratado das couſas artificiaes dá a entender Joaõ de Barros que o deixou quaſi acabado, poſto que ſe naõ publicou, e os Olandezes aproveitando-ſe deſte conceito, trataraõ eſta materia em muitos lugares de ſeus livros das navegaçoens Orientaes: de maneira, que ainda que Joaõ de Barros naõ acabou eſta, e outras obras; com tudo foi cauſa de termos hoje muitas dellas, ou dando o conceito, ou ainda inſinuando a ordem, e materia. E podemos ter por ſem duvida, que todas eſtas empre-

ſas

(1) Lagun, ſobre Dioſcorid.

ſas acabára ſe tivera livre o tempo, que o Cargo lhe roubava, como o diz largamente o Padre Meſtre Fr. Simaõ Coelho Carmelita em hum diſcurſo que fez ſobre Joaõ de Barros, lamentando-ſe ainda em vida do meſmo Autor, de lhe naõ darem os Principes o deſcanço neceſſario a ſeus eſtudos, o qual conclue com eſtas palavras: *Eſte mal, como natural enfermidade, tem ſoterrado eſte Varaõ digno de o porem com muita honra, e deſcanço em lugar que com mais facilidade pudeſſe avivar com ſua penna a fama de ſua Patria, como atéqui o fez com muito trabalho.* (1) Naõ devemos com tudo de nos eſpantar de faltar a ſemelhantes engenhos eſte repouſo, pois he taõ grande a eſcaceſa com que o mundo galardoa, que em todas as Republicas ha muitos Miniſtros com poder de caſtigar, e hum ſó o tem, para dar o premio.

Porém levando o Officio a Joaõ de Barros os dias inteiros, ſó lhe ficava parte das noites para poder compor, e aſſi naõ ſómente devemos ter em muito, que hum homem dividido em taõ varios negoci-

(1) Chron. do Carm. ubi ſup.

gocios se applicasse tanto ás letras, mas ainda que pudesse acabar com perfeiçaõ tantas obras no pouco espaço que lhe restava das noites. Pelo que com razaõ se admiraõ disto Ludovico Vives no lugar já referido, (1) e o Doutor Antonio Luiz, que fallando com o nosso Autor diz assi: *Quanvis tum Regnum, tum Reipublicæ negotia tuis humeris incumbant; tot tamen legisti, & scripsisti naturali quadam mentis adintus acie, ut legentibus occasionem inquirendi tribuas, quando homini tam occupato, & tantis curis destricto ast hæc tam concinna, tam docta scribere vacavit &c.* Daqui podemos julgar, que se os antigos celebraraõ tanto as Lucernas de Cleantes, e Aristofanes, que ficaraõ em adagio ácerca dos Gregos, e Latinos; com resultarem só deste estudo algumas poesias tragicas, com quanta mais razaõ devem ser estimadas as vigias do nosso Joaõ de Barros; pois dellas nasceraõ, naõ sonhadas fabulas, mas historias verdadeiras, e gravissimas, e tantas outras obras mathematicas, e moraes, as quaes podem além disso servir de exemplo aos estu-

(1) Na dedic. do opusculo de Padoie.

estudiosos pera naõ desanimar no meio de grandes occupaçoens, entendendo que lhe naõ faltará tempo pera si, e pera seus estudos, pois naõ faltou a Plinio, (1) e a Joaõ de Barros entre tantos negocios publicos se o souberaõ aproveitar, como estes Varoens fizeraõ, por ser certa aquella sentença de Seneca, que o tempo naõ falta se o naõ perdemos: *Non exiguum temporis habemus*, diz elle, (2) *sed multum perdimus*, *satis longa vita, e in maximarum rerum consumationem large data est, si tota bene collocaretur, sed ubi per luxum ac negligentiam defluit, ubi nulli rei bonæ impenditur, ultima demum necessitate cogente, quam ire non intelleximus, transisse sentimus*: De maneira, que naõ somos pobres de tempo, senaõ prodigos delle.

Destes fragmentos, e obras posthumas de Joaõ de Barros mandou ElRei D. Felippe I. de Portugal (como protector que sempre se mostou das boas artes) recolher no anno de 1591. as que se puderaõ achar em poder de Dona Luiza

za

(1) Plinio Epist. lib. 3.
(2) Senec. de Brevit. vit. cap. 1.

za Soares, Nora de Joaõ de Barros, que ficara viuva de Jeronymo de Barros ſeu filho mais velho, e ſó pelos quadernos da quarta Decada, e Geografia, lhe mandou dar quinhentos mil reis, e deſejando que ſaiſſem á luz mandou entregar eſtes papeis a Dom Fernando de Caſtro Pereira Fidalgo de grandes partes, e muito douto nas letras humanas, o qual por fallecer dahi a pouco, tempo, os naõ pode aperfeiçoar. Por ſua morte ordenou ElRei, que ſe recolheſſem eſtes originaes em Saõ Roque, com tençaõ de fazer vir o Padre Chriſtovaõ Clavio da Companhia de Jesus para dar fim ao livro da Geografia, o que naõ teve effeito pelas occupaçoens em que eſtava em Roma das ſuas Compoſiçoens. Daqui mandóu entregar a quarta Decada a Duarte Nunes de Leaõ, pela opiniaõ que delle tinha em materia de hiſtoria, e a outros homens doutos, que por diverſos impedimentos naõ puderaõ tirar eſtas obras á luz: o que ſentindo ElRei, e querendo que ao menos ſe conſervaſſe a ordem, e eſtilo deſta hiſtoria, mandou a Diogo do Couto que ſe ſeguiſſe a da India do ponto em que Joaõ de

Bar-

Barros deixara a terceira Decada, o que elle fez com diligencia, e acabou ainda em vida do mesmo Rei a quarta no anno de 1597. como se vê da dedicatoria da mesma. Porém succedendo depois El-Rei Dom Felippe II. e querendo fazer mercê á memoria de Joaõ de Barros, e a todo este Reino, ordenou, que estes fragmentos da sua quarta Decada se entregasse a Joaõ Bautista Lavanha, quasi cincoenta annos depois de compostos, os quaes elle com muito trabalho, e diligencia reformou, e os illustrou com annotaçoens, e taboas Geograficas, de modo que ficou esta quarta Decada hum dos melhores livros, que hoje temos em nosso vulgar.

Estas foraõ as obras de Joaõ de Barros, o qual no fim do anno de 1567. achando-se cançado dos trabalhos, e Cargos, que tinha, e de algumas enfermidades, que já por a idade ou molestavaõ, desejou de se tirar de negocios, para que dedicado todo a seus estudos vivesse só para si; e posto que tinha filhos em idade sufficiente para quem pudera pedir o Officio, naõ o fez assi, antes livremente o renunciou nas maõs del-

Rei,

Rei, querendo mais deixar ſeus filhos menos ricos, e fóra de occaſioens, em que podiaõ enlaçar a conſciencia, que, por ficarem com mais rendas, mete-los neſtes perigos. Acceitou-lhe ElRei D. Sebaſtiaõ a ceſſaõ do Cargo, e por eſte reſpeito lhe fez algumas mercês, de que as principaes foraõ, dar-lhe mil cruzados de tença em vida, e licença pera poder mandar trazer da India tanto em drogas, e mercadorias, que lhe ficaſſem no Reino quatro mil cruzados de ganho liquidos, libertando-o de todos os direitos, e fretes: filhou-o por Fidalgo com dous mil reis de moradîa, e que por ſua morte ficaſſem cincoenta mil reis de tença a ſua mulher Maria de Almeida, e cento cincoenta mil reis a ſeu filho Jeronymo de Barros, até o provêr de huma Commenda de mór quantia, e pera caſamento de huma de ſuas filhas lhes deo a Capitanía de duas Náos de viagem da India, o que tudo depois ſe cumprio.

Concluidos eſtes deſpachos em Janeiro de 1568. foi-ſe Joaõ de Barros pera a ſua quinta da Ribeira de Alitem junto a Pombal pera poſſuir aquelle ocio

da

da velhice; pelo qual suspiraõ tanto os homens, que só o cuidar, e fallar nelle tem por descanço, como de si confessava o Emperador Augusto, quando escrevendo ao Senado lho dizia: (1) *Me tamen cupido temporis optatissimi mihi provexit; ut quanquam rerum lætitia moratur, adhuc perciperem aliquid voluptatis ex verborum dulcedine.* Para este repouso, desculpaõ os homens todos os tratos, trabalhos, e perigos da vida, e com tudo saõ rarissimos os que o alcançaõ, por grandes, e poderosos que sejaõ, padecendo os mais delles o naufragio da morte, antes de tomar este porto; ou em chegando a elle.

Que a vida ja gastada em buscar vida,
Falta para a lograr quando se alcança.

Como bem disse hum Poeta nosso: de maneira, que acabaõ a vida quando cuidaõ que começaõ a viver. He porém esta vida solitaria do campo mui propria dos velhos, e sabios, segundo Tullio, que por este respeito tem esta idade por melhor afortunada: e tanto a estimou o famoso Similo de Diaõ Cassio, que só os annos que a possuio, confes-

e sou

(1) Senec. de Brevit. vit. cap. 8.

ſou em ſeu epitafio, que vivera.

Durou eſte repouſo a Joaõ de Barros perto de tres annos, nos quaes parece que tratou mais comſigo, que cos livros; porque levando a quarta Decada acabada de Lisboa (ſegundo ſe vê da ſua Apologia, que moſtra ſer feita ſervindo ainda o Officio) nem a imprimio neſte eſpaço, nem deo fim á ſua Geografia, e ainda que as indiſpoſiçoens daquella idade (que já ſegundo a Eſcritura hia entrando nos annos de trabalho, e dor) pódem ſer deſculpa deſte ſilencio, aſſaz a tem tambem ſe tomou eſte tempo para ſi meſmo, pois tantos annos tinha vivido para os outros: e nelle ſe aparelhou para a ultima jornada, para ſe naõ achar naquella hora deſapercebido, a qual lhe ſobreveio neſte terceiro anno a 20. de Outubro de 1570. e foi enterrado em huma Hermida da invocaçaõ de Santo Antonio, que eſtá além do rio Arunca, no termo de Leiria. Ao tempo que falleceo devia de ſer de 70. annos, e mais: o que ſe vê claro, porque ElRei Dom Manoel lhe encomendou a hiſtoria da India no anno de 1520 em que ao menos devia ſer de 20.

até

até 25 annos, pois ElRei o julgava já por pessoa de quem se podia fiar tal empresa, e accrescentando mais os cincoenta, que vaõ até o de 1570. fazem mais de 70. e por estas conjecturas se póde ter por certo o anno do nascimento, que lhe dei ao principio desta Relaçaõ.

Era Joaõ de Barros (segundo mo referio o Padre Joaõ Alvarez, Assistente, e Provincial que foi da Companhia de Jesus deste Reino, que o vio, e tratou em Lisboa no anno de 1563. e se vê do seu retrato) homem de veneravel presença, alvo de côr, olhos espertos, e nariz aquilino, barba comprida, e toda branca, magro, e naõ grande do corpo, na pratica ainda que grave, era aprasivel, e de grande conversaçaõ. Foi Varaõ de vida exemplar, e mui pio, como se vê bem de suas obras, que pódem ser nisto exemplo a outros Escritores modernos; os quaes compõem seus livros com tal esquecimento das cousas divinas, que lidos elles, naõ se pode determinar, se he o Author Christaõ, se Gentio, como já se disse de Joviano Pontano, e de outros. Esta piedade lhe fez procurar por tantas vias o melhoramento dos costu-

mes de seus naturaes, compondo tantas obras, como foraõ as de Espiritual mercancia, Viciosa vergonha, Exclamaçoens contra os vicios, Jogo das virtudes, e ainda os Tratados da Grammatica; de maneira que tomou o Officio de Prégador com naõ pequeno fruto para todos os tempos, e idades; o que sendo nelle tanto de louvar deo occasiaõ á aquelles que naõ querem ver seus vicios reprehendidos, para o notarem de atrevido, de maneira que lhe foi necessario responder no Dialogo da Viciosa vergonha a seu filho Antonio de Barros entre outras estas palavras: *Naõ fez Deos differença de genero de idade, ou de algum estado, que desobrigue de aprender, e ensinar os preceitos da lei, a todos em comum está encomendado. Naõ te pareça, que este cuidado se encarregou só a Doutores graduados em Pariz, a graça do Bautismo habilitou a todos: muitos offerecêraõ no Templo grandes offertas, e sómente louvou Christo a megalha da pobre Viuva, porque deo de coraçaõ toda sua possibilade. Todos corremos em aprazer ao Senhor, e quem zelar sua lei merecerá ser aspirado para o minis-*

terio

terio della: e dado que eu naõ seja dos escolhidos para o ministerio do ensinar; sou dos chamados para obsequio da lei; e se me por isso reprehendem, bemaventurados aquelles que padecem perseguiçaõ pela justiça, mas naõ mereço tanto ante Deos, que veja esta bemaventurança.

A inteireza, e verdade com que procedeo, sem ser vencido do interesse; podemos ter por milagrosa, pois a Sagrada Escritura lhe dá este titulo, quando diz, que o homem que despreza o ouro, faz milagres em sua vida. O como nesta materia se houve Joaõ de Barros, consta da abonaçaõ dos mesmos Reis, a quem servio, os quaes em todas as provisoens das mercês, que lhe fizeraõ, dizem sempre, que lhas fazem pela satisfaçaõ com que servio o Officio de Feitor da Casa da India, e Mina, como o já referimos. He tambem assaz bom testimunho disto, o pouco que deixou a seus herdeiros, havendo outros, que com o mesmo Officio os encheraõ de heranças; e assi desculpando-se elle com seu filho Antonio de Barros no Dialoga da Viciosa vergonha, diz, que o

que-

queria deixar bem herdado em virtuosos costumes, e em outras praticas de sciencias, por ser herança composta de suas proprias achegas; e logo segue dizendo: *Trabalharei por te naõ envergonhar com edificios, que tem a magestade, e opiniaõ da Torre de Babylonia, os quaes depois de compostos, vem a confusaõ eterna, que os divide em tantas linguas, quantas foraõ as achegas de que se fundaraõ: e daqui vem quantas heranças vemos sem proprios herdeiros; porque como se ajuntaraõ de estranhas fazendas, estranhos as herdaõ. Cre-me, que nunca alguem perdeo o proprio; e por isso me ficaõ deste meu trabalho duas esperanças, huma que nunca por elle serás citado, pois saõ noites minhas veladas; e a outra, que tempo virá em que serei julgado por homem zeloso do bem da patria.* Neste lugar vai discursando sobre os excessos, que os pais comettem por deixarem os filhos ricos seja donde for, ganhando com isso muitas vezes para si proprios condenaçaõ eterna, e deixando os filhos naõ herdados de bons costumes, mas azados para lançarem maõ de todos os vicios, e para

per-

perderem tanto da honra de seus avós, quanto ganharaõ outros, que naõ herdaraõ esta isca de erros. Tambem no Prologo da Quarta Decada se torna à desculpar com os seus desta contínua queixa, que delle tinhaõ, dizendo: *Se no mesmo Officio naõ temos tanto ser, como elles dizem, que tiveraõ aquelles, a quem nós succedemos, naõ será, porque elle tivesse nelles mais do que tem em nós, mas porque elles tiveraõ delle mais do que nós tivemos. E a causa fique para outro lugar, porque aqui naõ soffre o têmpo ser manifesta &c.* Esta rara inteireza moveo aos Reis a lhe fazerem por vezes algumas mercês, entre as quaes ElRei Dom Joaõ III. no anno de 1550. lhe deo licença para em quanto vivesse poder mandar vir por sua conta da India tantas mercadorîas, que tirasse dellas fórros cada anno no Reino quinhentos cruzados. E ElRei Dom Sebastiaõ lhe perdoou as dividas em que lhe estava de certa artilheria, armas, e muniçoens, do tempo da viagem do Maranhaõ, que importariaõ mais de seiscentos mil reis. E no anno de 1563. lhe fez mercê de algumas mercadorîas, que estavaõ na Ca-

ſã da India, e outras couſas de valor de ſeiſcentos e cincoenta mil reis. Depois de ſeu fallecimento pelo meſmo reſpeito fez mercê a ſua mulher da quantia de quinhentos mil reis. E ElRei D. Felippe I. deo cem mil reis de tença a Jeronymo de Barros ſeu filho, com licença de teſtar de trinta mil reis delles, em quem lhe pareceſſe. Mas ſe por cumprir Joaõ de Barros com ſua obrigaçaõ, naõ deixou grandes heranças a ſeus deſcendentes, nem por iſſo ſe devem elles ter por menos affortunados; porque ſe os pais ajuntaõ eſtas riquezas para que fiquem ſeus filhos mais honrados na Republica, naõ podiaõ os de Joaõ de Barros poſſuir morgados, por mais rendóſos que foſſem, que tanto os honraſſem, como terem tal pai, o qual por ſuas illuſtres obras he taõ inſigne no mundo, que lhe pódem ter inveja muitos poderoſos, e Principes delle; pois he certo, que hum engenho raro, e eminente, honra naõ ſómente huma familia, Cidade, e Provincia inteira; mas ainda a idade, e ſeculo em que naſceo fica illuſtrado com produzir hum Varaõ taõ excellente.

Teve felice memoria, á qual ajudou

mui-

muito com a artificial. Foi de grande conselho, prudencia, verdade, e credito com todos; e por estas, e outras boas partes era buscado, e amado de muitos; posto que lhe naõ faltaraõ alguns emulos (de quem se elle queixa na sua Apologia da Quarta Decada) que he sinal manifesto de virtude; porque os máos naturalmente aborrecem os bons, por serem contrarios a seus costumes. Foi casado com Maria de Almeida, irmaã de Lopo de Almeida, morador em Leiria, e filha de Diogo de Almeida de Pombal, da qual teve dez filhos, que foraõ, Jeronymo de Barros, Antonio de Barros, e Joaõ de Barros, que lhe ElRei Dom Joaõ filhou por moços fidalgos: Lopo de Barros, a quem tambem filhou ElRei Dom Sebastiaõ no mesmo foro. Das filhas, huma foi Dona Maria de Almeida, de que faz mençaõ no Dialogo do Jogo das virtudes moraes, e a outra Dona Isabel de Almeida, que casou com Lopo de Barros, e Dona Catharina de Barros, mulher de Christovaõ de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva, Veador da Rainha Dona Catharina; de ambas estas filhas ha hoje descen-

cendencia. Das outras duas, naõ chegaraõ os nomes á minha noticia. Dos filhos, o mais velho, Jeronimo de Barros, casou com Dona Luiza Soares, e morreo sem ter geraçaõ; dos outros, Joaõ de Barros morreo na batalha de Alcacere. A' India foraõ Diogo de Barros, a quem mataraõ os Mouros, e Lopo de Barros, que foi Capitaõ de Baçaim, e casou lá com Dona Mecia de Siqueira, de quem teve a Dona Catharina de Barros, mulher de Pero Peixoto da Silva.

Esteve o corpo de Joaõ de Barros naquella Hermida de Santo Antonio atè o anno de 1601. Em que o Bispo Capellaõ mór D. Jorge de Ataîde, Commendatario perpetuo do Mosteiro de Alcobaça, lhe fez trasladar os ossos para a Capella mór da Igreja Parochial da mesma Villa de Alcobaça, que elle mandou acabar, onde lhe queria fazer huma sumptuosa sepultura. Procedeo este piedoso cuidado ao Bispo, de saber que fora Joaõ de Barros seu padrinho de pia, porque o Conde da Castanheira o tomou por compadre no tempo de sua mór valia, antepondo as virtudes, e partes que ha-

havia nelle, aos titulos, e honras, que outros em ſemelhantes actos pertendem. Naõ pode todavia o Biſpo Capellaõ mór acabar eſta obra com aquella grandeza, e perfeiçaõ, com que fez outras muitas neſte Reino, porque lho atalhou a morte. Porém ſe neſta ſepultura faltaõ a Joaõ de Barros os tumulos de marmore, pyramides, e outros ornamentos funeraes, com que os poderoſos do mundo procuraõ dilatar ſua lembrança, tem logo com ſeus eſcritos, e virtudes levantado na memoria dos homens maiores, e mais duraveis Mauſoléos, que os que em Aſia fizeraõ, huma das maravilhas do mundo.

CHRO-

CHRONICA DO EMPERADOR CLARIMUNDO, DONDE OS REIS DE PORTUGAL descendem.

LIVRO I.

CAPITULO I.

NO tempo, que o grande Adriano em Ungria reynava, era taõ temido, e amado o seu bom Regimento, e esforço; que nas casas dos Reys, e Principes, que delle tinhaõ conhecimento, nunca se praticava em al, senaõ com quanto amor aos amigos, e rigor aos inimigos tratava; nam perdoando ao mal, e favorecendo sempre o bem. E por esta virtude, que com outras muitas tinha, imprimio tanto amor nos coraçoens de seus naturaes, e assi estrangeiros, que mais a vida delle, que as suas proprias estimavaõ. E como a

Claudio, Rei de França, todas estas cousas fossem manifestas; considerando o proveito, que do tal casamento podia alcançar, mandou-lhe seus Embaixadores, dizendo, que a clara fama de suas virtuosas, e esforçadas obras eraõ taõ geral a todos, que naõ só a elle, que tinha muita razaõ pera o desejar, mas a todolos Reys commovia a querer sua amizade, e aliança. Assi que por esta causa, como por descender do Real Tronco dos Reis de Ungria, elle desejava de o ajuntar por matrimonio com Briayna sua legitima filha, se lhe a elle aprouvesse. E que oulhasse quanto proveito d'aqui succedia: porque sendo ambos liados per tam sancto ajuntamento, elle tinha per fé, que Deos seria sempre em sua ajuda; assi no acrecentamento de sua honra, e Reynos, como na destruiçaõ de seus inimigos. E mais que esta aliança seria causa de se destruirem os odios, que os Reys de França com elles tiveram, e por se de todo gastarem algũas reliquias, se ainda no pouco que davaõ; lhe pedia, que folgasse de o aceitar por pay, e verdadeiro amigo, e que as outras cousas, que ganhava, considerasse bem nel-

las, e veria quanto alcançava em o fazer. Ouvindo Adriano esta embaixada, como já antes disso estava apercebido, sabendo ao que os Embaixadores vinhaõ, respondeo com huma gravidade digna de tal pessoa, que nunca cousa tanto desejara, como ser ajuntado per tam sancto ajuntamento, com os Francezes, e que naõ podera isto tam favoravelmente desejar, como lhe elle succedia; pois alcançava por verdadeiro pay a hũa tal pessoa, como era ElRey. E além deste contentamento, se acrecentava outro; que era haver por mulher a Pinceza Briayna, tanto em virtude, quanto em fermosura perfeita (segundo a fama claramente manifestava.) E por a menos destas cousas o ordenara fazer; ainda que cada hũa em si era muito, quanto mais tantas, e que o tanto contentavaõ. Dada esta resposta ao Marquez Fassiaõ, e ao Conde Calindo, que eraõ os Embaixadores, tornaraõ mui contentes, assi por ser a sua vontade, como por receberem delRey muitas mercês. E navegando com prospero tempo, aportaraõ em hũa Cidade de França chamada Colonia; onde os ElRey entaõ esperava: ao qual derão a repoita de

sua

sua embaixada com aquella ordem, e concerto, que diante das Reaes pessoas se se deve ter: do que ElRey ficou mui contente, assi pelo proveito, e honra, que do tal casamento alcançava, como por saber com quanto amor, e acatamento delRey Adriano sua embaixada fora recebida. E passados alguns dias em que se as cousas pera a tal partida ordenavão, embarcou a Princeza Briayna em vinte Náos mui grossas, e bem apercebidas d'armas, e tiros, por causa das grandes armadas, que o Turco no Archipelago trazia. E além do contentamento, que levava, lembrando-lhe ser mulher de hum Principe, que taõ nomeado pelo mundo era; foi mui acompanhada de Duques, Condes, Dónas, Donzellas, e outros aparatos, que a tal pessoa convinhaõ. Pois a gente d'armas, que estes Senhores como Capitaens haviaõ de mandar, se necessario fosse; certo a vitoria, que della se podia esperar era bem duvidosa, ainda que o Turco com todo seu poder fosse presente. E navegando sem algum impedimento, chegaraõ á Cidade de Segura, onde ElRei Adriano com a mais principal gente de seu Reino, que

pera

pera a tal festa eraõ chamados, com muito prazer recebeo a esta Princeza. E ainda que do mar vinha bem agastada, sahio taõ fermosa, que ElRei, e todos os seus, tiveraõ por nada a fama pera o que alli com sua presença julgavaõ. E nesta primeira vista, que ElRei Adriano se vio com ella, foi tanto o entendimento d'amor antrambos, quanto no discurso de sua vida continuadamente mostraraõ: porque foraõ sempre taõ contentes hum do outro, que se naõ podia amor mais verdadeiro em seu tempo achar. E entrando este poderoso Rei com grande prazer, e alegria pela Cidade, levando pela maõ a fermosa Briayna; começou todo o povo de dar muitas graças a Deos, por ajuntar duas taõ nobres pessoas, assi em condiçaõ, como em graça, e parecer. E com este contentamento, que todos tinhaõ, cada hum trabalhava naquellas festas pelo mostrar com muitas justas, torneios, e outas cousas de prazer, que nos taes tempos se usaõ, as quaes foraõ magnificas, e com tanto prazer celebradas, que senaõ podiaõ mais avantejar, e nellas manifestou ElRei liberalmente sua grandeza, dando, e fa-

zendo a todos mui aſſinadas mercês. E com eſta liberalidade, que ácerca dos humanos he couſa que mais atrahe a bem amar, ganhou tanto a vontade dos Francezes, e aſſi daquelles, que ſe nas feſtas acharaõ, que ſempre tiveraõ de ſua grandeza que dizer. E acabada a maior força deſtas feſtas, partiraõ-ſe os Embaixadores, e Eſtrangeiros, que a ellas vieraõ: e ainda que ElRei a todos fazia grandes partidos pera em ſeu Reino ficarem: antes na ſua patria quizeraõ o pouco, contentes, que na eſtranha o muito com ſaudade.

CAPITULO II.

Como, paſſados alguns annos, houve ElRei Adriano hum filho: e dos grandes, e miraculoſos ſinaes, que ſe fizeraõ em ſeu naſcimento.

PAſſados alguns annos, em que ElRei, e a Rainha viveraõ com grande deſejo de alcançar hum filho, que foſſe amparo, deſpois de ſeus dias, a ſeus naturaes, e vaſſallos, que já começavaõ a viver deſcontentes por lhe Deos negar

o que com tanta efficacia pediaõ; quiz-lhe Deos conceder esta mercê, dando-lhe hum Principe em tanto estremo dotado de perfeiçaõ, e fermosura, que naõ pode a natureza com todas suas forças mais nelle obrar. E certo, que naõ foi o seu nascimento sem maravilhosos sinaes de sua vinda, prognosticando a grandeza de suas obras: porque o dia antes que nascesse, foi ElRei Adriano á caça com muitos Falcoens de plumages diversas; antre os quaes levou hum Nebri, que ElRei Bronay lhe mandara, com outros cinco, que cada anno com doze cavallos era obrigado de tributo pagar. E a este estimava ElRei em tanto preço, que por causa da sua bondade tirou as pareas dos cavallos a Bronay. E andando com todolos caçadores por hũa, e outra parte, vieraõ ter a hũa grande Alagôa, donde antre muitas aves se levantou hũa Garça Real grande, e de fermosura maravilhosa. E com o alvoroço della mandou logo lançar todolos outros Falcoens, e depois que a tiveraõ remontada, soltou da maõ a Bronay, porque assi chamava ao Nebri por causa de quem lho mandara: E tanto que pôs os olhos

na Garça, sem fazer pontas a húa, nem a outra parte, subio direito a ella, e sendo já taõ alto, que os outros Falcoens o viraõ, deixaraõ a Garça, vindo-se todos a elle, assi como a inimigo mortal, e começaraõ húa batalha mui crua pera suas carnes, ferindo cada hum rijamente por onde podiaõ alcançar a Bronay, mas elle contra tanta multidaõ ás vezes se defendia, e outras offendia, ajudando-se das armas, que lhe a natureza dera. E andando assi todos baralhados, e ElRei mui agastado por quam pouco soccorro lhe podia dar, começou a Garça a pôr-se da sua banda, ferindo aos outros Falcoens gravemente, e elle com este favor; e ajuda cobrou tanto esforço, que em pequeno espaço, hum, e hum, os lançou todos espedaçados aos pés do cavallo, em que ElRei estava: do que ficou mui espantado, e muito mais quando vio, que a Garça era feita sua contraria, e com grande vontade, e mór crueza do que os outros Falcoens fizeraõ, se andavaõ ferindo. E tanto tempo se maltrataraõ, que já cansados, e de todalas forças desfallecidos cahiraõ ambos mortos afferrados dentro na grande Alagôa,

sem

ſem mais delles parecer, que hum fervor, que ſubitamente ſe levantou n'agoa, em tanta quantidade temeroſo, que os olhos, que tal caſo viraõ, naõ ſe deleitavaõ muito em no olhar, com que ficaraõ todos mui triſtes, naõ ſabendo a cauſa de tamanha novidade. E como a humana natureza couſas taõ prodigioſas mais atribue a mal, que a contentamento ſeu; começou ElRei de o ſentir em maior eſtremo. E com eſta paixaõ indo pera a Cidade praticando naquelle novo acontecimento, encontrou muita gente de cavallo a graõ preſſa, que trazia nova de outra maior deſaventura, dizendo: Senhor, acudi a voſſa Cidade Segura, porque Arnicalaz Capitaõ do Turco entrou dentro no Porto com doze Galés mui poderoſas, e deſtruio todalas Náos, e Navios, que nelle eſtavaõ, ſem alguem poder a iſſo reſiſtir: ſómente o Conde Drongel, que ſahio a elle com' eſſa gente, que mais preſtes achou: e a Rainhà eſtá recolheita na maior Fortaleza do Caſtello. ElRei com eſta nova de maior paixaõ, pôs rijamente as pernas ao cavallo, porque antes que mais dano ſe fizeſſe, com ſua preſença o remediaſſe:

mas

mas quando chegou, por muito que nisso fez, já todalas cousas estavaõ apacificadas; porque Drongel, como aquelle que nos taes actos tinha gastado parte de sua vida, tomou todalas Galés, e cativou Arnicalaz, sómente duas escaparaõ, mas nestas se achou tanta riqueza, com que se bem pagaraõ os dannos, que tinhaõ feito. E ao tempo que se estas cousas acabaraõ, e ElRei entrava pelas portas do Castello, em que a Rainha estava; começou de vir a noite taõ escura, e cheia de tempestade, que se naõ podiaõ os homens com a furia dos ventos ouvir: Pois os relampagos, e braveza do mar misturada com ameudados trovoens, era em tanta quantidade temeroso, que lhes fazia trazer á memoria os males, que tinhaõ feito, arrependendo-se delles. E andando assi todo o povo com temor do medo passado, e sinaes presentes, por suas casas com cirios bentos, e com outras devoçoens, que nos taes tempos se fazem, de que quebrou tanta multidaõ d'agoa misturada com grossa pedra, que já todos mais curavaõ das almas, que da salvaçaõ das vidas, crendo ser aquelle outro segundo diluvio. E com

a avondança das agoas, que toda a noite choveo, hum Rio, que passava pelo arrabalde, que fóra dos muros da Cidade estava, em que muitos Turcos, que pagavaõ tributo, em sua lei viviaõ, alagou a maior parte de todalas cousas. E alguns dos Turcos, que poderaõ escapar, subiraõ-se a hum monte, em que tinhaõ huma Mezquita, que antrelles era mais principal: e alli com seu çalah, e oraçaõ, começaraõ a pedir remedio. E estando nesta rogativa, desceo hum corisco taõ grande, e com tanto impeto, que destruio toda a Mezquita, e os seus devotos, que dentro estavaõ: e de si começou este fogo a atear-se pelas casas, de maneira, que se queimaraõ muita parte, ou quasi todas. E cessando estas cousas de tanto terremoto, começou a luz d'alva mui graciosa, e rosada a esclarecer as terras: e antes que de todo demostrasse o dia, amostrou Deos a ElRey, e a seus vassallos este bemaventurado Principe; que quanto desejavaõ, sem a Rainha nisso sentir muitas dores, ou trabalho: e além de sua fermosura ser mais divina, que humana; em gram maneira espantou a todos hum sinal de chaga, que sobre

bre o coraçaõ na parte direita trazia taõ vermelho, que parecia verter claro ſangue, e quanto lhe mais remedios punhaõ, tanto ſe mais aſſanhava. E vendo a Rainha, que mais era miſterio, e obra de Deos, que da natureza, naõ quiz que lhe puſeſſem alguma couſa, pois taõ pouco aproveitava. E naõ era ſem cauſa ſer iſto aſſi; pois o verdadeiro remedio ſe havia por elle de alcançar com tantos trabalhos, como a hiſtoria vos contará. E porque eſte Principe té aquelle tempo a todalas creaturas em fermoſura venceo, e ſeu naſcimento foi em dia taõ claro, e alegre pera os que com tanto temor, e trabalho os ſeus naturaes antes de ſua vinda tinhaõ paſſado; pos-lhe a Rainha por nome Clarimundo, que conveio mui bem com todalas ſuas manhas, e obras, que foraõ luz, e claridade do mundo, que entaõ ſe chama claro, quando os Principes, que o governaõ, deſtruem aquelles, que com ſeus maleficios o tem eſcuro.

CA-

CAPITULO III.

Como o Principe Clarimundo foi dado a criar á Condessa Urbina mulher do Conde Drongel; e do que lhe nesta criação aconteceo.

NEste tempo, que o Principe nasceo, criava a Condessa Urbina, mulher do Conde Drongel: hum filho, que seria de dous mezes; e porque era o primogenito, naõ no quiz dar a criar a ninguem, senaõ aos seus peitos. E El-Rey vendo a sua dispoſiçaõ pera em tal caso a encarregar, e lembrando-lhe os serviços taõ assinados, que de Conde na frontaria dos Turcos tinha recebido, onde por sua industria, e esforço tomara muitas Villas, Lugares, e algumas Cidades fizera tributarias, de que naõ pequena renda cadanno, mas mui grande, e honrosa alcançava; quizlhe pagar estes serviços, e assi os do dia passado, dando-lhe o Principe pera que sua mulher o criasse, e elle fosse seu ayo, depois que idade pera isso tivesse, crendo com quanto cuidado, e amor, destas duas

duas taõ nobres pessoas havia de ser criado: Com a qual mercê o Conde ficou mui satisfeito, por ella em si ser de tanto preço, que vencia o merecimento de seus serviços, e podera ser galardaõ de quantos lhe neste mundo tinha feito. Mas a sua ventura ordenou o contrario do que elle esperava, e foi bem desviada de seu pensamento a criaçaõ deste Principe: porque antre algumas Turcas, que a Condessa em sua casa trazia, eraõ tres filhas de Biscarnaõ Fronteiro mór do gram Turco, as quaes Drongel captivou, e estavaõ em sua casa tidas naquelle estado, e reputaçaõ, que a filhas de taõ grande Senhor convinha. E a mais velha, que Fainama se chamava, vinha prenhe de seu marido, com quem pouco havia que casara, e em casa da Condessa pario hum menino, que naõ durou mais de tres mezes, e o amor que lhe tinha, porque em alguma maneira se parecia com Filinem o filho da Condessa, converteo nelle: donde se causou, que o servío com tanto cuidado, e diligencia, que quando a Rainha entregou o Principe á Condessa, naõ quiz ella que outrem criasse seu filho, senaõ Fainama;

por

por este amor que nella via : e por ter mui maravilhoso leite, além de seu aviso, e fidalguia : e a este tempo seria já o menino Filinem de dous mezes, e ainda que os levava em idade ao Principe naõ no parecia, porque assi como o Deos engrandeceo nas outras perfeiçoens, assi ao tempo de seu nascimento lhe deu hum corpo, que parecia creatura de mais dias. E tornando a Fainama, que já estava tida por ama, e taõ contente, que em alguma maneira esquecia a morte de seu filho, e desterro de sua patria, aconteceo huma noite, que descuidando do menino Filinem encostou-se na cama sobrelle, e com o peso do corpo, quando acordou, vendo que o tinha affogado, com muitas lagrimas começou amaldizer sua ventura : e com esta paixaõ cuidava o remedio pera se salvar de tamanho perigo, como lhe estava aparelhado, se a Condessa visse morto aquelle filho, que tanto amava. E revolvendo muitas cousas na fantesia, achou, que este era o melhor remedio, que por em tanto podia ter, té buscar outro mais seguro : e com esta determinaçaõ, foi-se mui passo onde Urbina tinha o Principe,

e

e despiolhe os vestidos com que estava pensado, e pensou com elles a Filinem o mais apressadamente que pode, e assi pôlo á ilharga da cama, porque cuidasse a Condessa o que depois verdadeiramente creo. E acabada esta troca tomou o Principe nos braços, e foi o pensar na sua camera, e entaõ lançou-se a dormir, como aquella que naõ fizera cousa por onde perdesse o seu sono. Porém ella, com tudo, tinha taõ pouco descanso, quanto ós culpados com seus erros tem.

CAPITULO IV.

Como se Drongel, e a Condessa Urbina, partiraõ da Corte del-Rei de Ungria, e dos casos taõ desestrados, que lhe neste caminho aconteceraõ.

A Condessa, como aquella que todos seus cuidados estavaõ prontos em ministrar as cousas necessarias ao Principe, tanto que acordou, foi logo com as mãos a tentar se dormia, e naõ o achando perto da cama, com muita turvaçaõ tomou rijamente huma véla, que detraz

das

das cortinas tinha acesa: e vendo jazer o menino morto, como desacordada, e fóra de si, tomou-o nos braços, e foi-se onde Drongel mui repousado jazia, dizendo: Senhor, acordai, e ajudai-me a chorar o descanso de nossas vidas, que assi taõ de subito em minhas mãos pereceo. O Conde, ainda que era homem de muito esforço pera sofrer combates de qualquer desaventura, que lhe viesse, naõ pode tanto soster a paixaõ desta, que todo naõ ficasse cortado: e sem mais dizer, tomou o menino nos braços, parecendo-lhe que ainda naõ era tanto o mal, mas quando o achou taõ verdadeiro, com a turvaçaõ que d'aqui sentio, perdeo o juizo, e todo conhecimento da verdade, sem achar outro remedio mais prestes, que o das lagrimas, porque estas saõ a erança, que nos a natureza ao tempo de nosso nascimento dá: e isto he mui proprio em nós, e assi qualquer desaventurada nova tomar por verdadeira, e nunca por incerta. E com esta ceguidade, que se gera de nossa fraqueza causa-se ás vezes commetterem pessoas erros, com que se depois achaõ bem enganadas: assi como o Conde, e sua mulher, que

que naõ olhando as feiçoens, e pareceres de seu filho serem taõ pouco conformes com as do Principe, creraõ verdadeiramente que elle era, e que com a morte perdera o lustro de seu parecer como todolos humanos perdem. E estando ambos, que hum a outro naõ podiaõ responder, com a dor que n'alma tinhaõ atravessada, começou o Conde com algum tanto esforço dizendo: Senhor, aqui mais temos necessidade de conselho, que de muitas lagrimas, pois o remedio de nosso mal se naõ alcança por ellas: e porque antes de sermos sentidos busquemos a salvaçaõ de nossas vidas, pareceme, que será bem partirmonos d'aqui, porque eu certo naõ terei coraçaõ pera diante del-Rey parecer, pois em minhas mãos se perdeo o lume de seus olhos, e esperança de meu descanso. E vós, senhora, se me quizerdes acompanhar nesta desaventura, como sempre o fizestes nas cousas de minha honra, e contentamento, dai cá essa maõ, e vamos onde Deos tiver por bem, que nossas vidas hajaõ triste fim. Nunca Deos queira, respondeo a Condessa, que eu, Senhor, fique pera ver, e ouvir

quan-

quantos com tanta razaõ, e vontade haõ de chorar este Senhor, que lhe Deos deu, e por minha negligencia fiz perder, o qual lhe fora amparo de suas vidas, defensor de suas terras, e de seus serviços descansado galardaõ: e naõ creio, que a fortuna terá tanto poder, que aparte hum do outro em qualquer estado, quem ella puser, pois Deos me deu a vós pera descanso de minhas desaventuras: por tanto façamos o que mandaes, que onde vós chorardes a culpa, que eu tenho, ahi a quero comvosco lazerar. Eraõ tantas as lagrimas envoltas nestas palavras, que o despojo, que dellas alli ficou, podéra ao outro dia ser testemunha com quanta dor, e paixaõ aquella partida fizeraõ, sem lhe lembrar casa, nem fazenda, senaõ assi como aquella desaventura os tomou, partiraõ mui secretamente, por naõ serem sentidos. E tanto andáraõ naquelle espaço da noite, que ficava, té chegarem a Val dos Anjos, hum Mosteiro de Freiras, onde Christina sobrinha do Conde estava por Abbadessa: e tirando pela campainha, acudio a Porteira, que se levantára ás Matinas, e perguntou-lhe o que demandáva:

dava: Senhora, refpondeo o Conde queriamos fallar á Madre Abbadeffa, e por fer coufa de grande neceffidade, e importancia viemos a tal hora. Efperai-vós aqui hum pouco, refpondeo ella, que eu vo-la chamarei. Quando a Abbadeffa veio, e vio feu tio, e Urbina cheios de tantas lagrimas, e em tal eftado, e tempo, ficou mui efpantada, naõ fabendo a caufa de tal novidade. Sobrinha, diffe o Conde, naõ vos efpanteis de nos affi verdes, mas como a vida podemos fofter, pois noffa defaventura he de tal qualidade, e paixaõ, que lagrimas nem fentimento a pódem moftrar, mas ouvi-nos alguma parte della, e julgareis quanta razaõ temos de o affi fazer. Entaõ lhe contou todo o cafo, dizendo, que por iffo naõ podia al fazer, fenaõ apartar-fe em lugar onde nunca foffe vifto, nem conhecido por taõ defaventurado, e mofino: e que fe o affi naõ fizeffe, fua vida tinha o perigo mais certo, do que efperava remedio, pois ElRei podia prefumir, que elle, e a Condeffa foraõ caufa da morte de feu filho, ifto pera algum fim: e ainda que affi naõ foffe, pela vergonha de parecer em fua Corte, era

bem,

bem, que o fizessem, quanto mais por evitar os perigos, que á sua vida, e honra estavaõ aparelhados: e por tanto lhe rogava, que os encomendasse a Deos naquella Santa Casa, e mais lhe mandasse dar duas bestas pera caminhar. Ouvindo Christina estas taõ tristes novas, considerando os trabalhos, e desaventura, que a seu tio estavaõ aparelhados, começou de os consolar, dizendo, que se naõ fossem, porque ella os teria alli secretamente, té que Nosso Senhor remediasse seu trabalho, e ella confiava nelle; e em sua Gloriosa Madre, que os consolaria, pois a verdade de sua innocencia lhe era manifesta; e que naõ quizessem mostrar com seu desterro, que elles foraõ causa da morte de Clarimundo, que ElRey, e a Rainha, verdade era, que ao presente tempo teriaõ grande sanha contra elles, parecendo-lhes, que por seu descuido, e pouco resguardo acontecera aquelle desastre; porém conformando-se com a vontade de Deos, que lhe assi aprouvera, perdoaria a sua innocencia. Estas, e outras cousas lhe dizia Christina pelos commover ao que desejava: mas como já estavaõ endureci-

dos naquelle propoſito, nunca de ſeus conſelhos quizeraõ tomar algum. E vendo ella quam pouco lhes aproveitava, mandou-lhes dar dois trotoens, que no Moſteiro ſerviaõ, e algum dinheiro pera ſua deſpeza, pedindo-lhes, que donde quer que ſe achaſſem, lhe mandaſſem novas de ſi, pera ſerem providos das couſas neceſſarias, pois já queriaõ o ſeguir ſua vontade, e má determinaçaõ. E deſpedidos della com muitas lagrimas de todos, tanto andaraõ, que aos ſete dias de ſua partida, querendo paſſar hum Rio, amoſtrou-ſe ainda alli a fortuna mais aſpera contra alles; porque o palafrem da Condeſſa com o trabalho do caminho, que todos aquelles dias tinha feito, hia taõ canſado, que tropeçou em humas pedras, que á borda do caminho eſtavaõ, ſem ſe poder levantar. A Condeſſa, ainda que da quéda ficou atormentada, vendo-ſe a pé, e em tal tempo, ſentio mais eſta dor, que a da caida. E eſtando ella, e o Conde em trabalho de levantar o palafrem, chegou hum Cavalleiro armado de todas ſuas armas, que tambem queria paſſar o váo, quando os vio eſtar neſta preſſa, diſſe

con-

contra Drongel: Parece-me, homem honrado, vosso trabalho por demais, segundo esse palafrem está morto, mas eu vos tenho buscado, se vos bem parecer, outro melhor remedio, que he tornardes a cavalgar em vosso palafrem, e eu tomarei essa Dóna honrada nes ancas, porque o Rio he alto, e naõ o podereis passar; e como formos da outra parte, por soccorrer a vossa necessidade mandarvos-hei dar aquelle palafrem, em que esse meu escudeiro vai. O Conde, e sua mulher vendo quam virtuosamente queria obrar com elles, deraõ-lhe muitas graças por tal ajuda: mas isto era mais com zelo de maldade, que com desejo de bem fazer, porque elle tanto que vio a Condessa, que a este tempo era moça, e gentil mulher, pareceo-lhe tambem, que cuidou logo a maldade, que esperava fazer. E tomando-a nas ancas, vendo-se da outra parte do Rio, pôs rijamente as pernas ao cavallo, e como era ligeiro, em pequeno espaço se alongou do Conde, sem as lagrimas de Urbina pera isso lhe aproveitarem, porque Narfastim, que assi havia nome este Cavalleiro, mais curavâ de andar, que das paixoens, que

lhe ouvia dizer. Quando ſe o Conde vio per tamanha traiçaõ enganado, começou a maltratar o palafrem, que levava, parecendo-lhe, que o alcançaria: mas todo eſte trabalho foi em vaõ, porque o levava taõ canſado, e morto, que aos quatro paſſos o leixou a pé, e vendo-ſe atribulado, e de tanta deſaventura perſeguido, deſviou-ſe do caminho pera hum arvoredo, e tirou o freio ao palafrem por pacer da erva, com que alguma força cobraſſe. E eſtando aſſi na contemplaçaõ de ſuas couſas, começou a dizer com lagrimas de piedade: Oh piadoſo Senhor! quam ſecretas, e cheas de myſterio ſaõ todalas tuas couſas, ſem o juizo dos homens poder alcançar, ſem tua vontade, a menor parte dellas, nem menos deſviar-ſe do que de ſuas vidas tens ordenado. E a perdiçaõ de minhas couſas teſtifica eſta verdade, pois que era ha dois dias mui contente, e agora ſou o mais deſcontente dos deſcontentes; e que menos eſperança tem de ſeu remedio: perdendo o bem de minha vida; deſcanſo, e honra da minhas cãas. E por mais magoas ſentir, conſentiſte, que tamanha traiçaõ me foſſe feita, e perdeſſe

a companheira de quantos males esperava sofrer, porém pois assi te apraz, permitte, que acabe esta triste vida, porque acabem os males, que ha tanto mataõ sem matar. Com estas, e outras cousas envoltas com muitos suspiros d'alma passou o Conde toda aquella noite, e ao outro dia em amanhecendo, entrou no caminho, que leixara, naõ perdendo a esperança, companheira enganosa de todolos humanos, sem lhe nunca dar o bem descansado.

CAPITULO V.

Do que aconteceo a Narfastim, que á Condessa forçosamente levava.

NArfastim, que á Condessa forçosamente levava, tanto andou, que a horas de Sol posto encontrou huma Dóna acompanhada de quatro escudeiros, que pera huma sua Fortaleza caminhava. E chegando a ella, começou Urbina mais fortemente a chorar, dizendo, que lhe valessem, que aquelle Cavalleiro a levava contra sua vontade. A Dóna commovida a piedade com as lagrimas

de Urbina, disse a Narfastim: Certo, Cavalleiro, naõ me parece, que usaes do que prometestes, pois contra sua vontade quereis que vos acompanhem as Dónas, e donzellas, que vós taõ obrigado sois por outra via amparar. Narfastim, como hia acendido no amor de Urbina, deu mui pouco por suas palavras: e naõ leixando seu caminho, trabalhava por chegar a huma Fortaleza de seu Pay, que era outro na virtude tal como elle, que nas armas lhe tinha este grande vantaje. E despedido Narfastim desta Dóna, que Blinoiva se chamava, chegou Blivonte hum sobrinho seu, que vinha a gram pressa pela acompanhar: e quando soube della o que com Narfastim passara, começou a tomar hum galope apressado apos elle, e como trazia cavallo ligeiro, em pequeno espaço o alcançou, dizendo: A' Dom falso Cavalleiro, naõ te podes tanto esconder, que a tua maldade te naõ descubra por onde quer que fores, pois forçosamente levas essa Dóna, que tanto te desama. Narfastim, sem lhe mais responder, dando a Condessa ao seu escudeiro moveo contra elle sua lança baixa parecendo-lhe, que o seu esforço

ço lhe daria vingança, e com a força, que ambos levavaõ, deraõ-se taõ fortes encontros, que as lanças foraõ mui facilmente quebradas. E arrancando das espadas, começaraõ de se ferir como aquelles que na desenvoltura das armas em muitas partes se naõ achariaõ seus iguaes. E tanto continuaraõ sua batalha, té que Narfastim quebrou a espada no brocal do Escudo de Blivonte. E vendo-se com ella perdida, e que as forças de seu inimigo se renovavaõ, remeteo a elle por se travar a braços: mas Blivonte lhe deu hum golpe de tanta força, antes que a elle chegasse, que lhe fendeo o elmo, e a cabeça, com que vingou Urbina, e elle ficou descansado. E como alimpou a espada daquelle sangue de sua victoria, foi-se onde a Condessa estava: e depois de a salvar mui cortezmente disse: Senhora, pois vos Deos livrou, e cumprio o que desejaveis, vede o que determinaes fazer, porque naõ com menos vontade farei o que mandardes do que pus por obra o que vistes, e quem me a isto obriga, saõ estas armas, que pera ajuda, e amparo dos que tiverem necessidade dellas, folguei de aceitar.

ceitar. Senhor Cavalleiro, respondeo Urbina, pois sou chegada a tempo, que vos naõ posso pagar com mais, que o rogar a Deos por vós, me naõ quero a outra cousa offerecer: mas elle por cujo serviço taes cousas obraes, vos dará o galardaõ: E no fim destas palavras contou-lhe como ella, e seu marido eraõ de terra estrangeira, e vindo seu caminho, no passo de hum váo a tomara aquelle Cavalleiro por tamanho engano: e porquanto naõ sabia a que parte seu marido era lançado, lhe rogava, que a pusesse em casa de alguma virtuosa pessoa, té saber novas delle. E estando nestas cousas, chegou Blinoiva a elles, que ficou mui alegre, vendo que seu sobrinho com tanta honra acabara aquella aventura. Blivonte lhe contou entaõ quanto passara com Urbina; e pedio-lhe, que pois o amparo della lhe tocava, folgasse de a agasalhar. Naõ áhi cousa, disse Blinoiva, que estando em meu poder, eu por vosso amor naõ faça, quanto mais esta, com que tanto folgarei, por me parecer esta Dóna mulher virtuosa, e de merecimento, por isso descançai, que eu tomo esse cuidado. E entaõ se che-

gou

gou á Urbina, que nas ancas do palafrem do eſcudeiro de Blivonte eſtava, e fez-lhe muito agaſalhado confortando-a pela perda de ſeu marido, dizendo, que Deos lhe mandaria taes novas delle, com que de todo deſcanſaſſe. Deſta maneira ficou a Condeſſa em caſa daquella Dóna mui amada, e querida della: e naõ ſem cauſa, porque Urbina era taõ virtuoſa em ſuas couſas, que ainda, que mais della naõ ſoubeſſem iſto ſómente baſtava pera ſer mui eſtimada de todos. Porém nada diſto a deſcanſava com a lembrança do Principe Clarimundo, e de ſeu marido, eſtando deſterrado de ſua natureza: mas todas eſtas magoas ſe converteraõ em deſcanſado prazer. Porque eſte ſó bem tem o nojo, dar no fim algum deſcanço.

CAPITULO VI.

Do que Drongel paſſou com hum eſcudeiro, e do mais, que depois fez.

PArtido o Conde Drongel da floreſta, onde ouviſtes, que com tantas lagrimas chorara a perdiçaõ de ſuas couſas; tanto andou a huma, e a outra parte por

toda

toda aquella terra de Tiburnia, onde lhe isto aconteceo, que vendo-se quebrantado n'alma com paixaõ, e no corpo com muito trabalho, determinou de leixar suas cousas nas mãos de Deos, crendo serem aquellas mais ordenadas da sua vontade em puniçaõ de seus peccados, que obras da varia fortuna. E caminhando pera Escardona, huma Cidade porto de mar, com proposito de se meter em alguma Náo, que o lançasse em terra, onde naõ visse cousa, que lhe desse lembrança da sua; chegou a elle hum escudeiro, que vinha gravemente chorando, e disselhe: Peço-vos Senhor, assi Deos proveja sempre com prosperidade vossas cousas, que me queiraes ajudar com vossa pessoa, porque me mataraõ meu Senhor, e naõ tenho ajuda com que o leve a hum Mosteiro, que d'aqui está perto. Drongel, ainda que mais andava pera delle haverem dó, que elle te-lo de alguem: com tudo commoveo-se a fazer o que lhe pedia, tanto por obrar virtudé, como por conhecer na falla, que era Ungaro. E certo, ambos tinhaõ assaz razaõ pera se conhecer, mas Drongel com as muitas lagrimas, e má vida,

que

que nos dias passados, com tanta paixaõ sofrera, andava taõ rouco, e desfeito de seu bom parecer, que nunca foi do escudeiro conhecido, nem elle menos o conheceo, por naõ ter antes delle muita noticia, e disse-lhe, que de mui boa vontade o ajudaria, se nelle ajuda pera algum bem havia. E indo assi ambos, perguntou-lhe o Conde a causa, porque o mataraõ, e se era natural de Ungria, assi como elle, segundo em sua linguagem mostrava. Senhor, respondeo elle, Arminer, que assi havia nome este por quem perguntaes, era natural de Buda, a principal Cidade de Ungria, e porisso lhe chamavaõ Arminer de Buda: e haverá bem quarenta dias, que he della partido por hum desastre, que aconteceo ao conde Drongel seu Tio, Irmão do Marquez Orlete seu Pay, e passando por hum Mosteiro, que fóra da Cidade está, onde Arminer tinha huma tia por Abbadessa, soube della, que o Conde, e sua mulher chegaraõ alli alta noite casi em lagrimas desfeitos, e pedindo-lhe duas bestas, que os levassem, se despediraõ della sem saber a determinaçaõ de suas vontades pera que parte hiaõ: assi,

Se-

Senhor, que por este recado, e pelos finaes, que lhe ella deu, soube que eraõ nesta terra passados. E vindo agora por huma floresta, que cá diante está, achou tres Cavalleiros, que lhe pediraõ huma peça de suas armas em final de vencimento; ou dissesse a causa, porque taõ apressado hiá, mas elle com a paixaõ, que levava, naõ curando desta demanda, seguio seu caminho. Elles vendo, que dava mui pouco por suas palavras, vieraõno alli tomar onde hora jaz, e feriraõno taõ cruamente, que o leixaraõ quasi morto; tégora, que em meus braços de todo pereceo. Todas estas cousas eraõ pera Drongel espedaçarem-lhe a alma, e o mais que podia, por se encobrir, encobrias: mas como a dor vencia a dissimulaçaõ, ajudava ao escudeiro com muitas lagrimas, dando-lhe a entender, que de compaixaõ de sua orfandade o fazia, e com soluços de muita dor, começou a dizer: Rogovos, bom escudeiro, que me digaes, porque causa se partio o Conde Drongel de Ungria, que certo eu tenho disso muito pesar, por ser pessoa, que conhecia em tempo mais contente do que agora estou, quan-

do

do nessa vossa terra andey. Senhor (disse o escudeiro, que Narbote se chamava) a razaõ, porque se o Conde partio da Corte, eu vola darei mui mal, porque o dia da sua partida foi a nossa taõ de subito, que naõ tive tempo pera o saber: porém diziaõ, que era por acharem morto em sua casa o Principe Clarimundo, que sua mulher criava, pelo que se faziaõ grandes prantos em toda a Corte, de maneira, que eu folgo ser fóra della por naõ ver, nem ouvir magoas de tanta dor, se me esta desaventura naõ acontecera. Quando Drongel ouvio nomear o Principe, e as cousas que por sua morte faziaõ, naõ póde tanto soster o sentimento desta paixaõ, que naõ cahisse do palafrem amortecido. Narbote, vendo aquelle subito desastre, saltou em terra, e começou a bullir com elle pelo levantar, mas tudo era em vaõ, porque Drongel estava taõ trespassado, que bem se podera julgar por morto. Quando se Narbote assi vio com elle, começou a dizer: Oh desaventurado de mi! ainda me isto fallecia pera minha mofina, estar em condiçaõ de se dizer, que matei este homem com desejo de lhe roubar o

seu.

ſeu. Oh piadoſo Senhor ! tu que a todos com remedio provês, a mi, tua creatura, naõ deſampares, dando-me algum, como me diſto ſalve, pois outras teſtemunhas naõ tenho, ſenaõ minha innocencencia, e tua ſabedoria. Iſto dizia eſte coitado com muito temor, porque vinha pelo caminho hum Cavalleiro acompanhado de dous eſcudeiros, e quando o vio eſtar naquelle pranto, perguntou-lhe como morrera aquelle hemem, que diante de ſi tinha. Senhor, naõ ſei, reſpondeo elle, porque vindo ambos praticando na morte de hum Cavalleiro, que eu ſervia; que lá diante jaz morto, ſubitamente cahio deſte palafrem, a meu parecer, ſegundo o ainda ſinto quente, deve ſer alguma dor. Chegaio vos-outros, diſſe o Cavalleiro, áquella Fonte, e lançai-lhe d'agoa pelo roſtro; por ventura deſpertará. Quando o Conde ſentio agoa, abrio os olhos, e vendo hum Cavalleiro armado diante, com o deſacordo cuidou, que era o que lhe a Condeſſa levara, e remeteo a elle, mas tornando logo em ſi, conheceo o que por elle paſſára, e diſſe: Senhor perdoaime, porque muitas vezes me toma eſta dor, e ſempre quan-

quando acordo livre della, he com algum desatino. Despedido o Cavalleiro delle, depois que algum sentido, e força teve, tornou com Narbote a seu caminho: E chegando ao lugar onde Arminer morto estava, alli podéra qualquer pessoa conhecer quanta razaõ, e parentesco antrelle havia, porque vendo o Conde diante de si aquelle sobrinho, que tanto amava, por sua causa posto em tal estado, naõ podia soster a avondança de suas lagrimas, que tantos dias havia, que o naõ leixavaõ, sempre renovando novas dores. E com esta paixaõ, despois que o enterraraõ no Mosteiro, que Narbote dizia, querendo-se delle despedir, preguntou-lhe o Conde, que determinava fazer de si, pois perdera seu senhor. Tornarme á minha terra, respondeo elle, e praza á Deos, que antes de chegar a ella me aconteça cousa por onde acompanhe na morte a este, que sempre na vida servi. E porque meu caminho he desviado do vosso, vede o que de mim mandaes, e praza a Nosso Senhor, que sempre vos dê a necessaria ajuda em vossas cousas, como a déstes ás minhas. E despedido o Conde

de delle, tornou a renovar ſuas lagrimas, dizendo mil magoas, e aqueixando-ſe da morte, porque o leixava tal vida lograr. E com eſtas couſas, que eraõ o manjar em que ſe mantinha, chegou á Cidade de Eſcardona, onde embarcou em huma Náo, que pera a Ilha de Candia com mercadorias partia: e aos dous dias com muita tormenta aportaraõ em huma Ilha, onde eſtiveraõ eſperando a proſperidade do tempo: como o Conde naõ deſejava outra couſa; ſahio fóra da Náo, e foiſe andar pela terra, e pareceo-lhe mui conveniente pera ſua vida: porque era toda povoada de muitas alimarias, ainda que nos grandes edificios: e pinturas de obra Moſaica, moſtrava já em outro tempo ſer mui populoſa: e tambem em alguns letreiros, que em Grego achava; diziaõ como nella reinara Liberio, e que fora já mui rica, e abaſtada. E antre eſtes edificios achou huma pequena Ermida com algumas Imagens de Santos, as quaes, ainda que eraõ de pedra, tinha-as já taõ gaſtadas a antiguidade, que as feiçoens, e cores ſenaõ determinavaõ bem: mas com tudo, folgou com aquella caſa de oraçaõ pera ſeu

reco-

recolhimento, e os dias que vivesse, fazer alli penitencia de seus peccados. E ainda que de muitas alimarias todos aquelles edificios eraõ povoados, quiz Deos guardar sempre este virtuoso Drongel: porque pessoa, que lhe tanto serviço tinha feito contra os inimigos de sua Santa Fé naõ era razaõ que assi perecesse: e posto que tantos trabalhos sofreo, sendo innocente da causa porque os sentia; permitio, que passasse pela ordem de todalas outras cousas: que he naõ estarem sempre em hum ser, sem sentir os desvios taõ contrarios, que este mundo a todos dá. E certo, que este he hum sinal por onde se mostra quam vãas saõ todalas suas cousas, mas como a falsidade dellas vem cuberta com a deleitaçaõ, que no principio comsigo trazem, naõ sabemos conhecer o mal, que nos ordenaõ, senaõ depois que o temos sentido. Pois este virtuoso Drongel conhecendo alguma parte desta cilada, que o mundo nesta presente vida nos tem secreta, segundo suas cousas lho mostravaõ; desviou de si todalas lembranças, que alguma paixaõ lhe podiaõ dar: Porque o sentido ocupado nas cousas do mundo mal

se póde lembrar das que ao serviço de Deos tocaõ.

CAPITULO VII.

Como a noite, que se o Conde partio, sonhava a Rainha Briaina hum sonho, e dos grandes prantos que se fizeraõ, depois que se soube a morte do Principe Clarimundo.

CONTA a historia, que a noite, que se o Conde, e a Condessa por tamanho desastre de sua casa partiraõ, jazendo a Rainha Briaina em seu leito, no maior repouso de seu descansado sono; sonhava, que vinha a ella huma loba com hum filho atravessado na boca, e com muitos afagos assi como se a conhecera soltava-lho no regaço: e de si tomava o Principe, que ella nos braços tinha, e partia com elle na boca, sem ter ninguem, que lho podesse tomar. E estando mui triste. e descontente com esta perda, vinha hum homem de dois corpos mui grande, e temeroso, e lançava-lho nos braços banhado em sangue das muitas chagas, com que vinha taõ de-

mu-

mudado, que o naõ podia conhecer, té que huma daquellas chagas lhe dizia, que conhecesse seu filho, que aquelle era o seu amado Clarimundo, e que désse graças a Deos, que lho mandava pera seu descanço: e tambem que o guardasse milhor, do que o fizera em sua meninice, porque ainda huma Onça lho havia de roubar, da qual elle maior danno receberia: por isso, que tivesse mui bom aviso em o desviar dos lugares onde ella andasse, e que se o assi naõ fizesse, sua vida seria duvidosa. Quando a Rainha pela manhãa acordou, espantada com a novidade deste sonho, mandou logo saber novas de Clarimundo, e dando-lhe recado de como estava morto, ficou taõ trespassada, desfallecendo-lhe todolos espiritos, que naõ se poude mais mover do estrado em que estava: tanto lhe cortou esta dor a alma. E correndo logo esta desaventurada nova mui prestes por todo o Paço foi-se a ElRei. O qual com muita pressa, quando chegou a Rainha, vendo-a por todalas partes fria, e que com nenhumas agoas, nem remedios a espertavaõ: começou de a chamar por muitas vezes, fallando-lhe palavras amorosas

 com

com aquella vontade, e paixaõ de pessoa, que lhe tanto queria. Quando ella ouvio a sua voz, conhecendo ser elle; ainda que assi estava abrio algum tanto os olhos, suspirando mui gravemente como se a alma se lhe arrancasse. Certo, Senhora, disse ElRei, naõ me pareçeo, que taõ pouco sufrimento houvesse em vós, pois fazeis cousas fóra do limite de toda a razaõ: naõ pondo diante de vós, que, graças a Nosso Senhor, ainda temos idade pera nos elle dar outro, e outros de que se nesta vida sirva, pois lhe aprouve levar este pera a outra, que he mais segura. E pois disso he servido, pera que mostraes pesar com as obras, que sua vontade ordena, sofrei Senhora esta dor com paciencia, porque em outra maneira anojarmeheis em grande estremo, e cuidarei, que me naõ tendes verdadeiro amor se o contrario fizerdes: nem creais, que sentira pouco a perda, que perdemos, pois tanta parte nella tinha como vós: mas lembrando-me estas cousas, me esquece o grave sentimento, que por tal desastre podera ter: Com estas, e outras palavras abrandou algum tanto a Rainha,

e passada a maior parte do impeto deste pranto, que todos faziaõ, mandou ElRey chamar essas mulheres, que a Condessa em sua casa tinha, e perguntou-lhe se sentiraõ aquillo como fora, e que se fizera do Conde, e de sua mulher. Senhor, disseraõ ellas, estando nós outras dormindo, á meia noite ouvimos a Condessa mui gravemente chorar, chamando-se mal aventurada, pois viera a tal estado, que visse morto diante de si o lume de seus olhos, e esperança de seu bem. E querendo huma de nós saber o que era, naõ ousamos, por ouvir dizer ao Conde: Senhora callaivos, naõ sejamos sentidos, que será maior danno vosso: e depois destas palavras, nunca os mais sentimos. Certamente, disse entaõ ElRei ao Marquez Orlete, e a outros Senhores, que em seu sentimento o acompanhavaõ: Muito mais sinto isto por naõ saber como foi, do que o sentira, sendo da verdade certificado, porque eu creio ser mais por meus peccados, que por pouco cuidado, e aviso da Condessa, segundo a diligencia, e resguardo com que criava o Principe, e somente esta magoa he a que me dá maior dor,

Que

Que perder hum filho, quando se Deos disso serve, por grande mercê o devem os homens estimar, mas naõ saber como; isto se sente com maior paixaõ. E depois que com estas, e com outras cousas esteve gastando parte daquelle triste dia, retrahido em huma camera; foise o Marquez pera sua casa, e mandou trazer a Fainama, e suas irmãas: a qual vinha taõ dissimulada, como se nada tivera feito, a quem o Marquez fez muita honra, tanto por criar seu sobrinho, como por ser filha de quem era. E estando ella assi com o Principe nos braços, mais pensativa no que havia de fazer, que triste pelo que tinha feito; como todalas cousas andavaõ em revolta, chamou a Maquinar hum primo seu, que estava em casa do Marquez, e disse-lhe: Primo, vós bem vedes como este pranto traz tudo baralhado: e dizervos, que procureis por liberdade, pareceme escusado, pois tendes sabido, que he cousa, que as pessoas neste mundo mais estimaõ. E porque naõ sei quando outro tal tempo teremos, peçovos que esta noite trabalheis por haver á mão alguma Fusta, e nos passemos ao primeiro lugar de meu

pai.

pai. E se vos parecer que naõ tereis pera isso remedio, vedes aqui estas joyas, que foraõ 'as primeiras peças, que me deu meu esposo: que tudo bem valerá mil pesos d'ouro, e dai-as a algum marinheiro, que nos ponha em porto seguro, e seja logo esta noite: porque sempre nestas cousas a dilaçaõ he dannosa, e a diligencia traz proveito. Muito folgo, respondeo Maquinar, de vos ver taõ conforme ao que eu andava fantesiando: e porque vendo-me fallar com vosco daremos alguma suspeita, naõ he mais necessario, senaõ estardes de maneira prestes, que quando eu vier, e tempo for, partamos sem outro impedimento. Com este concerto se partio Maquinar della, levando as joyas: e tanto que foi noite, tornou mui contente, dizendo, que partissem logo, porque já tinha tudo apparelhado. E como todos andavaõ mais cheios de paixaõ, que de suspeita contra ellas, tiveraõ maneira pera sahirem da Cidade mui seguramente, levando sempre Fainama o Principe nos braços, porque lhe tinha tanto amor, que esperava de o criar, assi como o fizera a seu filho, se vivo fora. E tanto andaraõ des-

de o principio da noite. que chegaraõ á Floresta Combatida, e chamava-se assi, porque na fralda della bate o mar; e tambem quando ElRei naõ estava naquella parte, faziaõ os Turcos d'alli algumas presas: por esta causa lhe puseraõ tal nome. E chegando todos a huma Fonte, que no meio della estava, disse Maquinar: Senhora, porque naõ sei se saõ já vindos dous marinheiros, a quem dei as vossas joyas, que nesta parte me haviaõ d'esperar; naõ vos partaes d'aqui, té que eu venha. E despedido dellas, mais ao que tinha determinado, que a fazer o que dizia; aconteceo, que estando todas tres assentadas esperando pelo leal de seu primo, passava pelo caminho huma Dóna acompanhada de huma sobrinha sua, e tres escudeiros, os quaes ouvindo o tom da agua, que de huma penha mui alta na Fonte cahia, com a necessidade de sede, atiraraõ a ella, que á borda do caminho estava. Fainama, e suas irmãas, tanto que ouviraõ o estrupido dos cavallos, crendo que era alguem, que em sua busca vinha, meteraõ-se pela maior espessura do bosque: e com esta turvaçaõ, esqueceo-lhe o Prin-

cipe

cipe á borda da Fonte. Hum daquelles escudeiros, que a Dóna comsigo trazia, descendo-se a dar de beber a sua Senhora, topou no menino, em maneira que o fez chorar, e quando o sentio debaixo dos pés disse: Santa MARIA, que cousa he esta! porém, com todo o espanto, tomando o menino nos braços, vio ao luar, que mui claro era, huma creatura taõ fermosa, que ficou mais espantado. Grinoesa, que assi havia nome sua Senhora, ouvindo as cousas, que dizia, perguntou o que era. Senhora, respondeo elle, vós julgai se isto he cousa divina, ou humana, que eu mal saberei determinar a verdade. Quando Grionesa o vio em seus braços, contemplando a sua fermosura, quanto ao luar se podia ver, disse: O' piadoso Senhor! que nunca desemparaste a quem alguma hora a ti se encomendou: e pois me deste por tal acontecimento, o que quatorze annos ha, que tenho desejado, e com tantas lagrimas pedido, e agora, que mais desviada disso estava, tendo meu marido morto, houve este filho da tua maõ enviado pera consolaçaõ de minha alma, e ser herdeiro dessa pobreza, que

a

a fortuna me leixou; bemaventurada te deves, terra; chamar, pois em ti tanto bem recebeste: e vós, meus olhos, já vos naõ podeis agravar; pois tendes diante o que vos taõ caro custou. Estas, e outras cousas dizia Grionesa com tanto prazer, antremetido com lagrimas d'alegria, que os seus estavaõ espantados de ver nella tal novidade; porque segundo os nojos, em que sempre vivia, naõ cuidavaõ, que podéra vir cousa, que taõ léda a fizera. Milina sua sobrinha se chegou entaõ a ella, e tomou-lhe o menino dos braços, dizendo: Senhora, pois Deos pera isto ordenou, que em vossa companhia viesse, d'aqui me offereço por ama desta sua creatura; e entaõ começou a dar de mamar ao menino: e como do caminho estava sequioso, e cansado, tanto que sentio os peitos de Milina, tomou-os de mui boa vontade, e com esta mansidaõ, e facilidade, acrescentou mais amor ao que lhe de subito tiveraõ. Por tanto, muito aproveita huma meiguice, e mansidaõ; pois por ella se alcança aquillo, que a soberba, e aspereza perde.

CA-

CAPITULO VIII.

De quem esta Dóna Grionesa era, e da causa, porque por esta parte vinha.

POrque a historia ha de fazer grande mençaõ desta Dóna Grionesa; vos queremos dar conta de suas cousas. No tempo que ElRei Claudio casou com sua mulher Lucena, havia hum Duque em Italia chamado Manel, e morta a Duquesa sua mulher, de que lhe ficou hum filho, que se chamava Minarte Danforja; casou outra vez, da qual mulher houve outro filho, que havia nome Filenor. E como esta paixaõ de irmaõ maior, principalmente ácerca dos morgados, naõ se póde perder, e nisto tambem se antremetia a differença das mãis, e o desejo de herdar o Ducado; começou Filenor a ter má vontade a Minarte, desdanhando todalas suas cousas: e pera ganhar a vontade a seu pai, favorecido da mãi, que tambem o ajudava, fazia-lhe mil enganos, e lisonjarias, nem o pensamento em al trazia occupado. E naõ con-

contente com iſto, pelo mais confirmar no amor, e em odio contra ſeu irmaõ, dizia-lhe, como Minarte andava dizendo mil males delle, deſejando-lhe a morte, por naõ ver couſas taõ erradas como em ſeu Senhorio fazia: e que bem moſtrava naquillo ſer mais pera a terra, que pera governar Senhorio: mas que elle prometia, tanto que morreſſe, desfazer o que naquella idade tinha feito, pois naõ era de homem de bom juizo. Eſtas couſas, e outras de tal qualidade, dizia Filenor a ſeu pai, no qual, ainda que a virtude muita parte tinha, inclinado os ouvidos hum dia, e outro, ás palavras de ſua mulher, e de ſeu filho; criou tanto odio em ſi contra o outro, que o veio a moſtrar por obra, fazendo-lhe mil disfavores, e dando toda a honra (que a elle, por ſer herdeiro, era devida) a ſeu irmaõ Filenor: e outros muitos deſprezos, com que o eſcandalizava. Minarte, vendo-ſe taõ mal tratado, e ſua mãi, que lhe tamanho bem queria, morta; foi-ſe a caſa de hum ſeu tio, irmaõ della, em quanto naõ tinha idade pera tomar armas: mas deſpois que foi armado Cavalleiro, começou de as ſeguir, e

an-

andando por muitas partes, deraõ-lhe novas como ſeu pai era fallecido, e vindo pera herdar o Ducado de Ferrara, que por direito lhe pertencia; foi aconſelhado per hum ſeu amo, que deixaſſe por entaõ aquella empreſa, porque ſeu pai, ao tempo que falleceo, ajuntara todolos principaes de ſuas terras, e fez-lhe jurar, que nunca obedeceſſem a elle, que era mui máo, e ſempre lhe fora deſobediente: mas que tiveſſem a Filenor por verdadeiro Senhor, e que elle era tal peſſoa, que de contino lhes faria muitas mercês. Quando Minarte ouvio eſtas couſas, diſſe: Certo, amo, eu ſempre conheci em meu pai (que melhor gloria haja, do que me leixou de patrimonio) má vontade: e nas obras que pode, mo deu tantas vezes a moſtrar, té que com ellas me lançou fora de ſua caſa; a razaõ, porque o fez naõ ſei: Porém ainda que me leixaſſe deſerdado, e pobre, eu eſpero em Deos d'alcançar, com eſtas que trago ás coſtas, tal herança, por onde ſeja taõ honrado, como o fora com o que me elle podéra leixar. Partido eſte virtuoſo Minarte da viſta de ſeu amo, que lhe muito queria, levou hum colaço

co ſeu, que ſe chamava Narbin; o qual lhe foi ſempre em todas ſuas neceſſidades, e pobrezas mui fiel amigo, e ſervidor, porque como o via em alguma mingoa de dinheiro, eſcrevia logo a Madelfo ſeu pai, ſem Minarte diſſo ſer ſabedor: de maneira, que com eſtas, e outras couſas, foi ſempre ajudado, té que ſua ventura o trouxe ao Marquezado de Modona, que confinava com o ſeu Ducado: e ſabendo-o Marquez quem elle era, e o direito, que tinha naquelle Senhorio, álém do que por ſuas manhas, e bondade merecia; deu-lhe a eſta Grioneſa por mulher, que era ſua filha, herdeira do ſeu, naquelle tempo donzella muito gentil mulher. E havendo já alguns annos, que Minarte eſtava com ella feito Marquez, mui amado, e temido de todolos ſeus vaſſallos; como as obras, e maldade, que cada hum faz, o naõ deixaõ deſcanſar, aſſi, Filenor, vendo ſeu irmaõ mui poderoſo, lembrando-lhe o que tinha feito contra elle, com receio de perder o que naõ era ſeu, quiz, antes que mais foſſe, atalhar por eſta maldade ao que ſe podia ſeguir. Sabendo que Minarte hia a montear a huma

terrã

terra sua, que disso era mui avondosa; saltou com elle, e com ajuda de vinte Cavalleiros, que pera esta maldade tinha escolhido, matou seu irmaõ, dizendo, que o fizera por saber, que andava elle pera lhe fazer outro tanto: e naõ contente com sua morte, começou d'entrar pela terra, apoderando-se della. Esta Dóna Grionesa, vendo-se viuva, e sem remedio de cobrar o seu, recolheo de sua fazenda o que pode, e foi-se a huma Ilha sua chamada Avondosa, e alli estava continuadamente, té ao tempo que achou o Principe, que vinha de hum Mosteiro de Monjas, que junto da Cidade de Ulina estava, onde tinha hũa tia sua por Abbadessa, a qual ouvindo-lhe contar suas desaventuras, e como estava só, e desemparada, sem pessoa com que se consolasse, deu-lhe esta sobrinha, que se chamava Milina, pera que a acompanhasse, por ser mui honrada Dóna, e tambem estava viuva de pouco, e do marido lhe ficaraõ dous filhos gemeos: a hum, que era macho, puseraõ nome Carfel, e a femea se chamava Filena: e ainda que Milina chamava a Grionesa tia, naõ no era, por ser o parentesco, que

com

com a Abbadessa tinha, da parte de seu pai, que naõ era nada a Grinoesa; e quervos o historiador dar por extenso conta dellas, por ser mui necessario ao proseguimento da historia. As quaes tornando a seu caminho, tanto que chegaraõ ao porto de Pola, passaraõ logo em huma Fusta á Ilha Avondosa, onde com muita alegria foi Grionesa dos seus recebida, assi como os vassallos fazem quando dos Senhores saõ bem tratados.

CAPITULO IX.

Da traiçaõ, que Maquinar ordenou a suas primas, e como por elle se soube onde ellas estavaõ, e do mais, que se nisto fez.

MAquinar ainda que levou suas primas ao lugar onde ouvistes, dizendo, que tinha já tudo prestes, todas estas cousas eraõ falsas, porque elle nem achára Fusta, nem menos tinha dado as peças, que de Fainama recebera, antes cuidou esta maldade: que descobrindo ao Marquez Orlete, como suas primas queriaõ fugir, por esta via tinha sua li-

ber-

berdade mais segura, e que já desta feita lhe ficariaõ as joyas, que naõ eraõ de pequeno valor. E com esta determinaçaõ tornou-se á Cidade, e batendo á porta da camera onde o Marquez jazia, mandou que entrasse, parecendo-lhe, que trazia alguma nova do Conde Drongel seu irmaõ, e como foi dentro, perguntou-lhe a causa de sua vinda a taes horas. Senhor, respondeo Maquinar, naõ posso eu vir em tal tempo, senaõ com cousa de grande importancia, e de muito teu serviço, por tanto has-me de prometer; como quem hes, de me dares alforria, que he cousa que eu mais desejo, e ati pouco custa: e tem por certo, que além disto ser de muito teu proveito, he de grande deshonra, se nisso naõ proveres: e naõ me concedendo esta mercê, que te peço, debalde trabalharás, se de mim por outra via o quiseres saber, porque assi como tive estamago pera te isto pedir taõ soltamente, assi o terei pera sofrer quantos tormentos me por isso quizeres dar: e a fóra o proveito, que d'aqui alcançarás, eu te prometo de te ser sempre verdadeiro servidor, e amigo, onde quer que mea-

char. E a isto naõ me obriga outra cousa, senaõ conhecer de ti quem es, e quanta mercê me sempre fizeste, naõ usando o que os Senhores com os servos da minha qualidade usaõ, mas tratando-me como Cavalleiro, que eu sou, filho de quem tu sabes, ainda que minha lei he taõ contraria á tua. Maquinar, disse o Marquez, eu te prometo essa liberdade, que com tanta efficacia pedes, isto tanto pelo que mereces, e me tens servido, como pelo proveito, que dizes, que d'ahi posso ter: porisso seguramente dize ao que vens, que minha palavra te faz disso certo. Pois me tu dás essa, respondeo Maquinar, em penhor de tua verdade, has de saber, que esta noite estando eu no pateo destas casas me chamou Fainama, e disse, que pelo parentesco, que tinhamos, se descobria a mim, e me rogava, que a quizesse pôr em salvo com suas irmãas: e com estas palavras, juntamente se sahiraõ comigo, sem eu ter remedio de te dar esta nova: e quando me vi com ellas assi embaraçado, levei-as á Fonte da Floresta Combatida, e ahi as leixo, dizendo, que vinha aparelhar huma Fusta pera nós partir-

tirmios: e porque ſaibas ſer verdade o que digo, manda por ellas, que ahi as acharaõ com teu ſobrinho nos braços. Quando o Marquez acabou de ouvir todas eſtas couſas, lembrando-lhe quanto mal ſe ſeguia levando Fainama ſeu ſobrinho, ficou muito mais morto, do que com as outras paixoens eſtava: e diſſe logo a Maquinar, que era mui contente de fazer tudo que lhe prometera: e como achaſſe ſuas primas, elle lhe daria hum aſſinado, com que livremente podeſſe fazer de ſi o que lhe mais contentaſſe, e que entre tanto foſſe ao lugar onde as leixara, com alguma gente, que lhe pera iſſo daria, e lhas trouxeſſe. Partido o leal de Maquinar com muitos criados do Marquez em buſca dellas, chegaraõ á Fonte em rompendo o Sol, e olhando a huma, e a outra parte, viraõ hum Leaõ mui grande, e temeroſo, que eſtava bebendo nella, e tinha toda a agua enſanguentada, iſto porque aquella manhãa ſe cevara em hum Lobo. Os criados do Marquez, vendo-o taõ encarniçado, começaraõ a remeter contra elle, crendo que Fainama, ou alguma de ſuas irmãas era morta; mas o pri-

 mei-

meiro, que se atreveo, felo o Leaõ em tantas partes, que nunca outro ousou de se nisso antremeter: e tanto que isto fez, recolheo-se pela maior espessura do bosque. Os do Marquez começaraõ logo de buscar Fainama pelos mais asperos lugares de toda a Floresta, té que tendo já nisto gastado a maior parte do dia, acharaõ a ella, e a suas irmãas metidas antre humas altas penhas, e sem lhes mais perguntar cousa alguma, tomando-as nas ancas, trouxeraõ-nas ao Marquez, sem nunca Maquinar neste tempo parecer diante dellas. Fainama, quando se vio ante o Marquez, crendo verdadeiramente, que já todas suas cousas eraõ descubertas, sem lhe fazerem alguma pergunta, disse: Bem sei, Senhor, que minhas desculpas naõ me pódem tirar a culpa, que tenho; porém se alguma piedade, e virtude no mundo ha, peço-vos pelas cousas, que mais quereis, que pera pena do que mereço, se ajunte toda em compaixaõ de minha desaventura, pois o que fiz foi mais caso de desdita, que de propria maldade; e por quanto as testimunhas de minha innocencia se naõ pódem tomar, leixo tudo nas mãos

de

de Deos, e vossas, em cujo poder a salvaçaõ de minha vida está: porém por saberdes a verdade de como passou, ouvime hum pouco atento. Entaõ começou a contar tudo o que atraz ouvistes; e que com medo da Condessa fizera aquella troca, mais que por outra alguma maldade, e com a turvaçaõ lhe esquecera o Principe á borda da Fonte: por tanto, que fossem a ella, que ahi o achariaõ. Quando o Marquez ouvio estas cousas, ficou taõ alvoroçado, crendo que o Principe se poderia achar, que se foi logo a ElRei dando-lhe conta do que tinha sabido: e fez isto de subito; naõ sabendo como os seus acharaõ o Leaõ; porque d'aqui tomára logo a presumpçaõ, que depois foi tida por verdadeira, e por ventura o naõ dissera a ElRei, ao menos por lhe naõ renovar suas dores: mas como d'antes, com o alvoroço de Fainama, naõ foi avisado, deu-lhe disso conta, o qual mandou logo a gram pressa muita gente de cavallo, e de pé, por todalas partes da Floresta, dizendo, que com muita diligencia buscassem ao Principe, e que ao primeiro, que o achasse, faria grande mercê. Mas

todo

todo este trabalho foi em vaõ, pois o Principe pera taõ longe d'aquella terra; nos braços de sua ama Milina, caminhava. E tanto andou esta gente por toda a montanha, que desconfiados de o acharem, vieraõ com esta taõ má nova a ElRei, dizendo, que huns criados do Marquez, quando foraõ por Fainama, acharaõ hum Leaõ todo ensanguentado, que lhes parecia ser das carnes de Clarimundo. Pois ouvindo ElRei, e a Rainha estas taõ tristes novas, bem se póde d'aqui tirar, em quanta maior quantidade sentiriaõ tamanha dor, pois tal differença havia da sospeita de huma morte, a outra. Fainama, vendo que ella fora a causa de tanto mal, e descubria o que naõ era sabido, tomou de si mesma vingança, e naõ sómente se matou, mas ainda com suas palavras commoveo a suas irmãas a fazerem outro tanto. Maquinar considerando a grande traiçaõ, que a seu proprio sangue fizera, e quam pouco lhe aproveitara, pois o Marquez lhe naõ queria dar o assinado, dizendo, que lhe mentira, segundo Fainama contava; segui-os tambem na morte, ainda que naõ foi no genero della, porque el-

ſe matou-ſe com huma eſpada, que pela parte dereita do coraçaõ meteo, e ellas tomaraõ muita quantidade de peçonha. Deſta maneira deraõ eſtes fim a ſuas vidas, donde ſe póde crer, que a meſma haveraõ aquelles, que taes obras fazem: porque em hum tempo, ou em outro, naõ póde alguma peſſoa eſcapar da Divinal Juſtiça, que dá a cada hum o merecimento de ſua vida; e ainda que neſta preſente o naõ vejamos, com mal, pera maior ſua dor, na outra lhe eſtá aparelhado. Por tanto, creiaõ com certeza, que ainda que os máos ſejaõ aqui em algumas couſas prevalecidos, por força haõ de ſer caſtigados; porque lei juſta he pagar com bem a quem o ſempre obrou, e com mal a quem o merece.

Ca-

CAPITULO X.

Da criaçaõ do Principe Clarimundo, que depois se chamou Belifonte, e como se partio com Grionesa em huma Náo pera se ir armar Cavalleiro ao Reino de Cecilia, e do que lhe neste caminho succedeo.

BElifonte (que assi havia já nome Clarimundo, por causa da Fonte, onde o Grionesa achára, e da beldade de sua fermosura) estava naquella Ilha Avondosa, que com o Reino de Cecilia confina, e crecia assi em virtude, e cortesia; como em esforço, e dispósiçaõ. E depois de Grionesa mandar trazer de Grecia hum grande Philosopho pera o ensinar em todalas artes, que a tal pessoa convinhaõ, e elle ser já nisso mui perfeito; gastava o tempo em ler as cousas dos Cavalleiros passados, e folgava de ouvir as que os presentes faziaõ, louvando muito este exercicio. E enfadando-se ás vezes nisto, hia a montear, por ser acto de guerra, onde matava muitos pórcos, veados, e outras alimarias féras,

ras, em que levava tanto gosto, que o mais do tempo de sua mocidade, em quanto naõ recebeo Ordem de Cavallaria, neste desenfadamento gastou. E muitas vezes Grionesa, vendo que se aventurava em cousas taõ perigosas, lhe defendia as montarias com receio de lhe aquecer algum desastre: porém elle com huma falla amorosa chegava-se a ella, dizendo: Senhora, naõ sei porque naõ consentis, que use d'aquillo, em que maior gosto levo, pois naõ tenho em que vos possa servir. E estas palavras sómente tinhaõ tanta força, que logo abrandavaõ a Grionesa, e tomando-o em seus braços, com lagrimas de prazer, dizia: Filho da minha alma, naõ ha ahi cousa, em que vós sintaes algum contentamento, que vo-lo eu negue, se em meu poder for. Porém vendo-vos taõ ousado em cometer cousas perigosas, me fazem medrosa: por tanto, vos queria desviar disso, e naõ por outro algum respeito. Bem conhecido está, Senhora, respondeo elle, que todalas cousas, por fortes que sejaõ, saõ ao homem sujeitas: e por este senhorio, que sobrellas temos, e nos Deos deu, naõ póde ahi haver alguma

guma de tanta brabeza, que os homens naõ vençaõ, e tragaõ ao jugo de ſua vontade. Quando Grioneſa ouvia eſtas couſas a ſeu amado filho; ficava taõ ſatisfeita, e perdida por elle, que ſe póde crer com razaõ eſtimar mais a ſua vida, que a de ſeus filhos proprios, ſe os tivera. E a eſte tempo andavaõ já com elle Carfel, e Filena, filhos de Milina ſua ama, porque como foraõ de idade de quatro annos, mandou logo Grioneſa por elles, pera o acompanharem: e deſta criaçaõ lhe tiveraõ tanto amor, que continuadamente o ſerviraõ. E como já a eſte tempo o esforço, e grandes penſamentos de Belifonte naõ conſentiſſem mais andar empregando ſuas forças nas beſtas féras; era taõ afadigado com ſeu deſejo; que naõ ſabia o remedio; que niſſo podeſſe ter: porque dizello a Grioneſa naõ ouſava, ſabendo quanto ſentiria apartallo de ſi: pois as outras couſas que repreſentatava na fanteſia, menos apercebimento nellas achava. E com iſto andava taõ agaſtado, que o entendeo Grioneſa, e diſſe-lhe hum dia: Eu vos vejo, filho, andar taõ triſte, e deſcontente, que me tendes poſta em grande penſamento, naõ

ſaben-

ſabendo a cauſa de voſſo cuidado. Senhora, reſpondeo elle, a paixaõ que eu tenho, e me faz taõ triſte, toda procede do deſejo d'alcançar huma couſa, e ſe ma quiſerdes outorgar, grande mercê receberia, e deſcanſareis eſte coraçaõ, que poriſſo he deſcontente. Alguma couſa ha em meu poder, diſſe Grioneſa, que vós naõ tenhaes? O que eu, Senhora, naõ tenho, reſpondeo elle, he licença voſſa pera ſer Cavalleiro, pois a idade, e força a iſſo me obrigaõ. Se eu eſſa idade, diſſe ella, vira em vós, naõ tinha razaõ de negar o que pedís, mas vendo o contrario, naõ poſſo conceder taõ injuſta petiçaõ: poriſſo meu amado filho, deſviai de vós eſſe penſamento, porque quando me parecer neceſſario, eu ſerei aquella, que com iſſo mais folgarei, mas agora crede, que mui ardua couſa me ſerá dar-vos tal licença. Senhora, reſpondeo elle, bem creio, que o amor que me tendes, vos faz negardes-me o que peço, e naõ verdes em mim pouca diſpoſiçaõ pera iſſo: porque ainda que a idade naõ autorize o corpo, o esforço, que em mim ſinto, ſuppre a mingoa dos annos. Por tanto, ſe me alguma mercê neſte

mundo haveis de fazer, ſeja eſta, porque a paixaõ que terei, naõ ma concedendo, cauſará em mim maior danno, do que ſentireis apartar-me de vós: que lembrando-me ſer vivo quem por tamanha traiçaõ matou meu pai, e eu ſer em idade pera lhe demandar ſua morte; me cauſa eſte deſejo, e por naõ me ter o mundo em má conta, he bem, que uſe do que devo, e naõ do que me vós aconſelhais. Vendo Grioneſa, que com tanta vontade Belifonte queria cometer aquelle trabalho, e que pera alcançar eſta licença della, lhe trazia á memoria a morte de ſeu marido, de que lhe muitas vezes tinha dado conta, quando por ſeu pai lhe perguntava, crendo, que Minarte o era; com muitas lagrimas de grande amor lhe concedeo o que pedia, lançando-lhe muitas vezes a bençaõ, ſe com ella alguma couſa lhe podia aproveitar: e ſem mais dilaçaõ mandou logo fazer á Ilha de Cecilia humas mui ricas, e fortes armas, porque eſta Dóna, ainda que de todo o ſeu foſſe deſerdada, naõ era taõ pobre, que as ſuas riquezas naõ podeſſem a hum grande Senhor abaſtar, aſſi que por eſte reſpeito gaſtou ſempre com

elle

elle muita cantidade dellas em ricas peças, e atavios que lhe mandava. E concertadas todalas cousas, que eraõ necessarias, embarcaraõ em huma Náo mui bem apercebida, e começaraõ navegar contra o Reino de Cecilia, por ser mais perto, e nella reinar entaõ Carimano, que era mui bom Cavalleiro, e de sua maõ desejava Belifonte receber aquella dignidade. Mas foi bem contrario de seu pensamento o que lhe aconteceo, porque os ventos se trocaraõ taõ subitamente, e com tanta tempestade, que nem os marinheiros a isso davaõ remedio, nem a tormenta esperança de salvaçaõ: mas antes com maior braveza se ascendia. E como era junto daquelles perigos Scila, e Caribdes, havia antrelles taõ grande temor, que já em outra cousa naõ trabalhavaõ, senaõ em pedir a Deos perdaõ de seus peccados. Grionesa com muitas lagrimas tomava a Belifonte comsigo, e dizia: O' filho gerado na alma de minha alma, quanta conta darei a Deos da vossa morte, pois fui causa della, outorgando-o o que me pediste: porque se eu naõ fora a isso taõ diligente, naõ vos vira ante meus olhos assi perder. Estas, e

outras

outras cousas dizia Grionesa com tantas lagrimas, que leixavaõ todos de haver dó de si, pelo haver della. Mas Belisonte, como jà aquelle seu esforçado coraçaõ começasse a sentir os trabalhos da honrosa vida; com muitas palavras a a confortava, e assi a todolos outros: porém com tudo isto, a Náo naõ leixava de correr com o impeto dos ventos em tanta quantidade, que aportáraõ huma noite junto com terra. E tanto que amanheceo, tomando o piloto conhecimento della, disse ser aquelle o Ponto de Fresor, que he no Reino de França. Com aquella nova ficaraõ todos mui descansados, por assi escaparem de tanto perigo, mas muito mais contente foi Narbin colaço de Minarte, que naquelle tempo servia a Grionesa. E a causa deste contentamento era, porque seu pai Madelfo vivia naquella Cidade de Fresor, o qual viera fugindo do Marquezado de Modona, no tempo que Filenor matou a Minarte seu irmaõ, e naquella Cidade era já mui conhecido, e estimado entre os principaes. Grionesa, quando soube em quaõ seguro lugar aportaraõ, mandou logo com muita dili-

gen-

gencia tirar todalas encavalgaduras, que levava pera entrarem na Cidade de Fresfor, té que o tempo désse lugar á sua navegaçaõ. E entrando todos pelas portas da Cidade, foraõ-se ás casas de Madelfo; que o recebeo com muito prazer, chorando lagrimas saudosas com Grionesa, correndo pela memoria cousas passadas. E passadas muitas de prazer, por recrear do nojo, e trabalho do mar, soube Madelfo de Grionesa, como por fazer Cavalleiro aquelle donzel, que comsigo trazia, tinha passado tanta tormenta. Senhora, disse Madelfo, se vós naõ tendes muita inclinaçaõ a ElRei Carimano, mais que a outro Cavalleiro de sua sorte, ainda vos eu darei outro remedio melhor, e com que Belifonte neste tal acto receba mais honra: digo isto, porque nesta Cidade haverá tres mezes; que está ElRei Claudio, e he pessoa qual vós, Senhora, sabeis; pois por todo o mundo he o seu nome manifesto pela grandeza de suas obras: e álèm destas cousas, tem tal condiçaõ, que sabendo de vós o que buscais, folgará de vos honrar: porisso vede, Senhora, se vos contenta o que digo, e ponha-se logo em obra,

por-

porque elle houvera de partir hoje, dizem, que o leixou pera a manhãa. Pareceme que será bem, que esta noite velle Belifonte as suas armas aqui em Nossa Senhora da Vida Eterna; e a manhãa, quando sahir a ouvir Missa, eu me ajuntarei com algumas pessoas principaes, e apresentar-voshemos diante delle, e alli por vossos rogos, que valeráõ mais que os nossos, eu tenho por certo, que alcançará este fermoso donzel o que tanto deseja, e creio que será nelle bem empregado, segundo sua disposiçaõ mostra; ainda que os annos de sua idade a isso naõ sejaõ conformes. Porém, quanto ao que meu filho me tem dito delle, a mim me parece que naõ há necessidade delles lhe autorizarem o corpo, pois seu esforço, e ardideza os vence. Certamente, honrado Madelfo, disse Grionesa, naõ podéra cousa, por grande que fóra, darme tanto contentamento, como essa nova; e conselho: e eu o recebo de vós com aquelle amor, que de huma pessoa muito minha amiga tomara: porque certo no que vós tendes mostrado, e feito nos tempos passados, e neste, eu vos posso ter nesta conta: e leixada esta von-

tade

tade resguardada pera a obra, quando de mim vos cumprir; digo, que será mui bem fazer-se logo o que dizeis, mas primeiro quero saber de meu filho, se deste concerto he contente. E entaõ o chamou Grionesa, e lhe propoz quanto áçerca do seu desejo tinha ordenado, por isso que visse se em alguma maneira era satisfeito. O qual foi muito mais contente do que ella estava, pois das mãos del-Rei Claudio, mais que de outro Principe daquelle tempo, desejava ser Cavalleiro, ouvindo a grandeza de suas façanhas: mas como estava desviado donde Grionesa vivia, nunca ousou de lhe declarar esta vontade, e vendo-se com ella satisfeito, estava taõ ledo, e contente; que nenhuma outra cousa o fizera em tanto extremo, e mandou logo levar suas armas á Capella de Nossa Senhora, pera o outro dia receber o que desejava, sabendo que pera a perfeiçaõ de sua honra, esta dignidade era necessaria, sem a qual todalas outras cousas naõ tem seu verdadeiro lustro.

CAPITULO XI.

De hum ſonho, que ElRei Claudio de França ſonhou, e como por ſua cauſa armou a Beliſonte Cavalleiro, e do mais, que ſe niſſo paſſou.

A Noite, que Grioneſa aportou em Freſor, eſtando Claudio no maior repouſo de ſeu deſcanſado ſonno, apreſentou-ſe-lhe diante hum homem de muita idade, veſtido de humas roupas Reais, e de corpo taõ pequeno, como hum anaõ, e ainda que o naõ autorizava, a gravidade de ſeu roſto pedia grande acatamento: e chegando-ſe á ſua cabeceira; diſſe: Claudio, Rei da poderoſa França, acorda, e ouve o que digo, e faze o que te mandar, e ſe o contrario obrares, ſabe que todas tuas couſas te ſeraõ adverſas, e contrarias. Tua partida naõ ſerá a manhãa, como tinhas determinado, porque neſta Cidade entrará aquelle verdadeiro defenſor de teus membros, e que a tua Corôa no cume de maior alteza exalçará: vem a receber de tua maõ Ordem, que no ſeu tempo ſerá mui bemaven-

venturada, e delle favorecida: faze-lhe grande honra; porque eu te certifico, que d'ambalas partes descende de Christianissimos Reis. E no tempo que o corpo de quem elle tomou parte do seu, em sua casa for tornado, livre das mãos da besta de dous corpos, suas cousas te seraõ manifestas, e chamarte-has ditoso por seres autor delle. Quando ElRei acordou, cuidando nesta visaõ; e revolvendo sobrisso muitas cousas na fantesia, no fim dellas; teve tudo por vaidade, e porisso naõ lhe deu muito credito. E ainda naõ estava de todo trespassado em outro sonno, quando a propria figura lhe tornou apparecer, queixando-se muito delle, por naõ dar credito ao que lhe dizia. E depois que lhe disse muitas palavras; partio-se de sua cabeceira com o rosto mui carregado, mostrando grande sanha por sua incredulidade. ElRei ao outro dia pela manhãa levantou-se mui agastado, e deu disso conta a Corvim seu Camareiro, que era hum homem de mui grande conselho: e dizendo, que sua vontade era esperar aquelle dia, por ver em que parava tal sonho; Senhor, respondeo Corvim, assi me parece bem;

porque cousa, que com tanta efficacia duas vezes foi dita, naõ creio que será sem misterio. Porém nunca ElRei todo aquelle dia vío cousa em que se converte-se o que sonhara. E ao outro dia, entrando na Capella, pera ouvir Missa, com proposito de se partir, tanto que jantasse, foi retirado por Grionesa, a qual estava acompanhada de Madelfo, e d'outros grandes Senhores, que elle pera isso ajuntou. ElRei quando vio taõ estranha gente, e Belifonte, que áquella hora estava com hum encendimento, que lhe ao rosto veio, mui gentil-homem, deteve-se hum pouco, por saber o que demandavaõ. Grionesa se chegou entaõ, por lhe beijar as mãos, mas ElRei, vendo que era Dóna de grande estado, naõ lhas quiz dar, antes lhe mostrou muito gasalhado, perguntando-lhe o que demandava. E logo pelo que a noite passada tinha visto, lhe pareceo que aquella aventura era parte do que lhe amoestaraõ: e vendo que a Dóna lhe queria fallar, inclinou os ouvidos com muito tento, a qual tomando a Belifonte pela maõ, começou assi: Ainda, mui alto Rei, que as mulheres pera todalas cousas sejaõ fra-

cas,

cas, pera pedir mercês, e ajuda dos Reis, e Principes taõ magnificos, como Vossa Alteza he, saõ assás poderosas: isto porque com ellas, mais que com os homens, se deve de usar de piedade, e franqueza: e por este fermoso donzel conhecer este privilegio, que nós-outras temos; quiz que fosse eu sua intercessora pera alcançar de Vossa Alteza esta mercê, que he ser armado Cavalleiro por vossas Reaes mãos, as quaes elle, e eu beijaremos, por lhe ser concedida taõ grande honra. Quando ElRei acabou de ouvir o que ella disse, affirmou em seu pensamento ser aquillo, o que sonhara, e lhe tanta paixaõ tinha dado: e tomou pela maõ a Belifonte com hum amor, que se começava antre elles acender, naõ sabendo donde se causava: porque quanto mais nelle punha os olhos, tanto se mais inflamava em o amar. E como isto sentio, pareceo-lhe misterio, que sómente a Deos pertencia o segredo delle: e pelo ouvir fallar disse a Grionesa: Dóna honrada, todos aquelles que recebem alguma Ordem, naõ lhe póde ser concedida, sem primeiro por sua boca confessarem, que disso saõ contentes: por tanto, se este

vosso

vosso donzel quer entrar nesta, que dizeis, he necessario que o saiba delle, e primeiro lhe manifeste os perigos, que nella ha, que saõ, negar sua propria vontade por fazer as alheias, que he a mais forte cousa, que se póde dizer, e em que cumpre ter muito tento, porque desfallecendo algum ponto, quebrar-se-ha o fio de toda sua honra, em maneira, que valeria mais a quem isto tal acontece, continuadamente morrer, que por elle tal cousa passar. E porque vós, fermoso donzel, nos dias que viverdes, em tanto trabalho vos haveis de ver; o meu conselho era, leixarvos criar, pera em mais idade conseguirdes vosso desejo, pois ainda agora os annos negaõ o que pedis. Posto que ElRei isto dizia, já tinha determinado de o armar Cavalleiro, tanto pelo que lhe fora amoestado, como por ver em sua dispoficaõ, ser habil pera isso: Mas por ouvir o que dizia, e usar das ceremonias, que em taes casos se costumaõ: lhe quiz primeiro propor aquellas palavras. Belifonte lhe respondeo entaõ mui mansamente, dizendo: Sabido está, Senhor, que assi como a Ordem de Cavallaria he mais

ex-

excellente, que todalas outras cousas; assi nella se contém móres perigos: mas considerando eu, que os poderei de mim desviar, e seguir o que me as armas obrigaõ, em quanto as forças me ajudarem a soster estes membros, pedi á Marqueza minha madre, que esta mercê de vós alcançasse, pois eu pera isso naõ tinha valia. Tem-me posto em tanto cuidado vossas cousas, respondeo ElRei, que naõ posso negar o que pedis, pois d'ahi espero alcançar grande honra, se todalas que me disseraõ forem taõ verdadeiras como esta que agora vejo. Entaõ começou publicamente a contar quanto de noite passara com a visaõ, e como lhe dissera, que aquelle fermoso donzel descendia d'ambalas partes de Christianissimos Reis. Mui espantados ficaraõ todolos aquelles Senhores, que com ElRei estavaõ, ouvindo taõ maravilhosas cousas, como dizia; mas muito mais o ficou Belifonte quando disse, que descendia de Christianissimos Reis. E passado o rumor, que todos fizeraõ com a novidade do que tinhaõ ouvido, disse ElRei, que pois elle aquillo tanto desejava, e em suas forças se atrevia, que era ne-

necessario velar aquella noite as armas. Senhor, respondeo Grionesa, já tudo está prestes, porque esta noite as velou, com a esperança que tinha de lhe Vossa Alteza fazer esta mercê. Pois que assi he, disse ElRei. ouçamos Missa, e dahi faremos o que Deos ordena deste bemaventurado donzel. Com este prazer entraraõ todos pera a Missa, na qual Grionesa com muitas lagrimas rogava a Deos, que amparasse aquelle donzel, que por tamanha aventura achára: pois em tempo de taõ tenra idade o guardara naquella, que pera mais seu serviço era, fosse seu defensor em tantos perigos, como havia de passar. Belifonte tambem por sua parte dava muitas graças a Deos, pois o chegára a idade d'alcançar aquella Ordem, em que esperava de o servir, e rogava-lhe, que o encaminhasse sempre nas cousas, onde fazendo-lhe serviço, honra podesse alcançar. E em toda a Missa nunca desviou da memoria o que ouvira a ElRei de sua geraçaõ, porque elle sabia bem, que Minarte, a quem elle tinha por pai, descendia dos Duques de Ferrara, e Grionesa era filha do Marquez de Modona, e todos seus antecessores

destas

destas duas casas procediaõ.: assi que estava mui pensativo, sem saber dar áquellas palavras verdadeiro entendimento. E acabada a Missa, foi este bemaventurado Principe, de Principes armado Cavalleiro, com tanto contentamento de todolos que se alli acharaõ, como se cada hum fora seu proprio pai. Porque certo isto se póde crer com verdade, que tinha tanta força o seu parecer, que atrahia todolos coraçoens ao bem amar, como se delles fora senhor. E acabando de o armar Cavalleiro com tanta honra, como filho de quem era, pedio-lhe ElRei, que sempre visitasse sua casa, porque elle receberia muito prazer, das taes pessoas ser visitado. Se eu, Senhor, cuidasse, disse Belifonte, que alguma hora havia de viver sem servir a Vossa Alteza; ou ao menos esta vontade estar a isso aparelhada; eu tomaria logo de mim a vingança, que por tamanho erro merecia: mas eu me tenho por satisfeito, pois sinto em mim o contrario. Muito lhe agradeceo ElRei aquelle desejo de o servir: e tirando huma espada mui rica, que cingida trazia, disse a Belifonte, que tomasse delle aquella peça em final

de

de amor, e que lhe jurava por ſua verdade, que era das boas que vira, e por eſte reſpeito folgava de lha dar. Grandemente eſtimou Belifonte aquelle dom, e foi pera lhe beijar poriſſo as mãos, mas ElRei lhe lançou os braços ao peſcoço com muito amor, dizendo, que em outras couſas eſperava elle moſtrar o que lhe queria. E deſpedindo-ſe delle, e de Grioneſa, que já a eſte tempo tinha ſabido de Madelfo a peſſoa que era, entrou em ſeu caminho, naõ podendo deſviar da fanteſia as couſas, que por cauſa de Belifonte paſſara. Porém foi algum tanto deſcanſado, por ſe converter a ſua viſaõ em couſas de prazer, e virtuoſo exercicio. Pois certo, que Belifonte naõ ficava com menos cuidado do que elle levava, com as palavras que lhe ouvira dizer: e tanto que ſe vio em huma camera, em que ſe elle, e Grioneſa recolhiaõ; chegou-ſe a ella, pedindo-lhe muito por mercê, que lhe naõ quizeſſe encubrir huma verdade: e que dizendo-lha, ficaria o mais contente homem do mundo, e fazendo o contrario, o contrario ſeria em quanto viveſſe. Eſtranha couſa ſeria pera mim, amado filho, a que vos

eu

eu negar, e se for alguma, que de mim possais saber, eu vos prometo, e por vossa vida o juro, de vos naõ encubrir ácerca disso o menor fio da verdade. O que me poz neste cuidado, disse Belifonte, foraõ as palavras que ouvistes a ElRei ácerca da minha linhagem, dizendo, que d'ambas partes descendia de Christianissimos Reis: e naõ saber o como isto he, me faz mui triste, e fará em quanto me naõ tirardes deste cuidado. E porque creio, que vós, Senhora, sabeis mui bem a verdade, peço-vos por mercê, e pelo amor, que me tendes, que se naõ esconda a mim alguma cousa, porque sabendo o contrario, sentiloei em grande estremo. Isto dizia Belifonte, parecendo-lhe que por ventura o haveria Grionesa d'outra pessoa, e naõ de Minarte seu marido, a quem elle tinha por pai: ainda que quando considerava em sua bondade, desfazia todo máo pensamento. Muito pesou a Grionesa com esta pergunta, porque naõ quizera que elle a outrem por mãi tivesse, senaõ a ella: porém; considerando, que tinha já Belifonte alguma presunçaõ disso, e que por ventura o saberia de sua ama Milina,

naõ

naõ lhe quiz negar a verdade. E entaõ lhe contou a maneira de como o achara, e em quaõ pequena idade, e desde aquelle tempo té o presente ella o tinha criado com aquelle amor, que sempre nella conhecera: por tanto lhe rogava, que ainda que sua mãi natural naõ fosse, a tivesse naquella estima, pois nas obras o parecera. Certo, Senhora, disse Belisonte, naõ me podéreis fazer cousa, que eu mais estimara, nem que me tanto contentamento dera, como tirar-me desta duvida, que desejava saber: e crede, que agora conheço, que vos devo mais do que todo este tempo cuidei, porque téqui todalas cousas, que por mim fizestes recebia-as como de mãi, que a isso era obrigada; mas agora que sei esta verdade, as estimo em maior gráo, e naõ sómente de mãi, mas de minha Senhora, a quem eu nunca, por muito que sirva, e trabalhe, acabarei de pagar a menor parte do que lhe devo: porisso naõ presumaes, Senhora, de mim, que hei de ser ingrato a quem tanto devo, e se ó eu em algum tempo posso ser (o que eu naõ creio) peço a Deos, que me naõ chegue a vida de tal estado. Passadas es-

tas

tas cousas antre Grionesa, e Belifonte, com tanto amor, como avondança de lagrimas, vieraõ-se pera Madelfo, que sempre os dias que alli estiveraõ, lhe fez muita honra, e gasalho: e depois que o tempo a isso lhe deu lugar, disse Belifonte á Marqueza, como seu desejo era fazer o que na vontade trazia determinado muito havia: por tanto que tornasse a embarcar, e se fosse á sua Ilha Avondosa, porque elle queria ir ao Ducado de Ferrara ver-se com Filenor, e demandar-lhe a morte de seu pai Minarte, e sobrisso fazer o que Deos por bem tivesse, e porque pera aquelle caminho tinha necessidade de Narbim, lhe pedia, que o mandasse com elle, por ser do Duque mui conhecido. Nunca Deos queira, disse Grionesa, que vós, filho, façaes este caminho sem eu levar parte do trabalho delle, e pois Deos commove vossa virtuosa vontade a vos nisso, primeiro que em outra cousa, quererdes empregar: eu tenho por fé, que elle ajudará a vós, e descansará a mim no meu, que já agora lhe podeis chamar vosso. Por tanto, naõ he necessario fazermos este apartamento, mas tornemo-nos a

em-

embarcar, porque pera ir a Vilante, ou ao Marquezado de Modona, mais perto será por mar, que por terra. Pois, Senhora, disso sois servida, respondeo elle, eu sou muito mais contente. Concertado este caminho, e as cousas, que pera elle eraõ necessarias, entraraõ em a sua Náo; e com a prosperidade do tempo aportaraõ em Lespecia, onde souberaõ, que o Duque estava na Cidade de Solenga, que era a principal do Marquezado, e tanto andaraõ por terra, que chegaraõ a hum Castello, que duas legoas da Cidade estava, em que vivia Oroneses, que em vida de Minarte fora seu Maiordomo. O qual com muitas lagrimas de prazer recebeo a Grionesa: e tambem com a lembrança do tempo passado em que elle por aquella terra taõ estimado fora. E quando soube della, que trazia aquelle Cavalleiro pera se combater com Filenor sobre a morte de Minarte seu Senhor, disse, que lhe naõ parecia bom conselho pôr causa de tanto peso em pessoa de tal idade, e taõ pouco experimentado nas armas, sabendo ella quaõ bom Cavalleiro Filenor era: e que isto naõ lho dizia por se desviar de

a servir em tudo o que ella mandasse; mas por lhe parecer justa causa leixar tal empreza pera tempo, que melhor apercebida viesse. A estas palavras chegou Belifonte, e quando as entendeo, disse: Pera os máos, Oroneses, e que mal obraõ, naõ he necessario mais que a razaõ contra elles, porque esta he a que dá vencimento naõ somente aos fracos, mas aos fortes, que as forças sem ella pouco aproveitaõ a ninguem: e porque a Marqueza minha madre, e senhora, tem muita, eu espero em Deos, de lhe dar vingança de quem a em tal estado pôs; porisso naõ he necessario de vós mais, que chegardes a dizer de sua parte a Filenor, como ella traz hum Cavalleiro pera lhe demandar a morte de seu marido, que elle por tamanha traiçaõ matou: portanto, que lhe segure o campo de todolos seus, e que ella será á manhãa com elle, e se o Cavalleiro, que traz for vencido, que ficará descansado de lhe outrem demandar o que elle taõ injustamente possuhe. Ainda que o mal nunca parece, em quanto o causador naõ recebe a pena delle.

CA-

CAPITULO XII.

Do recado, que Oronefes trouxe, e como fe Belifonte combateo com Filenor; e do que lhe nefta batalha fuccedeo.

COm efte recado fe partio Oronefes; levando huma carta de licença, que lhe a Marqueza deu: e como o caminho era pequeno, chegou a horas de vefpora onde Filenor eftava: e aprefentando-lhe diante de todos a carta, que trazia; diffe Filenor, que deffe a Embaixada com que taõ contente vinha. Se eu, Senhor, venho contente, refpondeo Oronefes, creio que naõ o fereis vós, pois Grionefa he nefta terra, e traz comfigo hum Cavalleiro, que vos vem demandar a morte de feu marido, e voffo irmaõ, que tanto fem caufa mataftes, e amanhãa ferá comvofco, fe o campo lhe fegurardes de todolos voffos. Pois Grioneza, refpondeo elle, foi taõ mal aconfelhada, e effe Cavalleiro taõ enganado em tal aceitar; dizei-lhe, que dos meus podem vir feguramente, mas da minha pef-

pessoa creio que veraõ o contrario do que esperaõ: e vós tambem por agora o sois: mas como a batalha houver fim, pagareis com a vida o atrevimento, que tivestes em me desafiar, vivendo em minha terra, e Senhorio: e d'aqui faço a vós, Orjaque meu Veador, mercê do Castello, que este tem, pois por sua doudice o quiz perder. Eu espero em Deos, disse Oroneses, que assi como elle sabe quanta razaõ tenho de aceitar esta empreza, me fará livre dessa morte, e a Orjaque de governar o que me deu Minarte meu Senhor: e porque mui cedo estas cousas haveráõ fim, faço o de mais fallar comvosco. E com isto, despedido de Filenor, chegou ao Castello, e deu o recado, que trazia a Belifonte, contandolhe o que com Filenor passára, do que Belifonte ficou mui contente, porque com maior razaõ (ainda que a sua era assaz) tivesse causa pera se com elle combater. E ao outro dia, tanto que ouviraõ Missa, entraraõ no caminho da Cidade, e a horas de Terça chegaraõ ao lugar, onde o Duque costumava dar campo: o qual tanto que soube, que Grioneza com o seu Cavalleiro era vin-

da, armou-se de humas armas negras, e grifos pardos, antremetidos huns por outros, e sahio emcima de hum cavallo alazaõ mui fermoso, acompanhado de todolos seus servidores: e como era grande de corpo, prometia grandes forças a quem o via: e certo que assaz tinha, mas sua maldade abatia todalas graças, de que dotado era. Quando todo o povo o vio assi armado: sabendo a causa, porque se queria combater, começaraõ a rogar a Deos em suas vontades, que ajudasse ao Cavalleiro de Grioneza sua Senhora. E naõ era sem razaõ fazer a mais desta gente isto, porque Filenor era tam aspero, e cruel, que convertia a vontade de todos em odio contra elle, e muitos estavaõ alli, que elle tinha morto pai, e irmãos, marido, e outros parentes: porque quando matou seu irmaõ, por alguns naõ consentirem no que queria, vingou-se depois nelles: e por esta causa todos desejavaõ de o ver destruhido. E chegando elle diante de Grioneza, disse em voz mui alta: O' com quanta razaõ te pódes, Grioneza, chamar mal aventurada, pois de vinte annos a esta parte nunca achaste quem por ti accei-

tasse

tasse esta batalha, e agora medraste esse coitado, que por tanto engano a este lugar trazes, naõ sabendo em cujas mãos se vem meter: E porque vós, Cavalleiro, vos naõ chameis depois ao engano, havei vosso conselho, e tornaivos a outra parte mais segura. Bem enganado, disse Belifonte, seria eu, se cuidasse, que essas palavras eraõ outra cousa, senaõ temor do que tendes feito a Deos, e a vosso irmaõ, que doervos de mim, naõ sois tanto meu amigo, que o façaes; e pois em lugar estamos, que naõ saõ necessarias palavras, usemos das obras, que estas saõ o toque da verdade, e razaõ, que eu por companheiras trago. E entaõ apartando-se a seus lugares, remeteraõ hum contra o outro, com tanto desejo de se vingar, que os primeiros encontros foraõ lanças, final da vontade, que se ambos tinhaõ, porque assi desapareceraõ de suas mãos feitas em raxas, como se nunca as trouxeraõ. E ainda que Filenor tinha usado mais aquelle exercicio, naõ achou vagaroso a Belifonte, porque antes que de sua espada arrancasse, tinha já recebido hum golpe da sua maõ taõ pesado, por cima do elmo,

que o fez debruçar ſobre o arçaõ dianteiro, e ſe as armas naõ foraõ taõ fortes, aquelle dera fim á ſua batalha, mas a bondade dellas o ſalvou por entaõ. E certo, quem vira naquelle tempo Belifonte, naõ julgara ſua idade ſer pouco conveniente pera as armas, mas muito mais apta, que todalas d'aquelle tempo: porque andava taõ ligeiro no ferir, que Filenor naõ ſabia de que golpe ſe reſguardaſſe: e ainda que á primeira o tinha em pouco, começou de o eſtimar em muito. E vendo em quanto perigo ſua vida eſtava, ſe a batalha muito duraſſe, e ſegundo o ſangue lhe corria de huma mui grande ferida, que no hombro direito trazia; remeteo a elle com esforçado animo, e deu-lhe hum golpe no brocal do eſcudo, que naõ lhe valendo ſua fortaleza cortou grande parte delle, e chegou á carne, onde fez huma ferida, e como ainda aquellas carnes eraõ tenras, e naõ uſadas a receber tanto mal, ſentiraõ gravemente a dor da ferida, que mui grande era: mas o esforçado coraçaõ de Belifonte acudia logo á parte onde neceſſario era, em maneira que ſoſtinha os duros golpes de Filenor, e esforça-

forçava os membros de Belifonte a lhe dar o retorno. E o galardaõ, que lhe no fim desta batalha deu, foi cortarlhe o braço taõ cerceo, como se desarmado estivera, e naõ parando alli a espada ferio o cavallo de maneira, que começou a lançar tantas pernadas, té que naõ se podendo Filenor nelle soster, cahio em terra, e por mais sua desaventura ficoulhe o pé em hum dos estribos, e com a força, que o çavallo levava desfez-lhe o corpo em mil partes. Quando Belifonte vio o fim de sua batalha taõ victoriosa, foi-se mui alegre pera a Marqueza sua madre, que estava dando graças a Deos por lhe cumprir seus desejos, e bemdizendo a criaçaõ que fizera nelle, pois assi lhe dava o galardaõ della. Porém a este tempo começaraõ de se alvoroçar alguns dos mais chegados ao Duque, principalmente Orjaque, querendo vir contra Belifonte: mas como vos já contamos, era taõ malquisto pela maior parte, que se ajuntaraõ mais de setenta Cavalleiros, e foraõ-se onde Grioneza, e Belifonte estavaõ, dizendo: Senhora, todos somos vossos, pera vos defender de quem contra vós alguma cousa cometer: por tanto

to naõ temaes perigo, que primeiro ſerá em noſſas peſſoas eſperimentado, que á voſſa chegue, ainda que quem taõ bom amparo conſigo traz, naõ terá neceſſidade de noſſa ajuda. Muito lhe agradeceo Grioneza aquelles offerecimentos, dizendo, que pois Deos lhe começava a reſtituir o ſeu, que ella lhe galardoaria aquella vontade com boas obras. Quando Orjaque, e outros criados de Filenor; viraõ quam mal ſe ordenava o que elles determinavaõ, deixaraõ-ſe eſtar quedos. Belifonte por cauſa daquelle reboliço naõ quiz que ſe Grioneza d'alli moveſſe, té que os principaes lhe beijaraõ a maõ por Senhora, dando-lhe homenajem dos lugares que tinhaõ. E a eſte tempo já o povo da Cidade ſahia em tanta quantidade, que cubria o campo: e todos juntamente a huma voz davaõ graças a Deos, que os livrara da ſujeiçaõ de Filenor: e com eſte prazer levaraõ a Grioneza, e Belifonte aos Paços, em que ella muitas vezes folgára, nos quaes entrou com muitas lagrimas, lembrando-lhe o tempo paſſado: mas o que a conſolava era aquelle verdadeiro deſcanſo de ſeus nojos, Belifonte; porque eſte foi cauſa de os

ella

essa pouco sentir, de maneira que elle lhe deu fim, e o tempo, que a todalas cousas o dá.

CAPITULO XIII.

Como se Belifonte despedio de Grioneza, e do que lhe neste caminho aconteceo com huma donzella, e por sua causa se combateo com tres Cavalleiros.

DOus mezes esteve Belifonte com Grioneza, pela leixar de todo pacifica em seu Senhorio: porque além d'alcançar o Marquezado, todolos grandes Senhores das terras do Duque, sabendo como as cousas passaraõ, vieraõ-lhe beijar a mão por Senhora: e assi de cada lugar huma pessoa, em nome do povo, veio fazer outro tanto, conhecendo ser ella verdadeira successora daquelle Senhorio: sómente Orjaque Veador de Filenor naõ lhe quiz fazer este acatamento, dizendo, que nunca Deos tal quizesse, que elle negasse a criaçaõ, que Filenor nelle fizera. E vendo Belifonte, que este só inimigo ficava a Grioneza, lançou-o fóra da terra, tomando-lhe os Castellos, que

que tinha. E por eſtas obras, que Orjaque recebeo de Belifonte, ſe vingou depois bem delle, como adiante vereis. E tanto por eſtes impedimentos, como por ella mandar á Ilha Avondoſa, trazer de lá ſua fazenda, ſe deteve Belifonte com ella algum tempo. E como todas eſtas couſas houveraõ fim, apartou-a hum dia, dizendo, qúe lhe deſſe licença, pois já naõ tinha em que a podeſſe alli ſervir: as quaes palavras foraõ pera Grioneza de muita dor, e com grande ſentimento ſe apartou deſte ſeu amado filho, e Milina ſua ama, que naõ menos amor lhe tinha. Filena, vendo eſte apartamento, e que ſeu irmaõ Carfel acompanhava a Belifonte, e ella ficava orfãa das duas couſas, que mais amava, começou de pedir com muitas lagrimas á Marqueza, fizeſſe com Belifonte que a levaſſe comſigo pera o ſervir, e andar em companhia de ſeu irmaõ, porque ſem a viſta d'ambos naõ ſaberia viver. Quando Belifonte, vio que ſua colaça lhe tinha tanto amor, que ſe offerecia aos trabalhos, que elle havia de paſſar, diſſe que lhe prazia, pois ella com iſſo folgava. Deſta maneira foraõ eſtes dois ir-

irmãos com elle, os quaes o tiraraõ de muitas paixoens, perigos, e cuidados, como adiante ouvireis: nem elle certo passou poucos por causa d'ambos. E seguindo seu caminho, com determinaçaõ de fazer algumas cousas no Reino de França, em serviço delRei Claudio, assi como lhe prometera; quiz sua ventura fazer-lhe logo a vontade, porque aos seis dias de sua partida vio hir por hum valle acima a gram pressa huma donzella com hum escudeiro que a acompanhava, e parecendo-lhe, que seria com alguma necessidade, começou tomar o passo mais apressado, té que chegou a ella, e depois de a salvar mui cortezmente disse: Vejo-vos, Senhora, hir taõ apressada, sem levardes caminho, que desejo saber a causa porque o fazeis, e se vos naõ pesasse, eu certo folgaria. Se tanta virtude, respondeo ella, houver em vossas obras, como as palavras mostraõ, eu vo lo direi logo, com tal condiçaõ, que hum dom, que vos pedir, por vós seja outorgado. Como quer que as cousas, respondeo Belifonte, se naõ devem outorgar sem primeiro saber a qualidade dellas, eu vos dou minha palavra de fazer o que me man-

mandardes, sendo cousa que com razaõ possa obrar. Eu haverá quinze dias, disse a donzella, que parti de Genova com mandado da Rainha de França minha Senhora, pera a Rainha Briaina sua filha, e hoje á entrada de huma floresta, que cá detraz fica, achei dous Cavalleiros, que Deos confunda, pois lhe taõ pouco serviço fazem, e como me viraõ, lançaraõ mão de mim, dizendo, que taõ boa presa naõ era razaõ que assi passasse, sem primeiro gozar de seu gentil parecer, eu vendo-me assi atribulada, e que me naõ valia reprendellos desta maldade, fingi que era mui contente em aceitar seu amor, e elles crendo que era verdade, vieraõ a haver razões, sobre quem primeiro alcançaria de mim este dom, e estando pera sobre isso se combaterem, chegou outro, na virtude tal como elles, o qual sabendo a causa de sua contenda disse: Naõ me parece que vos combateis sesudamente, porque pera tirar o perigo d'ambos, tendes hum seguro remedio, que he, ir diante dessa donzella, e perguntai-lhe, de qual de vós se mais contenta, e entaõ quem melhor dita tiver, esse a leve. Vendo elles que dizia bem,

bem, viéraõ-se a mim com aquella demanda, eu respondi, que fossem elles a huma Fonte, que leixava atraz no caminho por onde vinha, que seria dalli meia legoa, e aquelle que primeiro trouxesse huma rosa de hum rosal que alli estava, esse alcançaria meu amor. Quando elles ouviraõ o que lhe eu mandava, confiando cada hum na bondade do seu cavallo, foraõ mui contentes, e sem mais detença, partiraõ á redea solta. Eu como me vi desapresada delles, parecendome que ficava mais segura com o outro, disse-lhe: Senhor isto que fiz, foi por me ver fóra das mãos daquelles máos que me queriaõ roubar minha honra: e pois agora fico amparada de vós, peçovos pelo que deveis á verdade, que prometestes, me queiraes acompanhar té ser posta em lugar seguro. Senhora, respondeo elle, ainda que me isso naõ pedireis, já o tinha em minha vontade determinado: por tanto vamos vosso caminho, que eu prometo de vos naõ leixar em quanto de mim tiverdes necessidade. Porém todas estas palavras eraõ mais envoltas em maldade, que em zelo virtuoso, porque tanto que nos alongamos dalli

li gram pedaço, fazia-me eſte outra tal força. Diſſe eu entaõ quando vi que me naõ podia delle ſalvar: Muito mais contente, Senhor, ſerei de vos outorgar meu amor, que a outro Cavalleiro, iſto por me mais contentardes em voſſa corteſia, e parecer, que todolos que tenho viſto: mas em quanto naõ eſtamos ſeguros, naõ ſerá bem deſcanſar té o paſſo de hum rio que cá diante eſtá, e entaõ vos fica aſſaz de tempo como da outra parte formos. Seja, Senhora, como vós mandardes, diſſe elle, porque em todalas couſas vos quero ſer obediente. E chegando nós a eſte Rio, que eu dizia, mandou elle logo ao barqueiro que da outra parte me paſſaſſe, porque a barca era taõ pequena, que com difficuldade cabiaõ nella duas beſtas: e querendo elle entrar com o ſeu cavallo, pera paſſarmos ambos, e deshi tornarem pelos eſcudeiros, diſſe eu: Naõ metais Senhor eſſe cavallo, porque eſte meu palafrem naõ tem conhecimento delle, e naõ conſentirá irem ambos, mas entre Lober eſte meu eſcudeiro, e depois paſſareis com o voſſo. Aſſi ſeja, Senhora, reſpondeo elle. Porém eu tanto que me deſta parte

do

do Rio vi, dei rijamente da vara ao palafrem; e porque em quanto tornassem por elle, me perdesse de vista, e naõ podesse topar comigo, desviei-me do caminho pera esta parte, onde me vós Senhor achaes, e pois me Deos trouxe a mãos mais verdadeiras, e a vontade zelosa de melhor obrar, peço-vos, que seja por vós acompanhada té hum Castello de huma minha avó, que cá diante está: este he dom que me tendes prometido, e bem podeis cumprir. Muito louvou Belifonte o aviso taõ subtil, que esta donzella pera salvar sua honra tivera, e disse-lhe, que era mui contente de a acompanhar té onde ella mandasse: E que lhe pesava muito, por cousas da Rainha Lucena receberem agravo d'alguem, que prouvesse a Deos que o chegasse a tempo em que a podesse servir, por satisfazer alguma de quantas mercês delRei tinha recebido. E querendo Belifonte tornar ao caminho, disse ella, que fossem dormir a huma Hermida, que na maior altura daquelle monte estava por naõ serem já horas de mais caminhar, onde foraõ mui bem agasalhados do Hermitaõ, que nella estava,

Os

Os dous companheiros, que a graõ pressa hiaõ colher as rosas, tornando com os cavallos cansados onde a donzella ficara, parecendo-lhes que a tinhaõ certa, acharaõ bem pouco recado della. Certamente, disse entaõ hum delles, nós somos merecedores de tal engano; pois confiamos de quem com boas palavras nos fez confiar de si: mas pois cahimos neste erro, mór será leixar-lhe lograr o que nós perdemos: Por tanto vamos em seu alcance, que naõ póde ser mui alongada de nós. E com este concerto entraraõ no caminho, crendo que ao passar do Rio fariaõ alli detença: E quando chegaraõ a elle mui apressados, acharaõ o outro áquem d'agoa (e daqui ficou este exemplo) vendo-o estar sem a donzella bradando pelo barqueiro que o passasse, perguntaraõ-lhe que fizera della. Ainda que passe nisso o qne vós quiserdes, respondeo elle, naõ leixarei de vos contar a verdade, e entaõ lhe disse tudo como passara. Ora crede, responderaõ elles, que foi a mais enganosa mulher, que vimos, porque ouvindo-a, cuidaveis tela alcançada, e de si na obra mostra o que vedes, mas por mais que faça, naõ

se

se nos ha de ir, ainda que nisso gastemos alguns dias, que segundo ella contou, pera longe vai. Pois tambem disse o que ficára áquem do Rio, eu quero ver o fim que dais a essa vossa demanda, que já agora lhe posso chamar minha. Com esta determinaçaõ passaraõ todos da outra parte, e sendo já grande pedaço da noite passada, chegaraõ ao valle, onde Belifonte achou a donzella, e como era gracioso, quiseraõ repousar alli por trazerem os cavallos mui cansados do trabalho. Belifonte ao outro dia, depois que se despedio do Hermitaõ, tornou ao caminho, e decendo pelo valle abaixo; como a donzella, que Targeta se chamava, com temor hia sempre olhando a huma, e outra parte; vio os tres enganados, que começavaõ a caminhar, e tanto que os conhecco nas armas, disse a Belifonte que se tornassem á Hermida, té que elles passassem. Senhora, respondeo elle, grande abatimento, seria leixar nosso caminho com temor d'algum perigo, quanto mais, que eu creio havello bem pequeno entre estes, que taes obras usaõ: por tanto naõ vos agasteis, que por ventura ajuntarmonos com elles

serà,

ſerá, pera lhe dar o galardaõ do que vos merecem. Os Cavalleiros tanto que os viraõ decer pela coſta abaixo, conheceraõ logo a Targeta no palafrem branco, que trazia, e começaraõ mui alegres de eſperar por ella, parecendo-lhes, que daquella vez lhes naõ eſcaparia. Targeta como julgava Belifonte por de poucas forças, por cauſa de ſua idade, que ella na Hermida vira, naõ lhe parecia, que poderiaõ as ſuas baſtar para o menor Cavalleiro daquelles: e com eſta deſconfiança hia dizendo mal á ſua ventura, e outras couſas, ſem as palavras de Filena a poderem conſolar, nem dar confiança, que eſperaſſe ſua ſalvaçaõ. Belifonte, tanto que chegou a elles, ſalvou-os mui cortezmente. Bem pouco, reſpondeo hum delles, vos aproveitaõ eſſas corteſias, pois com tudo haveis de perder eſſa donzella, que tanto trabalho nos tem dado. Demais, ſe vós ſenhores ſois, diſſe Belifonte, quem me ella contou, que lhe tinhaõ dado muita paixaõ com voſſas deſcorteſias: Se vos ella já enganou, reſpondeo elle, quero-vos eu deſenganar, que ella nem eſtoutra, que trazeis, vos feraõ mais companhia: por tanto podeis

viver

viver ſeguro de volas outrem tomar, pois niſſo queremos entender. Parece-me, reſpondeo Belifonte, que mais quer iſſo ſer força, que razaõ, porem ſe vos tanto obriga o amor dellas, quero ver qual primeiro toma a ſua. Diſſe entaõ o que ficou áquem do Rio: Tomai vós-outros as donzellas, e eu verei eſte ſandeo, que aſſi falla ouſado, pera quanto he, e pôs as pernas ao cavallo contra Belifonte, mas o recado, que nelle achou, o fez ir a terra, e foi taõ grande a quéda, que nunca ſe mais pode levantar. Belifonte tanto que vio jazer eſte maltratado, foi-ſe logo mui preſtes aos dous, que vinhaõ juntamente a elle, e o primeiro, que com eſta ardideza chegou, foi acompanhar o outro que pela terra ſe andava revolvendo. O que ficava, como era mais esforçado, que ſeus companheiros, ferio hum pouco a Belifonte, e perdendo ambos as lanças, com as eſpadas começaraõ a fazer taes couſas, rompendo as armas, e carnes, que a donzella Targeta ſe eſpantava da bondade de Belifonte, porque o Cavalleiro o feria taõ aſperamente, que o menor golpe era pera derribar huma torre, mas

elle dava mui pouco por ſua fortaleza, trabalhando tanto por alcançar a vitoria, té que naõ ſe podendo o Cavalleiro ſoſter na ſella, cahio aos pés do cavallo, pedindo a vida a Belifonte. Certo, reſpondeo elle, eu vo la darei, pois iſto baſta pera o que fizeſtes, com tal condiçaõ, que jureis de nunca a Dóna, nem a donzella, fazer couſa, em que ſintaõ aggravo, antes ſerviço, e amparo, e mais de cumprirdes meu mandado. Senhor, reſpondeo elle, eu vos juro, e prometo de fazer quanto me mandardes, com tal que me deis a vida. O que vos eu mando, diſſe Belifonte, he, que vades antes de vinte dias á Rainha Lucena, e lhe digaes como hum Cavalleiro, que ha muito a deſeja ſervir, lhe beija as mãos, e vos manda diante de ſua Real peſſoa, pera lhe contardes o que a eſta ſua donzella fizeſtes. E entaõ diſſe contra Targeta, que eſtava eſpantada de ſua bondade: Senhora, eſtes dous me parece, que mais eſtaõ pera morrer, que pera contar ſuas maldades: eu quizera que foſſem em companhia de eſtoutro, mas pois aſſi he, ſeu mal lhe abaſte. Senhor, reſpondeo ella, os ſeus cavallos quero eu

man-

mandar por este a huma minha prima, que lá está, pera que saiba minhas aventuras, e quam bem saio com ellas: e tambem com trabalho delles hirem a pé; ficaraõ ouro, e fio, na pena com essoutro. Muito rio Belifonte com a vingança, que Targeta queria tomar delles: e mandou logo a Orgasto, que assi havia nome aquelle Cavalleiro, que entregasse os dous cavallos a quem ella mandava. E tornando a seu caminho com Targeta, vieraõ dormir aquella noite a casa de hum homem velho, que lhe fez muita honra, por amor de hum seu filho, que tambem seguia as aventuras. E ao outro dia despedindo-se delle, chegaraõ sem algum impedimento a casa de Artenda, avò de Targeta, que era huma Dóna de grande idade, e mui virtuosa, segundo o amor com que os recebeo, e logo o que havia nella em taõ pouco tempo se mostrou: Porque difficil cousa he encubrir-se a virtude, e o mal, por muito tempo.

CAPITULO XIV.

Como seguindo Belifonte seu caminho, depois que se despedio de Targeta, no passo da Ponte Brigosa se combateo com Asquilante, e do mais que lhe nesta batalha aconteceo com hum fermoso donzel.

AO outro dia despedido Belifonte de Targeta, e Artenda sua avó, entrou no caminho com grande pensamento, lembrando-lhe o que soubera de Grioneza, e assi quaõ pouco conhecimento tinha de sua geraçaõ. E com este cuidado hia tam pensativo, que todalas cousas lhe esqueciaõ, nem a vontade o inclinava a desejar outro bem, senaõ ter conhecimento della. E caminhando assi graõ parte do dia, chegou a hum Rio, que por huma Ponte se passava, e olhando contra huns Alemos altos, que da outra parte estavaõ, vio huma tenda armada, e muita gente vestida de libré, que pelo campo se andava desenfadando: e indo já no meio da Ponte, sahio d'antre aquella gente hum Cavalleiro bem

posto,

posto, e veio-se a elle, dizendo: Cavalleiro, antes que passeis, ouvi o que digo, e d'aqui fazei o que vos melhor parecer; o Senhor daquella tenda, que esta Ponte guarda, vos manda dizer, que convem destas duas fazerdes huma: tornar por onde viestes, ou vos combater comigo, e se vos vencer, leixareis o escudo pregado, com o vosso nome escrito, pera ser entregue a quem lhe este passo manda guardar, e esta vossa donzella hirá fazer obediencia onde a tal pessoa está: e se fordes taõ ditoso, que me vençaes, combatervos-eis com elle: e porque ainda agora estais em tempo pera escolherdes á vossa vontade, vede se vos será bom tornardes a rapiar a carreira, e eu assi volo aconselho. Naõ creio, respondeo Belifonte, que sois tanto meu amigo que deva tomar de vós esse conselho, porisso ainda que o naõ faça naõ mo tenhais a mal: de minhas armas, e escudo tenho tanta necessidade, que ainda agora por essa via as naõ darei a ninguem, salvo se as naõ puder defender: peza-me muito quererdes usar comigo de pouca cortezia, impedindo-me meu caminho; mas com tudo convem que o faça:

ça: e deu mui rijo das esporas ao cavallo pera passar. Parece, disse o Cavalleiro da Ponte, que todavia vos quereis pôr em perigo. Belifonte começou algum tanto mais a assanhar-se, e disse: Mal me faria Deos, se em outros, de que maior honra ganhasse, eu naõ esperasse de me ver, que o de vossas mãos, e segundo o mal, que usaes comigo, creio que serei livre delle. O Cavalleiro da Ponte remeteo entaõ a elle, e ferio-o taõ forçosamente, que o ferro da lança chegou á carne. Belifonte empregou melhor a sua; porque naõ sómente rompeo as armas do Cavalleiro, que fortes eraõ, mas ainda lhe fez huma grande ferida, de maneira, que naõ se podendo soster com a dor, cahio em terra. Belifonte se apartou entaõ a huma parte, e estando-se consertando na sella, vio sahir da tenda o outro, com que se elle mais desejava combater, o qual vinha emcima de hum cavallo alazaõ mui fermoso, e trazia humas armas de roxo apertado, picadas com lagrimas de prata, e hum escudo do mesmo roxo; e no meio huma alma em chamas de fogo: e vinha taõ oposto, que Belifonte folgou de o ver, mas naõ

que

que perdesse a sanha, que delle tinha, por taõ mal obrar naquella passajem com os caminhantes. O Cavalleiro da tenda, tanto que chegou a elle disse: Convém, Cavalleiro, pois provastes justa com meu companheiro, que tambem o façaes comigo: ainda que naõ quizera, que em tal tempo fora, por naõ dizerdes, que vos tomo já cançado: porém eu creio, segundo vós fermosamente o tendes feito, que naõ tereis muita força perdida, mas pois folgastes de aceitar este partido, naõ faço muito erro contra vós. Saõ taõ máos vossos partidos, respondeo Belifonte, que me haveria por peor aventurado, se nelles concedesse, e de vós tenho mais razaõ de me aggravar, que de vosso companheiro, pois sois causa de se tanta descortesia aqui fazer, e pesame porque naõ posso escusar a batalha das espadas, porque se lança tivera, mais contentamento nisso levara. Por saberdes, disse o da tenda, quanto melhor uso com os Cavalleiros andantes, do que me julgaes, tomai esta minha, e eu mandarei pôr outra. Belifonte lho teve em mercê, mas naõ lha quiz aceitar, té que lhe trouxeraõ outra da tenda. E entaõ

mo-

moveraõ hum contra o outro ao maior correr dos cavallos, e como o Cavalleiro da tenda era mui esforçado, quebrou em Belifonte ſua lança, mas naõ que o podeſſe mover da ſella, o qual encontro Belifonte ſentio gravemente, como aquelle, que ainda naõ topara Cavalleiro de tanta bondade, mas o ſeu encontro naõ foi de menos força, porque o lançou pelas ancas do cavallo: e como o Cavalleiro da tenda ſe vio em terra, levando as redeas na maõ, tornou-ſe a pôr na ſella taõ ſolto, que virando Belifonte ſobre elle, achou que o eſtava já eſperando com a eſpada na maõ cuberto mui bem de ſeu eſcudo, do que ficou eſpantado, mui contente delle, vendo a deſenvoltura, com que aquillo fizera, e peſou-lhe de virem a batalha das eſpadas, mas naõ na podendo eſcuſar, com mui esforçado animo arrancou da ſua, e começaraõ de ſe ferir com tanta crueza, que a gente da tenda ſe eſpantava, como taõ peſados golpes ſuas carnes podiaõ ſoffrer. O Cavalleiro da tenda, porque eſtimava muito a Belifonte, apreſſava a batalha por ſe ſentir mui fraco de huma ferida, que pela cabeça trazia, e remeteo a elle,

le, cuidando de o arrancar da ſella, mas por mais que niſſo trabalhou, nunca o pode mover. Belifonte quando o vio taõ junto de ſi, travalhou-lhe pelo brocal do eſcudo, e pôs as pernas ao cavallo, mas achou as correas taõ fortes, e ſeu contrario de tanta força, que foraõ juntamente ambos a terra, taõ pegados hum no outro, que andaraõ aſſi grande pedaço, té que ſe apartaraõ. E deſdahi tornando á ſua batalha, começaraõ a romper ſua carnes, eſtimando mais a victoria ,s que a ſaude dellas. Porém o Cavalleiro da tenda, por cauſa do ſangue, que lhe da ferida ſahia, andava taõ fraco, que naõ ſe podendo ſoſter nas pernas, cahio aos pés de Belifonte: e vendo elle que por fallecimento de forças, mais que por outra alguma covardia, eſtava vencido; começou de lhe tirar o elmo, por ver ſe era morto. E eſtando com eſta paixaõ de quem a naõ tinha delle quando o feria; começaraõ a deſcer da tenda dez, ou doze eſcudeiros, e antre todos hum donzel ricamente ataviado, o qual chegando onde Beliſonte ſobre o Cavalleiro eſtava, diſſe: Senhor Cavalleiro, huma mercê queria de vós, que

que he a vida desse que a vossos pés está: e ainda que o eu naõ mereço, vossa cortesia me obriga a ousarvolo pedir. Certo, fermoso donzel, respondeo elle, com morte de tal Cavalleiro a todos devia pesar, por quanta bondade nelle ha; mas muito mais me pesa, por se empregar onde taõ pouca honra, com estorvo dos caminhantes, ganha; pois pera maiores obras he conveniente. Senhor, respondeo o donzel, todalas cousas se fazem pera algum fim: e bem creio, que sabendo vós porque o este Cavalleiro faz, que o disculpareis da culpa, que lhe daes; porque quem naõ teve esta cortesia com o seu sangue, por satisfazer ao amor, menos o deve ter com os Estrangeiros, principalmente com aquelles que lhe tanta honra deraõ, se os vencer. Ainda que Belifonte estas palavras ouvio, naõ nas entendeo, porém teve o donzel por taõ avisado, como fermoso: e assi mandou a hum dos escudeiros, que com elle vinhaõ, que lavasse os olhos ao Cavalleiro, porque mais estava cego, e fraco com sangue, que lhe sahia, que por as feridas serem mortaes; pois naõ tinha outra de maior perigo, que huma da cabe-

ça, a qual tanto que foi apertada, cobrando o Cavalleiro ſuas forças, levantou os olhos, dizendo: O' fortuna, pera que me favoreceſtes ſempre em minhas couſas, pois agora no fim dellas, em que algum deſcanço eſperava ter, me tinhas eſta magoa guardada. Os eſcudeiros o tomaraõ entaõ, e levaraõ-no á tenda donde ſahira: Belifonte, porque deſejava ſaber quem elle era, deteve-ſe hum pouco com o donzel, perguntando-lhe, o porque guardava aquelle paſſo. Senhor, reſpondeo o donzel, elle ha nome Aſquilante, he primo del-Rei Adriano, e ha muito tempo, que anda neſta terra, onde tem feito muitas batalhas, e viſto o fim dellas com grande honra ſua: e continuando a Corte del-Rei de França, antre algumas damas, que em caſa da Rainha andaõ, he a filha do Duque de Saboia, que he huma das mais fermoſas mulheres deſte Reino: e aſſi como o amor vence todalas couſas, venceo o coraçaõ deſte Aſquilante, pera que a amaſſe, e naõ ſómente, a elle, mas a Priamor Principe de Normandia, e ella vendo-ſe igualmente d'ambos ſervida, e que cada hum por ſua peſſoa,

e

e linhagem valia muito; disse, que aquelle, que em armas por ella mais fizesse, esse aceitaria por marido, com tal, que ambos se naõ combatessem hum com outro, mas que fossem guardar algum passo, e alli estivessem tres mezes cada hum com seu companheiro, que os ajudasse nos primeiros encontros, e que com todolos Cavalleiros, que por alli passassem, se haviaõ de combater, e aos vencidos, em final de seu vencimento, lhes tomassem o escudo, e no brocal delle o fizessem assinar, chamando-se vencido do vencido Cademia (porque assi ha ella nome) e se trouxesse alguma donzella comsigo, lhe tomassem juramento, que se fosse apresentar diante della, por ver se lhe tinha vantaje em sua fermosura. E sendo caso, que algum delles neste tempo fosse vencido, naõ se podesse mais combater. Assi, Senhor, que esta he a causa, porque Asquilante ha dous mezes, e meio, que está aqui, onde ganhou aquella multidaõ de escudos, que vedes: e porque saibais a quanta lealdade lhe tem; eu cheguei aqui ontem, que sou seu sobrinho, e vou pera a Corte del-Rei Claudio com tres Cavalleiros, que me acompanhaõ, e depois

pois de ſaber que tinhamos eſte parenteſco, aquelle Cavalleiro que venceſtes ſe combateo por ſeu mandado com os meus, do qual foraõ vencidos, ſem elle pera iſſo ſer neceſſario, e huma donzella, que acertou de vir em minha companhia, tambem manda que paſſe pela meſma lei: por tanto, Senhor, me parece, que o naõ deveis culpar, pois o amor o diſculpa. Certamente, diſſe Belifonte, peſa-me por ter paſſado com elle algumas palavras, que naõ foraõ com tanto acatamento, como a peſſoa de taõ alta linhagem convinhaõ: e pois iſto por mim paſſou, pelo pouco conhecimento que delle tinha; peço-vos, fermoſo donzel, que lhe peçais perdaõ de minha parte, e digais, que ſe algum nojo de mim recebeo, eu lhe prometo de o ſatisfazer no que me elle mandar, porque couſas del-Rei Adriano, eu ſeria os dias que viveſſe deſcontente ſe de mim recebeſſem algum aggravo, quanto mais huma tal peſſoa, como Aſquilante. Senhor, reſpondeo o donzel, eu me vou á tenda com eſſe recado, peço-vos, que eſpereis pela reſpoſta, e naõ hajais iſto por deſcorteſia. Com eſtas palavras ſe deſpedio

delle, e d'ahi a hum pouco tornou dizendo: Senhor Cavalleiro, Asquilante vos pede muito por mercê, que repouseis esta noite em sua tenda, e que sómente fazendo isto por seu amor, ficará satisfeito do danno que de vós tem recebido. Vendo Belifonte, que com tanta vontade o queria agasalhar, foi-se com o donzel, e chegando á tenda, onde Asquilante no leito jazia, levantou-se, o melhor que pôde, sobre a cama dizendo: Senhor Cavalleiro, antes que vos peça perdaõ do que me vós culpaes, vos contarei o porque mantenho este costume, e entaõ julgai a verdade, e se vos toca alguma parte da dôr, que me atormenta, eu creio que concedeis no que faço, pois obrando o contrario, naõ alcançaria a quem meus olhos desejaõ ver, donde todas minhas forças dependem. Entaõ começou a contar com muito sentimento o que já ouvistes, e porque soubesse quanto o atormentava o amor, lhe disse, que aquelle donzel era seu sobrinho, filho del-Rei Adriano de Ungria, e que passando pera casa de seu avó a se armar Cavalleiro, sabendo tudo isto, mandara aquelle, que primeiro venceo, que se

com-

combateſſe com tres Cavalleiros, que o acompanhavaõ: iſto ſómente por eſtar á obediencia de quem o em tal eſtado pôs. Por tanto, Senhor, tenhaõ eſtas couſas tanta força, que me julgueis por mais verdadeiro amador, que mal enſinado Cavalleiro, e peço-vos, que eſta noite folgueis aqui por ſer o povoado mui longe, e o tempo curto pera nelle pouſar. Belifonte, depois que aceitou o que lhe offerecia, tirou o elmo, porque entaõ, ainda que eſtava aſſentado, ſempre o teve poſto: e Aſquilante cuidava que o fazia por naõ ſer conhecido: e quando o vio taõ moço, que em ſeu parecer ſeria da idade de Dom Dinarte ſeu ſobrinho, ficou muito mais triſte, conſiderando ſer delle vencido, e começou fortemente a ſuſpirar. Belifonte, ainda que naõ ſentia os cuidados de amor, ſentio a paixaõ de Aſquilante, parecendo-lhe, que os ſeus ſuſpiros eraõ com lembranças de Cademia, porém juntamente com ella outro mal atormentava ſeu coraçaõ, que era ver-ſe vencido de taõ pequena idade, havendo grande tempo que ſeguia as armas, e por ſua cauſa perdia a gloria de ſua fama, e Cademia, que elle mais eſtima-

timava, e com efte cuidado naõ podia foster a avondança dos fufpiros, que lhe abafava a alma, e por algum tanto a defcanfar, leixava-os fahir. Belifonte, com paixaõ delle começou de lhe dizer: Senhor Afquilante, naõ me parece, que vos deveis deleitar tanto nas lembranças de Cademia, nem fentir o que tendes por ella paffado, porque caufará em vós maior mal do que perdeis no tempo, que naõ acabaftes, e fegundo eu vejo na multidaõ daquelles efcudos, bem creio, que por muito que dois Cavalleiros em todo hum anno façaõ, naõ alcançaraõ o que vós com tanta honra nefte pequeno efpaço ganhaftes, nem me parece, que Priamor em todo o feu chegara á terça parte, fegundo a fama de voffas coufas tem vantajem nas fuas: por iffo peço-vos, que naõ trateis mal voffa vida com cuidados, que tanto atormentaõ, porque Deos vos dará o que defejais, como vos deu tanta parte em todalas coufas, e eu vos prometo, que tudo o que em mim for (fe minha valia alguma coufa aproveitar) faça com tanta vontade, como eu efpero. A efte tempo chegou hum efcudeiro de Afquilante, e diffe, que tu-

do

do estava prestes, se quizessem cear. E desarmado Belifonte, depois que se cobrio com hum roupaõ de escarlate forrado de Martas, que Grioneza pera os taes tempos lhe déra; assentou-se junto do donzel, que Dom Dinarte se chamava. E estando assi todos, começou de se acender hum amor antrelles, sem saberem quanta razaõ tinhaõ pera se amar. Dom Dinarte dizia em seu pensamento: O' quem fosse taõ ditoso, que podesse andar na companhia deste taõ bemaventurado Cavalleiro, vendo as cousas que com tanto esforço faz, pera usar das taes quando se nellas visse. Belifonte tambem estava contemplando na sua fermosura, e gentil disposiçaõ, que juntamente com o aviso tinha, segundo em suas palavras conheceo. E dizia, que se o Deos chegasse a idade perfeita, seriaõ nelle bem empregadas as armas: crendo, que de tal pai como elle tinha, naõ se podia menos fruto esperar: Desta maneira estavaõ estes dois irmãos antre aquelle tio, taõ fóra de suspeita da razaõ, que tinhaõ pera se mais perfeitamente amar: mas o pensamento de Asquilante era bem desviado do seu, lembrando-lhe seus males,

e como em taõ pequeno tempo em maior quantidade foraõ acrescentados. E sentindo Belifonte estas cousas havia-se por mal aventurado vir a parte onde tanta paixaõ désse. E levantados da mesa, Belifonte, e Dom Dinarte sahiraõ-se fóra da tenda por ver os escudos, que nos Alamos estavaõ, antre os quaes havia muitos, e bem lavrados, com fermosas, e frescas divisas. E estando assi, chegou a elles huma donzella mui apressada, e disse: Fermosos donzeis, acharia aqui algum Cavalleiro, que me salvasse a vida d'outro, que a mãos de hum diabo está perecendo. Belifonte, vendo, que delle tinha necessidade, armou-se mui á pressa, e disse á donzella, que o encaminhasse. Senhor Cavalleiro, respondeo ella, pois que o sois, naõ me parece vossa idade pera taes perigos, por tanto levai comvosco alguns, que vos ajudem, e se o assi naõ fazeis, eu me vejo mais descontente do que agora estou, pois serei causa da vossa morte. Quando lhe Belifonte ouvio tanto encarecer este caso, cresceo-lhe mais o desejo de se ver naquelle perigo, e deu das esporas ao cavallo, dizendo-lhe, que o encaminhasse,

se, porque mais valia o favor divino, que o ajuntamento de muitos Cavalleiros.

CAPITULO XV.

Do que aconteceo a Belisonte neste caminho.

CArfel, como vio partir Belisonte, disse a Filena, que ficasse na tenda de Asquilante, porque naõ podiaõ muito tardar. E dando da vara ao palafrem, começou de o seguir, que já desapparecia, té que o alcançou em huma assomada: e no mais baixo do Valle andavaõ dois Cavalleiros combatendo-se mui bravamente, ainda que com difficuldade se podiaõ ver, por ser já mais horas de repousar, e dormir, que em tal perigo entrar. A donzella disse entaõ a Belisonte: Vedes senhor aquelle Cavalleiro, que anda da parte contra nós, pois a elle quero eu livre das mãos daquelle diabo, que o maltratado traz. Belisonte, como lhe isto ouvio, começou de correr pela cósta abaixo, e chegou onde se os dois combatiaõ, a tempo que o Cavalleiro da

donzella andava mui maltratado; com as armas, e carnes por muitas partes desfeitas, e o outro era hum Gigante de mui descompassada grandeza. E certo, se o Cavalleiro, que se com elle combatia naõ fora taõ esforçado, por ventura aos primeiros dois golpes do Gigante fenecera, mas como era neste exercicio mui usado, combatia-se animosamente. Belifonte se chegou a elles, dizendo: Senhores, eu vos vejo andar taõ maltratados, que folgaria de saber a causa de vossa contenda, porque se por outra via se poder remediar, será bem que se faça, e naõ com tanta crueza, e estrago de vossas carnes. Muito mais cruas te pareceraõ minhas mãos, disse o Gigante, pois me estorvaste de tomar vingança deste, do que té agora parecem, estando livre dellas. Naõ te póde ati o diabo dar, respondeo Belifonte, tanto poder, por maior servidor que sejas seu, que ellas obrem em meu danno, pois tenho melhor valedor do que te elle será. E nesta detença de palavras, que ambos fizeraõ, esfriou-se tanto o outro Cavalleiro, que cahio amortecido com desfallecimento do sangue, que se lhe fora. Quando Belifon-

lifonte o vio jazer, apertou a lança na reste, e encontrou o Gigante com tanta força, que lhe quebrou as silhas do cavallo: e por se soster levou as redeas na maõ, com que o fez tanto empinar, que cahio sobre elle. Belifonte depois que concertou o elmo do grande encontro, que lhe o Gigante deu, com huma lança nova que tomou, saltou do cavallo em terra, e antes que se o Gigante movesse, deu-lhe dois golpes taõ apressados, que o fez ajoelhar. O Gigante se levantou logo o melhor que póde, e começou de o ferir taõ aspero, que a carne o sentia gravemente. E andando assi com tanta crueza tratando hum a outro, alcançou Belifonte a maõ do Gigante em descuberto, e foi de tanta força, que lha cerceou. Quando se elle vio aleijado, lançou o escudo fóra, e passou a espada á outra mão que taõ desenvolta tinha como a direita, e remeteo a Belifonte com huma braveza bestial; crendo que com aquelle golpe o fenderia, segundo a sua espada cortava, mas Belifonte conhecendo que vinha perdido, desviou-se delle, e com a força, que o Gigante trazia, deu comsigo de bruços em hum ajunta-

men-

mento de pedras, de que ficou taõ atormentado, que senaõ pôde quasi mover, e antes que mais entrasse em acordo, saltou Belifonte sobre elle; e juntamente com o elmo, que mui grande, e pesado era, lhe cortou a cabeça, e olhando pelo outro Cavalleiro, que o tinha a donzella nos braços, o qual com o desfallecimento do sangue, parecia de todo trespassado, Belifonte o tomou entaõ por hum braço, dizendo: Cavalleiro, naõ temais perigo, que prazendo a Nosso Senhor, elle vos guardará com tal ajuda qual a tendes nesta donzella, que tanto vossa vida estima: por isso esforçai, naõ desfalleçaõ agora aquellas forças, que bem pouco ha taes obras fizeraõ. Estando neste trabalho com elle, chegou D. Dinarte com seus escudeiros á maior pressa do mundo, que vinha ver o que lhe nesta aventura succedia. E vendo diante de si morto hum corpo de tamanha grandeza, por mãos de Belifonte, dizialhe mil louvores, chamando-lhe bemaventurado Cavalleiro, e outras cousas, em que mostrava o amor que lhe tinha. Belifonte pelo delviar destas palavras, pedio-lhe, que mandasse levar aquelle

Ca-

Cavalleiro á tenda de ſeu tio, porque eſtava mui fraco, e ſeria gram mal, á mingoa de alguma couſa, perder-ſe tal peſſoa. O donzel como naõ tinha o coraçaõ menos piadoſo que elle, mandou logo aos ſeus eſcudeiros, que o levaſſem. E ſeguindo todos o caminho da tenda de Aſquilante, a horas que a luz da Lua tirava parte da eſcuridade da noite; começou a donzella a contar a Belifonte, como aquelle Cavalleiro ſe chamava Comantino Hiroſo, e que era de caſa do Emperador de Conſtantinopla: e vindo com ella pera lhe dar vingança de hum Cavalleiro, que lhe matara ſeu pai, toparaõ aquelle Gigante no caminho, e porque naõ quiz obedecer a huma arvore, com que o Gigante dizia que andava d'amores, ſe combateo com elle, té que o pôs em tal eſtado. Com eſtas, e outras palavras foraõ gaſtando o caminho té chegarem á tenda, onde Aſquilante os recebeo com muito prazer, ainda que naquelle tempo pouco entrava em ſeu coraçaõ: porém forçou a vontade, moſtrando alvoroço alegre pela victoria de Belifonte, e tambem por cauſa de Comantino Hiroſo, que era grande ſeu

ami-

amigo, e tinhaõ ambos muito tempo ſeguido as aventuras, e hum com ajuda do outro feito taes obras, que por muitas partes eraõ conhecidos. E chamava-ſe Hiroſo, porque ao tempo que com alguma cauſa eſtava agaſtado; era taõ impaciente, que naõ leixava de fazer, ou dizer qual quer couſa a que a ira o levava. Aſquilante vendo-o taõ mortalmente ferido, mandou a Bretulo ſeu eſcudeiro, que o curaſſe com tanto reſguardo, como a ſua propria vida, pois ſabia a razaõ, que ambos tinhaõ de ſe perfeitamente amar. E curado elle, e deshi Belifonte de huma ferida, que no hombro eſquerdo na batalha do Gigante houvera, repouſaraõ aquella noite do trabalho do dia. Porém o ſonno dava o deſcanſo a Aſquilante que tem aquelles, a que o cuidado lho faz perder.

CAPI-

CAPITULO XVI.

Da batalha, que Belifonte com Priamor houve, e do recebimento, que ElRei Claudio a Dom Dinarte seu neto fez.

VAi profeguindo a noſſa hiſtoria, que huma tarde gracioſa, andando ElRei Claudio pelo campo, vio ſair da floreſta, que junto da Cidade de Moleſta eſtava, hum Cavalleiro taõ fraco, e canſado, que eſcaſamente ſe podia na ſella ſoſter, e de traz delle vinha o ſeu eſcudeiro com dous cavallos a deſtro atados hum no outro. O Cavalleiro, quando ſoube que alli andava ElRei, foi-lhe beijar as mãos com muito acatamento dizendo: Senhor eu venho com recado de hum Cavalleiro pera a Rainha, e ſe o Voſſa Alteza quer ſaber, ſeja diante della, porque aſſi me foi mandado. ElRei com deſejo de o ouvir, tornou-ſe á Cidade, e foi-ſe ao apoſentamento da Rainha. O Cavalleiro, tanto que ſe vio diante della, começou de lhe pedir perdaõ por hum deſſerviço, que lhe tinha feito, dizendo,

zendo, que nos coraçoens Reaes de muito maior louvor era a piedade, que a rigorosa justiça, ainda que assaz pena sentira em penitencia do que tinha feito, porém que se naõ acabava senaõ publicando diante de sua Real pessoa o erro, que contra suas cousas cometera. E entaõ começou a contar o que passara com Targeta, e a batalha, que elle, e seus companheiros com Belifonte houveraõ, e que de sua parte se vinha apresentar diante de sua Magestade, e assi todalas outras cousas, que lhe mandára fazer, como atraz ouvistes. Mui espantado ficou ElRei, e a Rainha, naõ sabendo quem seria aquelle Cavalleiro, que taes cousas por seu serviço obrava, e depois que sobre isso estiveraõ fallando, despedio a Rainha a Orgasto, dando-lhe por pena o conhecimento que de sua maldade tinha. E leixando a elles, tornemos a Belifonte, que esteve seis dias com Asquilante por naõ estar pera o caminho disposto, mas depois que a chaga lhe deu pera isso lugar, despedio-se delle, e de Dom Dinarte com muito amor, e tornou a seguir sua via. E continuando suas jornadas, indo mui pensativo nas cousas de

sua

sua vida, e de quam pouco conhecimento de seus parentes tinha, achou hum Cavalleiro sem lança, e escudo, que vinha gravemente gemendo emcima de hum cavallo murzélo. Belifonte se chegou a elle, e disse: Parece-me, Senhor, que ides hum pouco maltratado, e vede se vos he necessario alguma cousa, porque certo eu o farei de mui boa vontade. O Cavalleiro lhe respondeo, dizendo: Se vós fordes mais adiante, eu creio, que sentireis em vossas carnes minha dor, por tanto hi muito embora, que a mezinha de que tenho necessidade naõ na espero achar em vós, pois maiores forças que as vossas, me saõ necessarias pera tomar vingança. Por ventura, disse Belifonte, vola dera eu, tendo vós causa, que eu com isso forças achara, mas pois dellas desconfiaes, idevos embora, e veremos se lá adiante acharei mais graça da que comvosco levaes. E despedindo-se delle, seguio seu caminho, e antes de meia legoa á entrada de hum valle, que tinha o passo mui estreito por causa de duas serras mui altas, que o fechavaõ, vio estar dous Cavalleiros lançados á sombra de huns freixos, e pelo que lhe Asquilante

lante tinha dito conheceo, que era Priamor, e seu primo, e com tudo naõ leixou de caminhar seu passo cheio esperando que o cometessem. Elles, tanto que o viraõ, levantou-se o primo de Priamor; e pondo-se a cavallo veio a elle dizendo: Convém Cavalleiro, que antes de passardes o valle passeis pela obediencia do Senhor que o guarda, fazendo o que vos elle mandar, e se isto naõ quizerdes por vossa vontade, será por força d'outrem. Em caso donde força entrar, respondeo Belifonte, nunca Deos queira que eu consinta por isso quem me tolher meu caminho espere que o naõ heide sofrer: e começou a andar por diante. O primo de Priamor abaixou entaõ sua lança, parecendo-lhe que d'aquelle encontro ficaria satisfeito, mas naõ foi de tanto danno; que maior naõ recebeo, porque o lançou Belifonte por cima das ancas do cavallo taõ levemente, que commoveo a se levantar Priamor, e com grande ira cavalgando em seu cavallo tomou huma lança pelo vingar, mas d'outra maneira lhe succedeo, porque Belifonte lhe tinha melhor vontade, que a seu primo, sabendo que nisso em alguma maneira satisfazia ao

nojo

nojo de Asquilante. E com este desejo correo contra elle, que vinha á redea solta. E como os cavallos hiaõ de grande força, e os Cavalleiros naõ na tinha pouca, deraõ-se taõ fortes encontros, que as lanças se fizeraõ em raxas. Porém o ferro da de Belifonte com hum pequeno do troço ficou metido no corpo de Priamor, e segundo o maltratou, senaõ fora de tanto esforço com aquelle só encontro se despedira Belifonte, mas Priamor com tudo isso naõ leixou, nem perdeo hum ponto do que em tal caso havia de fazer: porque com muito animo arrancou de sua espada, começando a ferir apressadamente por onde podia alcançar a Belifonte. E elle vendo que tinha anojado á Asquilante, e que o remedio de sua tristeza estava nesta batalha, naõ queria poupar seu inimigo, antes trabalhava em seu danno, e com esta vontade, que lhe trazia, deu-lhe hum golpe de tanta força, que naõ se podendo Priamor soster na sella, abraçou-se com o pescoço do cavallo. E tornando-se a concertar, travou-lhe Belifonte taõ rijo pelo braço, que deu com elle em terra de maneira, que ficou quasi tolhido sem se

poder

poder levantar. E estando em pressa de o fazer, saltou Belifonte sobre elle, e arrancou-lhe o elmo, dizendo: Cavalleiro, convém que vos outorgueis por vencido, pois vossas forças vos naõ podem defender. Muitos dias ha, respondeo elle, que o sou de quem me a isto fez chegar. Porém bem vejo, que em vossas mãos está a minha vida, ou morte: e qual quiserdes me dai, porque tanto contentamento espero já agora de ter com huma, como com outra. Belifonte, quando lhe ouvio estas palavras, houve piedade delle, e disse: Prometei-me de fazer huma cousa, que naõ he deshonra vossa, e eu vos darei a vida, que será bem empregada em vós, porque bom Cavalleiro sois. Já naõ posso fazer alguma, disse Priamor, que me taõ caro seja, como ver-me em tal estado (bem mal agradecido de quem me nelle pôs) Porém tal póde ser, que antes aceitarei a morte, que nella conceder. Belifonte lhe perguntou entaõ a causa, porque alli estava, assi como se a naõ soubera. E depois que lha Priamor contou, disse-lhe Belifonte: O que eu quero, e vos peço, he, que tomando todolos escudos,

que

que tendes ganhado, vades á Corte del-Rei de França, e me espereis nella té eu ser presente, que será com ajuda de Deos mui cedo. Naõ creais, disse Priamor, que he essa promessa pera mim de pouca dor: porèm eu o farei, pois minha ventura quiz, que nunca minha vontade faça. Belifonte lhe tornou a responder com palavras de muita cortesia, e d'hi partindo-se delle foi seu caminho. Ao qual nós agora leixando, tornemos a Dom Dinarte, que despedido de Asquilante seu tio, e de Comantino Hiroso, que ainda ficava maltratado. Tanto andou por suas jornadas, que aos quinze dias chegou á Cidade de Molesta, onde seu avô Claudio estava, que o recebeo mui amorosamente, como aquelle, que lhe muito queria, por ser o primeiro fruito, que de sua Briaína vio. E sabendo a causa de sua vinda, beijava-o muitas vezes nas faces, dizendo: Bem te pareces áquelle grandissimo animo de teu pai, pois já o coraçaõ te commove a taõ grande trabalho, como he o das armas: E outras palavras de naõ menos amor. E assi com elle sobraçado, se foi á Rainha, que ficou fóra de seu sentido parecendo-lhe, que ti-

nha

nha diante sua filha Briaina (taõ conformes eraõ nas feiçoens a mãi, e o filho.) E estando neste prazer com seu neto, entrou pela camera a donzella Targeta, a qual depois que deu o recado, que da Rainha Briaina trazia contou tudo o que lhe acontecera com os tres Cavalleiros: e o que a livrara havia nome Belifonte, e isto soubera de huma donzella sua colaça, e que era taõ moço, e gentil-homem como esforçado, e cortez, segundo suas obras mostravaõ. ElRei disse entaõ á Rainha, como aquelle era o donzel, que lhe tinha dito que armara Cavalleiro, por causa do qual tantas cousas passára, e por amor de seu neto tornou-as outra vez a contar. Isso, Senhor, respondeo elle, bem maravilhoso he: porém se ó Vossa Alteza vira no que o eu vi, em maior conta o tivera: e entaõ contou tudo o que com Asquilante passou, e depois com o Gigante Armante, Senhor do Castello Enganoso. Certamente, disse ElRei, grandes cousas lhe tem Deos promettido, e já me parece, que esses principios saõ bons sinaes pera a esperança, que delle temos: de Asquilante me espanto seguir o que Cademia di-

zia zombando, porém aos homens namorados a causa que os vence os disculpa. Elle será aqui mui cedo, disse Dom Dinarte, porque assi ficou concertado antre elle, e Belifonte. Eu folgaria, respondeo ElRei, de o ver nesta terra pela mingoa que nos faz, e tambem por ser fóra de tamanho perigo como esse, em que está, naõ sabendo as bondades dos Cavalleiros andantes arriscarse a perder a vida por cousa de taõ pouca sustancia. Senhor, disse Dom Dinarte, naõ se perde ella onde se honra ganha, e eu creio que Vossa Alteza haverá por bem empregado o tempo, que alli gastou vendo o que nelle tem ganhado. Fazeis bem de o disculpar, respondeo ElRei, pela parte que vos toca. Nestas, e n'outras cousas de muito folgar esteve ElRei, e a Rainha com seu neto, prometendo-lhe como do caminho descansasse, o que desejava. E despedindo-se ElRei da Rainha, ficou Dom Dinarte com ella, e com seus tios Belisanda, e Fendibal, que eraõ mais moços que a Rainha Briaina, e este Fendibal seria da idade de Dom Dinarte. E porque a Rainha sua madre o naõ consentia, leixava de ser feito Ca-

valleiro, tendo nisso trabalhado com seu pai. Porém vendo que Dom Dinarte vinha a isso, teve esperança, que lho naõ negaria, com que andava taõ contente, que logo se enxergava o prazer, que no coraçaõ tinha. Porque taõ difficil he podello encobrir, como o cuidado, que muito atormenta.

CAPITULO XVII.

Como partido Belifonte de Priamor foi huma noite dormir em huns edificios, e do que lhe aconteceo com dous Cavalleiros, que tambem ahi pousaraõ.

DEpois que Belifonte se partio de Priamor, tornou a seu caminho com determinaçaõ de naõ ir á Corte del-Rei Claudio taõ cedo, como tinha prometido a Asquilante, senaõ depois que fizesse algum serviço a ElRei, por onde lhe pagasse parte de quanta honra, e mercê delle tinha recebido. E sua ventura, como em todalas cousas lhe era mais favoravel do que elle desejava, trouxe-o a lugar onde fizesse o que ouvireis, porque aos seis dias, que se de Priamor partio,

tio, levava o cavallo taõ cansado, e assi os palafrens de Carfel, e Filena, que lhe conveio repousar aquella noite em huns edificios antigos, que á borda do caminho estavaõ. E em quanto Carfel meteo os cavallos em outras casas, que apartadas d'aquellas estavaõ, depois que ceou encostou-se Belifonte sobre aquella verde erva. E estando já traspassado do sono, e Carfel, e Filena fallando mui passo, sentiraõ entrar dous Cavalleiros em outro repartimento dos edificios, e depois que tambem cearaõ disse hum delles a hum seu escudeiro: Vem cá Bretil como ceares torna a cavalgar, e vai-te diante á Cidade, e se ElRei sair á caça vem-nos buscar na fralda da Floresta d'arvore Real, que junto della está, e naõ venhas senaõ com recado certo donde vai, e a gente que leva, e de todalas cousas que delle souberes resguarda mui bem na memoria pera nos dar conta dellas. E acabando estas palavras, disse contra o outro Cavalleiro. Parece-me, Senhor, que se nos agora naõ vingarmos delle, que nunca o faremos: Porém huma mercê me haveis de fazer, que me leixeis dar o primeiro encontro, e eu vos pro-

meto de ser o derradeiro, e entretanto defendei-me o campo d'alguem, se lhe acudir. Todas estas cousas Carfel, e sua irmãa ouviaõ, e por naõ saber o que se d'alli ordenava, leixaraõ-se dormir, parecendo-lhe, que tambem as ouvira Belifonte. Os Cavalleiros, como quem naõ dormia cuidando na treiçaõ, que tinhaõ feita; antes que amanhecesse começaraõ a caminhar. Belifonte depois que foraõ horas tambem fez outro tanto, e tendo já huma legua andada por onde os outros vieraõ, disse Carfel: Dormieis, Senhor quando os dous Cavalleiros entraraõ onde nós esta noite pousamos? Como, respondeo elle, algum chegou ahi? Mas pousaraõ, disse Carfel. Entaõ lhe contou quanto fizeraõ, e disseraõ. Quando Belifonte ouvio taes novas começou a bradar com Carfel, dizendo, porque o naõ chamavaõ. Certo, respondeo elle, sempre minha irmãa, e eu cuidámos que estaveis esperto, e por isso nos callamos. Eu tenho disso a culpa, disse elle, pois naõ aproveito mais que pera dormir, porém eu pagarei a pena, que por isso mereço em naõ descançar té me com elles ver. E tornando a virar as redeas por

onde

vio a trilha dos Cavalleiros, tres dias andou sem os poder alcançar, perguntando por elles a quem quer que achava, e com o trabalho, que dava ao cavallo naõ no podia levar hum passo adiante: de que Belifonte hia taõ agastado, que naõ se sabia remediar, e se lhe entaõ puseraõ o senhorio do mundo diante, ou hum cavallo, tudo leixara por se ver em outro melhor que o seu. E indo assi dando-lhe mil esporadas, chegou a elle hum Cavalleiro, e quando vio que o tratava mal, disse em tom de zombaria: Parece-me, gentil Senhor, que ereis bom pera tecelam, pois tambem daes aos calcanhares: e essa donzella tambem cuido, que mais he emprestada, do que póde ser de vós defendida, aldemenos em quanto fordes nesse coitado, que mais estimara essa verde erva que vossa conversaçaõ. Belifonte como hia apassionado encendeo-se contra elle por fallar taõ descortez, e disse: Certo, ainda que foreis melhor ensinado naõ despontáreis com isso a lança, mas porque saibaes quam bom official sou do officio, que dizeis, e se a donzella vai mal guardada, farei comvosco hum partido, que se me derribar-

ribardes do primeiro encontro, deste, que taõ fraco vedes, me vá a pé, e a donzella fique por vossa, e se vós desse folgado cairdes, que seja meu: e faço este partido pela necessidade que tenho, e eu vos prometo, se o ganhar, outro taõ bom como elle em qualquer tempo, que mo pedirdes. Por peça taõ ruim, respondeo elle, como he huma das que no partido pondes, naõ no aceito, mas pela donzella, que me parece bem, e sei que será do primeiro que topardes, quero que vá desta vez comigo. Belifonte, ainda que o cavallo estava taõ fraco, que escassamente se podia mover, pos-lhe as pernas taõ de supito; que o fez sair mui rijo, e com o grande nojo, que do Cavalleiro tinha, encontrou-o nos peitos de tanta força, que lhe falseou as armas, e deu com elle pelas ancas do cavallo em terra, e como hia com o pescoço pera baixo, ficou taõ quebrantado, que nunca se mais pôde mover: Em maneira que Belifonte creo, que ficava morto, do que lhe pesou: porém de tudo era merecedor, e por isso naõ leixou de lhe tomar o cavallo, que era fouveiro mui fermoso, e leixando-lhe o seu cansado, dis-

se

se a Carfel: Porque me naõ podereis aturar tu, e tua irmãa, vindevos á Cidade de Molesta, e se souberdes que entro nella, entrai vós-outros. E acabando estas palavras tomou hum trote apressado por alcançar os dous Cavalleiros, que já a este tempo tinhaõ sabido do escudeiro que mandaraõ, como ElRei era a monte, e que naõ levava mais que doze monteiros, e alguns fidalgos vestidos em saios de montaria, e com as armas que pera os taes tempos lhe eraõ necessarias. Belifonte com o cuidado que levava, e com danno do cavallo chegou sobre hum cabeço, que descubria a Cidade de Molesta: e quando se taõ perto vio, porque naõ sabia onde a floresta d'arvore Real era, começou a olhar em torno, e vendo por antre as arvores hum campanario de huma Hermida, que perto d'alli estava, correo contra ella: e chegando á porta achou hum Hermitaõ, que estava rezando por huns grossos bugalhos, e depois que fez oraçaõ na Hermida, perguntou-lhe como se chamava aquella floresta: d'arvore Real respondeo elle, e se por ventura his fallar a ElRei Claudio, creio que nella o achareis andar a monte,

te, porque menos haverá de meia hora, que chegaraõ aqui dous homens a beber d'agoa, e me disseraõ, que andava alli. Belifonte com estas taõ boas novas tomando a bençaõ do Hermitaõ, despedio-se delle, e da maior altura de hum outeiro vio que do outro que estava defronte se leixavaõ os dous Cavalleiros contra o valle correr, como que tinhaõ visto a ElRei. E isto era assi, porque andava com hum porco desviado de todos, sómente com tres monteiros, e com desejo de o ferir andava taõ occupado, que nunca vio os dous Cavalleiros, senaõ quando sobrelle começaraõ a dizer: Ah falso Rei! aqui perderás a vida, pois a tiraste a quem com mais razaõ devera viver. ElRei quando os ouvio, virou o rosto: dizendo: Certo, com mais verdade vos posso eu esse nome chamar, pois por traiçaõ me tomais, e com estas palavras começou de terciar a lança de monte pera se defender em quanto podesse. Os monteiros vendo seu Rei, e Senhor, daquella maneira, e seus inimigos taõ ferozes contra elle, determinaraõ perder as vidas por amparar a sua, e puseraõ-se diante pera receber os

en-

encontros: porém os Cavalleiros fizeraõ pouca conta delles, porque derribaraõ logo dous, e tornando-se sobre ElRei aquelle que tinha dito ao outro, que lhe desse o primeiro encontro, deu-lhe hum com tanta força, e vontade, que cuidou ser o derradeiro, como elle prometera: mas Deos d'outra maneira o tinha ordenado; que foi o encontro em soslaio, e rompeo sómente os vestidos té chegar á carne, sem fazer mais que hum final córado por onde o ferro passara, e com a força do tal encontro cahio ElRei em terra. Quando Belifonte, que a este tempo chegava, o vio jazer, crendo que era ferido, encontrou, com a força que pela ladeira trazia, ao primeiro, que diante achou, de maneira, que lhe atravessou a lança pelos peitos, e sem mais fallar ficou assim espetado. E naõ parando neste, virou sobre o outro, arrancando d'aquella boa espada, que lhe ElRei déra: e começou de o ferir, como aquelle, que em taes tempos queria mostrar pera quanto era. O Cavalleiro sentindo, que os golpes de Belifonte eraõ taõ apressados, que de hum a outro naõ havia tempo, e nelles estava o fim de seus

dias,

dias, ſegundo eraõ mortaes, encontrou com os peitos do ſeu cavallo ao de Belifonte, que já taõ canſado vinha como o outro, de maneira, q̃ deu com elle em terra. Belifonte ainda que levou huma perna debaixo, levantou-ſe como ſe nada ſentira, e antes que iſto fizeſſe, ferio-o taõ rijo o Cavalleiro, que tinha já as armas por muitas partes desfeitas, mas naõ tardou muito o retorno, que lhe diſſo deu; porque vindo elle pera o atropelar, deſviou-ſe Belifonte, e cortou-lhe as pernas do cavallo cerceas, e como hia correndo com força, lançou por cima das orelhas a ſeu ſenhor taõ lonje, que cuidou Belifonte, que ſe naõ levantaſſe mais, mas o esforço, e ardideza, que tinha, o fez mui preſtes erguer. Belifonte, quando aſſi o vio, começou de o ferir mui á preſſa por o acabar, porém o Cavalleiro ſe igualou tanto com elle, que o naõ podia á ſua vontade ferir, e Belifonte com furia lhe travou pelo brocal do eſcudo, taõ rijo, que o fez dar de fucinhos; e cahio de maneira ſobre a ſua propria eſpada, que elle meſmo ſe meteo nella. E vendo Belifonte, que era morto mais por deſaſtre, que a ſuas mãos;

de

de vergonha do pouco que tinha feito, foi buſcar o ſeu cavallo com intençaõ de ſe partir, parecendo-lhe ainda aquelle ſerviço pequeno pera ſe dar a conhecer com ElRei. E andando neſta preſſa foi-ſe ElRei a elle, e tomou-o pelo braço, dizendo: Por minha fé, de quanto ſerviço me vós fizeſtes quero eu pagarvolo com eſta força de vos naõ leixar, té ſaber a quem tanto devo. Belifonte, ainda que niſto recebeo deſcontentamento; por naõ ſer mal enſinado, e mais contra quem elle tanto eſtimava, tirou o elmo, e diſſe: Quem vos eſte ſerviço fez he Belifonte feitura de voſſas mãos Reaes, que nunca, por mais que viva, ſatisfará a menor mercê, que de vós tem recebido. Quando ElRei o conheceo, lançou-lhe os braços no peſcoço, dizendo: Certamente eu me acho ditoſo em tal perigo, pois por elle vos alcancei neſta terra: e ſe vos conhecera ao tempo que chegaſtes, naõ eſtimara meus inimigos, ſegundo o defenſor tinha em vós. E eſtando em eſtas razoens, chegaraõ os fidalgos, que andavaõ a monte, os quaes tinhaõ ſabido por hum dos monteiros, que foi dar nova do perigo em que El-

Rei estava: e naõ sómente se soube no monte, mas correo á Cidade, e fez taõ grande revolta, que quasi toda se despejou, vindo cada hum com as armas, que mais prestes achava. Fendibal, e D. Dinarte a este tempo andavaõ ambos apartados, a quem melhor monteiro seria, e dando-lhe esta nova, vieraõ atravessando por hum bosque abaixo, e chegaraõ a matacavallo, a tempo, que já ElRei caminhava pera a Cidade, e Belifonte com elle: e como do trabalho hia afrontado, parecia taõ gentilhomem, que todos se espantavaõ assi da sua mocidade, como da fermosura. Dom Dinarte quando chegou a elle, com grande alvoroço começou a dizer: Senhor, naõ posso leixar de ser mui contente, pois me Deos mostrou o que desejava, que era verem nesta terra cousas vossas, por serem testemunhas do que eu digo. E entaõ chamou seu primo Fendibal (porque assi se chamavaõ por causa das idades) e apresentou-lho, o qual lhe fez muita cortesia, offerecendo-lhe a vontade, e forças pera quantos dias tivesse, como aquelle que lhe tinha já muita devoçaõ. Belifonte lhe fallou tambem com muito acata-

men-

mento, ſabendo quem era; e aſſi a Dom Dinarte, a quem naõ tinha pequena afſeiçaõ, como já ouviſte, e pondo-ſe antre elles julgavaõ-no por da ſua idade; ainda que as armas lhe tinhaõ feito algumas nodoas, que o faziaõ mais córado. Deſta maneira chegaraõ á Cidade acompanhados quaſi de todo o povo, que a huma voz louvava Belifonte, e a quem o gerara, pois era amparo de tantos. A Rainha, e ſua filha Beliſanda, com todalas Damas ſabendo como vinhaõ, ſahiraõ-no a receber a huma grãa ſalla. ElRei tomou entaõ pelo braço a Belifonte, dizendo contra a Rainha: Senhora, fazei, muita honra a quem a merece, e vos tanto ſerviço faz. Belifonte ſe abaixou a ella com muita humildade pera lhe beijar as mãos, mas a Rainha o naõ conſentio, antes o levantou, dizendo: Certamente, dias ha, que vos ElRei meu Senhor neſta terra deſejava, e agora vejo quanta razaõ pera iſſo tinha, ainda que já em outras couſas o tenho ſentido: porém neſta d'agora o vejo mais claramente em peſſoa em que tanto ſe aventurava a minha vida. A eſtas palavras chegou Beliſanda, e como Belifonte ainda naõ

tinha

tinha visto taõ excellentes Princesas, ficou atonito da sua fermosura, mas naõ que a vontade o inclinasse a mais, que a hum amor honesto de irmãa: isto, porque Deos naõ consentia, que onde tal parentesco era se antremetesse outra afeiçaõ, e mais, porque ainda lhe estava guardado onde havia d'aposentar sua liberdade, que taõ livre dos accidentes enamorados estava: porém depois que sua vista o entregou em outro poder, sentio todolos males, que amor ordena. Desta maneira, por tornar ao seu recebimento, foi Belisonte agasalhado em casa de seu avô, bem fóra desta presunçaõ, e aposentaraõ-no com Fendibal; onde foi taõ servido, como contente, vendose antre dous Principes, que o tanto amavaõ. E ao outro dia, estando pera ir á Missa, entrou a donzella Targeta, que Belisonte dos Cavalleiros livrara, e foi-o abraçar, dizendo: Ainda, Senhor, que alguns dias em terras estranhas fostes meu defensor, nesta, que he minha, o posso ser vossa: porque se lá havia aventuras de esforçados Cavalleiros, aqui as achareis de mui forçosas Damas, que mais pódem com seus pareceres, que el-

les

les com todalas armas; por tanto quero eu neste caso valervos, que segundo já ouvi a Cademia filha do Duque de Saboia, creio, que naõ passareis diante della mui seguro. Muito folgava Dom Dinarte, e Fendibal com estas graças de Targeta. Belifonte lhe respondeo entaõ, que lhe pedia, pois se offerecia por sua defensora, que o fosse: porque em terras estranhas, estranhas cousas se achaõ.

CAPITULO XVIII.

Como Belifonte esteve alguns dias na Corte del-Rei Claudio, e por sua causa casou Cademia com Asquilante, e como Dom Dinarte, e Fendibal foraõ armados Cavalleiros.

PAssados estas cousas de tanto prazer antre estes Senhores, levaraõ a Belifonte, depois que jantaraõ, a casa da Rainha a ver as Damas, que eraõ mui gentis mulheres: antre as quaes havia filhas de Duques, Condes, e outros grandes Senhores do Reino de França; a que melhor parecia depois de Belisanda era Cademia sobrinha delRei: e além de sua fer-

fermosura, era taõ graciosa, e despejada, que acrecentava em seu parecer (porque esta graça he a que atrae os coraçoens dos homens, mais que huma seca perfeiçaõ de feiçoens.) E entrando estes taõ verdadeiros amigos onde a Rainha estava com todalas Damas, recebeo-os com muito amor: e depois que se assentaraõ, estando em pratica d'algumas cousas, disse Fendibal, que estava antre Belisanda, e Cademia: Senhor Belifonte, cá tendes huma demanda contra vós ordenada, porisso a disculpa vinde a dar á Senhora Cademia. Belifonte como a ouvio nomear, entendeo porque o dizia, e chegou-se onde ella estava, dizendo: Ainda, Senhora, que a obediencia, que vos devo, naõ fizesse, como cheguei; o pequeno tempo, que pera isso tive, me salva d'alguma culpa, se ma quizerdes dar: digo isto, porque vossas cousas me tem taõ maltratado, que naõ posso negar ser vencido dellas, e eu por esse me nomeio (isto era porque, como ouvistes, todolos vencidos de Asquilante, e Priamor, se chamavaõ vencidos do vencido de Cademia.) Saber eu o contrario, respondeo ella, me fazia, que o contrario

sen-

sentisse, mas agora que vejo o que naõ eria, queixarme-hei de mim, se me disso quizer queixar. E isto dizia, porque nunca cuidou, que Belifonte era taõ gentil-homem, nem de tal conversaçaõ. Senhora, respondeo elle, se eu algum erro fiz, a satisfaçaõ seja o que vós ordenardes, porém hum só remedio acho á minha disculpa, que he o Senhor Fendibal, que me fará esta mercê, pois sou vosso, e seu. Assi tivesse elle, disse Dom Dinarte, alcançado huma cousa; como eu creio que vós tendes da Senhora Cademia cobrado esse perdaõ, segundo ella cá diz. Desta maneira estiveraõ estes Senhores praticando, té que ElRei chegou, e os levou comsigo a folgar ao campo. E andando todos por elle, viraõ vir dous Cavalleiros, e escudeiros com huma donzella, que os acompanhava. Belifonte, tanto que foraõ mais perto, conheceo Carfel seu escudeiro, que com sua irmãa vinha, e dos outros naõ póde conhecer algum, porque as armas eraõ todas negras, e o escudo da mesma côr, sem outro algum sinal. mas no cavallo de hum delles, que era alazaõ, lhe pareceo ser Asquilante, ainda que nas ar-

mas o desconhecia. E na verdade elle era, e trazia as armas daquella côr em final de tristeza pelo que tinha passado, e chegando diante del-Rei tirou o elmo, e foi-lhe beijar as mãos: ElRei quando o conheceo fez-lhe muito gasalhado, e ao outro Cavalleiro, que era Blandonir de Torbim seu sobrinho, e disse: Como quer que esta vinda seja, eu folgo tanto com ella, que naõ podia cousa vir, que que me maior prazer désse, e creio, que muitos somos nesta vontade. Asquilante, como em alguma maneira entendeo que ElRei sabia parte de suas cousas, tornou-se hum pouco córado, e disse: Ainda, Senhor, que as obras naõ fossem presentes, onde quer que eu alguma fazia, todas se attribuiaõ a Vossa Alteza, como de quem tanta mercê tenho recebido. A estas palavras chegou Belifonte, e fallou-lhe com muita cortesia, e amor: e elle tambem naõ com menos o recebeo, ainda que estaua suspenso naõ sabendo a causa de sua vinda taõ cedo áquella terra. ElRei quando os vio assi estar, disse contra Asquilante: Naõ tendes pouca razaõ pera amar esse Cavalleiro, pois de tanto trabalho vos tirou, e todos lhe so-

mos

mos por isso em grande obrigaçaõ, porque se elle naõ fora, eu creio, que vossa vinda se dilatará mais alguns dias. Com estas cousas, e outras de tanto prazer chegaraõ á Cidade, e por amor de Belifonte, e de Dom Dinarte, foi Asquilante com elles aposentado: e naõ era sem causa fazerem-lhe tanta honra, porque além de o merecer por suas obras, era primo segundo del-Rei Adriano. E havendo já dois dias que alli estava chegou Priamor, que tambem vinha cumprir o que com Belifonte ficara. E como soube que era presente, e as cousas, que elle, e Asquilante passaraõ, foi-se á pousada de Fendibal, onde o achou. O qual o recebeo mui cortezmente, como quem elle era, e depois que o fez assentar junto de si, mostrando-lhe muito gasalhado, e amor, disse Priamor perante todos, que já era vindo alli por cumprir seu mandado, por tanto que visse o que delle ordenava. Asquilante, e os outros, ainda que os naõ entendiaõ, logo lhes pareceo o que era. Belifonte respondeo entaõ ás palavras de Priamor, dizendo: Senhor, vós vindes do caminho cansado, e eu naõ estou em tempo pera responder,

ſerá bem vades repouſar, e deshi eu vos direi o que quero; que he ſervides-vos de mim, como de hum voſſo amigo, e naõ inimigo, como vós por ventura cuidareis, e o mais fique pera mais de vagar. Partido Priamor delles, pedio Belifonte a Fendibal, que foſſem a caſa da Rainha por fallar hum pouco com Cademia, ſobre aquelle caſo. E entrando na ſua camera, acharaõ a Beliſanda, e Cademia com outras Damas, e a Rainha eſtava recolheita em hum Oratorio. Fendibal, e Dom Dinarte ſe aſſentaraõ entaõ com Beliſanda, e Belifonte com Cademia. E vendo o tempo pera iſſo diſpoſto, diſſe-lhe: ant'ontem, Senhora, chegou aqui Aſquilante, e hoje Priamor, que por voſſo mandado guardavaõ dous paſſos, onde vos tem feito tanto ſerviço, que o ſinal delle, que comſigo trazem, he verdadeira teſtemunha do que digo. O que paſſei com Aſquilante, me aconteceo com Priamor quaſi em hum tempo, eu lhe pedi, que ambos vieſſem a eſta Corte com todolos eſcudos, que tinhaõ ganhado, por determinardes delles o que vos melhor parecer, pois por voſſo mandado eraõ alli póſtos. E pois, Senhora, haveis

veis de julgar o que vos cada hum té entaõ mereceo, peço-vos por mercê, que o olheis mui verdadeiramente, naõ lhe negando vossa palavra, e seu direito, e se minha valia alguma cousa ante vós val, se oferece pera servir qualquer mercê justa, que fizerdes. A causa, porque lhe Belifonte fallou taõ cerradamente sem lhe dar a entender, que tinha mais amor a Asquilante, que a Priamor, era por saber que por merecimento tinha della aquillo alcançado, se lho outra cousa naõ tirasse. Cademia lhe respondeo entaõ, dizendo: Como quer, Senhor, que sempre me paguei mais das cousas vencedoras que vencidas, com tudo farei o que me pedis, mais por fazer vossa vontade, que a minha: porque certo se houvera de obedecer ao que ella deseja, e em meu poder fora, bem desviado estava de meu pensamento antremeter-me nesse cuidado, mas já vos digo, que tudo farei por vós serdes a causa, que a isso me demove. E depois de meu juizo determinar o que neste caso devo fazer, será asselado com vosso conselho, porque tenho sabido, que me ha de desenganar do que melhor me vier. Belifonte lhe beijou as mãos

por

por aquella vontade: e querendo-lhe responder sahio a Rainha donde estava: e depois que com ella estiveraõ hum pouco praticando, tornaraõ-se todos a seu aposentamento. E apartando Belifonte a Asquilante a huma parte, disse que lhe parecia bem mandar os escudos, que trouxera, a Cademia, porque já tinha com ella sobre isso passado algumas cousas, do que Asquilante ficou mui contente, parecendo-lhe, que onde Belifonte andava, toda virtude, e descanso seu se havia de ordenar, e beijou-lhe as mãos por isso mil vezes. E acabando Belifonte de fallar com elle, foi-se á pousada de Priamor, e disse-lhe outro tanto. Cademia quando lhe apresentaraõ todos os escudos, vendo a vantaje, que Asquilante naquella honra tinha, inclinou mais a vontade a elle, que a Priamor: e deu logo disso conta a Belifonte, pedindo-lhe conselho. E como elle naõ desejava mais, teve-lhe muito em mercê aquella, que a Asquilante fazia. E porque era necessario dar disso conta a ElRei, disse-lho Belifonte por consentimento della. ElRei lhe respondeo: Pois minha sobrinha, Belifonte, disso he contente, erro seria negar-

gárvo-lo eu: por tanto faça-se, com tal, que em quanto o Duque for vivo naõ se vá Cademia de casa da Rainha por causa de minha filha, que naõ tem mais bem. Feito este casamento da maneira, que ElRei queria, leixando as cousas que nelle passaraõ, assi do contentamento de Asquilante, como das honras, que lhe foraõ feitas, foi-se Priamor a Belifonte, e pedio-lhe por mercê, que acabasse com elle, mandando-lhe o que haria de fazer, pois esta só causa o detinha alli. Senhor, disse Belifonte, vós bem sabeis, que todos trabalhamos neste mundo por ganhar honra, e segurar a vida, e porque na batalha que ambos houvemos, a minha esteve duvidosa, trabalhei na sua salvaçaõ, e quiz Deos que passei com Asquilante o que me aconteceo com vosco, quasi em hum tempo, por tanto naõ me ponhaes culpa senaõ alcançastes a Cademia, pois ambos juntamente a leixastes neste caso de servir. E pois Deos assi quiz, peço-vos, que o naõ tomaes em tanto extremo, que por ventura será pera mais contentamento vosso; que ás vezes aquillo, que os homens muito desejaõ, depois que o alcançaõ se

con-

converte em tamanho descontentamento seu; que com razaõ se póde isto tal, chamar destruiçaõ desejada. E pois isto assi he, peço-vos, que o nojo presente fique em me mandardes alguma cousa do vosso serviço, porque eu vos prometo como leal amigo, e servidor, trabalhar tanto nisso, té que as forças me desfaleçaõ. Priamor, ainda que sentia em gram maneira perder Cademia pelo que lhe queria, vendo-se já disso desesperado, naõ quiz perder a Belifonte, sabendo quanto de todos por sua bondade era estimado, e disse-lhe: Posto que por vossa causa, Senhor, perdesse todo meu bem, naõ quero que me tenhaes por de taõ pouco conhecimento que naõ saiba quanta virtude, e cortesia comigo usastes: e sómente por isso naõ me acharei em parte, que todalas cousas naõ leixe por vos servir esta mercê. E ainda que a minha pessoa, segundo a vossa, naõ seja de tanto merecimento, peço-vos que aceiteis de mim esta vontade, porque com mais desengano o digo do que se póde de mim esperar. Grandemente estimou Belifonte as palavras deste taõ excellente Principe, e depois, como adiante ouvireis, lhe pa-

gou

gou quasi na moeda, que perdeo. E acabados todos estes concertos, vendo Belifonte, que eraõ á sua vontade, disse hum dia a Dom Dinarte, e a Fendibal, que sua partida seria ao outro dia pela manhãa, por tanto, que lhe mandassem alguma cousa, em que os servisse. Fendibal, como em seu pensamento trazia isto determinado, disse-lhe: Ainda, Senhor Belifonte, que vos naõ tenha feito serviço por onde me atreva a pedir-vos esta mercê, confiando na vontade, que tenho pera o fazer quando as forças ma derem, quero-vos descubrir meu desejo. Bem vedes, que meu Primo Dom Dinarte he vindo nesta terra pera o ElRei meu Senhor armar Cavalleiro; e por eu ser da sua idade, ter-me-hia por mal afortunado ficar neste tempo sem o ser; por tanto peço-vos por mercê, que peçaes a ElRei meu Senhor, que juntamente com elle me arme Cavalleiro: porque muito mais fará por huma pequena palavra vossa, que por todolos meus rogos; parecendo-lhe serem apetites da mocidade. Belifonte, como de outro tal desejo já fora afadigado, disse, que elle o pediria a ElRei, se sua pessoa pera

isso

isso alguma cousa aproveitasse. E despedido delle, depois que sobre isso passou algumas palavras com ElRei, recusando por causa da sua pequena idade, e da Rainha, que já lhe negara por algumas vezes este desejo, com tudo veio a conceder no que lhe pedia. A qual nova quando Belifonte levou a Fendibal, foi pera elle de tanto prazer, que lhe pareciaõ todalas outras cousas tristes em comparaçaõ d'aquella. E velando as armas na Capella, foraõ armados Cavalleiros, Dom Dinarte por maõ de seu avô, e Fendibal por Belifonte; porque assi o quiz ElRei. E passadas todas as cousas, que nestes actos se fizeraõ, porque Belifonte naõ esperava por mais; despedio-se de todos. Na qual partida sobreveio a saudade, cousa que peor se sófre, do que fere.

CA-

CAPITULO XIX.

Em que conta o descontentamento, que ElRei Adriano, e a Rainha Briaina tinhaõ pela perda de seu filho Clarimundo, e do que lhe a elle aconteceo, depois que se partio da Corte delRei Claudio.

MUito tempo viveo ElRei Adriano, e a Rainha Briaina com grande nojo pela perda do Principe Clarimundo: porém passados dois annos houveraõ Dom Dinarte, e duas filhas; a primeira chamaraõ Querimonia, e a outra Filateria; que bem pareceraõ em suas virtudes, e fermosura, filhas de taõ nobre, e excellente Princeza, como Briaina era. E estes filhos descansaraõ algum tanto sua vida, mas naõ que perdessem da memoria o Principe Clarimundo, porque esta dôr nunca os leixou tè que a perderaõ com sua vista. E sendo já Dom Dinarte de desasete annos, com suas importunaçoens o mandou a ElRei Claudio pera que o armasse Cavalleiro, ao tempo que Belifonte o achou na tenda de

As-

Asquilante, como pouco ha ouvistes. A Rainha como era virtuosa, e das cousas de Deos amadora, continuadamente rezava, encomendando seus filhos a Deos; assi Clarimundo que em seu pensamento tinha por morto, como a Dom Dinarte, que começava a entrar em tantos perigos. E com este cuidado muitas vezes sahia com suas filhas a hum Mosteiro de Dónas, que fóra da Cidade de segura seis leguas estava; e por se chamar esta casa Santa MARIA dos Tristes, tinha-lhe tanta devoçaõ, que nunca della sahia, tendo sempre nella esperança de seus nojos se converterem em algum descanso, a qual esperança a naõ enganou, assi como ouvireis: ainda que no principio deste prazer sua vida foi mui duvidosa. E leixando a ella, contaremos o que seu filho Belifonte fez. O qual seguindo o Reino de Ungria por ver o lugar onde o Grioneza achara; havendo já muitos dias, que do Reino de França sahira, vio ir diante de si dois escudeiros em seus palafrens como homens caminhantes: e por saber novas, apressou-se a mais andar. Elles onde se dois caminhos estremavaõ detiveraõ-se hum pouco té que Belifonte chegou, e

co-

como estavaõ prontos, nunca o sentiraõ que os estava escutando, porque hum delles dizia ao outro: hivos d'ahi naõ creio mais isso, do que crerei ajuntar-se o Ceo com a terra. A estas palavras os salvou Belifonte, e elles quando o viraõ disse hum: Taõ occupados estavamos em nossa porfia, que a boa fé, Senhor, nunca vos sentimos. Por ventura, disse Belifonte, he sobre esse Padraõ? Isto dizia, porque estavaõ ambos juntos de hum Padraõ de marmore, que seria d'altura de cinco covados, e decima delle estava huma tavoa mui negra com humas letras brancas, que diziaõ: Esperai, que logo venho. Senhor, respondeo hum delles, quasi sobre isso he, porque diz este meu companheiro, que vio hoje huma cousa, que lhe deu muito pesar por ser natural deste Reino de Ungria. Peço-vos, disse Belifonte, que me conteis a causa desse pesar, porque eu o terei muito maior se o naõ souber. Disse entaõ o que d'alli era natural: Eu, Senhór, sou filho de hum homem, que cá trás vive em huma Quinta: e estando hoje pela manhãa sellando este palafrem, vi dez, ou doze homens de pé armados de alabar-

bardas, coffeletes, e celladas, levarem diante de si seis Cavalleiros com as mãos atadas á maneira de captivos: E passando estes, vinhaõ dois Gigantes, que seriaõ da altura deste marmor, e hum delles tinha dois corpos, a cousa mais monstruosa, que os homens viraõ: porque da cintura pera cima se apartavaõ estes dois corpos. E disto se espantava meu companheiro, dizendo, que seriaõ dois Gigantes, e que hum levaria nas ancas do cavallo ao outro. Mas eu, Senhor, ainda que estava como esmorecido com a vista delles, naõ tinha o juizo taõ bruto, que naõ julgasse bem a verdade: porque hum dos corpos levava as cóstas viradas pera o outro, e ambos nasciaõ da cintura, e naõ havia mais que humas pernas: e tambem o traseiro era femea, e o dianteiro naõ, porque no parecer o mostravaõ, e assi nas armas havia differença. E o outro, que naõ era taõ monstruoso, levava humas armas de pardo mui graciosas, e grifos d'ouro por todas ellas, e no escudo tinha pintado hum Leaõ peleijando com huma Serpe. E o porque eu tudo isto mui bem notei, foi por estar detrás de hum vallado da Quinta

na de meu pai, que antre mim, e elles se metia: e fizeraõ alli detença, porque os palafrens em que a Rainha Briaina, e suas filhas hiaõ, que elles captivas levavaõ, naõ queriaõ andar. Assi, Senhor, que por isto estou mui anojado, e será mui grande danno pera este Reino perder huma taõ nobre Rainha como Briaina he, e praza a Nosso Senhor, que lhe dê algum remedio, porque d'outra maneira, segundo aquelles diabos saõ, naõ creio, que será em poder dos homens tirar-lhas das mãos. E nisto dizia verdade, segundo o lugar onde haviaõ de ser metidas. E porque faz ao caso, contar-vos-hemos donde procedem estes Gigantes. ✠ No tempo que ElRei Adriano tomou pósse do Reino por fallecimento de seu pai, vivia hum Gigante, chamado Orcabo, no Castello da Penha Fragosa, e por causa da sua fortaleza, e delle, que era mui bom Cavalleiro, fazia grandes males por toda a terra, té que ElRei houve com elle batalha, e o matou por sua mão: e deshi mandou alguma gente ao Castello, onde estava Calarma sua mulher: mas nunca o poderaõ entrar, té que ella se deu a partido, que a lei-

xas-

xassem ir com sua fazenda, e filhos seguramente: e outorgando-lhe isto, que pedia, foi-se com cinco filhos, e duas filhas ás Ilhas da maldiçaõ, onde o Gigante Brifatar seu cunhado estava: E quando a vio taõ desbaratada, deu-lhe huma daquellas Ilhas. E como esta Giganta era rica, e grande encantadora, fez nella cousas, que foraõ causa de muito mal em quanto duráraõ assi, como a historia relata. E o lugar onde fez sua habitaçaõ foi sobre huma rocha de pedra viva, taõ alta, que parecia tocar nas nuvens, e meteo-a em feiçaõ de Castello, com os muros da mesma pedra, e torres de grande fortaleza: Em maneira, que parecia mais obra dos diabos, que de engenho de homens, e taõ difficultoso era aquelle edificio ao juizo de quem o via: E emcima desta penha ficou hum espaço de terreiro, que seria hum grande tiro de bésta, e no meio delle sahia hum grosso torno de agoa em que bem podiaõ moer dois moinhos, ainda que a repartissem, e aqui fez ella huma torre oitavada de fermoso, e forte parecer, com tantas casas por dentro, que bem se poderia nellas aposentar hum

gran-

grande Principe. E este torno de agoa lhe sahia pelo pé, e lá dentro se repartia de maneira, que vinha por bocas de muitas alimarias de metal, que nos oitavos da torre estavaõ, e desta agoa se mantinha toda aquella cerca, e mohia hum moinho, e se regava hum pomar, porque por tantas partes era repartida. E as casas dos servidores desta Giganta eraõ as torres da cerca, e a entrada della era pela boca de huma mina, que ao pé da penha estava taõ alta, que bem podia entrar por ella hum homem a cavallo, subindo sempre em caracol, té que sahia no terreiro do Castello por baixo de huma torre, onde pousava o porteiro delle. E fóra outras cousas de grandes encantamentos, que nesta Ilha fez; a mais principal era hum Lago, as agoas do qual pareciaõ de sangue, e toda a pessoa que á bórda chegava contra vontade da Giganta, convertia-se logo em peixe: e deste pescado, quando o ahi havia, se mantinhaõ os seus. E tambem fez huma grandissima cova, que entrava pela terra dez braças, na qual metia os captivos, que lhe vinhaõ ter á maõ, e á entrada desta cova era tanto o fumo, e

taõ espantoso; e forte o cheiro delle; que ninguem ousava chegar a ella, e se alguem o podia soffrer, sahiaõ logo tres Furias com tanta braveza, que lhe naõ escapava cousa por grande, nem pequena que fosse: e por esta causa se chamava esta cova das Furias infernaes, donde a Ilha tomou o nome. Pois esta Giganta vendo-se já prosperada, e melhor fortalecida que no outro Castello da Penha Fragosa, com coragem da morte do marido lançou maldiçaõ a todolos filhos, senaõ fossem contra ElRei Adriano, e suas cousas: porque ella em quanto vivesse assi o havia de fazer, e a todolos Christãos por sua causa. E com estas amoestaçoens criou sempre seus filhos, té que estes dois, que vos contámos que levavaõ a Rainha, foraõ em idade de tomar as armas: e ao primeiro que tinha os dois corpos, á femea pôs nome Panta, e o macho Fasul, e juntamente se chamava Pantafasul, e por ser mui cruel contra os Christãos, queria-lhe a mãi grande bem, e o outro, que em sua companhia vinha, se chamava Learco. E depois que os armou Cavalleiros andaraõ algum tempo pelo mar roubando, e

des-

despojando quanto achavaõ, e algumas vezes sahiaõ em terra a fazer muito mal, sem ElRei Adriano ser poderoso pera os destruir por causa da fortaleza da Ilha. E havendo já dois annos, que assi andavaõ, tendo com isso a mãi mui satisfeita, souberaõ como a Rainha Briaina vinha muitas vezes a Santa MARIA dos Tristes, como vos ora contámos, e vieraõ-na alli esperar. E porque Deos sobre este grande nojo, em que a Rainha estava desconfiada de remedio, lhe havia de mostrar mór prazer, que quantos tinha, consentio que fosse tomada com morte de seus Cavalleiros, a fóra outros, que pela defender a isso se offereceraõ. E tornando á pratica, que Belifonte com o escudeiro sobre ella tinha, perguntou-lhe o que faziaõ quando levavaõ a Rainha. Eu vo-lo direi, respondeo elle. O Gigante de dois corpos feria mui asperamente os criados, porque naõ tangiaõ os palafrens da Rainha, e suas filhas. O outro, que naõ era taõ monstruoso, chegava-se a Querimonia filha maior da Rainha, dizendo, que se naõ agastasse, porque elle a faria senhora de todalas suas cousas, pois que já o era delle. Este parecia al-

gum tanto mais arrazoado, e manſo, que o outro. Certamente, diſſe Beliſonte, grandes couſas me contaſtes, e que mui gram peſar a todos daraõ ſe algum remedio naõ tem: E ácerca do marmor, por ventura ſabeis a cauſa, porque ſe eſtas letras nelle puſeraõ? Naõ ſei, Senhor, mais, diſſe o eſcudeiro, ſenaõ que haverá quatro, ou cinco annos, que eſtas letras aqui apareceraõ: dizem que acontecem neſte paſſo grandes aventuras aos Cavalleiros andantes: o mais quem o quizer ſaber eſpere, porque antes de pouco tempo eu lhe prometo que veja ſinal do que digo. Beliſonte, depois que eſteve hum pouco revolvendo algumas couſas na fanteſia, que lhe ſobrevieraõ com a novidade das que lhe contaraõ, perguntou ao eſcudeiro pelo caminho que os Gigantes levavaõ. Por detraz daquellas arvores altas, reſpondeo elle, mas eu naõ ſei onde as elles levaõ, porque neſte direito naõ ha povoado, ſalvo ſe as ham de embarcar em alguma Fuſta, porque d'aqui a huma jornada he coſta de mar. Beliſonte ſe deſpedio logo com eſte recado delles, com determinaçaõ de naquella aventura empregar ſuas forças, e

deshi

deshi se lhe Deos désse tanta victoria; que a acabasse, tornar ao Padraõ saber a causa daquellas letras. E se naõ fora esta taõ triste nova, que lhe deraõ, naõ se partira d'alli, mas considerando que pera isso havia tempo, e pera buscar os Gigantes lhes desfallecia; quiz primeiro fazer este caminho, e tambem por Briaina ser filha delRei de França, a quem elle tanto devia, e assim por amor de Dom Dinarte, que sentiria muito por tamanho desastre perder sua mãi, e irmãas. E lembrando-lhe todas estas cousas juntamente com o seu desejo, que nunca se cansava de pôr a propria vida por salvar as alheas: afadigava-se a mais andar, porque sem trabalho mal se alcança aquillo, que por elle se ha de ganhar.

CAPI-

CAPITULO XX.

Como se Belifonte combateo com Learco, e Pantafasul seu irmaõ, salvando a Rainha Briaina, e suas filhas; e depois foi conhecido por seu filho.

COm este cuidado, tanto andou Belifonte o que lhe ficava do dia, e parte da noite, que entrando em hum valle de mui espesso arvoredo, ouvio desviado do caminho rinchar hum cavallo, e atinando á aquella parte por ver se acharia alguem, que lhe désse recado do que buscava, vio jazer dois Cavalleiros lançados a dormir, e chegando-se a hum delles, tocou-lhe assi a cavallo como estava, com o conto da lança nos peitos. Quando o Cavalleiro acordou, e o vio sobre si, levantou-se mui prestes, e deu de pé a seu companheiro. Belifonte, vendo que se vinhaõ juntamente a elle sem causa alguma, disse: Naõ sei, Senhores, porque vos levantaes contra mim naõ sabendo quem sou, porque se fora pessoa que vos danno quizera fazer, muito mais seguros vos tinha dormindo, que

que espertos : eu naõ vos acordei pera mais, que pera saber de vós huma cousa, se vos disto aqueixardes seja como quizerdes. Quando elles viraõ, que era pessoa segura, meteraõ as espadas em suas bainhas, dizendo o que primeiro acordara : Certo, Cavalleiro, eu cuidei ser verdade o que estava sonhando, porque antes de anoitecer vindo este Cavalleiro, e eu nosso caminho, vimos dois Gigantes a cousa mais monstruosa que se póde crer, e porisso desviamo-nos pera esta parte, e lançando-me a dormir com o sentido nelles, sonhava agora, que me combatia com o mais monstruoso, e quando me tocaste com o conto da lança cuidei que era o encontro que me dava, e por isso me levantei como vistes. Senhor, respondeo Belifonte, naõ vos queria mais perguntar que por esses Gigantes. Por ventura, disse elle, sois vós de sua companhia? Nunca Deos queira, respondeo Belifonte, que eu de taes bestas companheiro, nem servidor seja, mas com tudo queria-me ver com elles : e pois me daes taes novas, Deos vos cumpra vosso desejo, que eu naõ quero aqui repousar. Disse entaõ hum dos companhei-

nheiros ao outro, tanto que se Belifonte partio: Vós entendestes o que aquelle Cavalleiro disse? Naõ respondeo elle. Pois eu creio, que he taõ sandeo, que vai buscar sua morte, porque dizer que se queria ver com os Gigantes, eu naõ sei a que outra cousa o possa atribuir. Assaz doudice he, respondeo seu companheiro, querer aventurar a vida, onde he duvidosa; e se elle vai a isso, eu vos prometo que como os vir terá mór desejo de se pôr em cobro, do que leva de vontade pera os buscar. Mas muito mais sabedor he elle que isso, porque as palavras, que disse foraõ féros com medo de nós, parecendo-lhe que a ousadia, que nellas mostrava o fariaõ seguro do perigo de nossas mãos. Belifonte, com as novas que delles soube, apressava-se a mais andar, porque a vantaje que lhe os Gigantes levavaõ de dia, cobrasse elle de noite. E começando já o Sol a romper, vio o mar de huma assomada, que seria d'alli meia legua, e quando se taõ perto achou sem os encontrar no caminho, começou de se agastar, cuidando, que os errara: porém com tudo, foi mais por diante, e chegando á praia,
vio

vio duas Fustas, huma em que os Gigantes estavaõ recolheitos com a Rainha, e suas filhas, e na outra os captivos antre os cavallos. Porém tinhaõ ainda por meter o palafrem da Rainha, e o cavallo de Pantafasul, o qual vendo chegar Belifonte, disse aos criados: Acabai vósoutros, e prendei aquelle desaventurado, que assi veio cair no laço. Nunca Deos queira, disse Belifonte quando lhe isto ouvio, que eu em prisaõ de tal alimaria, e monstro da natureza, seja posto, porque se eu isso cuidara naõ viera de taõ longe a te buscar: e este cavallo, que trago morto, te dará verdadeiro sinal disso, e pois tu foste causa de o em tal estado pôr, desta vez tomarei este teu, e se te disto queixares, sahe fóra a mo demandar. E com estas palavras foi contra os criados que o metiaõ na Fusta, e ao primeiro que lho defendeo deu-lhe tal controada nas queixadas, que lhe quebrou huma dellas, e os outros, querendo fazer outro tanto, houveraõ a mesma pena: e desembaraçado delles chegou-se ao cavallo de Pantafasul, que mui grande era, e saltou do seu nelle taõ solto, que os Cavalleiros presos ficaraõ espantados

tados da ſua deſenvoltura. E eſta força-lhe fez Belifonte, porque o ſeu vinha taõ canſado, que ſe naõ podiaõ bolir, e mais pelo commover a ſahir fóra da Fuſta. Quando Pantafaſul vio o que elle fizera, fallaraõ ambolos corpos huma meſma couſa, eſcumando de grandiſſima braveza: Oh malaventurado de ti Pantafaſul, pois couſa taõ captiva, taõ triſte, e coitada, teve ouſadia pera te offender com tanto deſprezo! e o que mais ſinto he, que naõ baſtará pera nelle ſatisfazer minha ſanha. Irmão, diſſe Bearco, naõ vos levanteis, que eu volo eſpedaçarei antre eſtas mãos. Não no quero morto, reſpondeo Pantafaſul, que a morte lhe ſerá gloria pera a pena que em vida ha de ſoffrer. Learco mandou entaõ lançar o ſeu cavallo fóra da Fuſta, e ſaltou emcima delle, tomando huma lança, que dois homens tinhaõ aſſaz trabalho em lha dar. Belifonte em quanto elle cavalgava, concertou-ſe na cella de Pantafaſul, que mui deſcompaſſada era, e deshi pôs os olhos no Ceo, dizendo: Oh piedoſo Senhor, aqui ſinta eu tua ajuda, pois me taõ neceſſaria he, e vendo que Bearco ſahia já fóra d'agoa, remeteo a

elle

elle com o esforço, que nos taes casos sempre mostrava. O Gigante com desatino, e açodamento de o ferir, errou o primeiro encontro, nem menos fez o segundo: porque Belifonte o ferio taõ duramente nos peitos, que passou o arnés, e rompeo-lhe o coraçaõ em duas partes, com que cahio do cavallo abaixo. Quando a Rainha, e todolos seus viraõ, que de hum só encontro huma cousa taõ espantosa cahira morta; começaraõ em seus coraçoens a dar muitas graças a Deos, porque publicamente naõ no ousavaõ fazer com temor de Pantafasul, e diziaõ, que aquelle Cavalleiro era Anjo das suas mãos enviado pera os salvar. Pantafasul, como em sua feitura era monstro, e besta, assi na condiçaõ, e coragem o parecia. E remeteo Fasul, que era o dianteiro corpo, a huma espada taõ larga como hum palmo, que leixando-a cair da mão, sómente o peso cortaria pelo meio hum touro, e Panta tomou huma bisarma, e escudos do compasso do corpo, e depois que ambos se armaraõ de furia, e armas, saltou n'agoa, e vindo bestialmente com grande corrida pera Belifonte, que na praia estava,

tava,

tava, foraõ-se-lhe os pés por causa dos seixos de que toda a praia era, e deu taõ grande quéda de focinhos, que Belifonte teve tempo de o atropellar com o cavallo, e tanto que isto fez, saltando delle, primeiro que se o Gigante erguesse, deu a Panta, que estava emcima de Fasul, hum golpe pela cabeça, que lhe levou huma orelha com parte da queixada por estar sem elmo, e Fasul o melhor que pôde se levantou logo por vingar a irmãa, cuidando que daquelle golpe o faria, mas Belifonte lhe furtou o corpo, fazendo-lho perder: e com a força que o Gigante trazia deu nos seixos em maneira, que cortou alguns delles, e huma parte saltou na perna de Belifonte que o fez estorcer com dôr, sem poder ferir a Fasul como desejava. E a este tempo os Cavalleiros que presos estavaõ, com o favor, que tinhaõ em Belifonte vendo suas obras, soltaraõ-se todos: e remetendo aos peaens, que prontos na batalha estavaõ, tomaraõ-lhe as alabardas, e com grande grita começaraõ a dar nelles: alguns por salvar a vida lançavaõ-se ao mar, mas o peso das armas os levou ao fundo; em maneira que juntamen-

mente com os outros, que a ferro morreraõ, deraõ fim a ſuas más obras, e vidas. Quando Belifonte vio que os Cavalleiros eraõ ſoltos, e a deſtruiçaõ, que nos peaens faziaõ, apreſſou-ſe a ferir o Gigante, porque primeiro que elles acabaſſem, déſſe fim á ſua empreza, e por ſe melhor ajudar naõ ſahia da praia, onde o Gigante por cauſa dos ſeixos, e peſo do corpo, muitas vezes resbalava, e entretanto feria-o Belifonte á ſua vontade. E andando aſſi dando, e recebendo mui duros, e mortaes golpes, começou a haver diſcordia antre os dois corpos: porque Panta com a dôr da ferida, que lhe Belifonte déra, andava taõ raivoſa, que trabalhava com Faſul, que a leixaſſe virar contra Belifonte, pera o ferir com a ſua biſarma. Faſul tambem naõ ſe podia vingar dos mortaes golpes, que Belifonte dava, e com eſta coragem impedia o corpo da irmãa, que naõ ſe viraſſe: e eſta contenda, que ambos tinhaõ, era mui proveitoſa a Belifonte, porque entretanto vingava-ſe do tempo, e delles. E tanto trabalhou Panta com o corpo de ſeu irmaõ, que ſe virou contra Belifonte: e como a natural condi-

çaõ

ção das mulheres he ſerem mui acelera-das na vingança, aſſi eſta naõ temia os duros golpes de Beliſonte, por ſe vingar nelle com a biſarma que trazia. Porém naõ tardou muito, que aquella coragem, e braveza foi amanſada, porque lhe deu Beliſonte hum golpe taõ grande porcima da cabeça, que lha fendeo té os dentes, e na dureza delles quebrou a eſpada ſem lhe ficar mais que a empunhadura. E com eſte golpe que lhe tirou a vida, cahio logo Panta dependurada do corpo de ſeu irmaõ taõ eſtendida, que lhe dava com a cabeça nas barrigas das pernas, em maneira, que o naõ leixava andar taõ deſenvolto como d'antes. Beliſonte quando ſe vio ſem eſpada, e que o Gigante o feria mortalmente remeteo á biſarma de Panta, e tomando-a com ambalas mãos, deu a Faſul tamanho golpe pelo braço direito, que naõ ſe podendo ſoſter com dôr, e trabalho da irmãa, que nas coſtas trazia, cahio no meio da praia dando taõ grandes hurros, como ſe alli foraõ juntos dez Eleſantes, porque além da voz ſer mui eſpantoſa, deteve-ſe nas concavidades, que o mar na coſta fazia, em maneira, que andou o

tom

tom della hum gram pedaço por toda aquella praia. Belifonte saltou logo sobre elle, e juntamente com o elmo lhe cortou a cabeça, que era taõ grande, e pesada, que dois homens teriaõ trabalho em a levantar. E acabando esta perigosa batalha assentou-se em huma pedra, que no meio da praia jazia, porque estava taõ quebrantado, e desfallecido do sangue, que senaõ podia soster nas pernas, e quanto se mais esfriava, tanto menos força sentia. Os Cavalleiros, que se soltaraõ, a este tempo estavaõ tirando a Rainha da Fusta, e suas filhas com todalas mulheres, que trazia, e como se cada huma via fóra corria logo pera onde Belifonte estava. E a primeira que a elle chegou foi a Rainha, dizendo: Oh bemaventurado Cavalleiro, das mãos de Deos enviado pera minha salvaçaõ, que cousa posso fazer, ou dizer igual a vosso merecimento? Oh quam ditosa se achará a mãi que tal filho pario, pois deo neste mundo hum soccorro aos tristes, e aos desamparados seguro amparo! Senhora, respondeo elle, todas as cousas que se fazem por vosso serviço, devem-se attribuir a quanta virtude de Vossa Alteza des-

descende, e naõ ás forças de quem as faz: porque esta tem tanto poder, que aos estrangeiros dá amor, e ousadia pera se a todolos perigos offerecerem; quanto mais áquelles que vos tanto devem, como eu, pelas honras, e mercês que delRei Claudio, e de Dom Dinarte tenho recebido. A Rainha lhe pedio entaõ mui afincadamente, que tirasse o elmo por ver se o conhecia, pois em seu pai, e Dom Dinarte lhe fallava. E quando o vio menino, e de tal parecer ficou fóra de si, e todolos Cavalleiros, que com ella estavaõ, vendo as cousas que tinha vencido. E com esta vista veio-lhe hum amor maternal trazendo á memoria seus filhos, principalmente este, que tinha diante, e tanto amava: e começou a suspirar com muitas lagrimas dizendo: Filho da minha alma, como estava esta triste de vossa mãi taõ desemparada, e sem esperança de vos ver á sua vontade, se este Cavalleiro, que Deos creou pera minha salvaçaõ, naõ fora! Estas, e outras palavras dizia a Rainha taõ piedosamente, que a todos fazia chorar. Belisfonte pela desviar daquella paixaõ, disse: Senhora, veja Vossa Alteza o que

manda, pois a isso sou vindo diante de vós: e pois já de mim naõ tem necessidade permita beijar-lhe as mãos, e darme licença, porque me he necessario chegar a outra parte. (Isto dizia pelo Padraõ da Memoria lembrada, que assi havia nome onde as letras estavaõ.) O que vos eu quero, responpeo a Rainha, he estardes á obediencia do que vos em minha casa fizerem, té que essas feridas, que por meu respeito houvestes, vos dem lugar pera fazerdes o que dizeis. E porque dilatando a cura dellas causaria grande mal, será bem que nos partamos. Belifonte lhe disse entaõ, que de tudo o que Sua Alteza ordenasse receberia mercê. Com este concerto, depois que Lucena, que a este tempo chegou, apertou as feridas de Belifonte com alguns pannos, que pera os taes tempos consigo trazia, cavalgando em seus palafrens, e outros a pé começaraõ a caminhar, Querimonia, e Filateria todo este caminho sempre foraõ fallando na fermosura, e esforço de Belifonte. E naõ teriaõ andado cinco legoas quando toparaõ a ElRei Adriano, e a dois Cavalleiros, que o podéraõ aturar: porque hum criado da

Rainha, que escapou na sua tomada, lhe foi dar nova: e porque o tempo, e caso a mais naõ dava lugar, assi como cada hum estava, e tinha o cavallo, assi aturrava a ElRei, de maneira que aqui ficavaõ quatro, e alli seis, huns cansados, e outros mancos por occasioens, e desastres, que lhe na tal pressa aconteciaõ. Quando ElRei chegou a ella, e a viò mais livre do que lhe tinhaõ dito, ficou mui lédo, e muito mais sabendo tudo o que passára. E depois que com Belifonte se deteve em muitas palavras de louvor, e offerecimentos, começaraõ a apressar o caminho por aquella noite irem dormir a hum Castello, que d'alli estava perto, onde ElRei com todos os seus foi muito bem agasalhado. E ào outro dia partiraõ pera a Cidade de Buda, que já era chêa das cousas de Belifonte, e por respeito de o ver, afóra a gente, que em socorro da Rainha viera, era tanta que cobria os campos. Com este alvoroço entrou Belifonte antre aquelles que o geraraõ, sem suspeita alguma disso, louvando todo o povo a huma voz igualmente a sua fermosura, com o grande esforço. E muito mais o louvaraõ depois que viraõ

raõ os corpos dos Gigantes, porque ElRei mandou por elles, pera que vissem todos huma cousa taõ espantosa. A Rainha, ainda que lhe ElRei quisera dar outro aposentamento, naõ no consentio, dizendo, que pois ella fora causa das feridas de Belifonte, queria estar sempre á cura dellas: e porisso foi aposentado em hum repartimento das suas casas, e alli o curava huma donzella, que era grande mestra. E havendo já alguns dias que isto fazia, vio Belifonte, que lhe punhaõ tambem mezinha na chaga que sobre o coraçaõ trazia com que nascera, e disse-lhe; que naõ curasse della, porque do dia de seu nascimento té aquelle tempo sempre a tivera, e que muito mais se assanhava com mezinha, que sem ella. Acrina, que assi havia nome esta donzella, perguntando-lhe a Rainha pela cura de Belifonte, contou-lhe quanto lhe elle dissera ácerca da sua chaga. Quando lhe a Rainha isto ouvio, quasi fóra de sentido com lembrança de seu filho, foi-se a Belifonte, e começou de lhe perguntar a causa daquella chaga, e cujo filho era, mais por descançar a fantesia, que parecendo-lhe ser aquelle. Ainda que o amor,

que se logo nella acendeo, a naõ leixava muito descançar. Senhora, respondeo elle, a mim me criou a Marqueza de Modona: E quando me ElRei vosso padre armou Cavalleiro, por humas palavras que lhe ouvi ácerca de huma visaõ, que lhe aparecera, soube de Grioneza, que me achara em idade de tres mezes em estes vossos Reinos, junto de huma Fonte, donde me ficou o nome que tenho, Quando Briaina conheceo que aquelle era seu verdadeiro filho, por quem tantas lagrimas tinha derramado, foi tamanho o sobresalto, que o coraçaõ de prazer sentio, que esmoreceo sobre o leito onde elle estava lançado, dizendo: Filho, filho, sem mais outra cousa. As filhas, que com ella vieraõ, vendo a mãi esmorecida, e o irmaõ diante de si; naõ sabiaõ a qual acudissem: e começaraõ à chamar algumas donzellas, que lhe trouxessem das agoas: mas pouco aproveitaraõ, porque a Rainha estava taõ abraçada com seu filho, que a naõ podiaõ desapegar delle, nem tornar em seu acordo. E como se a nova soube, chegou ElRei, e tomou-o nos braços, té que ella acordou, dizendo: Filho da minha alma,

filho

filho d'alma de minha vida, que tanto a descansaste, naõ te apartes destes braços; pois este he o maior descanso, que depois que te perdi sentiraõ. Belifonte se chegou entaõ a ElRei, assi como melhor pôde, e beijoulhe a maõ, e deshi á Rainha, que se naõ fartava de o beijar nas faces cheas das lagrimas d'ambos. E leixando este prazer delRei, e della, que se naõ sente senaõ de quem outra tal perda cobra, vieraõ suas irmãas ao abraçar com aquelle amor, e acatamento, que os verdadeiros irmãos tem (porque logo naquelle instante se acendeo nelles.) E deshi correndo a nova por toda a Cidade vieraõ os principaes a lhe beijar a mão por seu Principe, e Senhor: antre os quaes veio o Marquez Orlete, que mais razaõ tinha de se alegrar, que ninguem: e ainda que o prazer era grande; tambem veio envolto com muita paixaõ, trazendo á memoria as cousas passadas, e a perda de seu irmaõ, que lhe tornava a renovar esta dôr, de que alguma parte tinha esquecido. Pois Belifonte sabendo que de tal Principe era filho, ficou taõ contente, que este prazer lhe curou logo as feridas. Porém a do cora-

raçaõ naõ teve taõ cedo cura: porque primeiro passou grande tempo, sem alcançar o verdadeiro remedio de sua saude, como a historia conta. E com todo este prazer, naõ no leixava descançar a lembrança das palavras que no Padraõ estavaõ escritas: e depois que teve conhecimento dos Cavalleiros da Corte de seu pai, perguntava-lhe por ellas, mas nunca lho souberaõ dizer. E quanto menos nova achava, tanto maior desejo tinha de o saber, e se naõ fora por causa da Rainha sua madre, a quem elle taõ obediente era, logo se partira, mas sofreo este desejo em quanto lhe faziaõ as festas, que pelas cousas perdidas de tanto preço, quando se cobraõ, costumaõ fazer.

CAPITULO XXI.

Como partido Dom Dinarte, e Fendibal da Corte delRei Claudio, fizeraõ tornar humas ricas armas a huma donzella, e do mais, que nella souberaõ, e passaraõ.

DEpois que se Belifonte partio da Corte delRei Claudio, os dois noveis Cavalleiros, que nella ficavaõ, desejando imitar suas obras, despediraõ-se delRei, e da Rainha, que mui gravemente sentio a partida de Fendibal, e de seu neto Dom Dinarte, porém conformando-se com a razaõ, e naõ com o desejo, converteo aquella paixaõ em muito contentamento, lembrando-lhe quanta mais honra ganhavaõ nos perigos, que na segurança de os ter diante dos olhos. E havendo já alguns dias que estes dois Cavalleiros caminhavaõ contra Ungria, por naquelle Reino haver grandes aventuras, e por todas aquellas partes de Grecia; viraõ á entrada de huma floresta dois Cavalleiros, e outro a pé, que despia humas armas, e vestia outras mui

mui ricas: e antre elles eſtava huma donzella chorando pelas armas, que eraõ ſuas. Dom Dinarte ſe adiantou entaõ de Fendibal, e chegando-ſe á donzella, començou mais rijo a queixar-ſe, dizendo: Senhor, valei-me, que me roubaõ eſtes Cavalleiros, ou mais verdadeiramente ſalteadores de caminho, porque me tomaraõ aquellas armas que foraõ feitas pera outra peſſoa de mór merecimento, e prouvera a Deos que ſe achara elle aqui, porque eu ficara bem ſatisfeita com a vingança que me delles déra. D. Dinarte diſſe entaõ a Fendibal: Fazei, Senhor, deſpir aquelle Cavalleiro as armas, e eu verei ſe me querem dar eſſoutros a eſpada, e o eſcudo, que tem. E com eſtas palavras chegou-ſe a elles, que o vinhaõ buſcar, e diſſe: Certo, ſenhores, bem mal empregada he a valentia naquelles que a naõ tem, nem ſe fez ella pera os fraços, e donzellas caminhantes, mas pera os Cavalleiros, que taõ carregados d'armas eſtaõ, como vós; e ainda com todas eſſas naõ me parece que ſois contentes, pois tomaes as que eſta donzella leva a quem lhe mandaõ: peço-vos que lhas torneis, e olhai quanta

ta razaõ pera isso tendes, sendo donzella, que ha de ser por vós amparada, e naõ offendida. Oh Santa Maria! disse hum delles, que grande orador se perde em vós, e eu creio que por isso ganhareis melhor vossa vida, e a tinheis mais segura, que debaixo dessas armas, que ás costas trazeis. Eu naõ sei, disse Dom Dinarte, porque officio melhor ganhára minha vida; mas sei, que usaes bem pouca virtude no que fazeis, e por isso convèm que trabalhe com esta minha espada por vos tirar dessas mãos avaras essoutra, que naõ quereis dar. E com estas palavras remeteo a elle taõ furioso, que no encontro, que lhe deu, o mostrou bem claro, porque o lançou taõ longe por cima das ancas do cavallo com o arçaõ traseiro apôs elle, que parecia verdadeiramente voar por respeito dos braços, que levava estendidos, e foi taõ grande a quéda, que nunca se mais moveo. E estando Dom Dinarte concertando o elmo, que se lhe torceo do encontro que recebera, vio, que se chegava o outro ao seu escudeiro tomando-lhe a lança das mãos pera vir a elle: e antes que se disto desembaraçasse, remeteo a

elle

elle com o pedaço da lança, que lhe na mão ficara, e deu-lhe duas, ou tres pancadas taõ grandes, que lhe fez pôr a cabeça sobre o pescoço do cavallo, e assi travou mui rijo por elle de maneira, que deu com elle em terra, e atropellou-o taõ asperamente, que ficou no estado de seu companheiro. E acabando isto olhou por Fendibal, e vio, que tinha já despido as armas ao outro, e a vida de volta com ellas, e entaõ tomou a espada, e escudo das mãos dos escudeiros, e entregou tudo á donzella com as outras armas: porém antes que as hum escudeiro da donzella liasse oulharaõ todalas peças, que lhes pareceraõ a mais fermosa cousa que tinhaõ visto. E certo que assi era, porque o mestre dellas tinha tanta sciencia, que outras cousas de maior admiraçáõ obrava: a côr dellas era de hum rosado claro com muitas Ilhas de verde mui fino, e arvores de prata; e o fruito d'ouro, tudo tambem assentado, que naõ parecia obra humana, e o escudo era luzente como cristal, com nove Ilhas no meio da sorte das outras, e antre estas estava huma cuberta de nuvens mui espessas de maneira, que se

naõ

naõ podia bem enxergar; e tudo era taõ compassado, e perfeito, que Dom Dinarte, e Fendibal se espantavaõ da sua ordem, e concerto: deshi olharaõ a espada que naõ era menos lustrosa, que as outras peças, porque pondo o ferro diante dos olhos, por elle se via qualquer cousa, que da outra parte estava. Os cabos, e maçãa eraõ de diamante, e o punho de fino rubí, que lhe dava mui grande lustre, e a bainha roxa de huma espinha de peixe, que os Indios vendem por muito preço, porque se toma com grande trabalho naquellas partes, e por ponteira tinha huma çafira. Dom Dinarte vendo a perfeiçaõ dellas logo julgou, que o Cavalleiro, de cujas eraõ, naõ seria de pequena bondade, segundo o presente mostrava, e com desejo de o saber disse á donzella: Senhora, huma cousa folgariamos de saber este Cavalleiro, e eu, que he, cujas saõ estas ricas armas, e quem as manda. Erro seria, respondeo ella, negar-vos huma cousa taõ pequena: porém será com tal condiçaõ, que me digaes vosso nome, e o d'essoutro Cavalleiro, porque saiba cujas saõ, a quem deve esta boa obra que lhe fizestes, e

d'ou-

d'outra maneira eu certo naõ no direi, Dom Dinarte, ainda que sentio o partido, com desejo de saber o que queria consentio nelle, e disse: A este Cavalleiro chamaõ Fendibal, e a mim Dom Dinarte. Pois que assi compristes vossa palavra, respondeo ella, quero cumprir a minha. Estas armas vaõ pera hum Cavalleiro, que se chama Belifonte, quem lhas manda sabervolo-hei mal dizer porém eu vos contarei como lhe saõ enviadas. Estando a Marqueza de Modona sua madre assentada em seu estrado, entrou pela porta huma donzella estrangeira com dois escudeiros, que a acompanhavaõ, e desatando hum lio, em que estas armas vinhaõ, disse: Ditosa Grioneza, reparo da vida de quem a dá, e tira a muitos, o Gram Fanimor Senhor das pousadas do Sol, chamadas as Ilhas bemaventuradas, te envia muito saudar como aquella a quem elle muito ama: e diz que por quanto o seu sangue por tua morte deste Marquezado será senhor, quer que sejas medianeira antre elle, e Belifonte teu amado filho, em lhe mandares estas armas da sua parte, as quaes verá com os olhos descansados, porque terá alcançado

do o preço, que todo este tempo atormentou seu coraçaõ, e estará no meio deste prazer quando lhe forem apresentadas: e porque entendas esta divisa do escudo, te quero dizer alguma cousa della. As Ilhas que nelle vem pintadas significaõ o Senhorio que Fanimor tem sobre outras tantas, e a que está no meio cuberta de nuvens, alli faz elle sua habitaçaõ, e depois que Belifonte entrar nella, no tempo que de si naõ será senhor, naõ se verá mais, e estará assi encuberta té que o filho da mansa ovelha, e bravo Leaõ estenda suas ás, e o bramido de sua fortaleza seja ouvido por toda a terra: e por quanto agora naõ he mais necessario, Deos fique em tua guarda. Grioneza com esta novidade ficou de maneira confusa, que se partio a donzella sem lhe dar resposta: e quando vio cousas de tanta riqueza, e admiraçaõ; pelas naõ mandar a seu filho desacompanhadas, manda-lhe esta ópa pera vestir sobre ellas. Entaõ amostrou-a a Dom Dinarte, a qual era de setim branco raso com muitas flores d'ouro, e verde brossadas, e aberta por cinco aberturas, pera que as armas parecessem com alguns boto-

botoens de perolas, e por dentro era forrado de ſetim avelutado verdegai, agolpeadas as mangas com os meſmos botoens, que naõ leixavaõ abrir muito o golpe: tudo em tanta perfeiçaõ acabado, que Dom Dinarte, e Fendibal naõ ſabiaõ a que peça mais louvaſſem. E depois que agradeceraõ á donzella iſto, que por amor delles fez, perguntou-lhe Dom Dinarte o que eſperava fazer de ſi, ou em que parte acharia Belifonte. Creio que no Reino de Ungria, reſpondeo ella, porque a donzella que trouxe as armas diſſe, que lá o achariaõ mais contente do que ſe partio de minha Senhora Grioneza: e por eſte reſpeito me vou á Corte delRei Adriano, por ventura o acharei nella. Nós contra eſſa parte caminhamos, diſſe Dom Dinarte, ſe quizerdes ir em noſſa companhia, ſenaõ ſeja como mandardes. Naõ deſejo eu mais bem, reſpondeo ella, que achar peſſoa taõ ſegura, como em vós tenho: por tanto, aceito o que me offereceis, bem livre de paſſar outra tal affronta, como a de que me tiraſtes. Com eſte concerto começaraõ a ſeguir ſeu caminho, gaſtando Dom Dinarte a maior parte delle nas

cou-

cousas de Belifonte, dizendo a Fendibal: Certo, Senhor, eu tenho a Belifonte pelo mais excellente Cavalleiro de quantos seguem as armas, e assi como todalas obras, que faz, saõ de grande admiraçaõ, assi suas cousas trazem comsigo huma novidade espantosa. E bem se póde daqui esperar as que ElRei vosso padre ouvio serem mui certas. Desta maneira hiaõ praticando estes dois Cavalleiros em Belifonte, nao sabendo a razaõ, que todos tinhaõ. E sendo já horas, que a noite aparecia, foraõ pousar a hum Castello de huma Dóna, que lhe fez muito gasalhado: e quando veio a dormir, cuidando ella, que a donzella era amiga d'algum delles, perguntou-lhe se queria a cama apartada. Si, respondeo Olipena, porque eu naõ tenho mais conhecimento delles, que este. Entaõ lhe contou quanto ambos por ella fizeraõ. A Dóna, que Caletusa havia nome, começou a suspirar dizendo: Oh Brilinda minha filha, todos achaõ amparo, e ajuda, senaõ tu por meus peccados! Quando Olipena a vio chorar taõ piedosamente, perguntou-lhe a causa de suas lagrimas, porque se por armas se podia remediar, em ca-

casa tinha quem o faria. Oh minha amada filha, respondeo ella, como ousarei pedir a quem nunca fiz serviço, que lho mereça? Senhora, disse Olipena, estes Cavalleiros naõ fazem suas cousas por preço, senaõ por obrar aquillo, em que se elles mais deleitaõ, que he castigar os máos, e favorecer os bons: por tanto, seguramente lhe podeis contar vossa necessidade; que eu vos prometo terdes nelles o soccorro, e ajuda, que eu achei: ou se vos disso pejardes, dizei-mo, que eu lho pedirei de vossa parte. A Dona com muitas lagrimas começou a contar suas paixoens, dizendo: Vós sabereis, que por morte de meu marido me ficou este menino, que em meu regaço está, e huma filha de idade de treze annos, que Deos ornou de tanta fermosura, que lhe faz o mal, que agora tem: porque junto deste Castello está outro, onde vive hum Cavalleiro, que tinha hum filho homem mancebo de mui boas manhas, o qual se namorou de minha filha: e no tempo, que elle começou estes tristes amores, andava tambem namorado della outro Cavalleiro, Senhor de hum Castello d'aqui huma jornada, e

por-

porque suas manhas, e má condiçaõ a naõ mereciaõ, naõ lha quiz dar por mulher, e vendo a vontade della, e a minha, que o muito desejava, a casei com este mancebo, que Fidelfo se chamava. O outro, que Caribordo ha nome, quando vio que minha filha, e eu o desprezavamos, havendo muito tempo, que a servia, lá teve maneira como matou por traiçaõ a Fidelfo, e deshi saltou neste Castello, e forçosamente tomou minha filha, a qual ha dous annos que tem comsigo: e todalas noites do mundo lança com ella o corpo morto de Fidelfo, que elle tem mirrado, dizendo, que se farte delle na morte, pois tanto lhe quiz na vida: e pois vive com esta morte em tal pena, peço-vos amiga, e senhora, que rogueis da minha parte a esses Cavalleiros, que ma tirem daquelle inferno, pois tanto serviço a Deos nisso faraõ. Senhora, respondeo Olipena, eu lhe vou logo fallar, e confio em Deos, que vossa tristeza será convertida em descansado prazer. E com esta embaixada foi-se á camera onde aquelles dous Cavalleiros estavaõ, e deu-lhes conta de tudo o que ora ouvistes; e como elles naõ andavaõ

O busc-

buscando outra cousa, aceitou Dom Dinarte esta empreza, com que a Dóna foi mui alegre. E no outro dia tomando-lhe elle hum seu escudeiro, que o encaminhasse ao Castello, onde Caribordo estava, partio-se com sua companhia, e naõ teriaõ duas legoas andadas, quando acharaõ hum escudeiro, que vinha a gran pressa contra elles chorando, como se perdera alguma cousa, que lhe muito tocasse: e tanto que chegou a elles, disse: Senhores, passou por aqui hum Cavalleiro com huma donzella chorando? Naõ, responderaõ elles. Oh Santa MARIA! disse o escudeiro: quanto melhor seria leixar as armas aquelles que mal usaõ dellas, que fazer-lhes perder com suas más obras a gloria, que ellas tem. Porque? Respondeo Dom Dinarte. Eu volo direi, disse elle. Haverá tres horas, que trazia huma minha irmãa de hum Castello pera outro, e encontrámos no caminho hum Cavalleiro, que naõ sómente ma tomou por força, mas ainda me quizera matar pelo disso reprender: E o que mais sinto, he naõ poder achar hum meu primo, que he já Cavalleiro, porque se o topara, naõ fora este avante com sua força.

Fen-

Fendibal disse entaõ a Dom Dinarte: Senhor, eu quero ir com este escudeiro, vós tanto que acabardes, tornai-vos a casa de Caletusa, porque eu ahi acudirei, se me bem for: e se me muito tardar, partivos pera a Corte, ou fazei o que vos aventura, e a vontade guiar. Com este concerto se despedio Fendibal de Dom Dinarte, e deu a andar tràs o escudeiro, bem fóra do que lhe estava ordenado, mas com desejo, e zelo de virtude, meteu-se em tal perigo, assi como a muitos acontece, que cobraõ mal por obrar bem.

CAPITULO XXII.

Do que Dom Dinarte passou no Castello de Caribordo, e do mais, que depois fez.

DOm Dinarte, depois que se apartou de Fendibal, tanto andou todo aquelle dia com a donzella Olipena, que a horas de Solposto chegou ao Castello de Caribordo, e achou a porta fechada por defóra, e sómente tinha hum postigo, que se fechava por dentro. E quan-

do isto vio taõ a recado, disse contra o escudeiro de Caletusa: Parece-me, que naõ está aqui ninguem: segundo tudo vejo callado. Senhor, respondeo elle, dentro está Caribordo: mas com temor do mal que tem feito, manda-se fortalecer. E porque cá detrás tem huma porta falsa por onde se serve, vamos lá, e fique aqui esta donzella com o vosso escudeiro, por mais dissimular. Dom Dinarte começou entaõ de o seguir por derredor do muro, té chegarem a huma Torre mui forte, que sobre a porta falsa estava, com algumas frestas ferradas de ferro mui grosso. E estando assi vendo a sua fortaleza, chegou a gran pressa Casimpo seu escudeiro, e disse: Acudi, Senhor, que meteraõ pela outra porta a donzella, e as armas que trazia. D. Dinarte virou logo mui prestes, e veio á redea solta, parecendo-lhe que a poderia salvar. Porém quando chegou, por mais que nisso fez, achou já tudo fechado, como d'antes estava; e o escudeiro, que com a donzella vinha, chorando á porta: de que Dom Dinarte houve mui grande pesar, e de si mesmo mancencoria: mas sofria tudo com aquella paci-

encia,

encia, que sempre nos taes casos teve; lembrando-lhe, que todalas cousas da honra, e fama por muitos trabalhos do corpo, e paixoens da alma, neste mundo se alcançaõ. E estando com este cuidado pensativo no que faria, chegou emcima das amêas hum Cavalleiro mui grande, e temeroso em seu parecer, e perguntou-lhe que fazia alli? Eu volo direi, respondeo Dom Dinarte. Chegando agora aqui com huma donzella, que vinha em minha guarda, naõ sei quem sahio de lá, que a levou em quanto fui a outra parte. Assi se faz, respondeo o Cavalleiro, a quem guarda mal as cousas, que lhe saõ encomendadas. Verdade he, disse Dom Dinarte: porém o que taes obras faz deve ser ladraõ, pois ainda espreitando os homens pera lhe roubar o seu, em tempo que lho naõ possaõ defender, como a mim agora fizeraõ. Naõ sei de roubar, respondeo o das amêas, porém eu tenho cá dentro essa donzella, e as armas, que trazia: e desta vez creio que de tudo sómente havereis as cordas com que as armas vinhaõ liadas, pera que vos enforqueis desta amêa; se vos muito agastardes. E dizendo isto, mandou a

hum

hum seu escudeiro que as trouxesse, e atasse à ponta acima: entaõ virou-se pera Dom Dinarte, dizendo: Porque me pareceis pessoa honrada, e que vem dar direito ás Dónas viuvas (segundo nesse escudeiro de Caletusa entendo) se esta fôr delgada, e vos naõ podér sostér com o pezo das armas, eu vos mandarei dar outra mais grossa. Por ventura, disse D. Dinarte, sois vós Caribordo? Naõ estou taõ de vagar, respondeo elle, que vos queira dar conta disso: e com estas palavras tirou-se das amêas. Dom Dinarte quando o vio taõ desarrazoado, ficou muito mais triste do que antes estava, por ser já quasi noite, no qual tempo podia a donzella receber algum pezar: e parecendo-lhe este bom remedio, lançou mão da corda que estava atada nas amêas, por ver se o sosteria com o pezo das armas. E estando neste trabalho chegou hum primo de Caribordo, que era mui bom Cavalleiro, e quando o vio daquella maneira, disse: A' Dom escalador de Castellos, aqui feneceraõ vossas manhas. Dom Dinarte olhou pera trás, e por naõ ter tempo pera mais, desviou o corpo, e em passando o Cavalleiro cer-

ceou-

ceou-lhe as pernas do cavallo. E ainda que desta cahida o primo de Caribordo ficou hum pouco atordoado, como era bom Cavalleiro, levantou-se mui prestes, e embaraçando o seu escudo, remeteo a Dom Dinarte, e começaraõ ambos huma mui aspera batalha, porque certo de taes Cavalleiros naõ se podia menos esperar. Porém D. Dinarte lhe fazia sentir quanta ventaje sobre elle tinha, de maneira, que alcançou delle victoria com sua morte: e tanto que isto fez, mandou a Calimpo, que enforcasse aquelle corpo na corda que estava dependurada, e deshi apartou-se pera datrás de hum Valle, defronte da porta do Castello, com determinaçaõ do que ouvireis. E passando assi toda aquella noite; tanto que amanheceo chegou Caribordo emcima das amêas, e quando vio o corpo de seu primo enforcado, cuidando que era D. Dinarte, disse contra hum criado seu, que estava com elle: Que te parece? Aqui verás quam temido sou, que sómente de minhas palavras cobrou aquelle desaventurado tamanho medo, que naõ achou parte onde se mais alongasse de mim, que o inferno: e porque a sua donzella

isto veja, trazemna cá. Quando Olipa vio o corpo enforcado, foi tamanha a paixaõ que disto sentio, naõ olhando a differença das armas, que começou gravemente a chorar, dizendo palavras injuriosas a Caribordo, porque lhe mandasse fazer outro tanto: mas elle a consolava dizendo: Naõ choreis, Senhora, conhecei quam ditosa sois em sair fóra da conversaçaõ daquelle desesperado: e agora darvos-ei por amigo a hum meu primo, que vos guardará, e servirá melhor do que este fez. Entaõ mandou a dous homens, que abrissem o postigo, e desarmassem aquelle corpo, porque lhe pareciaõ as armas bem. Dom Dinarte ouvia todas estas cousas, como aquelle que isso estava esperando: e tanto que vio o postigo aberto, saltou taõ prestes a elle, que naõ tiveraõ os escudeiros tempo pera o cerrar. E entrando dentro, subio onde Caribordo estava, porém elle se guardou bem desta primeira furia de D. Dinarte acolhendo-se a huma torre mui forte. E depois que se armou, vendo andar Dom Dinarte matando, e ferindo a quantos no Castello se queriaõ defender, desceo abaixo a hum pateo, dizendo:

Guar-

Guardái-vos, villanagem, que se naõ sabe defender de taõ pequena cousa, como antre elles anda. Quando Dom Dinarte o ouvio, soltou os outros, e veio contra elle, como hum Leaõ, e disse: Espera, que agora saberás o mais certo lugar onde estou, do que tu dizias, e com estas palavras lhe deu dous golpes taõ apressados, que o fez ajoelhar. Porém naõ foi isto sem levar o retorno, porque Caribordo era mui bom Cavalleiro depois que se via na peleja, e ás vezes se enganavaõ com elle nas palavras quando vinhaõ a effeito das armas: e além de ter este segredo, que era bem perigoso a quem no principio fazia delle pouca conta; tinha muita força nos braços, e por esta causa se chamava Caribordo da força medrosa. E com a confiança della, parecendo-lhe, que andava Dom Dinarte quebrantado dos seus, remeteo a elle pera o espedaçar antre os braços: mas d'outra maneira lhe aconteceo, porque Dom Dinarte lhe deu primeiro hum golpe de tanta força pelo braço direito, que lhe cahio logo com a espada em terra, e sobre isto pôs-lhe as mãos nos peitos: de maneira que deu com elle em hum poço

que

que no meio do pateo eſtava, onde acabou ſuas obras juntamente com a vida. Olipena, como vio o fim da batalha, conhecendo ſer aquelle Dom Dinarte, veio-ſe a elle, e levou-o nos braços, dizendo: Oh Senhor, quanto chorei voſſa morte fingida, e deſejei a minha, crendo que por algum engano foreis alli poſto! Dom Dinarte, parecendo-lhe que a tinha anojada, começou de lhe pedir perdaõ do mal que fizera em a leixar ſó, e outras muitas couſas, com que eſte Cavalleiro ſabia ganhar vontades, e deshi perguntou-lhe onde Brilinda eſtava. Eu creio que naquella torre, reſpondeo ella; por tanto vamos lá, ſe mandardes. Dom Dinarte a tomou pela mão, dizendo: Vamos, Senhora, porque d'aqui avante, em quanto em minha guarda andardes, naõ vos hei de leixar em poder de ninguem: principalmente em terra taõ enganoſa como eſta he. Com taes palavras chegaraõ á porta da torre, e entrando dentro acharaõ a Brilinda veſtida em pannos mui vîs, e rotos, e o corpo de ſeu marido Fidelfo na cama, quaſi hum da côr do outro. Quando Dom Dinarte a vio d'aquella maneira, de pieda-

de,

de, e vergonha virou o rosto, e sahindo-se pera fóra, mandou a hum escudeiro, que fosse por algumas roupas, e em quanto a Olipena vestia, chamou a quatro criados de Caribordo, que ainda ficaraõ em disposiçaõ, e disse-lhes: Vós-outros perdestes a vosso Senhor por suas soberbas, se quizerdes ser bons, e leais; a Senhora Brilinda vos dará melhor galardaõ do que vos elle deu. Por tanto se isso folgardes de aceitar, dizei-mo, e eu lhe fallarei da vossa parte: e em quanto naõ fazeis nada, carregai essas azemelas das melhores cousas que achardes, pera que se levem ao Castello de Caletusa. E tanto que lhe isto disse, tornou-se onde Olipena estava com Brilinda, já com mais parecer: tanta differença fez nella aquelle subito contentamento. E depois que passaraõ antre si muitas palavras de cortezia, e amor, pedio-lhe Dom Dinarte que houvesse por seus aquelles quatro escudeiros, que a desejavaõ servir. Senhor, respondeo ella, eu o farei, porque naõ me podeis mandar cousa, que eu negue, quanto mais esta que he mui justa, por esses escudeiros serem pessoas que mo merecem, doendo-se sempre das crueldades,

que

que ſeu Senhor em mim fez. E pois lhe já mandaſtes carregar as azemelas no que lhe melhor parecer, peço-vos que nós partamos pera onde eſtá minha mãi: porque ſómente ver as paredes deſte Caſtello me dá paixaõ; e cuido ſer ainda vivo aquelle atormentador de minhas carnes. Dom Dinarte, vendo a ſua vontade, mandou fazer tudo taõ preſtes, que partiraõ logo d'alli: e com o alvoroço, que Brilinda levava de ver ſua mãi, apreſſou tanto aquelle caminho, que chegaraõ ao Caſtello de Caletuſa a horas, que ainda eſtava erguida. E quando lhe foraõ dizer, que eſtava á porta Dom Dinarte com ſua filha, veio com muito prazer, e levou-a nos braços, dizendo aquellas palavras que nos taes tempos as amoroſas mãis a ſuas filhas dizem. E depois que ambas eſtiveraõ hum pouco abraçadas, fez Caletuſa recolher todas aquellas couſas pelos ſeus ſervidores: e ella por ſua mão miniſtrava o neceſſario a Dom Dinarte, ſem querer que outrem o fizeſſe: (tanto era o amor que lhe tinha.) E paſſada aquella noite com muito alvoroço de todos, ao outro dia diſſe Olipena a Dom Dinarte: Vós Senhor

já

já tendes sabido de mim minha vontade, que he ir-me á Corte delRei vosso pai em busca de Belifonte: e se me quiz deter estes dias passados comvosco, foi por ver o fim que daveis a esta aventura de que eu fui medianeira. E pois, graças a Deos, tudo está como esperavamos, eu me quero partir sem vós, por levar as alviçaras destas cousas, e tambem porque indo em vossa companhia sempre no caminho haveis d'achar impedimentos que vos detenhaõ, e amim por amor de vós: por tanto, será bem, que espereis por Fendibal, assi como tendes concertado, ou que o vades buscar: que jágora seria culpa minha deter-me com este recado, que levo. Senhora, respondeu Dom Dinarte, seja como mandardes: e pois vos quereis logo partir, eu tambem o quero fazer; e irei em busca de Fendibal, que me parece que tarda: e dá-me na vontade que hade passar alguma cousa de grande risco. Com este concerto se foraõ ambos pera Caletusa, e Brilinda. E depois que se despediraõ dellas, cavalgaraõ, e assi a cavallo foi Dom Dinarte com Olipena té o lugar onde acharaõ o escudeiro com que Fendibal fora

e alli ſe apartaraõ hum do outro. Aos quaes nós ora leixaremos, por contar o que aconteceo a Fendibal, que hia com o eſcudeiro, taõ vendido, como muitas vezes o ſaõ alguns homens de roſtos enganoſos, que diſſimulaõ mais vontades.

CAPITULO XXIII.

Do que Fendibal paſſou com o eſcudeiro, que o levava: E da perigoſa batalha em que ſe meteu.

FEndibal tanto andou com elle gran parte do dia, que a horas de veſpora vio vir contra ſi quatro Cavalleiros mui bem armados de fortes, e luſtroſas armas. Senhor, diſſe o eſcudeiro, aquelle que traz o cavallo murzelo he o Cavalleiro, que me levou minha irmãa, e parece-me, que a leixa em alguma parte, pois que a naõ vejo em ſua companhia: por tanto peço-vos, que me vingueis eſta injuria, e lhe peçais conta della. Fendibal, tanto que chegou aos Cavalleiros, diſſe contra o do cavallo murzelo: Senhor, eſte eſcudeiro me diſſe, que lhe tomareis ſua irmãa, peço-vos que

lha

lha torneis. Esperai; respondeo elle, que agora vingarei minha vontade, e remeteu a elle sua lança baixa. Fendibal quando o vio taõ de subito remeter a elle, sem lhe esperar razaõ; poz-lhe o ferro mui rijo, de maneira que o lançou pelas ancas do cavallo com o arçaõ trazeiro diante delle, e desta quéda ficou quasi sem folego (tanto o embaçou a força da lança:) mas naõ o ferio por causa da fortaleza das armas. Os outros, quando aquillo viraõ, remeteraõ de rondaõ a elle, cuidando de se vingar, e ainda que os encontros foraõ grandes, sosteve-se Fendibal mui bem na sella, de maneira, que todos quebraraõ suas lanças como em huma torre. Elle depois que tambem quebrou a sua no segundo, arrancando da sua espada, meteu-se no meio delles dando a todos que fazer, ainda que era á sua custa, porque tinha já recebido duas feridas na coixa esquerda, donde lhe sahia muito sangue. E vendo-se em grande extremo afadigado mais de hum que de todolos outros, apertou o punho da espada, e estribando-se sobre os pés, deu-lhe hum golpe de tanta força, que ficou desaprezado delle. Os dous carregaraõ lo-

go

go pelo vingar, e com esta furia, mataraõ-lhe o cavallo, de que Fendibal houve grande sanha, porém levantou-se o melhor que pôde, e ao primeiro, que a elle chegou, matou-lhe tambem o seu. O outro, que elle do primeiro encontro derribara, depois que se andou hum pouco revolvendo pela terra, tornou-se a juntar com seus companheiros. E certo se a este tempo Deos naõ ajudara a Fendibal com a vinda de dous Cavalleiros: que o conheciaõ nas armas, por ventura naõ ficara d'aquella batalha mui satisfeito: mas com ajuda destes dous Cavalleiros, que naquelle instante chegaraõ, retornou sobre si, de maneira que lhe fugio o que estava a cavallo, e os dois dando-se por vencidos pediraõ-lhe as vidas. Eu naõ vo-las posso dar, disse Fendibal, senaõ prometendo-me trazerdes aqui a donzella, que tomastes áquelle escudeiro, e restituindo-lhe sua honra, se lha roubastes. Oh desaventurado de mim, respondeu o que elle primeiro derribàra, como darei eu o que naõ tenho! e porque saibais a verdade, peço-vos, Senhor, que me perdoeis o que vos mereço por este caso, e eu vos contarei tudo como passou. Eu

vos

vos perdô-o, disse Fendibal, o que a mim toca, com tanto que deis conta da donzella. Senhor, disse elle, este Cavalleiro, e eu, somos irmãos, e aquelle que jaz morto, e o outro que fugio saõ nossos primos: e hontem á tarde chegaraõ a hum Castello de meu pai dizendo, que logo tomassemos as armas pera huma cousa que muito cumpria á sua honra: e depois pelo caminho nos vieraõ contando como se combateraõ com vosco, e com outro vosso companheiro, té que receberaõ muito nojo, e por tanto tinhaõ mandado em vossa busca enganosamente hum seu escudeiro, té que vos metesse em nossas mãos, assi como fez. E pois todo este mal se converteo em nós, peço-vos por mercê, que naõ nos façais mais mal do que temos recebido, nem me peçais donzella, porque esta he a verdade; e se vos outra cousa parece, olhai pelo escudeiro, o qual, tanto que nos vio vencidos, fugio á redea solta com temor do que fez. Naõ quero mór vingança, disse Fendibal, que confessardes o que fizestes: e d'aqui avante emendai vossa vida, que por ventura achareis algum, que se vos

em tal estado puser haverá pouca piedade della. E pois me matastes o meu cavallo, por naõ ir a pé levarei o vosso, e de vós mais naõ quero. A estas palavras se chegou a elle hum dos Cavalleiros que o ajudara, e tirando o elmo levou-o nos braços dizendo: Senhor Fendibal, agora me acho ditoso, pois cheguei a tempo que visse vossas cousas, que tanto desejava ver. Quando Fendibal conheceo que era Asquilante, e o outro Blandonir de Torbim seu sobrinho, disse: Nem eu, Senhor Asquilante, o fui pouco com vossa ajuda: e certo, que ella me foi taõ proveitosa como a mesma vida, pois ma tirou do perigo em que estava. Naõ he necessario, respondeo Asquilante, estarmos nessas differenças, sendo certo que vosso esforço he tal, que a outras cousas de mór pezo dará taõ victorioso fim: e porque estais mal ferido, será bem que vos cure Bretulo meu escudeiro. Seja como mandardes, disse elle, porém primeiro quero despedir aquelles Cavalleiros, e mandar tomar aquelle cavallo murzelo, porque perdi o meu. Feito isto, como Fendibal queria, e elle curado das feridas,

que

que na perna tinha, repousaraõ naquelle Valle, por ser quasi noite quando acabaraõ. E depois que entraraõ na pratica, começou Fendibal a dar conta a Asquilante da causa porque se apartara de Dom Dinartè, e assi das armas, que a donzella levava pera Belifonte. Sabeis vós outras novas delle? disse Asquilante. Naõ, respondeo Fendibal. Pois eu creio que as darei melhores, e com que mais prazer tereis. Haverá obra de hum mez, que á Corte delRei vosso padre chegou huma donzella da Rainha Briaina, que lhe deu novas como Belifonte era aquelle filho Clarimundo, que tinha perdido; e a maneira que teve de o conhecer matando primeiro ao monstruoso Pantafasul, e a seu irmaõ Learco, e outras muitas cousas. Certo, respondeo Fendibal, eu naõ sinto nova, que me taõ facilmente poderá curar estas feridas como esta fez, em maneira, que, graças a Deos, estou pera entrar em outro qualquer perigo: e creio que meu primo Dom Dinarte naõ será menos lédo quando o souber. E porque ficámos concertados de nos ajuntar em casa da Dóna que vos contei; partamos logo com este luar, que

certo com tal nova todo trabalho se sentirá menos. Desta maneira entraraõ todos tres em seu caminho, e a horas de meio dia chegaraõ a casa de Caletusa, que os recebeo com muito prazer, e gasalhado, sabendo a razaõ, que com D. Dinarte tinhaõ. E quando lhe contou, que era já partido, e o que fizera por livrar sua filha, ficaraõ muito mais contentes com taes novas. Porque ellas saõ as que fazem lédos, e tristes a quem as boas, e más tocaõ.

CAPITULO XXIV.

Como passeando ElRei Adriano pelo campo da Cidade de Buda com Belifonte seu filho; chegou a elles huma donzella, e do que com ella passaraõ.

ANdando hum dia Belifonte com ElRei Adriano seu pai pelo campo da Cidade de Buda, viraõ vir huma donzella estranha bem ataviada, e hum escudeiro em hum rocim, que trazia diante de si dous lios. Esta era Olipena, a qual vendo tanta gente andar pelo campo, perguntou a hum escudeiro se lhe dariaõ

alli novas de hum Cavalleiro, que buscava: E a estas palavras chegou Belifonte com ElRei, por saber o que demandava. Olipena alçou entaõ os olhos por fallar a ElRei: e quando conheceo a Belifonte lançou-se do palafrem abaixo, e pegou em hum dos estribos, dizendo: Dou muitas graças a Deos que me leixou achar o que com tanto trabalho tenho buscado. Belifonte conhecendo que era Olipena que com muito amor o ajudara a criar; lançou-lhe os braços no pescoço, agradecendo-lhe o trabalho, que pelo buscar levara; e deshi mandou-lhe que tornasse a cavalgar, porque na Cidade lhe daria o recado de sua madre Grioneza. E posta Olipena em seu palafrem, depois que beijou as mãos a ElRei, tomou-a Belifonte pela mão, e foi-lhe perguntando por sua madre, e outras muitas novas. Senhor, respondeo ella, grandes saõ as que trago, e mais devagar volas contarei. Desta maneira entraraõ por meio da Cidade, que ainda naõ cansava de festejar por causa de Belifonte, do que Olipena se espantava, naõ sabendo o porque se faziaõ. ElRei, depois que entrou na camera da Rainha, assen-

assentando-se com ella, e Belisonte pegado nas suas fraldas, mandou a Olipena, que désse o recado que trazia. Certo; respondeo ella, eu contarei as cousas, que me saõ mandadas com muita turvaçaõ, vendo a vós bemaventurado Cavalleiro posto em meio de hum taõ poderoso Rei, e excellente Princesa, passando com elle cousas como de pai a filho: por tanto ainda que em mim seja sentida esta turvaçaõ, naõ se atribua a outra causa. ElRei, como já tinha sabido quem ella era, vendo-a suspensa, disse: Se as cousas, virtuosa donzella, que vedes passar antre mim, e este Cavalleiro, saõ de pai a filho; he muita verdade, porque d'antre mim, e da Rainha he gerado: porisso naõ vos espanteis ser estimado de nós com tanto amor. E crede, que naõ menos o tenho a Grioneza vossa Senhora pela criaçaõ que nelle fez. Quando Olipena ouvio estas novas, disse: Quanta turvaçaõ, muito Alto Rei, antes de minha embaixada tinha, tanta se converteo em prazer, e contentamento: e pois me taõ léda fizestes com tal nova, quero dar as que trago a este bemaventurado Cavalleiro. E com estas palavras desenvol-

volveo os lios que trazia, e contou como aquellas armas trouxera huma donzella estranha, e as palavras que disse a sua Senhora quando lhas entregara, e como tambem dissera que o acharia naquella parte, a tempo que veria aquellas armas com olhos descansados, por estar antre o prazer que tinha atormentado seu coraçaõ: o qual, Senhor, me parece que he assi, vendo-vos neste lugar. Mui espantado ficou ElRei, e toda aquella gente da perfeiçaõ das armas, e muito mais das palavras com que foraõ entregues, sem saber quem seria aquelle sabio Fanimor, que taes ditados tinha, chamando-se Senhor das pousadas do Sol: nem houve alli alguem, que alguma daquellas cousas podesse entender. E passando muitas sobre deste caso, disse Querimonia, e Filateria a seu irmaõ Belifonte; que de tudo o que viaõ lhes naõ era necessario mais que a donzella por hospeda, pois tanto o tinha servido. Belifonte lhes teve em mercê aquelle gasalhado que lhe queriaõ fazer, e outorgou-lha dizendo, que fizesse conta ser ella a terceira em parentesco, porque nas cousas, e serviço, que lhe tinha feito,

o parecera ſempre. Olipena, depois que algum pouco repouſou, ſabendo a razaõ que Dom Dinarte com eſtes Senhores tinha, diſſe a ElRei: Pois, Senhor, que comecei a dar novas, quero dar outras, que naõ ſaõ de menos prazer. Entaõ contou o que paſſara com Dom Dinarte, e quanto em armas lhe vira fazer. Do que ElRei, e a Rainha ficaraõ mui lédos, e muito mais Beliſonte ſeu irmaõ. E com eſtas couſas acreſcentava outro amor ao que lhe d'antes tinha: e ſempre ſe amaraõ taõ perfeitamente depois que ambos tiveraõ mais converſaçaõ, que bem ſe póde dizer eſtar a vida d'ambos na de cada hum. Grande bem pera exemplo d'alguns, que negaõ ás vezes o amor de ſeu ſangue, por cobiça, e inveja de pequenas couſas.

CAPITULO XXV.

Como partido Belifonte da Corte de seu pai, se combateo com hum Cavalleiro, que agora se chama Amor, e mais adiante se saberá seu nome, e do fim que esta batalha d'ambos teve.

OLipena, depois que repousou alguns dias do trabalho de seu caminho, pedio licença a Belifonte pera se partir com tal nova a sua Senhora. El-Rei, e a Rainha quando isto souberaõ de Belifonte, mandaraõ-na chamar, e depois que lhe deraõ algumas cousas, que a sua Senhora levasse; agalardoaraõ-na mui bem do trabalho, que levara naquelle caminho, e assi ao escudeiro, com que ambos ficaraõ mui contentes: e por irem mais acompanhados mandou ElRei com elles dous escudeiros providos das cousas necessarias pera taõ longa jornada. E havendo já alguns dias, que Olipena era partida, como se Belifonte mais deleitava nas armas, que em ceremonias de Principes, e na sua descançada vida, determinou partir-se, porque a lembrança

ça das letras que no Padram lera, o naõ leixavaõ descançar: e muitas vezes fizera esta jornada, mas por mostrar a ElRei, e a todolos seus o contentamento, que tinha de ser conhecido delles, leixou de o pôr em obra. E vendo que já era tempo, e tinha boas peças pera entrar em qualquer aventura; pedio licença a ElRei: o qual, ainda que em alguma maneira sentia esta partida de seu filho; considerando que as cousas da honra se ganhavaõ com tal vida como elle exercitava, disse, que era mui contente, porém primeiro lhe propôs estas palavras: Filho, bem terás sabido, e em tua memoria representado quanta mercê te Deos fez em te salvar dos perigos, que em taõ pequena idade passaste, pelo qual lhe dou muitas graças: e pois todo este tempo tuas obras eraõ de Cavalleiro andante, que sua linhagem naõ conhecia; agora sabendo quem es, he necessario com maior cuidado procurar de fazer taes obras, que sejaõ pera cotejar com o sangue Real donde procedes, naõ estimando a vida pela honra, nem o proveito pela fama, assi como teus avós fizeraõ. Por isso, meu amado filho, traze

estas

estas cousas ante teus olhos, porque ellas te faraõ fazer taes, que os olhos de todo mundo se esmerem em as olhar: e eu creio, que esta minha idade cansada viverá descansada se tu naõ descahires do que téqui fizeste. E com estas palavras vieraõ-lhe aquellas lagrimas de pai, que tal filho tinha: de maneira, que causaraõ a Belifonte lançar outras tantas. E passadas estas, e outras cousas, que lhe Belifonte disse pelo consolar; foraõ-se á Rainha, que muito mais sentio este despedimento, principalmente com lembrança do sonho, que vos contámos atrás, onde a chaga lhe disse, que guardasse bem aquelle filho, porque huma Onça lho havia de roubar, da qual elle maior danno receberia que da Loba, que em sua meninice o levara; e por esta causa trabalhava muito a Rainha que se naõ partisse, parecendo-lhe, que havia isto de ser como todalas outras cousas do sonho foraõ; porém conformando-se com Deos, e com a vontade delRei, deo a isso lugar, mais por lhe obedecer, que por outro algum respeito. E despedido Belifonte d'ambos, e de suas irmãas com outras tantas lagrimas, entrou no caminho, que mais per-

to do Padraõ era, com tanto alvoroço de chegar a elle, que lhe naõ lembrava outra cousa. E havendo tres dias, que caminhava armado naquellas frescas armas, entrou em hum Valle mui gracioso, cuberto de muitas rosas, e flores, e algumas arvores, que o principio do veraõ com mil invençoens de galantaria tinha mui bem revestidas, e porque a calma entrava, quiz repousar nelle té que a fria viesse. E chegando a hum cano de agoa, que da maior altura da serra em huma Fonte cahia, ouvio de trás hum Cavalleiro, que bradava contra elle, dizendo, que naõ bebesse daquella agoa, porque lhe pesaria se o fizesse: pois era daquelles, que com paixoens, trabalhos, e suspiros d'alma aganhavaõ. Belifonte como vinha sequioso, vendo a pouca razaõ, que o Cavalleiro pedia, naõ leixou de beber: e depois que isto fez, olhando por elle, vio sahir de huma tenda, que antre humas arvores estava, quatro Cavalleiros armados de humas armas amarellas, quarteadas de negro á maneira de lisonjas, e escudos da mesma côr, sem outro algum sinal: e os cavallos eraõ murzélos zainos, e as lanças que diziaõ

com

com elles. E diante de todos vinhaõ tres donzellas, huma vestida de encarnado com chagas d'ouro broladas por todo o brial: e a outra vestia humas roupas mui compridas, e carregadas de luto: e a outra companheira destas trazia huma roupa Franceza de Setim avelutado verde, taõ gastado, e velho, que senaõ podiaõ determinar os lavores: e quam ligeiros os palafrens das outras duas irmãas eraõ, taõ vagaroso era o desta, pela muita fraqueza, que consigo trazia. E vindo assi esta gente com tal ordem contra Belifonte, sahio d'antrella hum Cavalleiro armado de humas armas de nova côr ao parecer de Belifonte, com muitos olhos por ellas banhados em lagrimas, e coraçoens, que ardiaõ em vivas chamas de fogo. A donzella, que vestia o brial de encarnado, lhe trazia a lança com que feria mui cruamente: E a outra das roupas negras lhe trazia o elmo, e a do verde o escudo em que recebia todolos encontros, e golpes. Quando Belifonte vio o seu concerto, e idade, que seria de quinze té dezoito annos, ficou mui espantado, porém logo lhe pareceo pessoa de alto sangue, e chegan-

do-se pera elle, salvou o mui cortezmente. O Cavalleiro á primeira mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso dizendo: Ousado Cavalleiro, eu te mandei dizer por hum destes meus servidores, que naõ bebesses daquella Fonte, e tu desprezando meu mandado, e naõ temendo minha ira, fizeste o contrario: por tanto, convem que passes pela lei dos que me saõ desobedientes. Belifonte, quando vio que as palavras, e seu parecer naõ concertavaõ, perguntou-lhe que lei era aquella. Eu ta direi, respondeo elle, ves tu aquella tenda de fino amarello, e quantos ferros de prisaõ estaõ pintados á parte? Vejo, respondeo Belifonte. Pois tantos mando eu lançar a quem me he desobediente, como tu fostes, e depois saõ metidos em huma prisaõ, qual he a côr da tenda, e por te mais manifestar minhas obras, olha os lavores, que a tenda mais tem, e verás como saõ maravilhosos. Belifonte olhou entaõ, e vio grande quantidade de homens, e mulheres, que se matavaõ com suas mãos, por mil generos de mortes, tudo taõ miseravel, e piadoso, que Belifonte ficou espantado naõ sabendo a causa de taes cru-

elda-

eldades. E estando nisso pronto, disse-lhe o Cavalleiro: Parece-me, segundo te vejo confuso, que já te arrependes do que fizeste; mas pouco te aproveita pera tua salvaçaõ, pois es merecedor de muita pena: por tanto, date á prisaõ, e naõ queiras mais dilatar cousa alguma, senaõ será pera maior teu mal. Belifonte houve menencoria de lhe ouvir estas palavras, e disse: Certo Cavalleiro, em vós ha mais fermosura, e bom concerto, que cortesia, nem criança, pois assi fallaes aos homens, que vos taõ pouco erraõ, e á verdade se vossas obras saõ taes como dizeis, mais me parece vosso officio de cruel justiçoso, que de piadoso Cavalleiro; pois aos caminhantes que tanta necessidade tem d'agoa, que a todos he geral, vós com vossa cobiça quereis-lhe usurpar esta franqueza, que lhe Deos deo. E por me parecer contraria á razaõ, peço-vos que naõ useis desta manha, e senaõ, cumpre que volo defenda-se se podér, pois pera isto tomei estas armas. Bem parece, respondeo o Cavalleiro da tenda, que de mim tens pouco conhecimento, pois taõ ousado fallas: porém agora pagarás o erro, que con-

tra

tra mim fizeste naõ sabendo a realidade de minha pessoa, que se a bem entenderas, julgáras quanto poder sobre ti, e sobre todolos humanos tenho, sem algum escapar de minha jurisdiçaõ. Pondes-me em tantas duvidas, disse Belifonte, que naõ sei que diga vendo por huma parte vosso estado, e parecer, e por outra as obras, e palavras taõ desviadas do que elles prometem; e por tirar este escrupulo, e duvida, folgaría de saber vosso nome, e parte de vossas cousas por onde fosse certo, que com razaõ tendes tanto poder. Praze-me, respondeo elle: Eu sou filho do gentil parecer, e da gostosa deleitaçaõ, minha folgança he cevar-me em coraçoens apaissionados té que os faça buscar remedio de outra vida, onde de meu poder sejaõ fóra, e d'aqui se causa veres aquellas figuras pintadas: e porque com estas cousas virás em verdadeiro conhecimento de quem sou, te naõ quero mais dizer. Por tanto, obedece ao que te mando, que he entrares naquella prizaõ. Belifonte quanto lhe mais ouvia, tanto menos entendia suas cousas, como aquelle que era innocente dellas. E porque o anojou com palavras so-

ber-

herbas, disse-lhe que nunca Deos quizesse, que em poder de taõ cruel homem elle fosse, antes esperava de lhe fazer perder aquella manha, e começou de se concertar na sella. O Cavalleiro da tenda quando o vio d'aquella maneira, pedio as armas ás donzellas, e pondo-se a huma parte, e Belifonte a outra, vieraõ, por se vingar, ao maior correr dos cavallos, e foraõ os encontros de tanta força, que lhe parecia a Belifonte derribar huma torre se diante a achara: mas o Cavalleiro era taõ forte, que daquella vez naõ recebeo algum danno, antes o fez em Belifonte mui grande, porque naõ lhe valendo as fortes armas, que trazia, foi-lhe tocar com a agudeza do ferro de sua lança no proprio lugar onde tinha a chaga, em maneira, que ficou taõ atormentado, que naõ se podendo sostér na sella, cahio do cavallo sem mais responder. O Cavalleiro tanto que isto fez, tornou-se com sua companhia pera a tenda donde sahira. Carfel, e Filena vendo tal novidade em seu Senhor, acudiraõ logo mui prestes, e começaraõ de o desarmar por ver se tinha alguma ferida, mas naõ lhe acharaõ outra, senaõ a com que nasceo:

do que se mais turvaraõ; porque nem bolia pé nem mão, nem cousa, que désse final de vida, té que d'ahi a hum grande pedaço começaraõ os olhos a correr em fio sem nunca os abrir, e os suspiros sahiaõ com tanto impeto, que lhe tolhiaõ o folego. Filena quando vio que todo o mal procedia do coraçaõ, começou a buscar algumas ervas, que o confortassem; como aquella que era mui excellente mestra, porque o tinha aprendido da donzella Acrina, que o curara: porém todos estes remedios de Filena eraõ pouco necessarios, pois com outra mezinha se havia de curar aquella secreta chaga. E estando ella, e seu irmaõ nesta fadiga, e trabalho, chegou huma donzella bem ataviada, e disse: Tirai-vos d'ahi vós outros, porque eu trago a esse Cavalleiro melhor remedio do que podeis dar. E chegando-se a elle, tirou huma tavoa pintada da manga do brial, e disse: Esforçado Cavalleiro nas obras de vossa gloria, abri os olhos, e vereis a causa de vosso mal, e descanso de vosso bem. E com estas palavras metendo-lhe a tavoa na mão desapareceo subitamente. Belifonte acudio logo, e abrindo os olhos,

vio

vio hum vulto de mulher em o meio da tavoa, taõ fermosa, que naõ podia a natureza mais obrar, ainda que todalas conjunçoens pera isso estiveraõ mui dispostas. A qual tinha sobre a cabeça huma coroa de flores diversas antremettidas com pedraria, que a faziaõ mais lustrosa. E ainda que tudo isto naõ fora taõ excellente, naõ tinha o seu natural parecer necessidade de bons atavîos, antes ella desfazia com sua fermosura, e graça, toda a que elles tinhaõ. E sómente dos ombros pera cima se mostrava naquella pequena tavoa, que o mais ficava no proprio original. E na quadra debaixo estavaõ humas letras em Grego, que diziaõ: Nesta linguagem está quem por ti espera, e por sua causa começas a sentir seu mal: a sentença das quaes palavras ainda que Belifonte naõ entendeo, depois foi tempo que claramente vio o que ellas diziaõ: Porém ao presente vendo huma cousa taõ perfeita, e fóra do que se podia presumir em parecer humano; pela obra que o encontro do Cavalleiro fizera, foi preso d'amores por aquelle vulto, de maneira, que cuidava estar alli toda sua bemaventurança, e que naõ po-

dia ver cousa que o mais lédo, e triste fizesse. E com estas differenças em que seu coraçaõ era metido; começou a dizer: Oh Amor, Amor, quam bem te soubestes vingar de mim! pois por tal aventura em que tanta desaventura sinto, me roubaste minha liberdade de tuas cousas isenta. E certo, assaz de sinaes me déste de tua pessoa: mas como nunca conheci o de tua bandeira, naõ tive razaõ pera te obedecer: mas bem satisfeito ficas, querendo que ame a quem pouco respónderá quando lhe pedir o descanso que me sua vista roubou. Oh desaventurado de ti Belifonte! quam pouca esperança terás de tua vida sendo entregue á quem he surda, e escassa pera teu bem, e muito fermosa pera teu mal: por tanto naõ te saõ necessarias armas de esperança, como as que trazes, senaõ outras conformes á paixaõ que sentes. Desta maneira se estava Belifonte queixando do Amor, com os olhos prontos naquelle vulto, e causa, que lhe taes cousas fazia dizer. E como aos apassionados d'amores se representaõ muitas cousas na fantesia, parecia-lhe a Belifonte, que aquella Senhora se mostrava contra elle sanhosa por se

cha-

chamar mal aventurado em ser seu: e pela naõ descontentar com tal desacatamento, tornou a dizer: Senhora, naõ sou eu malaventurado, mas o mais ditoso de todolos nascidos, pois nasci pera me matardes, e vos ter por minha Senhora, com tanto contentamento meu, que só elle me fica por satisfaçaõ de quanto vos posso merecer, que será pouco pera o muito, que vós mereceis que eu por vossa causa sinta. Por tanto, naõ me julgueis a vontade pelo desconcerto das palavras; mas pela fé de minha tençaõ, que no amor d'esse parecer he abrasada. Estas, e outras cousas dizia Belifonte com tanta affeiçaõ, e acatamento, que parecia verdadeiramente fallar com quem lhe tornava reposta: do que Carfel, e Filena eraõ espantados vendo-o posto em tal cuidado, como era amar huma tavoa pintada donde se naõ podia prometer esperança que o descançasse: e pera o desviarem deste pensamento, contaraõ-lhe como o Cavalleiro que o vencera, tanto que o vio em terra se metera na tenda, e que d'alli desapareceo com tudo: e neste meio tempo viera huma donzella, que lhe deu aquelle vulto, a qual logo tam-

tambem desapareceo. E além destas cousas, começaraõ de lhe dizer outras conformes á necessidade que tinha : mas tudo aproveitava pouco pera apagar aquelle fogo, que dentro em sua alma ardia. Desta maneira estava o esforçado Belifonte vencido por hum só encontro, sem suas forças poderem a isso resistir. Pois que diremos a isto, senaõ que todalas cousas jazem debaixo da jurisdiçaõ deste vencedor : e que quanto nos mais esforçamos contra elle, tanto se mais esmera em nos vencer, sem disso nos salvar estado, poderio, saber, nem riqueza. E pois em muitos passados, e presentes se vê a esperiencia de suas forças, bem podemos amainar as vellas de nossa presumpçaõ naõ desdenhando suas obras, porque ninguem he taõ isento, que escape do mal dellas.

CA-

CAPITULO XXVI.

Como estando Belisonte no Valle de seu vencimento, chegou a elle huma donzella, que lhe deu huma carta, e humas armas, por causa das quaes mudou o nome, chamando-se o Cavalleiro das lagrimas tristes: e do mais que passou com huns Cavalleiros.

NAõ vos contamos aqui quem era este Cavalleiro, que venceo a Belifonte (ainda que tinha obras de Amor) porque em outra parte onde pagou o que agora fez, vos diremos largamente suas cousas. E tornando a Belifonte, que estava trespassado no amor da imagem que lhe apresentáraõ; chegou a elle huma donzella bem ataviada emcima de hum palafrem, e hum escudeiro em outro, que diante de si trazia hum lio, e depois que o salvaraõ tirou a donzella huma carta do seio chancelada com hum sello d'ouro, e antes que lha désse, disse estas palavras: Eu sou a vós enviada, Cavalleiro bemaventurado, com essas armas, que vereis dentro neste lio, quem volas manda a carta o diz: por tanto apartai

tai de vós todolos cuidados que vos têm posto no que agora tendes, porque ellas o salvaráõ do perigo em que hade ser posta a esperança de vosso bem, e segredo de vossa alma. E acabando estas palavras leixou-lhe a carta nas mãos, e o lio das armas. Belifonte quizera-lhe responder, mas desapareceo taõ subitamente, que naõ teve tempo pera isso, do que ficou mui agastado: e por algum tanto descansar com saber o que dizia a carta, abrio-a, as palavras da qual eraõ estas: Naõ menos generoso que esforçado Cavalleiro, Fanimor secretario de tua vida, e das cousas que de ti haõ de proceder por graça da divinal providencia, te faço saber, que estando nas Ilhas bemaventuradas me foi representada a cruel batalha, onde perdeste todo o contentamento, ainda que por despojo alcançaste quem te porá no cume de mais verdadeiro amador de quantos foraõ, nem d'aqui a muitos tempos seraõ postos. E porque isto seja huma esperança pera sustentar tua vida; que a muitos salvara da morte; te mando essas armas, com as quaes livrarás a quem te captivou: por tanto, toma o nome da divisa que levaõ, que será Ca-

val-

valleiro das lagrimas triſtes: e por eſta cauſa te mandei pedir pela donzella, que naõ mudaſſes o nome de Belifonte té que viſſes couſa por onde o perdeſſes: e pois eſte he bem confórme ao tempo, e eſtado em que agora vives, folga de o fazer. Belifonte naõ contente com ler eſta carta huma vez, tornou a lela muitas, pela melhor entender: mas quanto mais queria penetrar a ſentença, tanto menos lhe dava verdadeiro entendimento: de maneira, que eſtava poſto em confuſaõ naõ ſabendo onde acharia aquelle gram ſabio Fanimor, que nas couſas de ſua vida, e eſtado tanto ſabia, pera lhe ſervir aquelles beneficios, e perguntar onde eſtava o remedio de ſeu mal. E com eſta pouca certeza, pôs em ſua vontade de o ir buſcar tanto que acabaſſe a ventura do Padram. Porém debalde trabalhava com o deſejo: porque ainda que ſe revolvera toda a redondeza do mundo, ſem ſua vontade naõ no poderaõ achar. E paſſadas eſtas couſas em ſeu penſamento, quiz mudar as armas por ſatisfazer a ſua triſteza, e a quem lhas mandava, as quaes eraõ todas negras cubertas de lagrimas de prata, e o eſcudo ao contrario,

rio, o campo de prata, e as lagrimas negras. E depois que se armou nestas armas, que o muito contentaraõ com sua divisa; mandou guardar as outras no mesmo lio, pera tempo de mais esperança, do que elle entaõ tinha de seu descanso. E pondo-se a cavallo entrou no caminho do Padram mais enlevado na dôr, que o atormentava; que na lembrança do que havia de fazer. E indo assi occupado nestas occupaçoens ociosas, tanto andou aquelle dia, que o tomou a noite á entrada de hum Soveral. E porque a Lua com a sombra do arvoredo fazia o caminho mui gracioso; folgou de caminhar, por ir mais contemplativo: e sendo já no meio do Soverál vio ir diante de si hum Cavalleiro cantando: e com a espessura das arvores, abatia-se a voz de maneira, que retumbava mui graciosamente, porque o Cavalleiro tinha disposiçaõ pera fazer tudo com ella: O qual era natural de Alemanha, filho do Duque Crismonte, chamava-se Panflores o Trovador, e juntamente com esta manha cantava mui bem, e todolos vilhancetes, e cantigas, que fazia, logo os entoava, e sempre trazia dous escudei-

deiros, que o ajudavaõ a cantar quando caminhava. O Cavalleiro das lagrimas neſte tempo foi gaſtando algumas, mui enlevado na muſica, que avivava ſua paixaõ enamorada. E tanto que Panflores acabou, chegou-ſe a elle, e ſalvando-o mui cortezmente, diſſe: Certo, Senhor Cavalleiro, muito deveis a Deos em vos dar tal graça, e bem moſtraes na letra dos vilhancetes quam ſujeito ſois ao amor. Panflores deu entaõ hum ſuſpiro, dizendo: Malaventurado, Senhor, ſe deve chamar o Cavalleiro, que a eſte naõ render ſuas armas, pois tanta ventaje nos tem nellas: e ainda que ſuas couſas nos tratem mal, qualquer pequeno contentamento que nos dà, ſatisfaz todo ſeu danno. Bem ditoſo he aquelle, reſpondeo o Cavalleiro das lagrimas, que vê a hora, em que eſſe contentamento recebe: porém quem nunca a vio, e deſeſpera de a ver mais, malaventurado ſe deve chamar. Panflores lhe tornou a dizer outras palavras, moſtrando-ſe mui vencido deſta paixaõ, que algum tanto conſolava ao Cavalleiro das lagrimas: porém era menos do que elle moſtrava, por ſer homem mudavel nos amores, toman-

mando hoje huns, e logo os leixàr se achava outros, que lhe bem pareciaõ: mas nunca deste cuidado era ocioso. E álém de suas manhas serem de especial mancebo, era nas armas mui esforçado, e algumas vezes hia á Corte do Emperador Polinario de quem elle era muito estimado: mas naõ queria fazer assento em sua casa, té que depois por causa do Cavalleiro das lagrimas quiz ser escrito em huma camera que o Emperador tinha, onde estavaõ todolos Cavalleiros de sua casa dignos de memoria, tirados por natural: e segundo o que cada hum merecia; assi estava mais acerca do trono de sua Real pessoa. E a esta camera chamava o Emperador Flor do esforço, por nella estarem pintados os mais excellentes, e esforçados Cavalleiros de toda Grecia, e d'outras partes, se em sua Corte andavaõ. E tornando á pratica, que o Cavalleiro das lagrimas com Panflores passava, sem hum se dar a conhecer ao outro, nem descobrirem a causa de sua paixaõ; vieraõ dar com elles tres Cavalleiros, que traziaõ outro mal ferido gemendo em hum palafrem. O das lagrimas depois que os salvou, e Panflores tambem,

ven-

vendo que naõ reſpondiaõ, diſſe: Aſſi me valha Deos, que eu topei já muitos Cavalleiros, mas nunca achei algum, que tanto eſtimaſſe ſua falla como vós, ſenhores, a eſtimais, pois naõ reſpondeis quando vos ſalvaõ. A Cavalleiros, reſponderaõ elles, que travaõ comnoſco razoens ſem noſſa vontade, damos-lhe o callar por reſpoſta: e quando nos muito agaſtaõ, eſta lança nos vinga delles: e ſenaõ quereis que tal emenda cruamente tome de vós; dai voſſas armas, e cavallo áquelle meu eſcudeiro, que as ha miſter pera o armar Cavalleiro, e irvos-eis em paz. Mais val, reſpondeo o Cavalleiro das lagrimas, a guerra perigoſa, que a paz com deshonra, e antes a quero comvoſco, que obedecer a voſſo mandado. Pois aſſi quereis, diſſe o Cavalleiro, eſperai. E com eſtas palavras apartou-ſe a huma parte deſviado das arvores: o das lagrimas diſſe contra Panflores: Senhor, ſe vos entretanto quizerdes ir fazei-o, e vede o que de mim mandaes. Agora, reſpondeo elle, vos quero eu acompanhar, e naõ em tempo ſeguro. O Cavalleiro das lagrimas lho teve em mercê, e deshi veio-ſe ao das razoens,

zoens, e deo-lhe hum encontro de tanta força, que o lançou pelas ancas do cavallo com a fella trás elle fem outra detença. Panflores, ao tempo que elle isto fazia, chegou-fe a hum dos outros, e diffe: Senhores, nós eftamos de vagar; quebremos cada hum fua lança em quanto fe noffos companheiros combatem, ao menos farlhes-hemos companhia em lhes ajudar a foffrer o trabalho. Hum delles houve grande menencoria quando lhe ouvio eftas palavras, e veio-fe a elle dizendo: Bem: Dom covarde, taõ oufado fois vós que: Porém Panflores naõ lhe leixou acabar o mais, que queria dizer, com hum encontro taõ duro nos peitos, que lhe ficou a palavra imperfeita na boca, e deu com elle em terra. Mas isto naõ foi fem trabalho feu: porque o Cavalleiro era de muita força, e ferio-o com tanta, que lhe fez perder as eftribeiras; porém tornou-fe a concertar. E vendo que fe erguia feu contrario, faltou em terra, e começou de o ferir mui afperamente, como quem naquelle exercicio era bem defenvolto, e efperto. A efte tempo o outro Cavalleiro, que ficava, veio-fe contra o das lagrimas, que já tinha

nha vencido seu companheiro, dizendo: naõ me escaparás sem tomar de ti vingança, pois de tanto mal foste causa. E estas palavras eraõ cheias de muita confiança, porque em toda aquella terra naõ havia Cavalleiro que na sella se lhe podesse sostér: mas como em seu contrario havia muita differença dos outros, sahio-lhe o pensamento desviado do que esperava, porque o das lagrimas vendo sua soberba presumpçaõ remeteo a elle com maior sanha, e deraõ-se ambos taõ fortes encontros, que as lanças foraõ voando em rachas. Porém com tudo a do Cavalleiro das lagrimas obrou mais que a do outro, fazendo-lhe huma grande ferida nos peitos, onde o ferro ficou pregado com parte da haste. E vindo ás espadas, começaraõ sua batalha com tanta braveza, que o Cavalleiro que no palafrem hia mal ferido, se espantava do das lagrimas, sabendo as forças de seu inimigo, como quem as esperimentara. Filena tambem lembrando-lhe o que passara o dia atrás onde lhe suas forças pouco aproveitaraõ, dizia a seu irmão: Que te parece, Carfel, quam desviada aquella ardideza anda d'antontem ao meio dia?

cer-

certo, eu naõ sei que diga, vendo transtornadas suas cousas de humas em outras. O Cavalleiro das lagrimas em quanto elles passavaõ estas razoens, feria rijamente em seu inimigo, e cada vez se mais esmerava nisso: porém o Cavalleiro se defendia com muito tento, como aquelle que em tal exercicio tinha gastado grande tempo: de maneira, que andava o das lagrimas mui descontente por naõ acabar com elle, e começou a meudar os golpes taõ apressados, que o fez desatinar, e naõ trazia o tento em mais que defender-se. E com o sangue, que lhe das feridas sahia, e trabalho de andar a huma, e a outra parte, estava já taõ cansado, que se naõ podia virar na sella. O Cavalleiro das lagrimas conhecendo esta fraqueza, travou-lhe mui rijo pelo escudo, e elle apegou-se tanto ao seu braço, que juntamente foraõ ambos á terra. E caindo o Cavalleiro debaixo, ficou-lhe a espada de maneira, que se foi ferir o das lagrimas em huma perna, porém naõ leixou de lhe tirar o elmo da cabeça, dizendo: Outorga-te por vencido, senaõ aqui fenecerás com tuas soberbas. Sulfanar, que assi havia nome este

Caval-

Cavalleiro, vendo o extremo em que eſtava, começou de ſe outorgar por vencido, pedindo-lhe que o naõ mataſſe. A eſtas palavras chegou Panflores, dizendo: Senhor, naõ no mateis ſem primeiro ouvir eſte Cavalleiro, que elles preſo levaõ. O das lagrimas, ſe chegou entaõ ao Cavalleiro, e perguntou-lhe quem era, Senhor, reſpondeo elle, eu ſou hum Cavalleiro, que por minha deſaventura, e fraqueza vim ter nas mãos deſte, que me leva a hum Caſtello de ſua tia pera me cortar a cabeça: a razaõ porque, he grande: ſe diſſo fordes ſervido, ainda que minha diſpoſiçaõ naõ eſtá mui diſpoſta, contarvos-hei as forças della. Muito folgaremos, reſpondeo o das lagrimas, eſte Cavalleiro, e eu, ſe o vós naõ tomardes por grande trabalho. O meu nome, diſſe elle, he Cantim de Lorbem, ſou natural de Conſtantinopla, ſobrinho do Emperador Polinario, e haverá trinta dias, que á ſua Corte chegou huma Dóna cuberta de luto, pedindo-lhe que lhe déſſe hum Cavalleiro pera ſe combater com outro, que lhe tinha huma filha forçoſamente, e ſobre iſſo lhe matara hum filho. O Emperador como naõ tinha

em sua Corte quem com tanta razaõ houvesse de mandar, mandou-me vir logo com ella, e chegamos a hum Castello d'aqui duas jornadas, no qual estava Leganger hum Gigante, homem mancebo, que era o que tomara sua filha. E vindo elle, e eu a campo, com a razaõ que tinha quiz Deos que o vencí, e dei em final de vingança a sua cabeça á Dóna, que me levava (porque este foi o premio da batalha, levar o vencedor a cabeça do vencido) e depois que isto fiz, entreguei-lhe a filha, que estava dentro no Castello com a mãi do Gigante: a qual vendo que lhe matara seu filho, com magoa desta dôr mandou logo secretamente a hum Gigante seu irmaõ, que saltasse no caminho commigo, e lhe désse vingança da morte de seu filho. E aconteceo, que leixando já a Dóna, e sua filha em hum Castello, encontrei no caminho dous Cavalleiros de casa do Emperador, e indo assi todos, saltou com nosco Brobafor tio de Leganger com obra de vinte Cavalleiros, e conhecendo-me pelos sinaes, que lhe sua irmãa mandara, começou com todolos seus de ferir em nós de maneira, que fomos venci-

dos,

dos, e presos. E entaõ mandou esse seu sobrinho que ora vencestes, e a essoutros dous Cavalleiros, que me trouxessem a sua irmãa pera tomar em mim vingança á sua vontade: e os outros meus companheiros, segundo me estes hiaõ contando, haõde ser postos na mais aspera prisaõ do mundo com muitos que elle lá tem. Assi, Senhor, que esta he a causa porque me levavaõ preso, e creio que nunca cuidei de me achar taõ esforçado pera vos contar estas cousas, segundo vou maltratado, e ferido. Senhor Cantim de Lorbem, disse o Cavalleiro das lagrimas, pesa-me de naõ saber vossas cousas antes que me combatera com este Cavalleiro: porque considerando a razaõ que tinha pera quebrantar sua soberba, mais cedo vos dera delle vingança: porém pois já Nosso Senhor volo tem posto a vossos pés, vede o que mandaes fazer delle, que em vossa vontade está a sua morte, ou vida. Senhor, respondeo Cantim de Lorbem, o que vós delle ordenardes recebo eu em grande mercê. A mim me parece, disse o das lagrimas, que será bem manda-lo da vossa parte ao Emperador pera lhe contar

tudo o que com vosco passou. Folgo, respondeo Cantim de Lorbem, de ser essa vossa vontade, porque naõ tinha outra cousa na minha. O Cavalleiro das lagrimas se chegou entaõ a Sulfanar, e disse: Cavalleiro, qual destas cousas quereis a vida, ou fazer meu mandado? Senhor, respondeo Sulfanar, naõ póde ser taõ crua cousa a que me mandardes, que o mais naõ seja a morte: por tanto vede o que quereis, que eu vos prometo de o cumprir. O que quero de vós, disse elle, he irdes á Corte do Emperador Polinario, e contai-lhe quanto passaste com seu sobrinho, e dizei-lhe da minha parte, que sou o Cavalleiro das lagrimas, que beijo as Reaes mãos de Sua Alteza: e ainda que lhe meu nome agora mais naõ seja manifesto, eu espero de lhe fazer taes serviços, com que me aceite por servidor. Dado este recado a Sulfanar, que jurou de o assi cumprir, foi-se o das lagrimas pera Panflores, e quando o vio estar abraçado com Cantim de Lorbem folgou muito de lhe ver tal amizade, crendo que naõ seria de menos linhagem do que Cantim de Lorbem era; e chegando a elles, disse: Eu vos vejo,

Se-

Senhores, taõ amigos, que me parece grande final pera hum fazer a vontade do outro: e porque naõ sei a d'ambos, ácerca do que determinaõ, e me he necessario seguir meu caminho, vede primeiro se mandaes algum serviço de mim. Senhor, respondeo Panflores, o que este Cavalleiro, e eu fallamos he sobre a cura de suas feridas, que lhe daõ muita dôr. E deshi com vossa ajuda, se vos quizerdes nisso empregar por serviço do Emperador, irmos salvar aquelles dous Cavalleiros de sua casa: porque, segundo me conta Cantim de Lorbem, he necessario mais que hum, nem dous Cavalleiros, por causa do lugar onde estaõ: porém eu confio tanto em vossa bondade, e esforço, que logo com alguma fraca ajuda minha faremos serviço a Deos, e salvaremos a elles. A cousas do Emperador, disse o Cavalleiro das lagrimas, erro seria naõ leixar todalas outras pelo servir: e ainda que huma aventura, em que ando dias ha, bastava pera me naõ entremeter em outra cousa: com tudo façamos o que mandardes, que eu a isso me offereço. E ácerca da cur[a] de Cantim de Lorbem, esta donze[lla]

que commigo trago creio que o fará perfeitamente. E nisto dizia elle verdade, porque em quanto esteve na Corte de seu pai aprendeo Filena da donzella Acrina, assi como vos já contamos: e a esperiencia, e pratica de cada dia lhe deu tanta teorica, que ficou mui boa official, e sempre pera isso andava apercebida como quem naquelle mister se via muitas vezes envolta. E acabando de curar a Cantim de Lorbem a horas que o Sol começava a romper, seguiraõ o caminho, que os Cavalleiros de Grobafor traziaõ, té chegarem a hum Mosteiro, que Cantim de Lorbem sabia, com que muito folgaraõ por causa de se elle ficar alli curando. Os Frades quando o conheceraõ, por amor do Emperador fizeraõ-lhe muito gasalhado, e a seus companheiros por causa delle, porque este bem he proprio do amor terde-lo áquelles que o tem a quem o vós tendes.

CA-

CAPITULO XXVII.

Como partido Dom Dinarte de casa de Caletusa, seguio seu caminho, e das aventuras que nelle passou antes de chegar á Corte de seu pai.

SEguindo D. Dinarte seu caminho depois que se apartou de Olipena, havendo já alguns dias que naõ achava a Fendibal, caminhou contra a Corte de seu pai, assi como tinhaõ concertado. E ás oito jornadas jazendo huma noite desviado do caminho em hum gracioso Valle, ouvio grande estropido de cavallos, que passavaõ, e com desejo de saber o que era, levantou-se mui prestes, e começou a seguir a trilha delles hum pouco apressado: mas nunca em todo aquelle espaço da noite achou alguma cousa, té que a horas de meio dia á entrada de hum Valle vio estar seis Cavalleiros, e duas donzellas, todos a cavallo como que esperavaõ alguem. E chegando-se mais a elles conheceo huma das donzellas a Calimpo seu escudeiro, e foi-se com os braços abertos para elle, dizendo:

Ca-

Calimpo, Calimpo boa seja tua vinda; por ventura he este Cavalleiro teu Senhor? Calimpo, porque a naõ conhecia, esteve hum pouco suspenso té que ella tirou o babete com que trazia o rosto cuberto. E quando conheceo que era Arima donzella da Rainha Briaina, mostrando-lhe muito gasalhado, disse: Este he meu Senhor, por tanto esperai, que vedelo vem. Dom Dinarte sem fallar aos Cavalleiros por saber quem era a donzella que se conhecia com Calimpo, veiose pera ella. Arima com muito prazer, primeiro que elle fallasse, começou a dizer: Tanto folgo, Senhor Dom Dinarte, de vos achar pelas novas que trago, como de vos ver em tal habito, lembrando-me que vos trouxe nos braços em outro mais brando pera vossas carnes. Dom Dinarte, depois que a salvou com muito amor, conhecendo quem ella era, perguntou-lhe que novas lhe trazia. Arima lhe contou entaõ as que levara da Rainha Briaina sua madre á Corte del-Rei de França (porque esta era a donzella, que Asquilante disse a Fendibal, que levara as novas de Belifonte.) Quando Dom Dinarte acabou de ouvir o que

lhe

lhe ella sobre este caso contou, com muito prazer deu graças a Deos, que o fizera irmão de tal Cavalleiro, e dizia que naõ era sem causa ter-lhe já d'antes muito amor, pois tanta razaõ havia antre elles, e outras cousas que o prazer faz dizer aos homens que tem muito amor, a causa; porque o sentem, como este Cavalleiro a seu irmão tinha, sem lhe lembrar que era herdeiro: cousa que os homens mui asperamente soffrem. Mas como no tempo que estes seguiaõ as armas, mais estimavaõ a gloria dellas, que as grandes heranças, he de crer ser isto assi. E tornando ao que Dom Dinarte mais passou com Arima, depois que lhe deu grandes agradecimentos por tal nova, perguntou-lhe o que fazia alli com aquella gente. Eu volo direi, respondeo ella: havera quatro horas, que cheguei aqui, e achei aquelles quatro Cavalleiros que estaõ apartados, e detiveraõ-me que naõ passasse, dizendo que está lá diante hum Cavalleiro occupado, e que té naõ dar fim ao que faz naõ póde passar ninguem, e depois chegou aquelle Cavalleiro que tem as rosas no escudo, e detiveraõ-no tambem, e aquelloutro do cavallo rosilho, que

que agora veio, e assi estamos esperando té que o Cavalleiro acabe: dizem que naõ póde muito tardar, porque huma Onça, porque elle esperava, já a tem comsigo. Dom Dinarte pareceo-lhe descortezia contra os caminhantes isto que lhe Arima contou, e disse: Quero ver estes guardadores se saõ taõ soberbos, e descortezes, como o Senhor que os manda. E tomando a Arima fez que passava, hum dos Cavalleiros do Valle quando o vio assi passar, disse contra elle: Cavalleiro já deveis saber que naõ podeis passar, e que estes tambem esperaõ por isso. Naõ me valha Deos, respondeo D. Dinarte, se vi cousa taõ desarrazoada como reter os caminhantes sem causa, e porque me parece mui mal, naõ leixarei de seguir meu caminho. Pera isso estamos aqui, responderaõ elles, pera sandeos, e atrevidos taes como vós, que os sesudos fazem o que estes dous té agora fizeraõ naõ sahindo do que lhes mandamos. Poderá ser, disse Dom Dinarte, que estejaõ elles mais de vagar do que eu estou, que se depressa foraõ já tiveraõ sete legoas andadas depois que debaixo de vossa obediencia estaõ. E com estas pala-

vras

vras pôs as pernas ao cavallo pera passar, porém hum daquelles que o Valle guardava se lhe pôs diante. D. Dinarte vendo a sua soberba desviou-se delle, e do primeiro encontro lançou-o fóra, porque foi taõ grande, que o derrubou pelas ancas do cavallo, e por se sostér tirou tanto pelas redeas que causou cahir sobre elle: e como Dom Dinarte despachou este, fez outro tanto ao segundo. Os dous que ficavaõ, quando viraõ seus companheiros taõ maltratados remeteraõ juntamente a D. Dinarte, e quebraraõ as lanças nelle sem o mover da sella, ainda que o ferro de huma lhe tocou na carne, onde fez algum danno. Porém caro lhe custou, porque D. Dinarte com lembrança do irmaõ que tinha, meteo-se antre elles taõ bravo, que os naõ leixava entrar em talho. Os dous, que esperavaõ tempo pera passar, quando viraõ as façanhas de Dom Dinarte, já com vergonha mais que com vontade quizeraõ-no ajudar, mas sua ajuda era escusada, porque Dom Dinarte trazia taõ sujeitos a seus contrarios, que os naõ leixava cobrar alento. E hum delles confiando em suas forças remeteo a elle por se travar a braços,

po-

porém d'outra maneira lhe aconteceo; porque vendo Dom Dinarte sua tençaõ, tomou-lhe a cabeça debaixo do braço esquerdo, e apertou tanto, tirando sempre por elle, que o arrancou da sella, e deshi pôs as pernas ao cavallo, e na maior força do correr soltou-o, com que nunca se mais moveo. Os dous Cavalleiros que andavaõ com o outro, tanto o cansaraõ té que lhe fizeraõ perder a vida. Dom Dinarte naõ curando delles, chamou a Arima, e começou a andar pelo Valle adiante. E sendo no meio delle, vio vir huma donzella em camisa fugindo de huma Onça, que trás ella corria, e foi tamanha a piedade, que della houve, segundo era fermosa, que remeteo mui prestes á Onça cuidando de a levar na ponta da lança, mas aproveitou-lhe pouco, porque com sua ligeireza deu hum salto por cima, de maneira, que naõ recebeo danno. Dom Dinarte parecendo-lhe que melhor se aproveitaria da espada, leixou cahir a lança, e vindo á Onça pelo ar, deu-lhe hum revez, que ficou a cabeça a huma parte, e as pernas a outra, e tanto que isto fez, disse a Calimpo que désse áquella donzella huma

capa

capa franceza que diante de si trazia pera se cobrir entretanto. A estas palavras chegou hum Cavalleiro mui grande, e membrudo, que vinha correndo por ver o que a Onça tinha feito na donzella, e quando a vio livre, e a Onça em duas partes, disse contra Dom Dinarte: Oussado Cavalleiro, quem te mandou cá passar a me fazer tamanho nojo? Sois vós por ventura, disse Dom Dinarte, o que manda guardar este Valle? Eu sou aquelle a quem tu offendeste em naõ obedecer ao que te meus Cavalleiros disseraõ: dos quaes manhosamente te salvarias, e naõ por outra via. Naõ sei disso nada, respondeo Dom Dinarte, porém huns quatro, que me tolhiaõ a passagem, creio que o naõ faraõ mais a outrem por estarem hum pouco mal aviados. A donzella, quando vio o Cavalleiro do Valle taõ feroz, com temor começou a chorar, dizendo a Dom Dinarte, que lhe valesse contra elle, que a queria matar. As quaes palavras acrescentaraõ nova sanha ao Cavalleiro, e com furia de se vingar remeteu a Dom Dinarte, e este a elle, ambos com tanta sanha, que parecia haver antre elles mór causa. Porém d'aquella vez

naõ

naõ obraraõ mais, que fazer as lanças em mil partes, e arrancando das ſuas eſpadas, começaraõ huma fermoſa batalha, rompendo as armas, e carnes taõ ſem piedade, que a donzella, que vinha fugindo, eſtava eſpantada de ver ſua crueza: porém contentava-ſe pela vantaje que D. Dinarte a ſeu contrario tinha, ainda que muitas vezes era tocado delle mortalmente, por ſer mui eſpecial Cavalleiro, e uſado muito tempo naquelle exercicio. E eſtando aſſi travados na furia de ſeus bravos coraçoens; chegaraõ os outros dous que naõ ouſavaõ paſſar, e vendo a deſenvoltura de Dom Dinarte, ficaraõ eſpantados, ſegundo na outra batalha tinha trabalhado: mas muito mais ſe eſpantaraõ quando o viraõ eſtar ſobre o Cavalleiro do Valle, que ſe lhe rendia pedindo-lhe a vida: (em tal extremo o tinha poſto) e de vergonha delle, pela covardia que á entrada do Valle moſtraraõ, leixaraõ-no ambos; e ſeguiraõ ſeu caminho. Dom Dinarte, que eſtava ſobre ſeu contrario, vendo que lhe pedia a vida, naõ lha quiz outorgar té que a donzella lho mandaſſe. O Cavalleiro começou entaõ a bradar por ella, dizendo:

Crina,

Crina, Crina naõ me leixes matar; e ha piedade de mim, pois por tua causa sou posto em tal estado: e lembra-te quanto tenho feito, e perdido por teu amor. A donzella ainda que delle estava sanhosa, commoveo-se a piedade, que he natural das mulheres de limpo sangue, e esquecendo-lhe o perigo que d'antes passara, chegou-se a Dom Dinarte, e pedio-lhe que o naõ matasse. Elle depois que lhe deu a vida, apartou-se com a donzella dizendo: Senhora, eu folgarei muito saber a causa, porque vos este Cavalleiro tanto desama, pois nas unhas de huma tal alimaria punha esse gentil corpo, e parecer. Senhor respondeo ella, eu volo contarei, e assi o porque lhe outorguei a vida querendo destruir a minha. Elle se chama Policarpo, e he mui grande Senhor nesta terra, porque álém de seu patrimonio, he assaz rico de dinheiro: e seguindo hum meu irmaõ as aventuras, acertou de haver com elle batalha onde morreo. E havendo graõ tempo que isto passara, andando eu hum dia á caça de Falcaõ, junto de hum Castello de minha mãi, que cá detrás fica, topou este Policarpo commigo, e namorou-se alli de mim,

mim, em maneira que tem feito por meu amor muitas cousas, e trabalhando com minha mãi que me casasse com elle: mas ella tendo sempre diante a morte de meu irmão, disse, que nunca Deos quizesse que visse seu sangue em poder de quem lho tinha destruido, e outras cousas com que o deshonrava. Porém Policarpo com tudo naõ leixou té gora de me amar, e servir, e porque me sempre achou aspera nas repostas que lhe mandava, saltou esta noite com doze Cavalleiros no Castello de minha mãi, e tirou-me por força delle: este era o estropido dos cavallos, que Dom Dinarte de noite ouvira.) E vendo que com todas estas cousas ainda naõ concedia em sua vontade, depois que me despio, mandou por aquella Onça com que caçava nesta floresta, e tomando-a pela trelha começou a dizer contra mim: Eu minha Senhora, sempre vos servi com tanto amor como Deos sabe, e esta alma sente, sem nunca me dardes contentamento de nisso vos mostrardes servida, agora pois sois taõ crua, e desagradecida, que naõ quereis conceder em meu desejo, eu serei pera vós muito mais cruel, fartando minha vontade, e

aquella Onça sua fome em vossas carnes: e depois de vossa morte, ainda que a muito sinta, por ventura acharei o descanso que me vós negais. E com estas palavras envoltas em muitas lagrimas, soltou aquella Onça, indo eu já mui longe fugindo della, e creio que está açaimada porque me naõ matasse, e quiz-me Deos fazer tanta mercê, que vos achei pera minha salvaçaõ, e ainda que passei este perigo (o qual cuido que Policarpo ordenou pera que cobrasse medo, e fizesse sua vontade) sou commovida a piedade delle com lembrança das cousas que por mim fez, e considerando que em alguma maneira tinha razaõ de se mostrar cruel contra mim, pois sempre o fui contra elle. Mui espantado ficou Dom Dinarte com estas cousas, e muito mais da compaixaõ que a donzella de Policarpo tinha, e disse-lhe: Folgo, Senhora, de vos chegar Deos a tempo que conheceis quanto a este Cavalleiro sois obrigada, e segundo o que contais, elle vos tem pouca culpa na morte de vosso irmão, pois foi por salvar sua vida, e por vontade d'ambos vieraõ á batalha, sem ahi haver outro engano, nem traiçaõ, e vós

com tudo galardoaveis ſeus ſerviços com aſperos deſprezos. Donde ſe cauſou, que naõ olhando ao que vos queria, nem offender niſſo a Deos, queria ſatisfazer com voſſa morte ſua ſanha. E creio que tudo iſto foi por virdes em conhecimento da verdade, como me parece que já agora conheceis. E ſe aſſi he, peço-vos muito por mercê que queirais recebelo por marido, pois niſſo fareis o que ſois obrigada ſendo taõ rico, e abaſtado como dizeis, que na valentia das armas eſtas minhas aſſinadas de ſuas mãos ſaõ teſtemunho della. Por tanto, peço-vos que o façais, e eu creio que voſſa mãi depois de feito ſabendo a verdade, ſe haverá por ditoſa ver-vos antes em ſeu poder, que eſpedaçada nas unhas de huma tal alimaria, porque outras mortes taõ ſentidas como a de voſſo irmaõ, por tal ajuntamento ſe eſqueceraõ, e ſe iſto ás vezes naõ foſſe, ſegundo o mundo anda vingativo, naõ houvera já quem nelle habitara: Porém eſte he hum virtuoſo remedio derivado da verdadeira paz, e concordia pera os impetos da ira, filha do inimigo da verdade, ſerem desfeitos, e convertidos em nada. Senhor Cavalleiro,

ro, disse Crina, muito vos deve Policarpo, pois mais poder teve essa vossa graciosa falla, que seu continuado serviço; e por vós serdes o medianeiro que isto commette, eu sou mui contente de o tomar por marido. Com esta nova, depois que lho Dom Dinarte agradeceo, se chegou onde Policarpo mal ferido jazia, e contou-lhe o que tinha concertado. Quando Policarpo ouvio o que tanto desejava, disse: Cavalleiro, eu naõ sei que cousa possa fazer pera chegar ao menor quilate de tamanha mercê como me tendes feita: porque ainda que no corpo me fizestes muitas chagas, guarnecestes outra, que eu n'alma tinha muito tempo ha, sem ter outro remedio senaõ o que me agora dais. E com este alvoroço levantou-se como se naõ estivera taõ ferido, e indo pera lhe beijar as mãos a Dom Dinarte, cahio da outra parte naõ se podendo soltêr na perna direita. Crina, vendo o que lhe acontecera, e o contentamento que com tanto mal tinha, naõ pode soltêr as lagrimas com que banhou o rosto de amorosa compaixaõ, e tomando nos braços a Policarpo ajudou-o a soltêr. Oh alma de minha vida, disse elle, e de

meus trabalhos descansado galardaõ, que males, que dores, que pena podia eu por vós sentir que mais naõ sinta, e estime esta mercê, que me fazeis. E com estas palavras dizia outras de tanta piedade, que todos a tinhaõ delle., e depois que o poseraõ no palafrem de hum seu escudeiro, e a donzella nas ancas de Calimpo, começaraõ a caminhar pera hum Castello seu, que duas leguas d'alli estava onde Dom Dinarte foi mui bem servido. E porque este casamento fosse feito presente Arneiva mãi de Crina, disse-lhe Dom Dinarte, que seria bem escrever-lhe o que tinha concertado, por tanto que viesse estar a seu desposorio. Arneiva quando lhe hum escudeiro de Policarpo deu a carta de sua filha, porque a tinha já por morta, veio logo mui prestes, e com as cousas que lhe Dom Dinarte disse esqueceo o nojo de seu filho, convertendo o odio de Policarpo em amor maternal. E feito este casamento, havendo já alguns dias que Dom Dinarte alli estava, pedio licença a Policarpo: o qual ficou mui triste, porque o quizera deter mais tempo pera lhe mostrar o amor que lhe tinha, em melho-

res

res obras das que té entaõ delle recebera. Porém naõ podendo al fazer, deu-lhe humas armas mui ricas de verde gracioso, e pombos de prata, que levavaõ no bico huma folha d'oliveira d'ouro, como a que no diluvio trouxe final de terra; e hum escudo desta sorte. E com estas armas deu-lhe tambem hum cavallo amame, e outras cousas que Dom Dinarte naõ quiz aceitar, por naõ serem do exercicio em que elle andava. E a causa, porque Policarpo tinha taõ boas peças, era por ser mui rico como vos já dissemos: porém naõ era de alto sangue, mas depois por causa de Dom Dinarte foi estimado antre muitos Reis, e Principes. Crina tambem quiz agalardoar Arima d'algum trabalho, que por ella passara, e deu-lhe huns vestidos mui ricos de sua pessoa. Com estas peças se partio Dom Dinarte caminho da Corte de seu pai, assi como tinha concertado com Fendibal, que se isso naõ fora, fóra estava de o fazer por causa do que trazia na vontade, que era naõ se dar a conhecer com seu irmaõ, senaõ depois que suas obras fossem taes, que sem vergonha ousasse de lhe chamar este nome. E se o bem dese-

desejou, melhor lhe aconteceo, porquê andando por suas jornadas, chegou á Corte de seu pai, onde achou Fendibal, e Asquilante, e Bladonir, sem Belifonte, por ser já partido. E ainda que o desejava ver, naõ lhe pesou pela razaõ que ora dissemos. ElRei quando os vio todos juntos folgou em gram maneira, porque álém da razaõ que ahi havia, as obras, e manhas de cada hum acrecentavaõ-no amor: porque ellas geram outro afóra aquelle, que os pais aos filhos, e parentes por lei de natureza tem.

CAPITULO XXVIII.

Como partido o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores da Abbadia, onde leixaraõ Cantim de Lorbem, foraõ ao Castello da Fermosa Torre, e do que nelle passaraõ.

DEpois que o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores puseraõ Cantim de Lorbem na Abbadia dos Frades, despediraõ-se delle pera ir onde os dous Cavalleiros de casa do Emperador estavaõ. E caminhando hum pouco apressados, an-

antes que algum danno recebessem; a horas de sol posto viraõ na maior altura de hum monte estar hum Castello mui forte, e antre outras torres a mais principal era de pedra branca, e preta, assentada a maneira de enxedrez: e por estes sinaes conheceraõ ser aquelle o Castello da Fermosa Torre, que era de Brobafor tio de Leganger. E chegando junto dos muros viraõ andar por fóra delles huma Dóna bem ataviada, e duas donzellas mui fermosas, que se desenfadavaõ pelo campo, e depois que as salvaraõ, disse o das lagrimas contra a Dóna: Darnos-haõ aqui novas de quem está neste Castello? Cavalleiro, respondeo ella, agora naõ achareis nelle senaõ gente de serviço: mas algumas vezes he bem acompanhado d'esforçados Cavalleiros, assi como seu Senhor, que se chama Brobafor da Fermosa Torre; por causa dessa que vedes estar. Muito folgaria, disse elle, de ver esse Brobafor. Nós estamos esperando, respondeo ella, que venha agora, e creio que naõ póde muito tardar: e de meu conselho se vós naõ vindes por cousa de sua honra, ou proveito, hivos muito embora, porque ontem-

tem lhe chegaraõ novas como dous Cavalleiros saltaraõ de noite com hum seu sobrinho; e lhe tomaraõ hum prezo, matando-lhe dous Cavalleiros que consigo levava; e sobre tudo mandaraõ-no ir á Corte de Polinario. E isto deu tanta paixaõ a Brobafor meu irmaõ, que tem jurado de naõ dar vida a Cavalleiro que lhe ás mãos vier ter, e como chegar creio que matará huns poucos que cá dentro tem prezos. E porque vos naõ espanteis desta Dóna sendo irmãa de Brobafor fallar tanto em seu danno; vos quer o Autor dar conta, porque o fazia. O pai de Brobafor teve tambem outro filho, que ElRei Adriano matou na Corte do Emperador de Alemanha sendo Cavalleiro andante; e a fóra estes dous filhos teve duas filhas, Urmanaca mãi de Leganger, e a esta Dóna, que Tardonça havia nome: a qual naõ era filha de Giganta, como as outras, mas de huma donzella com quem seu pai depois da morte da mulher casou, de que Tardonça tomou todalas virtudes, e por isso queria mal a todalas cousas, e obras de Gigantes, porque elles eraõ crueis, e ella piedosa, elles blasfemadores de Deos,

e

e ella muito temerosa, e amiga de suas cousas: assi que tinha esta contrariedade, e como d'aqui nasceo desamor sempre o teve aos irmãos. E antes que se a mãi finasse casou-a com hum Cavalleiro que huns Gigantes por competimentos mataraõ, do qual lhe ficaraõ aquellas duas filhas, que com ella andavaõ. E por naõ ter por morte de seu marido onde se agasalhar, veio-se pera Brobafor, que era viuvo, e grandemente rico, onde estava mui servida. O Cavalleiro das lagrimas, depois que fallou hum pouco com ella vendo-a taõ mansa, e bem ensinada, disse: Nós temos, Senhora, sabido este Cavalleiro, e eu, que Brobafor tem alguns Cavalleiros prezos pera os matar, segundo vós tambem dissestes: vimos-lhe pedir que naõ queira fazer tantas cruezas, e os solte: e quando se disto despedir, será necessario trabalharmos com estas armas, porque o faça mal a seu grado. E certo se naõ olharamos serdes sua irmãa, a quem elle dará muita culpa se achar algum desconcerto feito neste Castello, nós soltaramos quantos prezos lá estaõ: mas pois elle he fóra deternos-hemos neste campo té que venha.

Mui-

Muito lhe agradeceo Tardonça aquella cortezia, e porque o Gigante a naõ achasse fóra recolheo-se ao Castello, e mandou fechar mui bem as portas. Os dous Cavalleiros em quanto elle naõ vinha apearaõ-se naquelle campo, e esperaraõ o espaço que do dia ficava, e toda a noite, sem nunca mais verem pessoa de dentro. E ao outro dia pela manhãa, estando já mui agastados com a tardança do Gigante, viraõ sair do Castello hum Cavalleiro, e dous homens de serviço com duas azemelas que hiaõ pera a serra. O das lagrimas cavalgou logo mui prestes, e chegando-se a elle perguntou-lhe quando viria o Gigante. Estais bem aviado, respondeo elle, jaz o outro em seu leito no mór repouso do mundo, e perguntais quando virá. Santa MARIA! disse o das lagrimas, naõ era elle fóra? Si, respondeo o Cavalleiro. Pois quando veio? Vós ereis bom, disse o Cavalleiro, pera inqueredor, pois inqueris os homens que tem pouca vontade de vos responder. Naõ me valha Deos, disse o das lagrimas, se vi cousa taõ descortez: o que vos custa pouco, dizello com má graça: e pois naõ que-

reis

reis por bem, será por vosso mal. E com estas palavras remeteo a elle, e do primeiro encontro o lançou em terra, e foi logo sobre elle, dizendo: Vós, Cavalleiro descortez, pois assi quizestes cumpre que manco; ou torto, vades dizer a Brobafor como estaõ aqui dous Cavalleiros que lhe querem fallar: O Cavalleiro com o temor, que tinha, o melhor que pode tornou-se ao Castello, e contou todo o seu mal a Brobafor: o qual ficou taõ furioso, que os seus tremiaõ ante elle, e mandou logo a dous os mais esforçados, que lhe trouxessem as cabeças d'aquelles Cavalleiros, e que olhassem o que faziaõ, porque elle havia de ver a batalha, e se visse, que mostravaõ ponto de covardia com seu danno a pagariaõ quando ao Castello tornassem. Armados estes dous companheiros vieraõ onde o das lagrimas, e Panflores estavaõ, que dos primeiros encontros os lançaraõ fóra das sellas, porque dos taes naõ faziaõ mais conta. Brobafor, que na torre estava, quando os vio em terra, e que senaõ moviaõ, quizera destruir todolos outros criados, dizendo, que maldito fosse o paõ que lhes dava, pois naõ eraõ

raõ pera prender duas ovelhas, e que elle lhes prometia de os castigar mui bem, ou fossem viver com taõ fracos, e covardes como elles. E com esta brava furia pedio rijamente suas armas, que eraõ todas d'azero mui claro: e no escudo em campo verde trazia pintado hum Cavalleiro que espedaçava antre as mãos huma Serpente mui grande, e disto se prezava elle muito, porque sendo de vinte annos matou outra tal na Ilha Soberba, onde elle tinha muita fazenda de gados, cavallos, e tres Castellos bem fortes. Mas por respeito daquella torre, e de obrar mais á sua vontade as cruezas que fazia, veio-se da Ilha, que era apartada da conversaçaõ dos homens. E depois que foi armado destas fortes armas, cavalgou em hum cavallo mui grande, e poderoso, dos que se criavaõ na sua Ilha: e quando foi ao sahir da porta do Castello vinha taõ grande, que se debruçou todo sobre o pescoço do cavallo. Panflores ainda que era mui especial Cavalleiro, e tinha visto muitos Gigantes, e vencido alguns, duvidou a batalha, mas naõ que refusasse de se combater, porque ainda que no fim esperava

de

de o dar á sua vida, com tudo se offerecia ao que viesse. O Gigante quando o vio estar fallando com o Cavalleiro das lagrimas, disse: Sei que vos tendes já arrependido do que fizestes, pois tarde vos acordastes com este conselho: porém se quizerdes que de vós haja alguma compaixaõ vinde-vos meter em minhas mãos, pelas naõ sentirdes mais asperas em vossas carnes. Donde veio, disse o das lagrimas, a huma alimaria destruidor dos filhos de Christo ter compaixaõ de ninguem, pois taõ grande sua inimiga he? Faze o que te quero rogar, e senaõ verás quanto mais me aproveita quem sigo, que a ti esse corpo. Que cousa me podes já agora rogar, respondeo Brabafor que eu fassa? Pois ante minha potencia fallas taõ solto, naõ cures de mais sandices, porque quanto mais differes maior danno será teu. O Cavalleiro das lagrimas como já estava apercebido remeteo a elle, com tanto esforço, quanto nos taes tempos mostrava: porém o Gigante o encontrou taõ duramente que lhe pisou dentro os ossos, mas naõ rompeo as armas por serem feitas por mão daquelle gram sabio Fanimor: e em pago

deste

deste encontro chegou-lhe o das lagrimas á carne, onde ficou o ferro com hum pedaço d'aste, de que o Gigante se sentio muito: e com esta dôr arrancou mui raivoso de hum largo terçado saindo-lhe a escuma da boca pela vista do elmo, missturada com gotas de sangue, que os olhos de braveza lançavaõ. O Cavalleiro das lagrimas naõ perdendo hum ponto do que lhe cumpria, como era despachado nos taes casos, arrancou da sua rica espada, e começou de o ferir asperamente, do que se Panflores espantava, e dizia, que nelle estava encerrado o esforço, que em todolos outros Cavalleiros andara repartido, pois cousas que por lei de natureza senaõ podiaõ vencer, com tanto esforço commettia. O Gigante depois que andou hum pedaço trabalhando onde gastou parte de suas forças, vendo-se quebrantado apartou-se a huma parte, e disse: Cavalleiro, tu es aquelle, que des o principio que tomei armas, mais se me sosteve em campo, e porque conheço de ti esta bondade, pesarmehia morreres por tua necedade, naõ querendo fazer o que te mando. Por tanto vaite aconselhar com teu companheiro, e

verás

verás como te digo bem: e nelle vejo eu o dó, que ha de tua mocidade. O conselho; respondeo o das lagrimas, que me elle dará ha de ser que te tire essa vida, na qual tu taes obras fizeste: por isso naõ queiraes passar tempo em razões que taõ pouco tem. O Gigante com estas palavras crésceo-lhe mais a coragem, e começou a blasfemar de Deos, pois dava ousadía a huma cousa taõ pequena pera que tal dissesse. Espera, disse o das lagrimas, e verás como essa tua lingua paga o que diz: e apertando o punho da espada, deu-lhe hum golpe por cima do elmo com tanta força, que quanto alcançou da parte esquerda tudo foi a terra com a orelha: e naõ parando alli a furia da espada, cortou grande parte do hombro, em maneira, que lhe enfraqueceo o braço naõ podendo sostér o escudo, e com a outra mão querendo-se desenvolver delle, travou-lhe o Cavalleiro das lagrimas taõ rijo por lho arrancar, e elle pelo sostér, que foraõ ambos a terra embaralhados, mas levantaraõ-se logo mui prestes. E como o Gigante já andava com o braço esquerdo menos, amparava-se mal aos golpes que lhe seu inimi-

go

go dava: e naõ se podendo sostér nas pernas, com trabalho de se desviar a huma parte, e a outra, quasi desesperado remeteo a elle cuidando que aquelle golpe satisfaria sua braveza, mas achou-se em vaõ, porque o Cavalleiro das lagrimas desviou o corpo, e passando, poz-lhe as mãos taõ rijo, que deu com elle de fucinhos, e foi logo pera lhe cortar a cabeça: porém d'outra maneira lhe aconteceo primeiro, porque sete Cavalleiros do Gigante vendo seu Senhor em tal perigo, remeteraõ a elle por lhe valer: mas Panflores se lhe pôs diante, e ao primeiro que chegou deu com elle em terra, e ao segundo, sem quebrar a lança. E entretanto, depois que o das lagrimas cortou a cabeça de Brobafor, teve tempo de tomar seu cavallo, e ajuntando-se com Panflores meteraõ-se com os outros cinco, de maneira, que em pequeno espaço foraõ todos acompanhar a alma de seu Senhor: sómente dous que pediraõ as vidas foraõ livres da morte, mas naõ do perigo della: em tal estado ficaraõ. E acabada esta duvidosa batalha foi-se o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores ao Castello onde Tardonça estava

mui

mui triste pela morte de seu irmão: E vendo dentro no Castello quem o matássa, começou com muitas lagrimas a dizer, que houvessem piedade della, e da orfandade daquellas filhas, e naõ na quizessem deshonrar: que ainda que seu irmaõ fosse cruel, ella sentia suas obras: por tanto que fossem contentes com o que tinhaõ feito. Dóna honrada, disse o das lagrimas, a virtude, e bondade sempre tem seu galardaõ aparelhado, e porque vós logo em vossa falla mostrastes parte da que em vós ha, grande erro seria fazervos cousa que vos descontente: por tanto, naõ vos agasteis, que naõ queremos mais deste Castello, que os presos que nelle estaõ. Senhor, vedes aqui as chaves, disse ella, pera isso, e tudo o que mais mandardes; com tanto que à honra de minhas filhas, e minha sejaõ seguras, e naquella torre os achareis. O Cavalleiro das lagrimas mandou entaõ a Carfel, que as tomasse: E chegando á torre ouviraõ grandes gemidos, e suspiros, como quem tal prisaõ tinha. E quando os que dentro estavaõ sentiraõ abrir as portas, pareceo-lhes que traziaõ algum preso, ou que os queriaõ matar:

do que foraõ mui contentes; por ser fóra de tal pena como alli padeciaõ. Panflores, e o das lagrimas ouvindo aquellas miserias naõ podéraõ soffrér as suas de piedade: e porque a casa era muito escura mandou a Dóna levar huma candea, com que viraõ mais de quinze pessoas, antre Cavalleiros, e donzellas, de que houveraõ grande compaixaõ pelo estado em que estavaõ. E tomando o das lagrimas as chaves, abrio hum cadeado que estava em huma cadea corrente, e fez sahir a todos della, sómente tres donzellas, que por causa da humidade da prisaõ tinhaõ as vestiduras podres por muitas partes, e apareciaõ-lhe as carnes, de que o Cavalleiro das lagrimas houve vergonha, e mandou logo pedir a Filena algumas roupas suas com que em tanto se cobrissem. E antre estas donzellas estavaõ outras, e huma Dóna, que trazia hum menino no cólo, mui fermosa creatura, o qual nasceo dentro d'aquelle carcere: porque ao tempo que alli meteraõ sua mãi vinha prenhe, e por sua maõ o bautizou com hum pucaro d'agoa da que lhe davaõ a bebér, e pôs-lhe nome Tenebror, por causa do lugar, e escuri-

curidade onde nasceo, que depois foi mui excellente Cavalleiro, como esta Chronica na segunda parte conta. E tornando a sua mãi, e a todolos Cavalleiros presos, tanto que sahiraõ daquella escura prisaõ, levouos o Cavalleiro das lagrimas a huma grande salla onde Tardonça, e suas filhas estavaõ, e alli lhe propôs estas palavras: Eu creio, Senhores, que assi como sois muitos, assi o seraõ as aventuras que vos a esse lugar trouxeraõ: e porque naõ sei o que cada hum determina, folgaria de o saber se vos naõ pesasse: porque tenho posto huma cousa em minha vontade, e queria muito que fosse confórme á vossa. D'antre aquelles Cavalleiros se levantou hum de muita idade, que se chamava Dom Ridalei, e disse contra o Cavalleiro das lagrimas: Porque eu nesta companhia, mui esforçado Cavalleiro, sou de mais idade, assi quero ser de mór ousadia pera dizer minha vontade, e a destes Senhores, que segundo o que nelles tenho conhecido, faraõ o que a vossa ordenar, porque todos se offerecem a isso. E ácerca do que toca a estas donzellas; como todas saõ desta Dóna honrada, e sempre estiveraõ

debaixo de sua obediencia, assi creio que estaraõ agora: por isso ella responderá por si, e por ellas. Quando a Dóna vio que a falla hia endereçada a ella, respondeo: Que erro seria naõ obedecer a tudo o que elle mandasse, sendo cousa que com razaõ podesse fazer. O que eu queria, disse o das lagrimas, se nisto naõ sentirdes trabalho, he que assi os de casa do Emperador como todolos outros fosseis apresentarvos a elle de parte do Cavalleiro das lagrimas, que muito deseja de o servir. Senhor (responderaõ todos a huma voz) nós recebemos nisso tanta mercê, que naõ tendes que agradecer fazer algum este caminho. Panflores, e o Cavalleiro das lagrimas todo este tempo estiveraõ com os elmos postos por se naõ darem a conhecer em quanto isto naõ acabassem. E como ordenaraõ esta partida tirou Panflores o elmo, e foi abraçar tres Cavalleiros de casa do Emperador grandes seus amigos: Hum delles era Dom Ridalei homem mui estimado, e de grande authoridade em suas cousas, assi pela idade, como por ser da criaçaõ do Emperador, com quem elle muito folgava: porque afóra a bondade de sua pessoa,

era

era em cousas de folgar mui gracioso, e foi alli preso á falsa fé, por engano de huma donzella parenta de Brobafor. Os outros, hum havia nome Iscar de Castim, e o outro Libel Danfinar, que eraõ ambos grandes amigos, e por huma manha que tinhaõ; chamavaõ-lhe Hereges de amor (assi como a diante ouvireis) e elles eraõ os que foraõ presos com Cantim de Lorbem. E vendo todos a Panflores com o rosto descuberto, porque o tinhaõ por perdido, lançaraõ-lhe os braços no pescoço com muito prazer de o verem em tal companhia. A Dóna tambem, como aquella que tinha mais razaõ com elle, levou-o nos braços, dizendo: Panflores, meu amado sobrinho, porque naõ conheceis a esta tia, que vos tanto ama? Quando Panflores vio, que era a Duqueza Brinalta, pôs-se de joelhos diante della dizendo: Senhora, perdoaime que té agora naõ vos conheci vendo-vos fóra de vosso estado, e natureza: e isto me fazia crer naõ serdes aquella minha amada tia, e Senhora Brinalta, a quem eu muito devo, e amo. Entaõ lhe perguntou qual fora a ventura que alli a trouxera. Bem sabeis filho, respondeo ella, como o

Duque

Duque vosso tio anda na Corte do Emperador, e eu o mais do tempo: Haverá quatro mezes que estando na minha Villa de Castro, mandou-me a Emperatriz huma carta, em que me fazia sabèr que a Infanta Clarinda minha Senhora, que eu a estes peitos criei, estava muito doente. E ouvindo eu cousa que me tanto n'alma tocava, mandei logo aperceber huma Náo, e metime nella com alguma gente de minha guarda, e vindo assi com prospero tempo pera nossa viagem, e naõ pera a salvaçaõ da vida; encontramos huma Náo, e duas Fustas em que vinha Brobafor da sua Ilha soberba. E como soube quem eu era, começou de combater a minha Náo: e por causa de sua fortaleza, e d'alguns Cavalleiros que comsigo trazia, matou a maior parte de minha Guarda, e trouxe-me a este Castello com estas minhas sobrinhas, e aquelles dous escudeiros; onde haverá tres mezes que estou com tanta dôr, e miseria, quanta huma pessoa de meu estado podia sentir vendo-se nesta prisaõ: e como vinha prenhe, quiz Deos que em tal tempo fosse este menino nascido: praza a elle pela sua misericordia, que lhe

se-

ſeja mais favoravel na vida do que o foi em ſeu naſcimento. E pois ora faz ao caſo ſaberdes o mais deſta Dóna, e o parenteſco que com Panflores tinha; dar-vos-hemos diſſo conta. Ella, e Riana mãi de Panflores eraõ irmãas, e ambas andaraõ em caſa do Emperador. Riana por ſer mais velha erdou o Principado de Sentidana: e Brinalta caſou com o Duque de Mondelim, que he hum gram Senhorio nos fins de Italia: e quando a Emperatriz Ariola pario a Infanta Clarinda; deu-lhe por ama eſta Brinalta, que o mais do tempo eſtava com ella: e quando algum tempo hia folgar ao ſeu Ducado, ficava com Clarinda huma filha ſua, que a ſervia de Camareira por nome Aldiriva. O Cavalleiro das lagrimas, depois que ſoube quem ella era, tirou o elmo, e pedio-lhe perdaõ por lhe naõ fallar com aquelle acatamento, que a taõ alta peſſoa era devido: fazendo-lhe ſobreiſſo mil offerecimentos, aſſi por ſua cauſa, como por amor de Panflores a quem elle muito queria. E eſtes offerecimentos lhe ſahiraõ depois em proveito: porque d'aqui lhe teve eſta Brinalta tanta affeiçaõ, que ſempre a moſtrou nas partes

que

que elle desejava, e naõ sómente ella, mas todos aquelles Cavalleiros, que estavaõ espantados, vendo a tenra idade, e fermosura taõ pouco conveniente pera soffrer os trabalhos, e duros golpes, que elle soffria. E a quem esta fermosura, e parecer mais tocou foi a huma das sobrinhas de Brinalta, que se chamava Arfila, porque daquella hora lhe teve tanto amor, que a fez pôr em hum extremo, que houvera de ser causa da morte d'ambos, assi como adiante vereis. E todas estas cousas, a sua graça, manhas, e obras acompanhadas de perfeitas virtudes commoveriaõ a ella, e a outras fazerem móres extremos: porque tinhaõ tanta força, que attrahiaõ os coraçoens de todos ao amar, como se delles fosse senhor. Pois do seu esforço, e desenvoltura nas armas; pelo grande discurso das obras que nesta primeira parte, e na segunda vereis, se poderá julgar quanto menos o louvamos do que elle merece. E naõ he sem causa ser isto assi: porque as obras grandes podem-se sentir, e naõ louvar como merecem.

Ca-

CAPITULO XXIX.

Do que passou o Cavalleiro das lagrimas com Tardonça : e como por seu conselho se foi ella com Brinalta caminho da Corte do Emperador, e do recebimento que lhe fizeraõ.

TArdonça considerando estar posta sua honra, e vida na vontade do Cavalleiro das lagrimas; naõ sabia com que o contentasse : donde se causou fazer-lhe muito gasalhado, e serviço, e a toda aquella companhia por amor delle ; parecendo-lhe que estas diligencias amorosas o enganariaõ de maneira, com que ella naõ pagasse os males de seu irmaõ. Mas isto era escusado, pois por mal, nem bem que a este Cavalleiro fosse feito, leixava de usar o proprio de sua condiçaõ, que era agalardoar os bons, e punir os máos quando se naõ emendavaõ. E por isso, aproveitou mais a Tardonça a fama de sua virtuosa vida, que aquellas meiguices presentes. E quem disso deu conta ao Cavalleiro das lagrimas, foi Brinalta, e aquelles Cavalleiros, que ti-

tinhaõ recebido della obras de mui virtuoſa mulher, quando Brobafor nàõ era preſente: e por eſtas couſas, e pela eſperiencia que elle vio quando lhe fallou no campo; fazia-lhe muita honra: e porque todos aquelles preſos eſtavaõ ainda com as roupas, que no carcere tinhaõ; chamou-a o Cavalleiro das lagrimas, e fez-lhe eſte razoamento: Honrada, e virtuoſa Tardonça bem, ſabeis que todos eſtes Senhores, e Senhoras entraraõ aqui melhor ataviados do que agora eſtaõ: e quem os pôs no eſtado que vedes foi voſſo irmão, que Deos perdoe; do qual elles mal poderaõ haver o ſeu: e pois iſto aſſi he, e que em voſſa mão ficou o poder, e mando deſte Caſtello, e de todalas couſas, que nelle ſaõ; parece juſta couſa mandardes tornou a cada hum o que trouxe comſigo, e ſe for já gaſtado, que lhe ſeja reſtituido outro tanto: aos Cavalleiros armas, e cavallo; e a eſta Dóna, e donzellas veſtidos, e palafrens, que he a couſa de que mór neceſſidade agora tem: e o mais que trouxeraõ, elles o digaõ. Mui esforçado, e virtuoſo Cavalleiro, reſpondeo Tardonça, naõ creajs que ſou taõ ingrata, que naõ co-

nhe-

nheça quanta virtude, e piedade commigo té agora usastes, naõ fazendo cousa em que eu sinta aggravo. E posto que a morte de meu irmão me désse muita dôr, da qual vós fostes causa, olhando quanto com suas obras offendia a Deos; algum pouco fico livre della: e tambem por naõ sentir outras, que me elle fazia, vendo que o reprehendia de suas cruezas. Assi, Senhor, que naõ tenho de que me queixar de vós, pois a tantos males atalhastes com vossa bondade, e esforço: e se algum queixume tiver; será por naõ me aceitardes a vontade desenganada que vos tenho: por tanto descansai desse cuidado, que eu o tenho taõ bom, como vós, e estes senhores vereis. E ácerca do meu caso, álém das outras mercês que de vós recebi, esta estimarei em maior preço, que he serdes meu amparo, e defensor; pois naõ tenho parente, nem pessoa, que de mim se queira doer, e ficando só neste Castello pódem-mo tomar, e álem de o perder, perderei a honra, tocando em mim, ou em minhas filhas. E pois por vossa causa fico a todos estes desastres sujeita; peço-vos que provejaes em minhas cousas como o farieis

nas de huma mulher taõ desamparada como eu sou. A mim me parece, respondeo o Cavalleiro das lagrimas, mui proveitosa cousa pera vosso amparo irdes com a Senhora Brinalta á Corte do Emperador a lhe fazer omenaje de vassalla; pedindo-lhe que em quanto se vossas cousas ordenaõ d'outra maneira, mande pôr cobro neste Castello, e na Ilha Soberba: e ácerca do que a mim me toca, eu vos prometo fazer tudo o que podér por ficardes descansada. Mui bem pareceo a Tardonça, e a todos, este remedio pera em tal tempo. E determinado como, e quando haviaõ de partir; fallou Panflores com o Cavalleiro das lagrimas, dizendo, que elle sentia muito apartar-se de sua companhia, mas que naõ podia al fazer, por causa de acompanhar a sua tia Brinalta naquella jornada, e tambem, porque lhe tinha dito Dom Ridalei, que alguns Cavalleiros seus amigos andavaõ em sua busca, cuidando que era morto, pelo muito tempo, que naõ ouviraõ novas delle. Porém se pera alguma cousa de seu serviço fosse necessario, elle leixaria tudo por satisfazer a sua vontade, e que pera ser mais contente com sua amizade,

lhe

lhe teria em mercê dizer-lhe seu verdadeiro nome. Senhor Panflores, disse o das lagrimas, em cousas taõ justas como he irdes com a Senhora vossa tia; grande erro será aconselhar-vos eu al: portanto fazei-o, que muita razaõ tendes pera isso: e certo eu o fizera tambem se me naõ cumprira primeiro chegar a outra parte: E assi isto; como encubrir-vos meu nome, e quem sou, vos terei em mercê serme de vós, e della relevado; porque o tempo naõ me dá agora mais que: Cavalleiro das lagrimas. Porém eu espero antes de pouco, terdes-me por mais conhecido amigo, do que cuidais de mim. Panflores, vendo que se queria encubrir, ainda que sentio muito naõ saber seu nome, com tudo, ficou contente pelas cousas que disse. E passadas antre elles outras muitas, mandaraõ concertar o necessario pera sua partida, e ao outro dia, ficando em guarda do Castello tres escudeiros de Tardonça, cavalgaraõ todos: os Cavalleiros armados de mui frescas armas, que lhe Tardonça deu, das que Brobafor tinha tomadas: e Brinalta, e as donzellas em seus palafrens bem ataviadas: sómente Tardonça

por

por causa de seu irmão hia com suas filhas cuberta de luto. E partindo todos desta maneira, foi o Cavalleiro das lagrimas com elles huma jornada, e alli se despedio leixando grande saudade, principalmente a Arfila, que mais sentio este apartamento. E tanto andou esta companha, que aos quinze dias chegaraõ a Constantinopla, e foraõ-se juntamente apresentar ao Emperador, que naquelle tempo estava com a Emperatriz. Os quaes vendo entrar Panflores, e a Dom Ridalei com toda a outra companha, ficaraõ mui espantados, naõ sabendo a causa de taõ estranha ventura. Panflores, depois que lhe beijou as mãos, começou a contar largamente tudo o que passou com o Cavalleiro das lagrimas: deshi tomando a Tardonça pelo manto apresentou-a ao Emperador dando-lhe conta de suas cousas, e da causa, porque alli era vinda: e como o Cavalleiro das lagrimas recebia grande mercê em toda a que lhe Sua Alteza fizesse. Certamente, disse o Emperador, vós tendes passado por grandes aventuras, e com taõ boa companhia, que naõ sei quem lhe pesara de se achar nellas; e a vontade que temos de galardoar

doar a esse Cavalleiro pelos serviços que nos faz , com o desejo que tenho de o ver nesta casa ; lhe pago tamanha divida : e as outras obras elle as sentirá quando lhe cumprirem , e assi por sua causa , como por amor della , em todalas cousas desta Dóna honrada Nós proveremos de maneira , que fique descansada. Brinalta , em quanto o Emperador passava estas cousas com Panflores , como neste cuidado trazia o pensamento , quando vio estar com a Emperatriz Lindarisa , e naõ Clarinda sua Senhora , ficou mui triste : Porém a Emperatriz a consolou dizendo , que se naõ agastasse , que estava na Ilha da Graciosa vida com a Rainha virgem sua tia , por lho mandarem assi os Mestres pera melhor convalecer de sua doença : e amostroulhe huma carta , que o dia d'antes Clarinda por sua mão escrevera dando-lhe conta de sua disposiçaõ. Brinalta com muito prazer tomou entaõ a carta , dizendo : Oh minha verdadeira Senhora , luz , e espelho destes olhos , quam poucos dias ha que tinhaõ perdido a esperança de vos mais ver , se Deos pela sua misericordia naõ trouxera aquelle bemaventurado Cavalleiro , que me fal-

vou

vou das mãos de meus inimigos! e certo, a maior magoa, que naquelle tempo levara paſſando deſta vida; fora por leixar de ver eſſa graça, e parecer, que ante meus olhos trago. Muito folgava a Emperatriz de ouvir eſtas palavras amoroſas, que Brinalta dizia, e naõ pode tanto ſoſtér as lagrimas, que com ellas a naõ acompanhaſſe. Lindariſa, como quem eſtava fóra deſte cuidado, entretanto eſtava brincando com o menino Tenebror filho de Brinalta. O Emperador por outra parte tambem eſtava occupado em ſaber mui por extenſo as couſas do Cavalleiro das lagrimas, e diſſe a Panflores, como havia ſeis dias que dalli era partido Sulfanar, que lhe contara a batalha que com elle houvera na ſalvaçaõ de Cantim de Lorbem: Mas de huma couſa ſou muito eſpantado, naõ ſaberdes quem he: porém a meu juizo eu diria ſer elle Belifonte, que poucos dias ha foi conhecido del-Rei Adriano, que era Clarimundo ſeu filho, que elle perdera: porque ſe contaõ deſte Belifonte grandes couſas, e de quem ſe muito diz, naõ ſe póde pouco eſperar.

CAPITULO XXX.

Como partido o Cavalleiro das lagrimas de Panflores, e sua companhia, chegou ao Padram da memoria lembrada: e do que passou com hum Cavalleiro que ahi estava lançado.

ELeixando o desejo, que o Emperador tinha, e toda sua Corte de verem ao Cavalleiro das lagrimas; tornemos a elle, que caminhava bem fóra deste cuidado, e mui vencido da imagem que comsigo trazia, a que elle chamava: Segredo da minha alma: e este nome ficou depois no proprio original donde ella fora tirada, assi como muitas vezes vereis. E porque havia dias, que por causa de Panflores naõ tivera tempo de fazer com ella suas contemplaçoens; tomou aquelle retabolo na mão, e começou a dizer com muito sentimento: Bem sei minha Senhora, que mereço muita pena por estar tanto tempo sem vos fazer esta devida obediencia: porém a que eu sinto por vos naõ ver, póde ser grande desconto della: e isto sómente, com

os ſinaes que em mim vedes, baſtaõ pera ſe julgar meu mal, que da menor perfeiçaõ deſſe parecer procede; quanto mais tantas, e que tanto deſeſperaõ meu deſejo, ainda que elle he o que me mata, e vós me daes a vida. A eſte tempo lhe pareceo ao Cavalleiro das lagrimas, que aquella Senhora moſtrava o roſto algum tanto amoroſo, dando a entender que ſentia ſuas couſas; e com eſte contentamento eſtava taõ tranſportado, que naõ ouvia Carfel que lhe fallava, dizendo, que olhaſſe a dous Cavalleiros, que vinhaõ contra elle, té que com muito trabalho tornou em ſeu acordo, e quando chegaraõ a elle, ſalvaraõ-no mui cortézmente, e depois que iſto fizeraõ, diſſe hum delles: Por ventura, Cavalleiro, vindes da Corte do Emperador Polinario? Naõ, reſpondeo elle, porém poucos dias ha, que della ouvi novas. Saber-nos-heis dizer, ſe eſtá ahi hum Cavalleiro chamado Panflores? Eu haverá cinco dias, diſſe o das lagrimas, que me parti de ſua companhia, e vai pera a Corte do Emperador com a Duqueza Brinalta ſua tia. Santa MARIA! diſſeraõ elles: viva he a Duqueza? Viva: porque

que elle a livrou com ajuda d'outro Cavalleiro da prisaõ de Brobafor da Fermosa Torre, e naõ sómente a ella, mas a suas sobrinhas, e Cavalleiros de casa do Emperador, que tambem alli estavaõ presos: e porque lá sabereis melhor como tudo isto passou, vos naõ digo mais; senaõ que Panflores vai com tanta honra, quanta elle sempre ganhou. Certamente, disseraõ elles, nós folgamos muito com taes novas, e praza a Deos que sempre as acheis de tanto contentamento quanto essas pera nós saõ. E quem estes Cavalleiros eraõ, hum delles se chamava Dom Lianjo, que era sobrinho do Emperador, e primo de Panflores: E o outro Orlamonte o esquecido, ambos além de parentes de Panflores, grandes seus amigos, e andavaõ em busca delle pela razaõ que já ouvistes. O Cavalleiro das lagrimas, depois que esteve hum pouco com elles, tornou a seu caminho, e aos dous dias chegou ao Padram da memoria lembrada, onde estava hum Cavalleiro apeado, como que esperava alguma cousa, e tanto que vio o das lagrimas que vinha contra si, ergueo-se em pé, e tornou-o a salvar como elle fez. O Caval-

leiro das lagrimas, depois que passou estas palavras de cortezia, perguntou-lhe se sabia a causa, porque se aquellas letras alli puseraõ. Isso estou eu esperando, disse o Cavalleiro, que venha alguem que mo diga. Eu creio, respondeo o das lagrimas, que vos terei companhia. Como! disse o do Padram: Cavalleiro, sois vós pera cometer tal aventura? Se me eu a isso naõ atrevesse, naõ trabalhara tanto pelo saber. Primeiro hei de saber (disse o Cavalleiro do Padram) pera quanto vós sois, por ventura algum de nós ficará hoje livre deste cuidado: e dizendo estas palavras, pedio o cavallo ao seu escudeiro, e enlazando o elmo, saltou mui prestes em cima. O Cavalleiro das lagrimas quando vio, que taõ sem causa queria justar, houve algum tanto manencoria, e tomando sua lança correo contra elle. O do Padram, como aquelle que era mui bom Cavalleiro, ferio-o mui rijo, de maneira que lhe rompeo parte das tristes armas, mas naõ que entrasse na carne, e em galardaõ deste encontro foi lançado fóra da sella, e com a força que levava, foi dar no Padram taõ grande pancada, que ficou embaçado.

çado. O Cavalleiro das lagrimas, cuidando que era morto, apeou-ſe depreſſa, e tirou-lhe o elmo por receber algum ar. Quando o Cavalleiro ſentio o roſto deſcuberto com muita fraqueza abrio os olhos. A' Senhor Cavalleiro, diſſe o das lagrimas, quem he taõ prezado nas armas naõ cumpre moſtrar fraqueza em tempo que ſeu inimigo eſtá ſobre elle. O' Senhor, reſpondeo o Cavalleiro, peço-vos que me perdoeis, porque eu confeſſo, ſerdes naõ ſómente pera cometer eſta aventura, mas outras de maior perigo: e eſte conhecimento, e o mal que ſinto, ſatisfaça ao que mereço: e ainda que mais mereça, voſſa virtude vença minha deſcortezia. Vendo o Cavalleiro das lagrimas, que era taõ arrazoado, e bem fallante, diſſe: Se algum danno, Cavalleiro, de mim recebeſtes, vós foſtes a cauſa: que eu mais quizera mantervos companhia neſta aventura, que na juſta, que me demandaſtes: e ainda que eu naõ fora pera iſſo, naõ perdieis voſſo esforço. E pois foſtes ſoffrego do que taõ incerto tinhamos, ſoffrei voſſo mal em paciencia: porém ſe quizerdes que eſta minha donzella vos dê algum remedio, ella o fará,

por

por ventura vos abrandará essa dôr do encontro, pois naõ tendes outra ferida. O Cavalleiro lho teve em mercê, dizendo que naõ, mas que se queria ir a hum Castello de huma sua tia, que era d'alli mui perto, onde se acharia o necessario pera seu mal. E despedindo-se delle com grandes offerecimentos, foi-se caminho do Castello, que elle dizia: e tempo foi, que este Cavalleiro fez algumas boas obras por causa da cortezia que o Cavalleiro das lagrimas usou com elle. E estas obras, que por seu amor fez, lhe deraõ a morte como adiante vereis. O Cavalleiro das lagrimas, tanto que se elle partio, mandou tirar o freio ao cavallo, e encostou-se na erva, que ao pé do Padram estava, esperando que viesse alguem pera lhe dar novas delle: e porque ao tempo que se via só entaõ estava mais occupado em dizer seu mal a quem o naõ sentia; começou, com mais lagrimas, das que em suas armas trazia, a dizer mil vaidades vãas, respondendo como se lhe fallassem, e fallando como se lhe respondessem, sem a isto Carfel, nem Filena darem remedio. E alguma hora que Filena o queria desviar daquelle cuidado,

dado, moſtrava-ſe mui iroſo contra ella; dizendo, que pouco eſtimava ſua vida querendo-lhe tirar d'alma outra, que o fazia contente, com favor da qual todas as couſas obrava, e ſeus membros ſoſtinha: por iſſo que ſe guardaſſe de o mais reprehender, e ſenaõ que ſoubeſſe certo, que a mandaria a caſa da Rainha ſua madre, porque elle naõ havia miſter em ſua companhia quem o reprehendeſſe nas couſas do ſegredo de ſua alma. Carfel, e Filena quando o viaõ taõ aſpero, eraõ aviſados, e ſabiaõ dar as redeas ao amor, porque ardua couſa he romper o impeto de ſuas forças.

CAPITULO XXXI.

Como eſtando o Cavalleiro das lagrimas no Padram da memoria lembrada; vio dous Cavalleiros combater-ſe: e e do que paſſou com huma donzella, indo em buſca delles.

DEſta maneira paſſou o Cavalleiro das lagrimas todo aquelle dia lançado ao pé do Padram; e ſendo já mui alta noite, ſem nunca neſte eſpaço tomar algum

gum de repouſo, vio hum Cavalleiro armado de humas armas brancas encima de hum cavallo pombo; que ſe chegou a outro, dizendo. Eſperai-me que logo venho: e com eſtas palavras alongou-ſe hum pedaço delle, e no cabo da carreira tomou huma lança como que a recebia d'alguem. O que ficava, em quanto elle iſto fez, armou-ſe de humas armas negras, e cavalgou em hum cavallo murzélo, os olhos do qual eraõ taõ ardentes, que davaõ claridade pera ſe todas eſtas couſas verem, e tanto que ſeu contrario tomou a lança, encontraraõ-ſe mui aſperamente, e deſſe primeiro encontro foi a batalha partida ſem mais parecerem; porque o Cavalleiro negro tanto que lhe o outro tocou com o ferro da lança, foi logo abrazado em chamas de fogo, e feito em nada, e ſeu contrario tornou-ſe por onde viera. O Cavalleiro das lagrimas neſte pequeno tempo que iſto paſſou, armou-ſe mui depreſſa, e poſto a cavallo quando chegou naõ vendo alguma couſa de quantas vira, ficou mui triſte, e deſcontente de ſi meſmo dando a culpa á ſua má diligencia em naõ chegar mais cedo. E porque ouvio dizer ao

Ca-

Cavalleiro das armas brancas as palavras que no marmor estavaõ escriptas; começou de o seguir pelo caminho que lhe vira tomar, mas todo este trabalho era escusado, porque o tinha d'alli bem longe, e em parte onde elle naõ podia entrar. E andando com este cuidado dous dias por huma parte, e outra, sem levar certo caminho, encontrou com huma donzella cuberta de luto, encima de hum palafrem com as guarniçoens destas côres: e depois que a salvou mui cortezmente perguntou-lhe a causa de sua tristeza. E vós Senhor Cavalleiro, respondeo ella, porque trazeis essas armas cheias de tantas lagrimas? Naõ vos perguntava isto, disse elle, com máo zelo; senaõ porque se em mim fosse poder-vos fazer mais contente, fallo-hia de mui boa vontade. Senhor Cavalleiro, respondeo ella, sou já taõ enfadada de contar minhas magoas a huns, e outros, sem achar alguem que se offereça a me vingar esta, que por isso vos respondi asperamente: porém se me vós prometerdes como leal Cavalleiro, de me vingar minha injuria, eu vo la direi de mui boamente, e d'outra maneira naõ-no posso

fazer,

fazer , porque o tenho assi promettido.
Eu vou taõ occupado, disse elle, em huma aventura, que por isso me naõ antremeto em outras, a qual he saber de humas letras que estaõ em hum Padram d'aqui duas jornadas : e tanto que isto souber, e outra cousa que nelle vi, por ventura farei o que me mandardes, sendo cousa que com razaõ possa aceitar. Ai Padram, Padram! disse a donzella, tu es causa de eu assi andar : e pois vós Cavalleiro naõ desejaes mais, eu vos descançarei mui prestes, se me vós pormeterdes o que vos peço. O das lagrimas ficou taõ lédo com esta nova, que lhe prometeo fazer por ella tudo o que a razaõ, e direito pedisse. Senhor Cavalleiro, respondeo ella, o meu dó he taõ justo, que haveis de folgar tomando qualquer trabalho por elle, e o seu principio he este: Na Ilha das Graças vive huma Dóna viuva por nome Lipina, que pario a mim, e a outra minha irmãa mais moça, com quem Deos communicou mais sua graça, que commigo, dotando-a de tanta fermosura, que foi causa de quanto mal agora tem : porque junto desta Ilha está outra chamada do Alto Pinaclo,

onde

onde vive hum Gigante por nome Bracalar; o qual queria bem a minha irmãa; e naõ sómente elle, mas dous primos seus que eraõ ambos irmãos, e mancebos de mui bom parecer: porque naõ tinhaõ aquella disformidade, que os Gigantes tem. E como nestes casos sempre as mulheres tomaõ mais affeiçaõ a hum servidor, que ao outro; assi minha irmãa começou a favorecer ao menor irmão. O outro quando sentio, que elle andava d'amores com ella, e que era muito favorecido; de maneira, que andavaõ pera casar; com magoa desta dôr, chamou hum dia o irmão, e trouxe-o á falsa fé ao Padram da Memoria esquecida (porque assi se chamava áquelle tempo aquesse por quem me perguntais.) E como vio, que a sua maldade podia obrar, disse ao irmão: esperai, que logo venho, e d'ahi a hum pouco tornou desconhecido, mui bem armado, e começou de o ferir mortalmente: porém caro lhe custou esta empreza, porque o irmão era mui bom Cavalleiro, e ainda, que estava com poucas armas, como quem naõ esperava tanto mal, com tudo vendeo-lhe a vida pela sua propria, de maneira, que ambos foraõ logo alli enterra-

terrados pelos ſeus eſcudeiros. Bracalar ſeu primo, quando ſoube parte deſtas couſas, porque deſejava caſar com minha irmãa, moſtrando que tinha acçaõ de ſe vingar della, pois fora cauſa da morte de ſeus primos; ſaltou na Ilha de minha mãi, e trouxe-a pera à ſua, onde agora a tem dando-lhe má vida por deſprezar ſuas couſas. E porque minha mãi eſperava alcançar alguma conſolaçaõ por eſta manha; mandou pôr no Padram da Memoria eſquecida aquella tavoa negra, com as letras que nella eſtaõ, porque os Cavalleiros andantes cobiçoſos de couſas novas, vendo-as folgaſſem de ſaber a cauſa, porque alli foraõ poſtas, e ſabendo-a emendariaõ a força de Bracalar. Porém nunca té agora ſe algum quiz pôr neſta differença com elle. E porque he já conhecida eſta aventura por eſtas partes, chama-ſe o Padram da Memoria lembrada, que d'antes por haver muito tempo chamava-ſe, da Memoria eſquecida. E depois que eſtes dous irmãos alli jazem enterrados, dizem, que de noite ſe vem combater, naõ ſei ſe he verdade, nem Deos me moſtre tal couſa. Já vos acabei de contar o que deſejaveis, e o que deſejo fazerdes por mim, por tanto bem vos po-

deis

deis chamar meu devedor: que cousa justa he tirar minha irmãa do poder de Bracalar, ou fazer com elle, que a tome por mulher, por naõ ficar com algum escandalo em nossas honras; ao menos com isto seremos descansadas. Certamente, disse o Cavalleiro das lagrimas, eu estou taõ lédo de saber a causa daquellas letras, que todo o trabalho que me tem dado naõ me lembra se o passei: e pois dellas depende vossa dôr, e paixaõ, vamos aonde mandardes. Com este concerto se foi o Cavalleiro das lagrimas com ella, e tanto andaraõ por espaço de dous dias, que chegaraõ a Lisu, onde embarcaraõ em huma Fusta pera a Ilha do Alto Pinaclo. E havendo tres dias que navegavaõ, mudou-se o tempo, de maneira, que lançou a Fusta no Archipelago de Grecia. O Cavalleiro, como nunca por aquellas partes andara, vendo tanta multidaõ de Ilhas, perguntou ao Mestre da Fusta se eraõ todas do Emperador de Grecia. Tempo foi, respondeo elle, que muitas lhe pagavaõ tributo, mas agora quasi todas saõ abatidas de Gigantes, e Cavalleiros, que se levantaraõ com favor d'alguns Reis com quem elle tem

guer-

guerra. E a mais principal de todas estas Ilhas, he huma chamada das Sette virtudes, ou a Perfeita, pela grande aventura, que nella ha: a qual nunca foi do Emperador; senaõ de huns Cavalleiros, que a senhoreaõ por hum caso mui longo de contar. Rogo-vos, Mestre, que procedais nessa historia, e me conteis mui por extenso o que della sabeis. O que eu, Senhor, tenho sabido, disse o Mestre, he isto: Grande tempo ha, que na Ilha Gerdenha reinou hum Rei, que teve quatro filhos: o primeiro herdou o Reino, e o outro casou com a Princeza de Cecilia, os outros dous mais moços em vida de seu pai estavaõ em Athenas aprendendo: e vendo-se orfãos, e pobres, meteu-se hum Frade, e o outro menor, que Violambo havia nome, aprendeo tanto das artes liberais, e principalmente da sciencia da Magica, que se chamava taõ bemaventurado como seus irmãos. E porque de sua natural inclinaçaõ era dado ás armas, depois que aprendeo muita sciencia, começou de as seguir: no qual tempo alcançou grande fama por toda Grecia. E seguindo este exercicio, foi ter á Ilha do Liberal Cavalleiro, onde

venceo dous Gigantes, que a queriaõ tomar a Micenor, que entaõ a senhoreava. E em galardaõ deste beneficio, que delle recebeo, sabendo quem elle era, casou-o com huma sua filha. E morto Micenor, ficou Violambo por Senhor da Ilha, mui amado, e querido de todolos seus. E havendo já muito tempo; que com Lindoneza era casado sem haver filho, nem filha, começou com grandes rogativas a pedir a Deos que lhos désse, e concedendo-lhe esta mercê, houve huma filha; a qual trazia nos peitos humas letras bem talhadas côr de sangue, que diziaõ: Fé. E como Violambo era grande sabedor, interpretando o que estas letras significavaõ, achou que esta filha era perfeita nesta virtude da Fé. E em sua memoria mandou fazer huma imagem tirada de seu natural, e pola em huma casa pera isso ordenada, taõ grande, e forte; que sobre ella podiaõ levantar outras, e fechava-se com abobeda de mui finas pedras de cores, e no meio della estava hum Padram, que tinha huma charola mui sutilmente lavrada, onde pôs a imagem da filha. Acabada esta casa, na perfeiçaõ que elle quiz, fez nella taes encantamentos, que ninguem

guem podia entrar dentro senaõ aquelle; ou aquella, que na tal virtude fosse perfeito, e sendo disso desfallecido naõ podia chegar sómente á porta. E depois que Violambo teve esta filha, houve outra que nos peitos trazia humas letras do proprio talho, e côr das outras que diziaõ: Esperança. E vendo elle que as filhas procediaõ na ordem das virtudes, procedeo tambem na obra da casa, e mandou fazer outra sobre a primeira; onde assentou a imagem da segunda filha; a qual naõ podia ser vista, senaõ de pessoa que na tal virtude fosse perfeita. E assi como lhe estas nasceraõ houve outras cinco na ordem das virtudes, e a cada huma fez sua casa, nas quaes entraõ aquelles, que por merecimento de suas virtudes saõ dignos de as ver. E estando aparentado com estas filhas sem cuidado d'haver mais, deu-lhe Deos outra na qual juntamente se encerravaõ todalas virtudes, que as irmãas entre si tinhaõ repartidas, pois a sua fermosura era assaz conveniente pera tal pessoa; porque como a Deos ornou de tantas virtudes, assi lhe deu igual perfeiçaõ de parecer. E vendo Violambo quanto a todalas outras sobrepujava, e que nos peitos trazia

hu-

humas letras que diziaõ : Perfeita ; com maior ſaber mandou obrar a caſa de ſua imagem : a qual imagem elle fez por ſua mão com tanta graça, e ár, que vendo-a junto da filha naõ ſe determinava a verdadeira. E ſendo já eſtas donzellas em idade perfeita mandou-as pedir o Gigante Orcandor pera as dar por mulheres a oito filhos que tinha. Mas como Violambo determinava de as caſar com quem acabaſſe a aventura da imagem de qual dellas pediſſe, naõ concedeo em ſua embaixada. Com o qual deſprezo cauſou armar logo Orcandor grande fróta pera o totalmente deſtruir : porque ainda que foſſe Gigante, era Senhor das Ilhas do ouro, e de mui alta linhagem, caſado com huma irmãa delRei Foribo : e por eſte reſpeito ſentio muito negar-lhe Violambo ſuas filhas, quaſi tomando iſto em caſo de injuria. E em quanto ordenava a fróta ; começou a fortuna a uſar de ſua condiçaõ, que he turvar o contentamento que os homens com alguma pouquidade tem, e encertou eſte contentamento, e deſcanſo que Violambo tinha nas couſas que mais amava, morrendo-lhe a filha Perfeita : e antes que a chaga deſta magoa foſſe guare-

cida; tornou-se a renovar com a morte de sua mulher Lindoneza, que falleceo de parto de hum menino: com que algum tanto Violambo se consolou, por ser o primeiro que houve. E estando nesta tristeza, como todalas cousas lhe eraõ manifestas, por sua grande sciencia soube, que Orcandor seria antes de tres dias sobre elle. E naõ podendo fugir ás cousas que Deos ordenava de sua vida, meteu-se em duas Náos com toda a familia de sua casa, e levou tanta riqueza, que naõ podia hum cobiçoso mais desejar: mas he incerto onde aportou. Orcandor, quando o naõ achou, e soube da gente dos lugares, que na Ilha havia, como era fugido secretamente; pesou-lhe por naõ exercitar a sanha que contra elle trazia. E vendo a fertilidade da terra, e os grandes edificios que Violambo tinha feito, ficou taõ contente della, que esqueceo a sua propria, e fez alli seu assento em quanto viveo. E em memoria de como a ganhara, sabendo a virtude que as casas tinhaõ, deu licença que qualquer Cavalleiro se podesse seguramente provar nellas. E pera isto ser bem ordenado, mandou lançar aos filhos sete sortes: e aquella que cada hum tomasse,

se,

se, de tal aventura fosse mantenedor, e elle seria da Perfeita: porque quando algum Cavalleiro se viesse provar nellas havia de ser com este partido: justar primeiro com o mantenedor da casa em que quizesse entrar; e naõ querendo justar, désse hum escudo em sinal de vencido, e se fossem duas, dous: e se mais, mais: sómente a casa Perfeita, que naõ entrava no conto das outras: porque nella havia outra differença; que era por força justar com o mantenedor, e sobrisso contender das espadas, té que a victoria fosse conhecida. E a este tal Cavalleiro, que o vencesse, sendo caso que por sua bondade entrasse em todalas casas, e depois na Perfeita; entregarlhe-hia o senhorio daquella terra: porque assi era bem que a perdesse por armas, como a tinha ganhado. E em quanto este Orcandor viveo fez mui fermosas justas, com muitos Cavalleiros, que alli foraõ com tal demanda. E estando pera morrer, mandou chamar todolos filhos, e tomoulhes juramento, que em sua vida tal costume mantivessem, e assi o fizessem jurar a todolos seus successores: E naõ fazendo isto elle lhe lançava sua maldiçaõ té o quarto gráo: porque a sua alma naõ que-

ria ir encarregada das cousas alheias. E pois Violambo era partido, cuja aquella Ilha era, e elles naõ na podiaõ possuir com direito; era bem que a entregassem áquelle que com virtude, e esforço a ganhasse. Morto este Gigante Orcandor, ficaraõ os filhos, que eraõ mui especiaes Cavalleiros, e comedidos em suas cousas: porque do pai tomaraõ o esforço, e valentia; e da mãi a mansidaõ, e benignidade: de maneira, que assi no corpo, como em todalas outras cousas, naõ eraõ Gigantes, e por esta causa eraõ taõ amados, e conhecidos, que grandes Senhores casaraõ com elles suas filhas. Depois por seu fallecimento veio o Senhorio desta Ilha de geraçaõ em geraçaõ té aquelle que agora a tem, os quaes, segundo dizem, saõ mui esforçados Cavalleiros, e naõ sómente senhoreaõ a ella, e a do ouro, que eraõ de Orcandor; mas outras, que seus avôs ganharaõ por força d'armas, em tempo do Emperador Bernano pai de Polinario. Muito móres cousas, senhor Cavalleiro, se contaõ desta Ilha, a verdade das quaes naõ se crê senaõ por experiencia. Certamente, disse o Cavalleiro das lagrimas, ellas saõ taõ maravilhosas, que naõ póde

ser

ſer mais: e porque eſta Fuſta, que vem contra nós por ventura virá de lá cheguemos a ella a ſaber algumas novas. Porém d'outra maneira lhe aconteceo, porque na Fuſta vinha Bracalar, o Senhor da Ilha do Alto Pinaclo, que elle hia buſcar; o qual tambem andava com tempo contrario lançado naquella parte, e como era bom Cavalleiro, tanto que vio a Fuſta do das lagrimas mandou remar contra ella: e chegando mui perto, levantou-ſe em pé, dizendo, que ſe rendeſſe. Laquinda a donzella do luto, porque o conheceo, começou a dizer ao Cavalleiro das lagrimas: Ai Senhor! eſte he Bracalar, por tanto agorá tendes tempo de moſtrar voſſo esforço. Elle, como lhe iſto ſahia em popa pera fazer o que deſejava, mandou ao Meſtre da Fuſta, que abalroaſſe com a outra. E travadas mui bem antes que vieſſem a mais, tomou a Laquinda pela mão; e diſſe contra o Gigante: Bracalar, ainda que me naõ conheças, conhecerás eſta donzella irmãa de Ginebra, que tu com injurioſa força tens: por tanto convém que lhe faças emenda deſta deshonra, e ſenaõ em lugar eſtás que o pódes pagar. Naõ cuidei,

diſſe

disse Bracalar, que tanta paciencia me senhoreasse, que podesse ouvir cousas cheas de atrevimento contra mim, e pois já consenti tuas palavras, naõ quero que passe mais tempo sem te dar a pena, que por ellas mereces: (e dizendo isto alçou a espada pera o ferir.) O Cavalleiro das lagrimas estava já a este tempo pegado com elle, e recebeo o golpe no escudo, como quem sabia remediar a furia de seu inimigo, porque a sua carne a naõ sentisse. E como era mais solto que o Gigante, andava pela Fusta á sua vontade, ferindo nelle mortalmente, e o Gigante pelo acolher, e fartar sua braveza, queria tambem saltar de huma parte a outra: e isto lhe causava tropeçar muitas vezes nos bancos da Fusta, no qual tempo se vingava o Cavalleiro das lagrimas, com que Laquinda, e o Mestre da Fusta estavaõ taõ contentes, como espantados, olhando o corpo de hum, e d'outro, e a vantaje que o Cavalleiro das lagrimas tinha sobre Bracalar. E continuando ambos esta contenda sem cansar, nem descansar, desceo o das lagrimas com hum golpe de tanta força, que cortou as armas de seu inimigo, e parte do braço esquer-

querdo: e porque o vio hum pouco embaraçado, querendo mudar o escudo, travou-lhe primeiro taõ rijo por elle, que o lançou aos pés, e seu senhor juntamente. E desta queda ficou Bracalar mui quebrantado sem se poder mover por causa dos bancos da Fusta, que lho impediaõ, e trabalhando sobre isso arrancou-lhe o Cavalleiro das lagrimas o elmo, dizendo: Convém, Bracalar, que em tal estado percas a vida, e alma se te naõ arrependes de tuas más obras. O' naõ menos virtuoso que esforçado Cavalleiro, disse elle, peço-te que esta seja a pena de minha maldade, e naõ queiras mais exercitar tuas forças em hum Cavalleiro vencido, que assi confessa seus erros, porque além de nisso ganhares gloria, farás que minha alma naõ pereça fenecendo em tal estado. Por tanto dá-me vida, pera nella servir a quem tenho offendido, e se minha soberba vencer a razaõ, suppra nesta parte a tua virtude, e humanidade, e naõ creas que te peço a vida pera me livrar della, senaõ com fervor de penitencia de meus peccados; em puniçaõ dos quaes me deu Deos este galardaõ. A menor palavra dessas, disse o Cavalleiro das lagrimas,

mâs, tem tanta força, Bracalar, que naõ sómente obrigaõ a te dar a vida, que mais nas mãos de teu arrependimento, que nas minhas estava; mas ainda te offereço a minha, quando pera tuas cousas a houveres mister: com tanto, que tomes por mulher a Ginebra, pois com isto lhe pagarás a injuria, e danno que fizeste. De nenhuma cousa me peza tanto, respondeo Bracalar, como naõ ter mais que huma vida, porque se vinte tivera, todas estimára em pouco serem perdidas por teu serviço, pois tanta mercê me fazes juntamente: porém naõ creio, que essa bemaventurança posso ter, porque Ginebra naõ he contente disso, que se o fora, dias ha que o eu fizera. Laquinda, disse o Cavalleiro das lagrimas, me tem dito, que sua mãi Lipena ficará com isso satisfeita, e ella tambem, e pois ambas o saõ, Ginebra o será sabendo a vontade dellas. Por tanto, esforça, que já me ganhaste com tuas palavras por tamanho amigo, que isso será a menor cousa em que eu trabalhe por te descansar. Passadas estas palavras, que pera Bracalar, e Laquinda eraõ mui gostosas, mandou o Cavalleiro das lagrimas a Filena, que curasse delle com tanto res-

resguardo da vida, como a sua propria. E porque ella em taes casos mostrava sua sufficiencia, curou de maneira a Bracalar, que em breve tempo foi guarnecido de todo. E feita esta primeira cura, e o Cavalleiro das lagrimas remediado d'algumas pisaduras, que tinha na carne; porque a Ilha Perfeita estava á vista delles, e o tempo era prospero pera isso, e contrario pera outra navegaçaõ, mandáraõ arribar sobre ella. E chegando ao porto acharaõ huma Fusta, que era de seis Cavalleiros, que estavaõ em terra provando-se nas aventuras. O das lagrimas, porque desejava ver a experiencia das cousas, que lho Mestre da sua Fusta contára; disse a Bracalar, e a Laquinda, que lhe parecia bom conselho sahirem em terra, té que o tempo désse lugar a tornarem á sua navegaçaõ, e entretanto veriaõ as cousas que d'aquella Ilha contavaõ. Senhor, disse Bracalar, bem podeis fazer o que quizerdes sem pedir vontades alheas, quanto mais a minha, que naõ sahirá do que a vossa ordenar. O Cavalleiro das lagrimas mandou entaõ armar em terra hum tendilhaõ, que o seu Mestre comsigo trazia, e em quanto Carfel, e os escudeiros

ros de Bracalar isto faziaõ, esteve olhando hum Padram mui alto de pedra negra, encima do qual estava huma figura da mesma pedra, de homem de grande idade, e sobre a mão esquerda tinha inclinada a cabeça mostrando muito sentimento, e na direita huma tavoa quadrada de marmor mui alva, onde a historia do que aconteceo ao Senhor da Ilha, com letras negras estava escrita, e era de tal composiçaõ, que as podia ler quem quer que d'alli a huma legoa estivesse: e por este respeito muitos navegantes sabiaõ parte desta historia. E naõ sómente neste porto, mas em outros dous, que a Ilha tinha, estavaõ outros Padroens da mesma composiçaõ, e feituria. E estando o Cavalleiro das lagrimas lendo estas letras chegaraõ dous escudeiros, que traziaõ sobraçado hum Cavalleiro d'aquelles que na Ilha estavaõ provando as aventuras. O das lagrimas quando o vio taõ maltratado (por causa de hum encontro, que na justa recebeo) mandou a Filena, que o remediasse: a qual fez esta cura com tanta diligencia, estancando-lhe o sangue, que ficou o Cavalleiro em seu acordo. Porque onde elle desfallece, pouco esforço se acha.

CA-

CAPITULO XXXII.

Como o Cavalleiro das lagrimas justou com os mantenedores, e do que passou na casa Perfeita.

E Acabado de curar este Cavalleiro, porque era já mui tarde, e do porto ao Castello das virtudes era bom pedaço, disse o Cavalleiro das lagrimas a Bracalar: Eu quero ir acima antes que venha a noute: se vos achardes bem, e eu naõ tornar a manhãa por todo o dia, fazei o que vos bem parecer. Filena, e vossa cunhada fiquem comvosco, que eu naõ hei mister mais que Carfel. E leixando este recado, começou a subir pela cósta acima. E porque o caminho era hum pouco fragoso, naõ pode tanto andar, que o naõ tomasse primeiro a noute: e quando chegou ás portas do Castello achou-as fechadas, de que ficou mui triste. E vendo que o remedio era esperar a manhãa, apeou-se desviado da porta, e alli passou toda aquella noute em mil pensamentos, que o naõ leixavaõ passar alguma hora descansada, té que sendo já dia claro vieraõ

raõ abrir as portas, e antes que entrasse, olhando encima do portal, vio huma imagem de hum Cavalleiro mui temeroso, que sostinha a redondeza do mundo sobre as costas,, da maneira que pintaõ o grande Hercules, e pela Zona do meio daquella esphera, e redondeza, estavaõ humas letras em Grego, que diziaõ: Esta parte, e as outras duas contrarias a ella obedeceraõ áquelle que me ha de vencer. O Cavalleiro das lagrimas esteve mui prompto na sentença destas palavras, e o que entendeo foi, que aquelle que em saber, e fortaleza vencesse a Hercules, este venceria, e dominaria as outras partes do mundo naõ conhecidas, que saõ as düas frias, e a outra em extremo quente. E depois foi tempo em que o Cavalleiro das lagrimas entendeo claramente o que isto significava, e outras muitas cousas, que estavaõ na Ilha, as quaes ainda ninguem tinha visto, e onde se contaõ he na segunda parte. E tanto que isto leo, querendo entrar chegaraõ a elle oito escudeiros a cavallo ricamente ataviados, e cada hum trazia ao hombro huma maça de prata, como que serviaõ de porteiros. E o que em idade, e dignidade aos outros

precedia chegou-se a elle dizendo: Que ventura vos trouxe Cavalleiro a esta terra? se he com desejo de provar as maravilhosas cousas, que nella ha, convém primeiro saberdes a lei, que ácerca deste caso he posta, porque nós naõ servimos de mais, que de declarar estas cousas aos Cavalleiros, que aqui vem, e assi como as aventuras saõ oito, assi nos apresentamos a vós neste numero, da parte dos mantenedores, que as guardaõ: Entaõ começou a contar tudo o que era ordenado, como atrás ouvistes. E acabando sua falla, disse o Cavalleiro das lagrimas: Certamente eu naõ sou vindo a esta terra com outra demanda, senaõ com desejo de ver todas essas cousas: e pois dizeis, que primeiro mo convém justar com os mantenedores, que as guardaõ, dizei-lhes que está aqui hum Cavalleiro, que a isso se offerece. Partidos os escudeiros tornados d'ahi a pouco com recado, dizendo, que entrasse em boa hora, e levaraõ-no com muita cortezia, té que o poseraõ em huma praça grande, onde estavaõ todoslos mantenedores, armados cada hum das armas, e divisa, que a sua ventura demandava, e hum dos Cavalleiros, que

na

na Fusta vieraõ, estava a este tempo combatendo-se com Esperandor, que guardava a casa da Esperança. E porque he necessario saberdes quem este Cavalleiro he, e assi seus companheiros, vos diremos seus nomes, porque todos eraõ de casa do Emperador Polinario: e sabendo as aventuras desta Ilha como eraõ desejosos de perigos novos, ajuntaraõ-se estes seis; e vieraõ na Fusta, que no porto estava assi como ora ouvistes. Este, que se combatia; chamava-se Pantaleaõ o Desesperado, porque nunca começou cousa, que esperasse de acabar, e por causa de perder este sobrenome, quiz primeiro justar com o mantenedor, que guardava a casa da Virtude, de que elle menos tinha, mas mui facilmente foi vencido. O outro, que na Fusta mandou curar o Cavalleiro das lagrimas havia nome Firmalte o Casto, porque sempre o fora, e primeiro que fosse vencido de Justiano, que guardava a casa da Justiça venceo Prudensimar, que era mantenedor da Prudencia. Outros tres, que já tambem eraõ vencidos, hum delles se chamava Orfino sem sangue, porque lhe naõ conheciaõ parente: outro havia nome Orlamonte Esquecido,

çido, o qual antes que fosse vencido derribou Justiano, e Caribom o mantenedor da Charidade; e no terceiro, que era Prudensimar, desfalleceo. Outro se chamava Brofanel de Moncasto, que tambem venceo, antes que o derribassem, o mantenedor da Fortaleza. O derradeiro, que ainda estava por se combater, havia nome Florambel, e era sobrinho da Emperatriz Ariola, filho de Brisando Rei de Dacia, e da Rainha Apiana irmãa delRei Adriano: o qual havia muito tempo, que andava em busca do Cavalleiro das lagrimas, e de Dom Dinarte, seus primos, por se dar a conhecer com elles. E nesta demanda fez muitas proezas, principalmente quando achava novas das cousas que elles faziaõ. E além deste Cavalleiro ser mui esforçado, era taõ gracioso, e manhoso em todalas cousas, que lhe chamavaõ Florambel o Manhoso: e por esta causa muitas donzellas se prezavaõ de o ter por servidor, ainda que sabiaõ quam mudavel elle era, naõ tendo muito tempo fé com alguma. Assi que com razaõ póde ser estimado por hum dos principaes em tudo, como no proseguimento da historia em suas obras julgareis. O

qual,

qual, tanto que Pantaleaõ foi vencido; demandou justa a Fedalei mantenedor da Fé: e passados os primeiros encontros sem fazerem mais que as lanças em rachas, na segunda justa foi Fedalei lançado pelas ancas fóra. E vencido este, venceo a Esperandor, Caribom, Justiano, e Prudensimar, e porque estava já hum pouco quebrantado; apeou-se, dizendo, que queria entrar nas casas, que estes mantenedores guardavaõ, e depois justaria com os outros. E a causa, porque elle isto fez era por saber, que recebia novas forças todo aquelle, que em alguma dellas entrava, e se era ferido ficava sem sinal de ferida. Os mantenedores o levaraõ entaõ á Fortaleza Perfeita, e entrou mui levemente na casa da Fé, e da Esperança, e Charidade, e Justiça. O Cavalleiro das lagrimas, e todolos mantenedores, quando lhe viraõ levar a eito as aventuras, como levara; estavaõ espantados: porém quando quiz entrar na casa da Justiça, ficou taõ desfallecido de suas forças, que cahio no meio da porta sem dar acordo de si. E vendo todos que lhe naõ era prometida aquella aventura, tiraraõ-no d'alli, e por ser já mui tarde

naõ

naõ ſe fez aquelle dia outra couſa, com que o Cavalleiro das lagrimas ficou mui contente por ter mais tempo pera o que elle eſperava. E ſabendo já os mantenedores a cauſa de ſua vinda, mandaraõ-no agaſalhar com todolos outros vencidos em hum grande apoſentamento, que tinhaõ feito pera os que alli vieſſem com tal demanda, onde eraõ mui ſervidos de todalas couſas: porque eſtes mantenedores mais eſtimavaõ eſta grandeza, e louvor, que todalas riquezas do mundo: e ao tempo que o Cavalleiro, que alli era vencido eſtava pera ſe partir; tomavaõ-lhe juramento em ſua verdade, que diſſeſſe ſeu nome: e entaõ era eſcrito em huma tavoa de lataõ, que eſtava ſobre a porta da caſa Perfeita, onde ſe declarava em qual das aventuras desfallecera; e iſto ſómente era pera elles, como já diſſemos, de tanto preço, que ſe achavaõ por mais honrados, que Emperadores, pois naõ havia Cavalleiro em todas aquellas partes, que elles naõ ſoubeſſem pera quanto era, e os mais delles tinhaõ eſcrito naquella tavoa. Bracalar, que no tendilhaõ ficara pela cura que Filena fez, achou-ſe em tal diſpoſiçaõ, que naõ ſentia

tia já ſuas feridas. E vendo que o Cavalleiro das lagrimas naõ vinha; com deſejo de ver o que paſſava, e aſſi as couſas da Ilha, mandou ao Meſtre da Fuſta, que recolheſſe o que tinhaõ em terra; e cavalgando em hum cavallo, que comſigo trazia, e ſua cunhada, e Filena em ſeus palefrens, começou a caminhar pela coſta acima; e com eſte alvoroço ainda que hia bem fraco não ſentio muito o trabalho do caminho, de maneira, que chegou ao principio da juſta, que o Cavalleiro das lagrimas ao outro dia com todolos mantenedores houve. E porque contar as couſas, que neſta juſta fez, ſeria mais prolixidade, que goſto pera os ouvintes, vos naõ queremos deter em deu-lhe hum encontro, e outro deu-lhe outro: pois de hum taõ virtuoſo, e esforçado Cavalleiro, como era o das lagrimas, naõ ſe póde menos eſperar do que elle fez, que foi vencer todolos mantenedores com tanta gloria, quanta em ſuas couſas ſempre alcançou. Sómente vos contaremos, que acabando de vencer eſtes, ſem querer entrar em alguma das caſas demandou juſta a Perfeitor, que guardava a caſa Perfeita: porque neſte Caval-

valleiro eſtava toda a ſua honra; como aquelle, que era eſcolheito antre todolos outros por mais excellente, e esforçado nas armas, e por eſta vantaje lhe davaõ a mais principal caſa. O qual, tanto que vio a determinaçaõ do Cavalleiro das lagrimas, armou-ſe de humas armas dazeitonado partidas em eſcudos d'ouro, e em cada eſcudo hum Pavaõ, que enchia o campo com a fermoſura de ſua roda: e pondo-ſe encima de hum cavallo alazaõ, mui fermoſo, veio ao terreiro, onde achou o Cavalleiro das lagrimas eſperando por elle. E antes que entraſſem na juſta começaraõ quatro trombetas a tocar mui ſuavemente com hum tom brando, e fóra da aſpereza, que as outras tem (porque eſta vantaje, e honra ſe dava a Perfeitor:) os outros eſtavaõ poſtos em huma varanda pera ver a batalha: e ainda que ficaraõ mal da juſta, com tudo vieraõ alli com ſuas mulheres, porque aſſi era ordenado antre elles, quando ſe Perfeitor combateſſe. O Cavalleiro das lagrimas vendo o ſinal, que as trombetas fizeraõ, ainda que naõ ſabia aquelle coſtume, remeteu a Perfeitor, e encontraraõ-ſe ambos de tanta força, que juntaraõ

raõ os cavallos, e ficaraõ com as mãos no ár estribados sobre as pernas, mas d'aquella justa naõ fizeraõ mais que as lanças em mil pedaços, de que o Cavalleiro das lagrimas ficou mui descontente, e pedio a Perfeitor que justassem outra vez. Perfeitor como naõ tinha menos presumpçaõ que elle de bom justador, disse que lhe prazia, e tomando outras lanças com açodamento d'empregar bem a sua, perdeo o encontro, porém o das lagrimas acertou melhor o seu, porque lhe meteo gram parte da lança por meio dos peitos, sem lhe aproveitarem as fortes armas que trazia. Quando se Perfeitor vio com o troço da lança nos peitos tomou a sua com sanha de quam mal a empregára, e lançou-a de si com tanta força, que no meio do ár a desfez em rachas. E ficando sem ella, arrancou de sua espada, e veio-se ao Cavalleiro das lagrimas, que o estava esperando, e começaraõ de se ferir mui asperamente, como aquelles que naõ queriaõ poupar hum a outro. E no meio desta contenda indo o Cavalleiro das lagrimas com hum golpe, carregou tanto Perfeitor sobre huma parte por se desviar delle, que se estorceo

o cavallo, e com o pezo do corpo cahiò com ſeu ſenhor. O Cavalleiro das lagrimas ſe apeou logo mui preſtes, e eſteve quedo, té que Perfeitor deſembaraçou huma perna que tinha debaixo, e como o vio eſtar apercebido, tornaraõ á ſua batalha mais aſperamente, porque entaõ podiaõ chegar hum ao outro á ſua vontade, e a cavallo naõ no podiaõ fazer. Florambel, e ſeus companheiros vendo a deſenvoltura, e ardideza do Cavalleiro das lagrimas, eſtavaõ eſpantados: porque quanto mais trabalhava, mais forças nelle viaõ (couſa que a poucos Cavalleiros acontece.) E o prazer que ſentiaõ pela vantaje, que ſobre Perfeitor tinha, naõ era menos que o de Bracalar, e Laquinda ſua cunhada. O Cavalleiro das lagrimas a eſte tempo ſentindo a fraqueza de Perfeitor, travou-lhe pelo brocal do eſcudo de tanta força, que o lançou a ſeus pés. Tres filhas de Perfeitor, que eſtavaõ na Varanda á ſua batalha, vendo-o poſto em tal eſtado vieraõ mui á preſſa, e lançaraõ-ſe ſobre elle com muitas lagrimas, cuidando que era morto, mas os mantenedores deſceraõ a ellas, e fizeraõnas apartar, dizendo, que a vida, que hon-

honrosamente perecia naõ era necessario chorar sobre ella. E depois que as apartaraõ d'alli, e fizeraõ levar a Perfeitor, foraõ-se onde o Cavalleiro das lagrimas estava concertando o elmo; porque queria entrar na Perfeita Casa antes que se curasse: ao menos se o fizesse naõ daria trabalho a Filena de lhe curar as feridas, pois no fim de tal aventura havia de ficar guarecido de todo. E chegando os mantenedores a elle, começou Prudensimar desta maneira: Quantas razoens, esforçado Cavalleiro, tem todolos que armas trazem de vos dar vantaje nellas, claro vemos a esperiencia disso: e os louvores que por isso, e por esta aventura mereceis, callarei, pois o meu juizo se turva, e a lingua naõ ousa tal commetter, sómente direi ao que somos apresentados diante de vossa pessoa, ornada daquellas, que em pago de vossas obras vos deraõ galardaõ de perpetua gloria. Settenta, e seis annos ha que esta Ilha chamada Perfeita foi senhoreada por Orcandor, donde todos descendemos, e nunca Cavalleiro que a ella viesse, ganhou a honra que vós com vosso esforço, e virtuoso coraçaõ ganhastes. E porque me

pare-

parece que já tendes sabido que no fim de vossas obras alcançaes o Senhorio della (assi como pelos porteiros vos foi dito;) naõ quero fazer mais relaçaõ disso; senaõ que vejaes o meio, que com nosco haveis de ter, conformando-vos com o merecimento de nossas pessoas, que sempre usáraõ daquella cortezia, e verdade que vós achastes, e porque nisso naõ sómente fazemos o proprio de nossa condiçaõ; mas o que temos prometido a nossos avôs: d'aqui podeis mandar provêr nas cousas desta Ilha, que com muita razaõ podeis chamar vossa. Certo, disse o Cavalleiro das lagrimas nenhuma cousa me faz taõ contente, mui esforçados Cavalleiros, como achar em vós aquillo, que poucas vezes se acha naquelles que as cousas alheas por muito tempo possuem. E quanto he a me leixardes esta Ilha, pois della tenho o Senhorio ganhado, eu vos agradeço muito essa vontade; porém ainda agora posso mal dispôr nas cousas que dizeis, pois a principal aventura onde muitos Cavalleiros desfalleceraõ ainda tenho por acabar: e porque antes de pouco tempo, se me Deos leixar, espero de vos responder neste caso mais

á minha vontade, quero entrar na Perfeita Casa, pois nella está juntamente o que as outras tem repartido. Vendo os mantenedores sua vontade, foraõ-lhe abrir a porta do cerco onde ella estava; E chegando o Cavalleiro das lagrimas ao portal, abriraõ-se as portas por si, e começaraõ grande armonia de vozes a cantar á sua entrada estas palavras á maneira de profecia. Bemaventurado te deves Cavalleiro chamar, pois a Divina Providencia te creou pera principio de Christianissimos, e Poderosos Reis, e mais te confirmou com gloria sem fim na entrada desta casa, onde receberás coroa ornada das virtudes que em si tem, e pera que isto estimes em mais, toma a causa dos males que té agora sentiste, e com maior contentamento ainda has de padecer. A estas palavras se abriraõ humas portas, que estavaõ no meio do Padram com muito terremoto, e foi a claridade taõ grande, que naõ vio o Cavalleiro das lagrimas o que ellas descubriraõ: mas depois que a vista cobrou mais forças em sua potencia, vio a imagem Perfeita taõ conforme á do vulto que elle na tavoa trazia, que ficou abrasado em maior fo-

go

go (porque a via já mais perfeitamente.) E estando assi trespassado sem ter outra cousa viva senaõ o sentimento com que este alvoroço, e turvaçaõ sentia, cahio esmorecido aos pés della. Os mantenedores, e Florambel, e os outros, que á porta estavaõ quando ouviraõ as vozes ficaraõ todos elevados sem se lembrarem de si. E ouvindo depois o terremoto com que se as portas do Padram abriraõ, e o Cavalleiro se detinha, naõ sabiaõ a que attribuissem esta doença; e a quem isto mais tocava era a Filena, e a Carfel, como aquelles que naõ tinhaõ mais bem que a vista de seu Senhor, e creiaõ verdadeiramente que todolos perigos do mundo andavaõ lá dentro contra elle. E certo que se naõ enganavaõ, pois em tamanho estava sua vida com a vista daquella imagem. O qual depois que hum pouco esteve diante della trespassado em seu amor, levantou os olhos, e começou a dizer: Oh imagem de minha esperança (duvidosa pera me descansar) quando será aquelle dia que acabe, ou comece a sentir outra novidade, outra gloria, ou mudança com a perfeiçaõ de vossa vista, que taõ viva fará minha fé, quam

quam morto me tem agora encubrindo-se pera me descansar, e naõ pera que escape de sentir males, paixoens, dôres, cuidados, e outros pesares, que nasceraõ, e ordenaes que tome por galardaõ. Muitas outras cousas esteve o Cavalleiro das lagrimas gastando, e dizendo com mais *lagrimas* das que as suas armas traziaõ: e olhando aos pés daquella imagem, vio huma tavoa com humas letras d'ouro em Grego, que diziaõ: Todalas cousas que por minha causa sentires ellas te seraõ as galardoadas com o premio de minha propria pessoa: por tanto, descansa, que ainda agora mereces mais do que tens diante de ti. E porque naõ seguindo tuas aventuras seria causa de grande danno a todolos que de tua ajuda tem necessidade; toma esta minha imagem por companheira, por onde quer que fores, e com este panno seja cuberta, que he por tanta sabedoria tecido, que ninguem me póde ver senaõ tu (ainda que quando me verdadeiramente conheceres, entaõ me perderás.) Mui espantado ficou o Cavalleiro das lagrimas com estas palavras, porém considerando bem nellas; chamava-se ditoso, pois havia de trazer consi-

go

go aquella imagem, que tal esperança lhe dava. E tomando-a nos braços com muito acatamento, vio vir pelo ár huma caixa da feiçaõ della taõ verde, e lustrosa como fina esmeralda, e apresentaraõ-lha com huma voz, que dizia: Ditoso Cavalleiro, este he o lugar onde has de pôr o segredo de tua alma, que tu por muitas vezes invocarás em tuas façanhas. O Cavalleiro das lagrimas, tanto que a voz acabou, meteo a imagem onde lho mandavaõ, e fechou-a com huns fechos, que tinha d'ouro mui artificiosamente lavrados. E depois que andou olhando toda a quadra da casa, sem ver mais nella que huma claridade taõ viva, que lhe pareceo ser todalas cousas passadas mais sonho que verdadeiras, e isto era por ser já muito noute, e dentro na casa com a grande claridade parecia que andava o Sol. E estando confuso neste pensamento ouvio a Florambel, que dizia a Filena: Naõ convém a donzella, que a tal Senhor serve desesperar das aventuras, pois he taõ ditoso que acabou esta. Ai Senhor, respondeo ella, que posso cuidar desta detença, pois as duas partes da noute saõ passadas sem saber como está? Quando o

Cavalleiro das lagrimas conheceo a falla de Filena, e vio que era verdade tudo o que passara, mas que se deteve muito; começou a dizer: Carfel estás ahi? Senhor, respondeo elle, bem triste té agora, e todos estes Cavalleiros por vossa detença. Florambel se chegou entaõ a elle, dizendo: Certo, bemaventurado Cavalleiro, naõ sómente vimos cá-fóra a esperiencia de vossa bondade nas cousas que obrou, mas ainda as vozes que ouvimos certificaraõ o mais que a nós era encuberto. Prudensimar tambem começou a dizer: Já agora, Senhor Cavalleiro, naõ vos podeis escusar do que por vossa grandeza engeitaveis, pois alcançastes tanto o que de tempo vos estava prometido. He este taõ pouco disposto, disse elle, pera vos responder, que me parece melhor irmos repousar, e deshi se farà o que vos bem parecer. Com estas palavras começaraõ de subir pela escada do aposentamento onde o Cavalleiro das *lagrimas* pousava, e inda que os mantenedores o quizeraõ levar a outras casas melhores, naõ quiz por aquella noute, e alli foi desarmado por Carfel, e Filena cuidando que estava ferido, mas naõ trazia

ziá outra chaga senaõ a do coraçaõ com que nascera, a qual com a novidade da paixaõ estava mais assanhada, e porque Filena sabia já a sua qualidade naõ lhe pôs nada. O Cavalleiro das lagrimas, tanto que os mantenedores, e Florambel, e seus companheiros foraõ recolheitos cada hum em seu aposentamento, e Bracalar se acostou em huma camera que tinha apartada, como nisto trazia mais o sentido que em dormir, e repousar de tanto trabalho, chamou a Carfel, e pedio-lhe o retablo; porque queria cotejar o vulto delle com a imagem que trazia, e saber se alguma dellas tinha mais perfeiçaõ. Carfel começou hum pouco de se agastar, e vendo que naõ podia al fazer disse; Sinto tanto, Senhor dar-vos má nova, que naõ sei como a diga. Dize o que quiseres, disse o Cavalleiro das lagrimas, que cousa certa he em mim vêr, e ouvir muitas que me mataõ com me leixar vivo. Senhor, respondeo Carfel, ao tempo que entraste na casa Perfeita, tendo minha irmãa na manga do brial a tavoa do vulto, naõ sabe quem sahio de dentro, que lha tomou, e quando me isto disse, cuidando eu que serieis vós por

lá

lá dentro estardes em vossas contemplações, disse-lhe que se naõ agastasse dando-lhe esta consolaçaõ. Quando o Cavalleiro das lagrimas ouvio isto, parecendo-lhe misterio que naõ convinha a elle sabello em tal tempo, naõ fallou mais nisso a Carfel, porque as cousas que daõ paixaõ quanto se mais nellas falla, tanto se mais accrescenta: e quem diz que desabafa está enganado, porque o gosto que nisso levamos naõ descansa, mas he taõ proprio de nós, naõ poder callar o mal, nem encobrir o bem, como o arrependimento depois que o dizemos.

CAPITULO XXXIII.

Do que o Cavalleiro das lagrimas passou com os mantenedores, e como se deu a conhecer, e do mais que fez.

AO outro dia, tanto que todos aquelles Cavalleiros foraõ levantados, porque era já vinda alli muita gente de duas Villas, que havia na Ilha, fe-los o Cavalleiro das lagrimas ajuntar em huma gran-

grande falla, e propôs-lhe estas palavras dirigidas aos mantenedores: A fama de vossas obras, esforçados Cavalleiros, e amigos, he a todos taõ notoria, que sem algum pejo vos podeis chamar netos daquelle esforçado Orcandor, que esta Ilha primeiro ganhou. E certo, na grandeza, e liberalidade que fez em a leixar a quem a ganhasse; bem mostrou o animo, e grandes pensamentos, que tinha, estimando mais a gloria desta obra; que o Senhorio da Ilha, que naõ podia levar comsigo, e vós por naõ conseguirdes menos louvor, liberalmente me entregaes o Senhorio della. Porém o que mais lédo me faria he aceitarde-la de mim como de hum vosso amigo, que de boa vontade vos dá huma cousa. E se isto naõ quizerdes, peço-vos que vivaes nella té que lhe eu busque outro remedio; e crede que me tereis mais ganhado pera tudo o que vos de mim cumprir: porque querendo eu agora tomar a governaçaõ della, seria pera mim cousa mui estranha, pois estas armas me saõ grande carga, quanto mais essa, que ha mister muita esperiencia, suffrimento, aviso, rigor, amor, e outras cousas que o governar pedem, sem as quaes mal se

póde

póde softêr alguma, por pequena que seja, pois vai grande differença de governar vontades alheias, a fazer a vossa propria, e porque vós tendes a vida empregado neste tal exercicio, estimaria em grande amizade aceitardes o que vos offereço. Naõ está aqui Senhor, respondeo Prudensimar, homem de taõ pouco conhecimento, que naõ saiba quanta mercê lhe quereis fazer, mas considerando que muito mais val a verdade, que todalas riquezas, e abastadas possessoens, engeitamos o que nos offereceis, porque se o fizessemos offendiamos aos ossos de nossos avôs, e a fé que lhe temos em suas mãos dada. E esta he a causa, porque naõ aceitamos hum taõ honrado, e rico Senhorio, como he o desta vossa Ilha, e nossa patria. Porém por ser causa, que com alguma mais razaõ se póde fazer, em quanto lhe buscaes outro remedio, nós ficaremos nella, servindo-vos em tudo o que mandardes com aquella fé, e amor, que a huma pessoa de tanto merecimento se deve ter: E assi como vos queremos fazer este serviço, nos fazei huma mercê, que he dizer-nos o vosso nome, porque saibamos de quem somos vencidos, e a quem temos

mos por Senhor. Ainda que té agora me nomeio por Cavalleiro das lagrimas, disse elle, o meu verdadeiro he Clarimundo: porém em quanto naõ alcançar huma cousa que desejo, naõ posso mudar este que agora tenho (isto era, porque trazia posto em sua vontade, de naõ leixar o de Cavalleiro das lagrimas, senaõ depois que visse a causa principal que o matava.) Quando Florambel soube que aquelle era Clarimundo seu primo, foi-se a elle com os braços abertos, e deu-se-lhe a conhecer, e assi todos seus companheiros. Os mantenedores, que naõ menos alegres estavaõ, sabendo que pessoa tinhaõ ganhado por amigo, e Senhor, começaraõ novamente mostrar novo contentamento, porém era nada em comparaçaõ do que o Cavalleiro das lagrimas com seu primo tinha. E depois que passou com elle muitas palavras de prazer, perguntando-lhe pela Corte do Emperador, tornou a agasalhar aquelloutros Cavalleiros, mostrando quanto estimava tê-los alcançado por amigos; assi que naõ havia alli ninguem taõ isento de prazer, que o sentido tivesse occupado em outra cousa. E passadas todas estas naquelle dia;

em alguns que o Cavalleiro das lagrimas alli esteve, ordenou tudo o que cumpria á governaçaõ daquella sua Ilha, dando conta a todolos moradores como lhe cumpria ir com Bracalar ao que tinhaõ concertado: por tanto, que perdoassem naõ se deter mais com elles pera gostar da sua boa conversaçaõ. Com as quaes palavras, e outras, que este Cavalleiro sabia dizer, fez a todos mui contentes. Florambel, e seus companheiros, tanto que elle acabou estes concertos, pediraõ-lhe que os levasse em sua companhia: e depois que fizesse o casamento de Bracalar, fariaõ todos o que lhe aventura désse, e elle mandasse. Pois me quereis Senhores, disse o das lagrimas, fazer tanta honra, e mercê, que vos offereceis a esse trabalho; quero mandar entretanto provêr a vossa Fusta, e as nossas, e amanhãa nos partiremos. Com este concerto se fizeraõ logo as Fustas prestes, e porque o tempo era prospero embarcaraõ nellas mui contentes. Mas esta partida foi taõ desviada do que elles esperavaõ, quanto he o nosso pensamento das cousas, que nos vem em contrario delle.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

INDICE
DOS CAPITULOS DESTA CHRONICA.

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I. - - - - - - - - - Pagina 1.
CAP. II. *Como passados alguns annos, houve ElRei Adriano hum filho: e dos grandes, e miraculosos sinaes, que se fizeraõ em seu nascimento.* - - - - - - - - - - - - - - - - - - pag. 6.
CAP. III. *Como o Principe Clarimundo foi dado a criar á Condessa Urbina mulher do Conde Drongel, e do que lhe nesta criaçaõ aconteceo.* - - - - - - - - - - - - - - - - - pag. 13.
CAP. IV. *Como se Drongel, e a Condessa Urbina, partiraõ da Corte del-Rei de Ungria, e dos casos taõ desestrados, que lhe neste caminho aconteceraõ.* - - - - - - - - - - - - - pag. 16.
CAP. V. *Do que aconteceo a Narfastim, que à Condessa forçosamente levava.* - - - pag. 25.
CAP. VI. *Do que Drongel passou com hum escudeiro, e do mais, que depois fez.* - pag. 29.
CAP. VII. *Como a noite, que se o Conde partio, sonhava a Rainha Briaina hum sonho, e dos grandes prantos que se fizeraõ. depois que se soube a morte do Principe Clarimundo.* p. 38.
CAP. VIII. *De quem esta Dona Grionesa era, e da causa, porque por esta parte vinha.* p. 47.
CAP. IX. *Da traiçaõ, que Maquinar ordenou a suas primas, e como por elle se soube onde ellas estavaõ, e do mais, que se nisto fez.* p. 52.

CAP.

CAP. X. *Da criação do Principe Clarimundo, que depois se chamou Belifonte, e como se partio com Grionesa em huma Não pera se ir armar Cavalleiro ao Reino de Cecilia, e do que lhe deste caminho succedeo.* - - - - - pag. 60.

CAP. XI. *De hum sonho, que ElRei Claudio de França sonhou, e como por sua causa armou a Belifonte Cavalleiro, e do mais, que se nisso passou.* - - - - - - - - - - - - - pag. 70.

CAP. XII. *Do recado, que Oroneses trouxe, e como se Belifonte combateo com Filenor; e do lhe nesta batalha succedeo.* - - - - - pag. 84.

CAP. XIII. *Como se Belifonte despedio de Grionesa, e do que lhe neste caminho aconteceo com huma donzella, e por sua causa se combateo com tres Cavalleiros.* - - - - - - - pag. 91.

CAP. XIV. *Como seguindo Belifonte seu caminho, depois que se despedio de Targeta, no passo da Ponte Brigosa se combateo com Asquilante, e do mais que lhe nesta batalha aconteceo com hum fermoso donzel.* - - - - - pag. 104.

CAP. XV. *Do que aconteceo a Belifonte neste caminho.* - - - - - - - - - - - - - - pag. 119.

CAP. XVI. *Da batalha, que Belifonte com Priamor houve, e do recebimento, que ElRei Claudio a Dom Dinarte seu neto fez.* pag. 125.

CAP. XVII. *Como partido Belifonte de Priamor foi huma noite dormir em huns edificios, e do que lhe aconteceo com dous Cavalleiros, que tambem ahi pousarão.* - - - - - - pag. 134.

CAP. XVIII. *Como Belifonte esteve alguns dias na Corte del-Rei Claudio, e por sua causa casou Cademia com Asquilante, e como Dom Dinarte*

narte

narte; e Fendibal foraõ armados Cavalleiros. - - - - - - - - - - - - - - - - pag. 147
CAP. XIX. *Em que conta o descontentamento que ElRei Adriano, e a Rainha Briaina tinha, pela perda de seu filho Clarimundo, e do que lhõ a elle aconteceo, depois que se partio da Corte delRei Claudio.* - - - - - - - - - - pag. 159
CAP. XX. *Como se Belisonte combateo com Learco, e Pantafasul seu irmaõ, salvando a Rainha Briaina, e suas filhas; e depois foi conhecido por seu filho.* - - - - - - - - pag. 170.
CAP. XXI. *Como partido Dom Dinarte, e Fendibal da Corte delRei Claudio, fizeraõ tornar humas ricas armas a huma donzella, e do mais, que nella souberaõ, e passaraõ.* - - pag. 187.
CAP. XXII. *Do que Dom Dinarte passou no Castello de Caribordo, e do mais, que depois fez.* - - - - - - - - - - - - - - - - - - pag. 199.
CAP. XXIII. *Do que Fendibal passou com o escudeiro, que o levava: E da perigosa batalha em que o meteu.* - - - - - - - - - - - - pag. 210.
CAP. XXIV. *Como passeando ElRei Adriano pelo campo da Cidade de Buda com Belisonte seu filho; chegou a elles huma donzella, e do que com ella passaraõ.* - - - - - - - - - pag. 216.
CAP. XXV. *Como partido Belisonte da Corte de seu pai, se combateo com hum Cavalleiro, que agora se chama Amor, e mais adiante se saberá seu nome, e do fim que esta batalha d'ambos teve.* - - - - - - - - - - - - - - - - pag. 221.
CAP. XXVI. *Como estando Belisonte no Valle de seu vencimento. chegou a elle huma donzella, que lhe deu huma carta, e humas armas, por cau-*

causa das quaes mudou o nome. chamando-se o Cavalleiro das lagrimas tristes: e do mais que passou com huns Cavalleiros. - - - pag. 235.

CAP. XXVII. *Como partido Dom Dinarte de casa de Caletusa, seguio seu caminho, e das aventuras que nelle passou antes de chegar á Corte de seu pai.* - - - - - - - - - - pag. 251.

CAP. XXVIII. *Como partido o Cavalleiro das lagrimas, e Panflores da Abbadia, onde leixaraõ Cantim de Lorbem, foraõ ao Castello da Fermosa Torre, e do que nelle passaraõ.* p. 266.

CAP. XXIX. *Do que passou o Cavalleiro das lagrimas com Tardonça: e como por seu conselho se foi ella com Brinalta caminho da Corte do Emperador, e do recebimento que lhe fizeraõ.* 285

CAP. XXX. *Como partido o Cavalleiro das lagrimas de Panflores, e sua companhia, chegou ao Padram da memoria lembrada: o do que passou com hum Cavalleiro que ahi estava lançado.* - - - - - - - - - - - - - - - - pag. 293.

CAP. XXXI. *Como estando o Cavalleiro das lagrimas no Padram da memoria lembrada; vio dous Cavalleiros combater-se: e do que passou com huma donzella, indo em busca delles.* p. 299.

CAP. XXXII. *Como o Cavalleiro das lagrimas justou com os mantenedores, e do que passou na casa Perfeita.* - - - - - - - - - - - - pag. 319.

CAP. XXXIII. *Do que o Cavalleiro das lagrimas passou com os mantenedores, e como se deu a conhecer, e do mais que fez.* - - - - pag. 338.

FIM.